

JORGETÂNIA DA SILVA FERREIRA

TRABALHO EM DOMICÍLIO:
QUOTIDIANO DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E DONAS DE
CASA NO TRIÂNGULO MINEIRO (1950-2005)

HISTÓRIA SOCIAL

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO
SÃO PAULO
2006

JORGETÂNIA DA SILVA FERREIRA

**TRABALHO EM DOMICÍLIO:
QUOTIDIANO DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E DONAS DE CASA NO
TRIÂNGULO MINEIRO (1950-2005)**

**Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, como exigência
parcial para a obtenção do título de Doutora em
História, área de concentração em História Social,
sob a orientação da Professora Doutora Heloísa de
Faria Cruz**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO
SÃO PAULO
2006

JORGETÂNIA DA SILVA FERREIRA

**TRABALHO EM DOMICÍLIO:
QUOTIDIANO DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS E DONAS DE CASA NO
TRIÂNGULO MINEIRO (1950-2005)**

BANCA EXAMINADORA

A Amália Pasin, pela vida dedicada à luta;
A Júlie e Marcos Rafael, queridinha e queridinho da
mamãe;
Ao Igino, pela vida e lutas compartilhadas;

Aos meus pais, Terezinha e José;
Às minhas irmãs Josistelma, Rosa, Corina e Meire, meus
irmãos Juninho e João Thieres e minhas sobrinhas
Jéssica, Jhesse e ao Guilherme.

AGRADECIMENTOS

Terminar essa tese só foi possível em função de muita ajuda. Na impossibilidade de nomear todas as pessoas que comigo colaboraram quero agradecer a todas elas. Muito obrigada. Agradeço especialmente:

Ao povo brasileiro, que tem financiado os meus estudos e ao CNPq pela bolsa;

Às entrevistadas, pela disponibilidade em conceder as entrevistas e pela possibilidade de diálogo, por terem me acolhido;

À Professora Dra. Heloisa de Faria Cruz pela orientação, amizade, cumplicidade nesses últimos oito anos, com quem compartilho projetos de novos mundos possíveis;

Aos professores (as) do Programa de Estudos Pós Graduated em História da PUC-SP que acolheu o projeto que resultou nesta tese e a Betinha pela colaboração;

Aos colegas da PUC-SP, pela convivência e aprendizagem nesses anos;

À Professora Dra. Maria do Rosário e Professora Dra. Yara Aun Khoury pela contribuição na qualificação;

A Soene pela contribuição com as transcrições e no estudo dos jornais e Sandra e Kely, Maria do Rosário e Terezinha pelas transcrições e inúmeras ajudas;

Ao Osmar, pela revisão cuidadosa do texto;

A professora Vera Lúcia de Puga, pela gentileza da indicação e empréstimo de material bibliográfico;

A Wilma Ferreira pelo empréstimo de material bibliográfico;

A Mônica Abdala, de quem me beneficiei dos estudos e generosidade, que me emprestou bibliografias importantes para essa tese;

À Coraly pela amizade, por ter iniciado os estudos na perspectiva de incluir os trabalhadores e trabalhadoras na produção historiográfica em Uberlândia;

À Luzia, Ana Magna e Edmilson pelas constantes contribuições em minha trajetória de pesquisa;

Aos amigos da APR, da Associação Educacional Paulo Freire e do Cebi; com quem compartilho mais de perto sonhos de novos mundos possíveis e novas relações entre as pessoas;

Aos amigos Aguinaldo e Miguel, agradeço a imensa ajuda nessa fase final de elaboração da tese;

Ao deputado Gilmar Machado, pela amizade e encorajamento, e aos amigos e amigas do mandato;

Aos familiares e amigos. Em especial agradeço a Olenir, Valéria, Terezinha, Meire, Corina, Rosa, Edmilson, Fernanda, Antônio Almeida, Dalva, Carmem, Eduardo, Aguinaldo, Miguel, Murilo, Leninha, Adriana, Leísa e todos meus amigos e amigas.

Aos alunos e alunas, colegas e direção da Faculdade Católica e Unipac.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar as experiências sociais de mulheres, majoritariamente, pobres, do Triângulo Mineiro, que têm como principal ocupação o trabalho em domicílio, seja como trabalhadoras domésticas e ou donas-de-casa. O estudo teve como principal suporte documental as entrevistas orais realizadas e, buscou contribuir para tornar visíveis suas experiências, histórica e socialmente invisibilizadas. O trabalho se organizou a partir das narrativas das entrevistadas, nas quais foram retratados aspectos de suas vidas, infância, relações familiares e seu fazer-se como dona-de-casa e trabalhadoras domésticas. Analisa as transformações no domicílio, relacionando-o a um contexto de mudanças sociais, destacando elementos como urbanização, eletrificação, eletrodomésticos, relações de gênero e especialmente a relação das depoentes com o cozinhar e a cozinha. Discute, ainda, as relações de trabalho no âmbito doméstico; as condições de vida das trabalhadoras domésticas e as transformações dessa modalidade de trabalho ao longo do tempo. Tem destaque à discussão da trabalhadora doméstica como uma pessoa, “quase”, da família, ao mesmo tempo aborda as tensões, ambigüidades e conflitos presentes nas relações entre patroas e empregadas. Por último, analisa as experiências organizativas dessas mulheres, nas associações profissionais em Uberlândia e Monte Carmelo e articulação nacional de donas-de-casa e trabalhadoras domésticas, na perspectiva de reconhecimento do trabalho que realizam e da conquista de novos direitos.

ABSTRACT

This pesquisa objetivou analisar as experiências sociais de mulheres, majoritariamente, pobres, do Triângulo Mineiro, que têm como principal ocupação o trabalho em domicílio, seja como trabalhadoras domésticas e ou donas-de-casa. O estudo teve como principal suporte documental as entrevistas orais realizadas e, buscou contribuir para tornar visíveis suas experiências, histórica e socialmente invisibilizadas. O trabalho se organizou a partir das narrativas das entrevistadas, nas quais foram retratados aspectos de suas vidas, infância, relações familiares e seu fazer-se como dona-de-casa e trabalhadoras domésticas. Analisa as transformações no domicílio, relacionando-o a um contexto de mudanças sociais, destacando elementos como urbanização, eletrificação, eletrodomésticos, relações de gênero e especialmente a relação das depoentes com o cozinhar e a cozinha. Discute, ainda, as relações de trabalho no âmbito doméstico; as condições de vida das trabalhadoras domésticas e as transformações dessa modalidade de trabalho ao longo do tempo. Tem destaque à discussão da trabalhadora doméstica como uma pessoa, “quase”, da família, ao mesmo tempo aborda as tensões, ambigüidades e conflitos presentes nas relações entre patroas e empregadas. Por último, analisa as experiências organizativas dessas mulheres, nas associações profissionais em Uberlândia e Monte Carmelo e articulação nacional de donas-de-casa e trabalhadoras domésticas, na perspectiva de reconhecimento do trabalho que realizam e da conquista de novos direitos.

SUMÁRIO

Considerações iniciais	00
Capítulo 1	
Trajetórias e cotidiano de mulheres: o fazer-se como donas-de-casa	00
Trajetórias, infância e relações familiares	00
O trabalho de donas-de-casa – tornar-se visível/reconhecer o trabalho	00
Capítulo 2	
Domicílio e cozinha	00
Práticas e preferências alimentares	00
Cozinhar: arte, ciência, ou trabalho desqualificado	00
Cozinhar, comemorar, descansar: questões de gênero na cozinha?	00
Capítulo 3	
Ela é quase da família? Quotidiano de trabalhadoras domésticas e patroas	00
Modos, tempos e ritmos do trabalho domésticos: antigamente, hoje em dia... lembranças do trabalho doméstico	00
Controle do trabalho, controle do tempo: tensões entre trabalhadoras domésticas e patroas	00
A visão de patroas	
Capítulo 4	
Experiências organizativas de trabalhadoras domésticas e donas-de-casa	00
Associações em Uberlândia: a Associação de Empregadas Domésticas e a Associação de Diaristas de Uberlândia	00
A Associação das Colaboradoras Familiares – Coalfa de Monte Carmelo	00
Fontes	00
Referências bibliográficas	00

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenadas em vida, vítimas acidentais.

Considerações iniciais

O trabalho doméstico apresenta grande variabilidade no tempo, nos espaços, organização social. Independente dessas variações, continua sendo fundamental para a sobrevivência humana. O presente estudo tem como objetivo analisar experiências de mulheres que têm ou tiveram grande parte de sua vida dedicada ao trabalho doméstico, em suas diferentes facetas. Experiências de mulheres pobres que exercem ou exerceram o trabalho doméstico na casa dos “outros” e em suas próprias casas, como donas de casa e mulheres de classe média, donas de casa, que realizam parte do trabalho doméstico, e terceirizam parte desse trabalho, tornando-se patroas. Trabalhei com experiências de mulheres que têm uma vida doméstica intensa: sejam como donas de casa ou trabalhadoras domésticas. Por essa razão, penso que, de alguma maneira, suas experiências estão na contramão de uma certa construção da sociedade daquilo que seja considerado o caminho da mulher “moderna”. Se, por um lado, ser doméstica, dona de casa é situação concreta de milhões de mulheres no Brasil, por outro lado, essa “escolha” possível não é bem aceita pelo pensamento dominante, por ser experiência social significativa para a maioria das mulheres do Brasil, e ser marcado por ambigüidades, conflitos, tensões e preconceitos. O presente estudo busca aprofundar a reflexão sobre essas experiências, levando em conta o ponto de vista das pessoas envolvidas,

procurando discutir como as trabalhadoras domésticas e as donas de casa pensam a si mesmas, como interpretam suas histórias.

Tenho estudado o trabalho doméstico há mais de uma década. Digo Isso, não para dizer que sei muito acerca do assunto, mas, ao contrário, para afirmar a complexidade e a importância dessa questão para a sociedade brasileira que marca de maneira especial a minha formação acadêmica e pessoal. Em 1995 iniciei, como bolsista de iniciação científica, no projeto "Experiências dos Trabalhadores na Constituição das Relações Sociais no Espaço Urbano - Uberlândia - 1950/1996", sob a coordenação da Dra. Coraly Gará Caetano, do Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia. Entre várias possibilidades de pesquisa optei por estudar as experiências das trabalhadoras domésticas. Considerava essas mulheres as mais exploradas, a profissão menos valorizada, enfim compartilhava com a sociedade a visão negativa sobre a profissão da doméstica, profissão de mulheres, pobres, muitas vezes negras. A participação na pesquisa propiciou a elaboração de monografia de fim curso intitulada "Trabalhadoras Domésticas: Múltiplas Faces do Cotidiano - Uberlândia 1970/1997"¹, defendida em 1997, que denuncia as difíceis condições de vida das trabalhadoras domésticas, relatadas nas entrevistas orais realizadas.

Em 1997 ingressei no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, propondo-me a aprofundar o estudo acerca das experiências das trabalhadoras domésticas, sob a orientação da professora Dra. Heloísa de Faria Cruz. Nesse tempo, procuramos ampliar as indagações sobre o tema e compreender a multiplicidade de experiências das mulheres envolvidas, partindo da discussão do trabalho, mas procurando vê-las também como cidadãs, que lutam pelo direito à cidade, à educação (especialmente dos filhos), pelo direito ao trabalho (e em melhores condições), como pessoas que reagem e acomodam diante das situações em que vivem. Assim a dissertação intitulada "Memória, História e Trabalho: as experiências das trabalhadoras domésticas na cidade de Uberlândia/MG 1970/1999"² procurou mostrar como as entrevistadas construíram sua própria história, nos contextos em que nasceram, procurando romper com a pobreza, a fome, as dificuldades em conseguir empregos, os processos de migração pelos quais a maioria passou, as situações familiares,

¹ FERREIRA, Jorgetânia da Silva. **Trabalhadoras Domésticas: Múltiplas Faces do Cotidiano - Uberlândia 1970/1997**. Uberlândia: Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, 1997. (Monografia de Conclusão de Curso)

² FERREIRA, Jorgetânia da Silva. **Memória, História e Trabalho: as experiências das trabalhadoras domésticas na cidade de Uberlândia/MG 1970/1999**. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2000. (Dissertação de Mestrado)

bem como condições, direitos e conflitos na relação de trabalho doméstico, sob o ponto de vista de mulheres que tinham em comum o fato de serem ou terem sido domésticas.

Em 2001 ingressei no doutorado, com o objetivo de estudar o trabalho doméstico remunerado e também o trabalho de donas de casa de tempo integral, das mulheres “do lar” e donas de casa em tempo parcial, que trabalham fora e têm responsabilidades na família. Buscava ainda analisar as experiências de trabalhadoras domésticas como donas de casa e as relações no âmbito doméstico, especialmente a relação entre trabalhadoras domésticas e suas patroas. Ressalto que desde o mestrado havia uma cobrança, nos congressos e encontros, para que patroas também fossem ouvidas, e uma resistência da minha parte, por questão de tempo e, sobretudo, porque buscava compreender a situação do ponto de vista das trabalhadoras domésticas, uma vez que, em geral, a História é construída, do ponto de vista dos grupos dominantes. Ao longo dos cinco anos de doutoramento pude compreender melhor a idéia de que a dominação não tem pólo único, é exercida na luta constante, diária, nas acomodações e resistências, sem desconsiderar a desigualdade das relações entre as classes sociais.

A compreensão de que as transformações do trabalho doméstico estão relacionadas a contextos sociais mais amplos e de que as questões que temos sobre o passado são questões que nos colocamos a partir da realidade social, era a perspectiva do projeto de doutoramento elaborado no ano 2000. Desde a formulação, a pesquisa foi pensada levando em conta o contexto da luta dos(as) trabalhadores(as) pela sobrevivência:

Nesse momento em que vivemos, no qual predomina o pensamento neoliberal e onde a globalização e as novas tecnologias ameaçam profissões, saberes e modos de vidas, cabe também à História refletir sobre os problemas do presente, buscando encontrar nas ações humanas, as explicações para os acontecimentos, e na cultura as possibilidades de mudança... a produção historiográfica deve evitar esforços no sentido de desnaturalizar a história mostrando diferentes formas como as pessoas organizaram e organizam suas vidas, diferentes projetos vencidos no passado, que poderiam ter propiciado um presente diferente. Essa perspectiva traz para o campo da história as diferentes possibilidades de futuro (Projeto de Doutorado, 2000).

Passados mais de cinco anos da elaboração do projeto muita coisa aconteceu. No plano político tivemos a eleição do presidente Lula, o líder operário que se fez presidente. Em que pese a importância de sua eleição, a correlação de forças para os trabalhadores não têm sido muito favorável, no jogo das forças e as desigualdades marcam o país e o mundo.

Acerca do capitalismo no contexto atual, o ensaio de Richard Sennett “A corrosão do caráter – conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo”³ nos diz o seguinte:

A expressão “capitalismo flexível” descreve hoje um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais.

Essa ênfase na flexibilidade está mudando o próprio significado do trabalho, e também as palavras que empregamos para ele. “Carreira” por exemplo, significava originalmente, na língua inglesa, uma estrada para carruagens, e, como acabou sendo aplicada ao trabalho, um canal para atividades econômicas de alguém durante a vida inteira. O capitalismo bloqueou a estrada reta da carreira, desviando de repente os empregados de um tipo de trabalho para outro. (SENNETT, 2003: 9-11)

A reflexão de SENNETT acerca das conseqüências pessoais do trabalho no capitalismo “flexível” mostra que os valores do novo capitalismo atingem toda a sociedade, e, portanto, estão presentes, nas experiências das mulheres que entrevistei nesta pesquisa. Assim, mesmo não trabalhando em empresas, trabalhadoras domésticas e donas de casa estão vivendo os impactos desse “novo” capitalismo. As experiências de trabalhadoras domésticas mais velhas nos remetem a um tempo de permanência maior nas casas que trabalhavam, enfatizando a amizade, a confiança e lealdades como valores importantes que norteavam essas relações. O estudo mostra a construção de uma nova lógica que tenta romper com práticas anteriores, valores, sentimentos, formas de organizar a vida e o trabalho bem como as resistências e acomodações a esse novo modelo.

Ao analisarmos o trabalho e o emprego domésticos, observamos que enquanto trabalhadoras domésticas e donas de casa lutam para afirmar seus direitos e seu lugar na sociedade brasileira, os(as) trabalhadores(as) em geral sofrem ameaças de desregulamentação dos direitos trabalhistas, a “chamada flexibilização” das relações de trabalho. No caminho da institucionalização de novos direitos, foi constituída, em 2004, uma Comissão Especial sobre Trabalho e Emprego Doméstico na Câmara dos Deputados, para analisar todos os mais de 30 projetos de lei e emendas constitucionais que contêm novos direitos para as(os) trabalhadoras(es) domésticas(os)⁴. No mesmo sentido foi apresentada pela deputada Luci Choinacki (PT-SC), em 2001, uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que institui a aposentadoria para a dona-de-casa, para as mulheres que exerceram essa atividade durante toda a vida e a família é de baixa renda. Em 2003 e 2004 houve um fortalecimento dessa luta,

³ SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter** – conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 7. ed. São Paulo: Record, 2003.

⁴ CRUZ, Natália Mori. **Debate sobre trabalho doméstico deve ser quente em 2005**. CFEMEA, 2005, p.3.

sendo constituída a Campanha Nacional pela Aposentadoria da Dona-de-Casa. Com a votação da PEC Paralela (versando sobre aposentadoria dos servidores públicos) foi aprovada a inclusão de um regime especial de aposentadoria para donas de casa de baixa renda, necessitando de lei complementar para regulamentar. A discussão acerca da aposentadoria das donas de casa tem conseguido colocar em evidência o trabalho das donas-de-casa e a importância da sociedade e do Estado Brasileiro reconhecerem seu valor, e tem o slogan “Aposentadoria das donas de casa – tá na hora do Brasil retribuir.”

Esse estudo se insere no contexto das reflexões de historiadores brasileiros que compreendem o trabalho como uma dimensão importante da experiência humana, daí se preocuparem com a precarização das condições de sua realização, com a perda de direitos e o desemprego que vem ocorrendo mundialmente. Por outro lado, não pensa o trabalho como uma dimensão separada da vida, daí pensarmos que resiste, adapta-se, age sobre as situações concretas.

Nesse sentido, compartilho as preocupações da professora Maria Antonieta Antonnacci:

Nesse contexto de redefinições de ofícios, profissões, programas de formação técnicas e tecnologias diante da natureza das lutas no mundo do trabalho contemporâneo, onde a pobreza, a exclusão e a informalidade assumem – ao invés do trabalho/emprego – a frente do cenário, problematizando paradigmas convencionais até mesmo do que se definiu como justiça social, revigoraram-se as questões que sustentam nossa linha de pesquisa Cultura e Trabalho, assim como apresentam-se novos desafios para nossas discussões sobre modos de vida, de trabalho e de luta (ANTONNACCI, Antonieta. Prefácio do Projeto História n° 16, 1998: 8).

A partir da compreensão das mudanças sociais profundas da sociedade, em que o desemprego assume a frente do cenário, concordamos com a autora sobre a importância de buscar compreender essa realidade, como um dos elementos de construção da mudança que desejamos.

Para além de alargar o campo de estudo da História, legitimando novas áreas do conhecimento histórico, nossa preocupação se volta para a discussão da cultura, memória e identidades sociais. Reafirmando, como nos inspiram Déa Ribeiro Fenelon, Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário Cunha Peixoto, a contemporaneidade e vitalidade do conhecimento histórico, não apenas como compreensão do passado como morto, mas algo que participa do embate das forças no presente e na construção das perspectivas de futuro. Nesse sentido, as autoras nos chamam a atenção para compromisso social dos historiadores, que com seu conhecimento e produção participam desse processo, seja no sentido de instituir memórias

dominantes, seja contribuindo para tornar visíveis histórias ocultadas, batalhas perdidas, e outras possibilidades de construção da história. As autoras afirmam, referenciando-se em Beatriz Sarlo, que a História não tem compromisso apenas com a retrospectiva, mas com a prospecção. Com isso não estão a defender que historiadores sejam futurólogos, mas sujeitos sociais que trabalham com um elemento fundamental nos embates sociais, qual seja a memória.⁵

A partir dessa perspectiva, busquei perceber como os sujeitos investigados construíram suas narrativas, o sentido que dão à sua própria história, como vão se construindo como sujeitos no processo histórico, na luta pela sobrevivência, nas tensões e conflitos que marcam o jogo das forças sociais em embate na sociedade. Nesse caminho, o presente estudo se beneficiou (e buscou suporte teórico) no pensamento de Eduard Palmer Thompson. Sua insistência em uma leitura atenta das fontes de pesquisa, no aprofundamento teórico, na importância da articulação constante entre teoria e prática, sem julgamentos prévios, sem submeter a experiência a um modelo teórico no qual ela deva se encaixar, marcou este estudo, e abriu novas possibilidades de interpretação das experiências das entrevistadas, sem a segurança de uma teoria concebida como sistema teórico autosuficiente, mas buscando *uma exploração aberta do mundo e de nós mesmos*.⁶ Essa inspiração teórica, que aponta a necessidade de articulação constante entre teoria e prática, que instiga a enxergar os silêncios das fontes, as fissuras no processo histórico, coloca o pesquisador em um processo de constante instabilidade e o faz verificar se suas questões estão de acordo com a experiência estudada. É desse diálogo entre historiadora, entrevistadas e a bibliografia que este estudo resultou. Busquei indagar as entrevistas, os materiais de pesquisa, se as questões sobre o tema estavam adequadas e coerentes com o compromisso de trazer à tona diferentes visões de mundo, com as suas atribuições de significado e não apenas o que eu gostaria de dizer, bem como perceber em que medida seus modos de vida expressam alternativas aos padrões dominantes ou acomodação. Diante da tentação de fazer uma história mais arrumada, sem conflito, que apaga as vozes destoantes, os escritos de Thompson e a orientação da Prof^a Dra. Heloísa Faria Cruz tiveram papel central nessa batalha pela pluralidade, pela diversidade, pela presença do conflito no texto, assim como está presente na sociedade.

⁵ FENELON, Déa Ribeiro, CRUZ, Heloísa de Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário. Introdução Muitas memórias, outras histórias. In: FENELON, Déa Ribeiro. et. all. (Org.) Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho D'água, 2004.

⁶ Thompson, Eduard Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S/A, 1981.

Para a realização desta pesquisa foi também importante a inspiração de Raymond Williams(1979), especialmente sobre a discussão da cultura. De acordo com o autor, o termo cultura tinha um sentido semelhante a civilização até fins do século dezoito. A partir de Rousseau, as críticas à idéia de civilização como algo superficial, artificial, em contraposição a um estado “natural”, cultivado, voltado para processo de desenvolvimento “íntimo”, desencadeou uma associação da cultura com religião, arte, família e vida pessoal, em distinção, ou mesmo oposição, a “civilização” e sociedade. Foi a partir daí que a noção de cultura se ampliou e passou a ser pensada como uma classificação geral das artes, religiões, valores e instituições. A cultura nessa concepção se contrapunha à idéia de sociedade, embora se desenvolvesse no interior da mesma.⁷ Mesmo esse desenvolvimento do conceito e considerado pelo autor insuficiente. Assim defende a ampliação do conceito:

Era necessário (...) falar de “culturas” e não de “cultura”, levando em conta a variabilidade, e dentro de qualquer cultura reconhecer a complexidade e variabilidade das forças que lhe dão forma. (...) a idéia de um processo social fundamental que modela “modos de vida” específicos e distintos é a origem efetiva do sentido social *comparativo* de ‘cultura’ de seu plural, já agora necessário, de “culturas” (Williams, 1979: 23).

Observar as transformações no conceito de cultura é importante para compreendermos as razões do debate de historiadores(as) e militantes da área cultural, no sentido de ampliar a compreensão da cultura, hodiernamente pensado em geral como espetáculo, manifestação, entretenimento, artes para pensá-lo como “processo social fundamental, que modela ‘modos de vida’ específicos e distintos” conforme defende Raymond Williams(1979). Pensar a cultura como modos de vida, expressos nas formas de trabalhar, de viver, de morar, relacionar, nas manifestações artísticas é a perspectiva da presente pesquisa.⁸

Devo dizer que realizar esta pesquisa, buscando recuperar saberes, experiências, trajetórias de mulheres pobres, buscando valorizar sujeitos e experiências históricas pouco valorizadas e afirmando-os como sujeitos que constroem sua própria história, mesmo com todas as adversidades e condições desfavoráveis, foi um trabalho prazeroso. A mim não foi difícil incorporar essa perspectiva historiográfica, porque quase toda minha formação teve essa inspiração teórica. Não tive dificuldade de compreender suas trajetórias. Muitas vezes suas histórias eram muito semelhantes à minha própria. Tendo nascido na zona rural do

⁷ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 20/21.

⁸ Essa concepção ampliada de cultura tem tido maior aceitação sendo inclusive a tônica das publicações e políticas atuais do Ministério da Cultura.

município de Monte Alegre de Minas, no Triângulo Mineiro, sendo migrante, de família pobre, e exercido as alternativas de trabalho que crianças e jovens mulheres têm em um pequeno município como trabalho na lavoura, trabalho doméstico, venda de roupas, costureira, meu universo era muito próximo das entrevistadas. Próximo e distante, porque a minha condição de professora, de pesquisadora, por mais que eu não quisesse, mudou o meu olhar e o meu lugar. A relação com as entrevistadas teve como ponto de partida um lugar comum como doméstica que fui, como dona-de-casa, mãe, patroa, e uma solidariedade nas dificuldades relatadas. Assim meu trabalho foi participando da luta dessas mulheres em Uberlândia e região. Fui me ligando à história dessas mulheres por interesse acadêmico e também por compromisso com a luta por melhores condições de vida e trabalho para donas de casa e trabalhadoras domésticas. Nesse sentido, durante esses anos estive presente em suas atividades, nas suas lutas, nos cursos que eram destinados a elas. Participei de atividades com a Federação das Trabalhadoras Domésticas – Fenatrad em Uberlândia e Monte Carmelo, do Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes Trabalhadores Domésticos (2003), da organização de um sindicato em Uberlândia, nas lutas das donas-de-casa por aposentadoria.

A pesquisa participou do esforço de tornar visíveis os problemas, as dificuldades do trabalho, da luta por (re)conhecimento e valorização das mulheres que se dedicam ao trabalho doméstico, como trabalhadoras domésticas e donas-de-casa. No momento final da redação da tese, foi anunciado pelo presidente Lula um conjunto de medidas que favorece as trabalhadoras domésticas e donas-de-casa, como a de dedução no imposto de renda do valor gasto por empregadores domésticos com a formalização do emprego doméstico. Nesse sentido vamos pensando a história como ação humana e procuramos contribuir para a construção da História na qual todas as pessoas se reconheçam, pensando a dimensão política da História, em sentido amplo, atentando para a importância do conhecimento histórico no jogo das forças, nos embates sociais.

Na investigação um diálogo importante foi com os estudos sobre as mulheres, sejam os que tratavam da *condição feminina* em uma perspectiva sexista e/ou marxista, sejam outros mais recentes, que discutem a desigualdade na distribuição de poderes entre homens e mulheres, denominados de estudos de gênero, esse pensado como uma categoria analítica.

Como perspectiva da primeira linha de interpretação apresentamos Neuma Aguiar:

A maior parte das atividades de trabalho da mulher na América Latina, quer se orientem para o mercado, quer para o consumo familiar, são exercidas no contexto doméstico, o que impedem de serem reconhecidas como produtivas, tanto pelas mulheres que as desempenham, quanto pelas agências e pesquisadores que coletam dados sobre a força de

trabalho. Parte dessa invisibilidade do trabalho feminino aos olhos dos pesquisadores deve-se a ausência de teorias que concedam o estatuto de atividade produtiva ao trabalho realizado no contexto doméstico. Procuraremos encaminhar uma solução para este problema, relacionando a casa, local por excelência do trabalho feminino, com a teoria dos modos de produção (AGUIAR, 1984: 247).

Aguiar(1984) parte da constatação da invisibilidade do trabalho feminino, e tem como pressuposto que o trabalho da *mulher* é invisível por que é realizado no âmbito doméstico. Assim a autora propõe por meio de um exercício teórico, resolver o problema, relacionando a casa com a teoria dos modos de produção. Essa perspectiva teórica, que busca inserir a experiência em um modelo teórico pronto e acabado, é questionada por Thompson:

As feministas socialistas, que têm um ressentimento sincero contra os “silêncios” do marxismo, procuram através de árduos exercícios de teoria, inserir uma nova engrenagem (reprodução da força de trabalho) no planetário, um volante, esperando que sua inércia movimente de alguma forma miraculosa, todas as variadas “formas desenvolvidas” da repressão e expressão sexual, modos de famílias e papéis de gênero. Mas o que está errado não é o fato de terem proposto o problema, mas de o terem reduzido a um pseudoproblema, procurando inseri-lo numa máquina planejada para a sua exclusão. (...)Uma nuvem não maior que a mão de um homem, atravessa o Canal da Mancha vinda de Paris, e, num momento, as árvores, o pomar, as sebes, o campo de trigo, ficam negros de gafanhotos. Quando por fim eles levantam vôo para se dirigir a freguesia seguinte, os burgos perderam todas as culturas, os campos foram desnudados de todas as folhas verdes da aspiração humana: e naquelas formas esqueléticas e naquela paisagem enegrecida, a prática teórica anuncia sua “descoberta”: o modo de produção. Não só o conhecimento substantivo, mas também os próprios vocabulários do projeto humano – compaixão, ambição, amor, orgulho, auto-sacrifício, lealdade, traição, calúnia – foram devorados até o circuito do capital. (...) Ao recusar a investigação empírica a mente está sempre confinada aos limites da mente (Thompson, 1981: 184-185).

Ao criticar as feministas por tentar encaixar as experiências das mulheres em uma teoria pensada para excluí-la, na crítica ao estruturalismo althusseriano, Thompson(1981) mostra que exercício não significará a inclusão dessas experiências, pois seria como “tecer remendo novo em tecido velho”, submetendo a investigação a uma teoria fechada. Propõe o estabelecimento de um diálogo verdadeiro entre teoria e prática, da mesma maneira que defende Sennett “uma idéia precisa suportar o peso da experiência concreta, senão se torna mera abstração” (SENNETT, 2003: 111).

Na bibliografia sobre trabalho e emprego doméstico⁹, marcadamente datados dos anos 1970 e 1980, ocorre a utilização de teorias no sentido aqui apontado.¹⁰Sem

⁹ CHINALI, Israild Giacometti. **Empregada doméstica: mulher e trabalhadora** uma proposta de intervenção do serviço social. São Paulo: PUC-SP, 1992. (Mestrado em Serviço Social) SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis, Vozes: 1978.AGUIAR Neuma. **Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas**. Petrópolis: Vozes,1984. CASTRO, Mary Garcia.

desconsiderar o contexto em que essas pesquisas foram produzidas, suas relações com os movimentos feministas em ascensão, sua importância para a abertura da academia a novos sujeitos sociais ainda pouco pesquisados, apontamos novas perspectivas que vão sendo construídas, novos caminhos metodológicos que buscam considerar as experiências dos sujeitos em suas múltiplas dimensões.

Assim, notamos que muitos estudos partem de estereótipos, de papéis normativos, prescritos, de convenções sociais, desconsiderando as experiências das mulheres e suas interpretações sobre a construção de suas histórias. Dessa forma, são inspiradores os estudos de Maria Odila Leite da Silva Dias:

O pressuposto de uma condição feminina, idealidade abstrata e universal, necessariamente a-histórica, empurra as mulheres de qualquer passado, para espaços míticos sacralizados, onde exerceriam misteres apropriados, à margem dos fatos e ausentes da história (DIAS, 1995: 13).

Maria Odila Silva Dias(1995) questiona os estudos que partem de idealidades abstratas e estereótipos, apontando como possibilidade de construção do conhecimento histórico partir do conceito de cotidiano que:

[...] indica para muitos uma idéia de rotina, de lazer de fatos encadeados num plano de continuidade, campo de necessidade e da repetição, área reservada ao consumo, à cultura dominante. Entretanto, para alguns pensadores de nossa contemporaneidade, o conceito sugere, antes mudança, rupturas, dissolução de culturas, possibilidades de novos modos de ser (DIAS, 1995: 13).

Nesse sentido, a produção historiográfica, que se compromete com a crítica ao pensamento dominante, tem um papel de *desocultamento das diferenças e de percepção das múltiplas temporalidades*.

No campo da história têm se desenvolvido significativos estudos que discutem a história das mulheres e a questão de gênero como categoria de investigação. No livro “Gênero

Trabalhadoras Domésticas: A Busca de Uma Identidade de Classe. **Cadernos Cedes**, Salvador: UFBA, 1989. Pg. 49-58. AZEREDO, Sandra Maria da Mata. **Relações entre empregadas e patroas**: reflexões sobre o feminismo em países multirraciais. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. **Rebeldia e Submissão**. Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes/Vórtice, 1984. BERGANTINI, Isabel Cristina. **Balanco crítico da bibliografia brasileira sobre trabalho doméstico**. São Paulo, 1987. (Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade de São Paulo, 1987. BARROS, Mari Nilza Ferrari de. **Análise psicossocial das representações de empregadas domésticas (estudo exploratório)**. (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985.

¹⁰ Apresento uma discussão sobre o emprego doméstico no pensamento acadêmico no artigo: “Do silêncio ao preconceito: a (des)caracterização do emprego doméstico no pensamento acadêmico. *Revista História e Perspectivas*, n. 23, jan.-dez 2000, Uberlândia.

em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea” as autoras mostram o desenvolvimento dos estudos das mulheres no Brasil, seus diferentes momentos.¹¹ Raquel Soihet afirma que os estudos iniciais de inclusão das mulheres foram marcados por ambigüidades, uma vez que a tentativa de inseri-las em uma história geral tradicional levava ao questionamento dessa própria história. Além disso, os historiadores supuseram “as mulheres” como categoria homogênea, portadoras de uma essência feminina, o que contribuiu para o desenvolvimento da noção de identidade coletiva. De acordo com a autora, já no final da década de 1970, tensões se instauram tanto na academia quanto nos movimentos de mulheres, levando a pensar a diferença no interior da discussão sobre a história das mulheres. Nesse sentido, aponta a contribuição da emergência da história das mulheres para o questionamento das “correntes historiográficas herdeiras do iluminismo que se acreditavam informadas pela verdade e pela imparcialidade de seus profissionais os quais eliminavam as mulheres de suas considerações.”¹² Entretanto, a autora mostra que também esses estudos estão marcados por uma visão dicotômica da realidade:

Até a década de 70, muito se discutiu acerca da passividade das mulheres frente à sua opressão ou da sua reação apenas como resposta às restrições de uma sociedade patriarcal. Tal visão empobrecedora obscurece seu protagonismo como sujeitos políticos ativos e participantes da mudança social e de sua própria mudança, assim como suas alianças e, inclusive participação na manutenção da ordem patriarcal. Por outro lado, em oposição a história “miserabilista” [...] – emergiu a mulher rebelde. Viva e ativa, sempre tramando, imaginando mil astúcias para burlar as proibições a fim de atingir os seus propósitos (SOIHET, 1997: 62).

A partir dessa crítica a uma visão que dicotomiza a história das mulheres, mostrando-as hora como vítimas, hora como rebeldes, a autora propõe uma ampliação das concepções usuais de poder, bem como uma revisão dos procedimentos metodológicos e a ampliação dos campos de investigação histórica, para que a mesma possa abarcar cada vez mais as diversas dimensões da experiência humana.¹³

A perspectiva de interpretação das condições de trabalho das mulheres sob a ótica das relações de gênero é encontrada em vários estudos sobre as mulheres no Brasil. Como exemplo destaco o estudo de Maria Cristina Aranha Bruschini “Trabalho de Mulheres no

¹¹ SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. de. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: Educ, 1997.

¹² SOIHET, Rachel. “Enfoques feministas e a História: desafios e perspectivas. In: SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. de. **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: Educ, 1997. p. 55-57

¹³ Acerca da ampliação da concepção das mulheres e o poder ver: PERROT, Michele. Os excluídos da história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Brasil: continuidades e mudanças no período de 1985-1995”¹⁴. Bruschini analisa a situação das trabalhadoras brasileiras por meio dos dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Ministério do Trabalho. Ao analisar os dados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílio (PNAD) do IBGE de 1985-1995, Bruschini apresenta uma discussão sobre o modo como esses dados eram e são coletados e que interessam ao nosso estudo:

De fato, ao tomar como modelo o trabalho regular, contínuo e remunerado segundo as regras da economia de mercado predominante nos países capitalistas avançados, os Censos e as PNADs não medem adequadamente a contribuição econômica das mulheres para a sociedade e tendem a invisibilizar o trabalho feminino. Este costuma ser marcado pela descontinuidade e intermitência de entradas e saídas do mercado, através das quais as mulheres procuram manter o equilíbrio entre as atividades produtivas e as funções reprodutivas que lhe são socialmente atribuídas. O papel de dona de casa, desempenhado pela maior parte das mulheres em idade adulta, é contabilizado como inatividade econômica. No setor agrícola, nas atividades informais, sempre que não ocorre uma nítida separação entre as tarefas domésticas e as econômicas, é grande a probabilidade de que as mulheres sejam classificadas como inativas. O trabalho à domicílio destinado à produção de alimentos ou de roupas esconde-se nas atividades domésticas, sendo omitido (BRUSCHINI, 1998: 17).

Essa análise, da forma como os dados são coletados, auxilia a compreensão dos resultados da pesquisa. O fato de desconsiderar, o trabalho descontínuo, sazonal, contribui para invisibilizar o trabalho feminino. De acordo com Bruschini, nos anos 1980 e 1990, em função de maior diálogo com o próprio movimento feminista, o IBGE introduziu modificações nos questionários que favoreceram o conhecimento sobre o trabalho feminino. Houve um alargamento da categoria trabalho, incluindo, entre outros, os(as) trabalhadores(as) domésticos(as) assalariados(as). Mesmo fazendo essas considerações sobre a mudança na metodologia, Bruschini destaca que na década analisada o fator mais expressivo é o crescimento da participação das mulheres na população economicamente ativa. Para a autora, falta avançar na metodologia a inclusão das atividades exercidas pelas donas de casa como produtivas, e não como inatividade econômica.

Há uma tendência na produção sobre as mulheres em generalizar a entrada da mulher para o mercado de trabalho, como fato incontestado a partir dos anos 1960/1970. Um estudo minucioso mostrará a necessidade de refinamento metodológico para perceber a

¹⁴BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho das Mulheres no Brasil**: continuidades e mudanças no período 1985-1995. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: 1998.

variabilidade do trabalho feminino no tempo histórico, como nos mostra Sandra Lauderdale Graham¹⁵:

A maioria das mulheres trabalhava, não apenas as escravas mas também as livres. Em 1870, um censo estimou em 63% o número de mulheres livres engajadas em alguma ocupação remunerada, tal qual 88% das escravas [...], sugerindo uma grande abundância de mão de obra feminina na cidade. Em 1906 quase metade de todas as mulheres em idade de trabalho se declarara empregada (GRAHAM, 1992: 17).

Outro elemento que devemos destacar é o fato de que alguns estudos partem de noções fixas, dificultando uma leitura mais ampla da temática. Nesse sentido, questiono se no trabalho de Bruschini não há também uma apropriação de conceitos e procedimentos que são externos, e de certa forma reproduzem visões desqualificadoras do trabalho desenvolvido por mulheres, como podemos verificar no texto abaixo:

É possível afirmar, portanto, que no âmbito da oferta de trabalhadoras, tem havido significativas mudanças. Restam, no entanto, algumas continuidades que dificultam a dedicação das mulheres ao trabalho ou fazem dela uma trabalhadora de segunda categoria, que está sempre em desvantagem no mercado de trabalho. Em primeiro lugar, as mulheres seguem sendo as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas. Estando ou não no mercado, todas as mulheres são donas de casa e realizam tarefas que, mesmo sendo indispensáveis a sobrevivência e o bem-estar de todos os indivíduos, são desvalorizadas e desconsideradas nas estatísticas que as classifica como “inativas, cuidam de afazeres domésticos” (BRUSCHINI, 1998: 25-26).

É forçoso reconhecer a desigualdade entre homens e mulheres na distribuição do poder político, no mercado de trabalho e, especialmente, na divisão do trabalho doméstico que historicamente tem recaído sob a responsabilidade de mulheres, de formas variadas e contextualmente diferentes. Questionamos, entretanto, os estudos que têm o trabalho masculino, capitalista como o modelo a ser perseguido pelas mulheres. É com esse referencial que Bruschini coloca as mulheres como trabalhadoras de segunda categoria. A partir de padrões de medição da qualidade do trabalho construídos pelos países capitalistas mais industrializados, que coloca, por exemplo, maior número de horas trabalhadas como referencial de boa qualidade do trabalho. A partir desses padrões, o trabalho doméstico remunerado ou não, é visto como trabalho desqualificado, tornando os estudos corroboradores do senso comum sobre o trabalho doméstico.

¹⁵ GRAHAM, Sandra Lauderdale. Proteção e Obediência. Ver também: MAGALHÃES, Acely de Assis. Op. cit. p.84.

Outro elemento apontado como importante para a análise do trabalho feminino é o local de sua realização, como notamos a seguir:

Outra evidência da fragilidade do trabalho feminino, em comparação ao masculino, pode ser encontrada nas informações sobre o **local** no qual os trabalhadores desempenham suas atividades. Neste caso também, embora mais da metade das trabalhadoras, como ocorre com seus colegas, trabalhem em lojas, oficinas ou escritórios, um percentual considerável delas trabalha no próprio domicílio (quase 13%) ou no domicílio do patrão (quase 19%), cifras bem mais elevadas do que a dos trabalhadores que se encontram na mesma situação (Bruschini, 1998: 43).

Uma questão importante quando analisamos experiências sociais de mulheres, especialmente de trabalhadoras domésticas e donas-de-casa é a discussão sobre a vida privada e pública e a discussão sobre o domicílio. Em geral os estudos apontam a fragilidade do trabalho feminino, em função do mesmo ser realizado no domicílio. Essa associação parte da suposição do espaço público como espaço de poder (valorizado) e o espaço privado como espaço sem poder e sem valor. Para compreendermos melhor essa associação, nos reportamos aos estudos da historiadora Michele Perrot (1988 e 2003), que analisa o processo de separação do trabalho do domicílio na França, datado do século XIX, quando então as mulheres da burguesia viram sua atuação se restringir aos assuntos mais ligados à manutenção da casa e cuidado com os filhos e seus esposos se responsabilizaram pelo trabalho fora do lar “Num prazo mais longo, a Revolução (Francesa) acentua a definição das esferas pública e privada, valoriza a família, diferencia os papéis sexuais estabelecendo uma oposição entre homens políticos e mulheres domésticas” (PERROT, 2003: 17).

Antoine Prost, um dos organizadores do quinto volume da coleção História da Vida Privada – da primeira guerra aos nossos dias, alerta que

A vida privada não é uma realidade natural, dada desde a origem dos tempos: é uma realidade histórica, construída de diversas maneiras por sociedades determinadas. Não existe uma vida privada de limites definidos para sempre, e sim um recorte variável da atividade humana entre a vida privada e a vida pública (PROST, 2003: 15).

Prost (2003) chama a atenção para a historicidade da construção da idéia de vida privada e pública e para a variação das configurações da vida privada, segundo diferentes meios sociais, como para a burguesia e as classes populares. Assim, mostra que, se por um lado a burguesia pode constituir uma separação clara entre locais de morar e trabalhar, o mesmo não aconteceu com a maioria da população, que encontra dificuldades em ter uma vida privada, pelas precárias condições de vida

Num certo sentido, ter uma vida privada era um privilégio de classe: o de uma burguesia folgada que, em muitos casos, vivia de rendas. Por força das circunstâncias, as classes trabalhadoras conheciam formas variadas de interpenetração de sua vida privada e de sua vida pública: as duas não se diferenciavam de todo. Nesta perspectiva, o século XX veria se generalizar lentamente em toda a população uma forma de organização da vida com dois domínios opostos e claramente distintos: o público e o privado. A história da vida privada seria, então, a história de sua democratização (PROST, 2003: 19).

Ao analisar o processo de separação dos locais de morar e trabalhar, bem como o processo de construção de moradias populares na França, na segunda metade do século XX, esse autor avalia o processo como meio pelo qual, também as classes populares puderam ter alguma privacidade, analisando-o como de democratização, de ampliação de acesso à vida privada. Além disso, alerta para as transições e interferências entre vida privada e pública, destacando a dificuldade de estabelecer limites claros entre uma esfera e outra.

Lília Moritz Schwarz, organizadora do quarto volume da coleção História da Vida Privada no Brasil – contrastes da intimidade contemporânea, coloca questão semelhante sobre a vida privada no Brasil, pois, segundo a autora, para as populações destituídas, o tema da privacidade pouco se coloca de modo concreto. A autora procura mostrar que, em função da pobreza brasileira, além de outras especificidades, a aplicação de modelos externos resulta em artificialidade. Além disso, chama a atenção para o fato de que, com a realidade global, a privacidade ficou sitiada e tem a presença da realidade externa por meio da televisão e computadores, por exemplo.

Concordando com a autora que os estudos históricos devem partir de realidades específicas e singulares, ainda que as experiências de outros contextos e tempos possam nos ajudar na reflexão, um aspecto que penso ser relevante de ser avaliado na experiência brasileira e, especialmente, nas experiências estudadas, refere-se às diferenças e semelhanças entre os viveres urbanos e rurais, face à recente urbanização. A maior parte das pessoas vivia, nos anos 1950, na roça e atualmente vive nas cidades, sendo essa também as experiências das mulheres entrevistadas. Essa mudança coloca-nos diversas questões e discussões em torno da questão dos modos de vida, dos hábitos e costumes, da cultura que se altera e se mantém nos novos lugares em que os migrantes vivem. As influências dos locais em que viveram estão presentes nos modos de falar, festejar, cozinhar, comer, trabalhar, e vão se comunicando, mantendo e alterando nas cidades onde passam a viver.

A origem rural da maior parte das mulheres entrevistadas se articula também com a discussão que antes apresentamos sobre o público e o privado. Sabemos que a forma como o

trabalho é organizado na zona rural, se diferencia do comércio e da indústria nas cidades, tendo o público e privado, sentidos diferentes em diferentes locais. Nesse sentido, são válidas as reflexões da professora Dra. Marina Maluf:

É importante questionar a existência das fronteiras materiais e simbólicas que separam o “dentro” e o “fora”, entre o espaço público da produção e do agir político e a esfera privada do espaço doméstico à qual o conjunto de valores e papéis femininos tem sido historicamente enclausurado. O que se deve expor de modo mais contundente são as contradições contidas na representação da casa, vista apenas como espaço privado. A sutil armadilha da norma não recupera outros agentes sociais, sua experiência informal e a diversidade de improvisações daí decorrentes, verdadeiro objeto da história feminista que se pretende crítica e renovadora. Examinar a realidade através de esferas separadas pode significar o confinamento da mulher a certas funções que são sempre representadas como alheias àquilo que é socialmente valorizado. Confiná-la exclusivamente ao espaço da domesticidade, ou a uma visão que se tem das atividades da porta para dentro, pode redundar no não-reconhecimento de seu trabalho (e do tempo socialmente gasto nele), de sua influência, seu poder não formalizado e suas pressões sobre o conjunto do grupo social (MALUF, 1995: 201).

Ao analisar as trajetórias de mulheres fazendeiras em São Paulo, buscando “[...] reconstruir e tornar visíveis os papéis desempenhados por mulheres da elite rural nas zonas de expansão da economia cafeeira em São Paulo em fins do século XIX e início do XX”, Marina Maluf (1995) mostra a presença dessas mulheres na produção, questionando a idéia de uma presença exclusiva nas lides domésticas. Mas questiona também a idéia de que o espaço doméstico como exclusivamente feminino, mostrando os poderes masculinos no lar. Dessa maneira, contribui para evidenciar os papéis informais, não normativos, vividos pelas mulheres.

A perspectiva de reavaliar o lugar reservado socialmente às mulheres, que não significa o vivido, mas o estabelecido, o papel normativo, nos leva a refletir sobre a questão da distribuição do poder. Nesse sentido, são importantes as reflexões de Michele Perrot:

[...] a pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação de mulheres, a plenitude de seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes [...] Um desejo análogo de inverter as perspectivas historiográficas tradicionais, de mostrar a presença real das mulheres na história mais cotidiana, sustentou o esforço de historiadores nos últimos anos. [...] Corresponde sem dúvida a uma fase eufórica da história das mulheres, e ao mesmo tempo a descoberta do prazer do convívio feminino. [...] Ele também tem seus riscos, suas fraquezas. É sistemático e dicotômico demais. Reforça a tese do “poder social” das mulheres, sustentada por quem tem a intenção de mantê-lo lá. Já que as mulheres têm tais poderes, o que elas reivindicam? (PERROT, 1988: 171-172).

Ao analisar a relação das mulheres com o poder, Perrot (1988) alerta para o risco de enveredarmos por uma história dicotomizada, harmoniosa, seja pela vitimização das mulheres, o que ela chama de história miserabilista, seja no caminho de ver as mulheres como fortes e guerreiras, e cheias de poder. Suas reflexões nos fazem pensar no jogo de forças presentes nas relações, levando-nos a pensar contextualmente como essas relações se constituem nas experiências que estudamos e observar aspectos da dominação, resistências e acomodações.

Penso ser importante compreender as experiências das mulheres a partir de seus modos de vida, na perspectiva de valorizar seus saberes e compreender se nas suas experiências de vida, em suas histórias, não encontramos elementos de contestação ao modelo de organização social capitalista que quer se apresentar como único possível. Assim, ao invés de defendermos maior número de horas trabalhadas por mulheres, constitui-se luta importante da atualidade a redução da jornada de trabalho, para que mais pessoas tenham emprego, e mais horas livres propiciando que todos, homens e mulheres possam ter lazer, descanso, tempo para estudo, cuidado pessoal e com os outros, tempo para os serviços domésticos. Nesse sentido, discordo de alguns pressupostos da produção que, ao priorizar o trabalho fabril e enfatizar a importância da “saída da mulher para o mercado de trabalho”, elegendo-o como referência, desconsidera o ponto de vista dessas mulheres, e as apresenta como vítimas das ações dos homens. Dessa maneira, não considera a participação das mulheres como sujeitos da História, e apresenta a atual organização da sociedade como ação de “outros”, e não de todos, mesmo que a participação e o poder de cada parte tenham se construído historicamente de forma desigual. Da mesma maneira não aceita escolhas das mulheres que se dedicam ao trabalho doméstico, como donas de casa, que é visto como sinal de conservadorismo e atraso. O presente estudo buscou compreender e analisar como as mulheres significam suas experiências de vida e trabalho, como interpretam e lidam com as visões sobre o trabalho doméstico.

Um estudo mais recente sobre trabalho doméstico é de Acelí de Assis Magalhães “História de Mulheres: considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres”.¹⁶ Trabalhando em uma perspectiva das relações de gênero, compreendendo a constituição histórica das relações entre homens e mulheres, Magalhães(2001:54), conclui que as mulheres nasceram e foram “*criadas para a estruturação, organização e direção do cotidiano familiar*”, independente da condição social. A autora aborda a associação entre vida doméstica e inferioridade, a partir da constituição da família burguesa na Europa no século

¹⁶ MAGALHÃES, Acelí de Assis. **História de Mulheres**: considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres. São Paulo: Altana, 2001.

XVIII, em que novos valores foram criados em relação à infância, à privacidade. De acordo com a autora foi se desenvolvendo um discurso de santificação da mulher, especialmente sobre seu papel como mãe, tornando-a a responsável principal pelo sucesso e educação dos filhos, tomado agora como missão.

Magalhães (2001) chama a atenção para o fato dos movimentos feministas terem contribuído, em grande medida para a desvalorização do trabalho da dona de casa, por não reconhecerem o trabalho que realizam como válido:

Os movimentos de liberação das mulheres, iniciados na década de 1960, condenaram tal confinamento (*referindo-se à vida privada*) e lutaram pela transformação da condição social feminina, sem, contudo, reconhecer, em seus primórdios, o significado social do trabalho doméstico. Ao contrário, este foi rechaçado pela maioria das manifestantes, levando-o a desconsideração social. Nos espaços de pesquisa, o trabalho doméstico foi preocupação de alguns guetos acadêmicos, e só ganhou maior atenção com o desenvolvimento do conceito de gênero aplicado aos estudos feministas (MAGALHÃES, 2001:25).

Nosso estudo não pretende ser uma apologia da dona-de-casa, tampouco do trabalho doméstico... Nosso objetivo é compreender por quê,(sic) com o tempo, o trabalho doméstico passou a ter atributos negativos e a ser desconsiderado socialmente, chegando a sua invisibilidade, como através do processos sociopolíticos, o legado cultural do trabalho doméstico dispersou-se e, com ele, a construção histórica e social das mulheres. Em decorrência disso, procuramos identificar especialmente as conseqüências de tais mudanças para a formação da identidade e cidadania das mulheres, e, em contrapartida, a dos homens. (MAGALHÃES, 2001: 26)

Essa autora questiona, ainda, a idéia do total confinamento da mulher ao espaço privado, chamando a atenção para as influências e relações, imbricações entre público e privado, bem como para pensar os contra-poderes das mulheres, destoando da idéia de total subordinação. Assim, afirma que essa perspectiva foi também uma construção histórica, especialmente do movimento de mulheres.

A produção sobre a História das Mulheres já é bastante extensa, razão pela qual não farei aqui um levantamento exaustivo da bibliografia, embora tenha sido no interior desses estudos que encontrei algumas referências sobre o trabalho doméstico. Sobre esses estudos faz-se necessário duas observações: 1) Se, por um lado, em outras áreas das Ciências Humanas e Sociais é mais vasta a produção sobre o trabalho doméstico, por outro, essa produção pouco avança em relação às visões determinantes e dicotomizadoras da realidade, conforme apontamos anteriormente. 2) Se, na produção historiográfica, a discussão sobre as

mulheres já se encontra melhor desenvolvida, há, entretanto, um quase esquecimento do trabalho doméstico, especialmente no século XX.¹⁷

Pesquisei um período de grandes transformações na sociedade, em termos de urbanização, novas tecnologias, valores que alteraram significativamente a vida doméstica. Nesse contexto, houve uma ampliação do acesso à educação e uma valorização da cultura letrada como sendo necessária para o trabalho e a vida em sociedade. Houve grande alteração na família brasileira. Até 1960 o número de filhos por casal eram 6,2, atualmente são 2,1. A visão sobre a infância passou por transformações, e a criança começou a ser pensada como sujeito de direitos, diferente da visão anterior que afirmava que a “criança não tem querer”. A vontade da criança começou a ser considerada como algo importante, culminando com a elaboração e aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990. A afirmação dos direitos das crianças e adolescentes exige um repensar da sociedade em relação às práticas quanto aos cuidados, e esse processo continua em aberto, ou seja, a sociedade, a família, a escola, continuam tentando se adequar a essa nova visão, ora contestando-a, ora aprovando-a.

Assim como as crianças e os adolescentes, os idosos conquistaram em 2003, após anos de discussão na sociedade e no parlamento, o Estatuto do Idoso. Será que hoje a pessoa idosa é mais, ou menos, valorizada/respeitada do que há 50 anos? Quais são os valores que a sociedade têm em relação à pessoa idosa? Outra alteração foi o conceito de família que está cada vez mais restrito ao núcleo familiar. Se “no passado” as entrevistadas referiram se à presença de avós, tios, agregados, em suas casas, em geral, atualmente há uma tendência de maior restrição na vida familiar. Essa mudança de valores e do número de pessoas nas residências alteram também os modos de cuidado. Crianças que se cuidavam entre si e agora precisam de um cuidado especializado. Crianças que eram cuidadas por pessoas idosas da família que agora não vivem na mesma casa. Domésticas que moravam, em regra, em seus empregos e agora moram em outro domicílio e tem um tempo de trabalho mais regulado. A segmentação do tempo e a desvalorização do doméstico, tem implicado em uma diminuição do tempo da família destinado ao cuidado. Diminuiu também o número de donas-de-casa que cuidam da família em tempo integral.

Este estudo parte do desejo de registrar experiências de sujeitos históricos que na tradição historiográfica tiveram pouca visibilidade. Busca ainda discutir suas experiências,

¹⁷ O livro “História das Mulheres no Brasil”, organizado por Mary Del Priore é um exemplo da pouca importância dada ao tema do trabalho doméstico na historiografia brasileira. Com 20 artigos dedicados aos mais diversos recortes da história das mulheres, nenhum tem como centro a análise do trabalho doméstico, sendo esse, historicamente, a principal ocupação das mulheres. Ver: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

dando visibilidade às histórias, procurando incorporar os significados que dão às suas experiências.

Sendo assim, a pesquisa se realizou tendo como principal suporte documental a história oral, tendo sido realizadas 14 entrevistas gravadas com mulheres, trabalhadoras domésticas, patroas e donas de casa. Apenas uma depoente, Amália, não foi entrevistada por ter sido doméstica, mas por ter participado dos movimentos de mulheres na região como missionária italiana.

Busquei perceber como essas mulheres vivem e narram suas experiências, tendo em comum o fato de terem (no presente ou passado) sob sua responsabilidade a realização ou supervisão do trabalho doméstico. Do que se recordam as entrevistadas? Como organizam seus depoimentos? O que enfatizaram como mais importante? O que querem contar durante as entrevistas? Quais marcos estabelecem em suas vidas? Como pensam/narram as relações familiares, de trabalho, lazer, participação política? São essas algumas das indagações que procuramos compreender e analisar. O texto escrito buscou preservar o modo como as mulheres entrevistadas falaram, sem uma preocupação excessiva com a literalidade, mas com os sentidos, os contextos, buscando, como nos inspira Portelli ¹⁸, preservar o encontro ocorrido durante a entrevista. Ou seja, a fidelidade à fala da entrevistada não está apenas na transcrição perfeita, mas na busca da preservação da experiência e do encontro. Mais do que o que aconteceu, buscou-se preservar o sentido e o modo como as entrevistadas recordam o que viveram.

A escolha das depoentes foi ocorrendo ao longo da pesquisa. A princípio entrevistei mulheres, donas-de-casa, patroas ou trabalhadoras domésticas que se dispuseram a falar. Minha preocupação era entrevistar mulheres com experiências variadas. Assim entrevistei as seguintes mulheres que tinham experiência como trabalhadoras domésticas: Márcia, Oneida, Ordália, Joyce, Dona Conceição, Leisa e Renata. Entrevistei Dona Nice e Dona Francisca que são donas-de-casa e Carmem que é dona-de-casa e patroa. Entrevistei também Valéria que é patroa e trabalha fora, e Claudiana que é coordenadora de creches, patroa e foi doméstica. Márcia é doméstica de profissão, cozinheira de forno e fogão como ela mesma se intitula. Sua vida está ligada a uma Associação de Empregadas Domésticas há mais de trinta anos.

¹⁸ Alessandro Portelli tem constituído inspiração importante para pensar o trabalho com a história oral. Entre os textos que nos referenciamos, ver: PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Trad. Maria Terezinha. **Revista Projeto História**, n. 10, São Paulo: EDUC, 1993; "Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como experimento de igualdade". **Revista Projeto História**, n. 14, São Paulo: EDUC, fev.1997; "O Que Faz a História Oral Diferente" **Revista Projeto História** n.º 14, São Paulo: EDUC, fev.1997; "Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral." **Revista Projeto História**, n.º 15. São Paulo: EDUC, 1998; Dividindo o mundo: o som e o espaço na transição cultural. **Revista Projeto História**, n.º 26. São Paulo: EDUC, 2003.

Entrevistei duas trabalhadoras de Monte Carmelo (MG), Oneida e Terezinha. Nessa cidade temos uma das experiências mais contínuas de organização de lavadeiras de roupas. A instituição que nasceu para representar e defender todas as trabalhadoras domésticas, a Associação das Colaboradoras do Lar (Coalfa). Seus depoimentos apontaram dimensões importantes da vida em Monte Carmelo, instigando-nos a pensar nos ritmos e tempos do trabalho doméstico em diferentes tempos e lugares.

A maior parte dos depoimentos é de mulheres de baixa renda, sendo elas donas-de-casa de tempo integral (Dona Francisca, Dona Nice) ou trabalhadoras domésticas (Dona Conceição, Terezinha, Oneida, Ordália, Renata, Márcia e Leísa). Além delas Joyce (que foi doméstica, fez Pedagogia e aposentou como professora), Claudiana (foi doméstica e fez-se coordenadora de creches), Valéria (secretária, patroa) são de famílias que não podem ser consideradas ricas.

Encontrei dificuldade em conseguir entrevistas e dialogar com mulheres de uma situação econômica melhor. Talvez essa dificuldade se relacione com a minha própria condição e compromisso social. É preciso considerar também o fechamento da “burguesia” em torno de sua vida privada. Em geral, pouco se abrem para o estudo de suas experiências.¹⁹ Entre as entrevistadas, Carmem foi a de maior poder aquisitivo. Dispunha, na ocasião da entrevista, de duas empregadas, morava em um apartamento duplex no centro de Uberlândia e não trabalhava fora de casa. É importante destacar que foi com ela também que a entrevista menos fluiu. Embora ela tenha se prontificado a responder às minhas questões e tenha se esforçado para colaborar com o meu trabalho, suas respostas foram econômicas. Havia uma preocupação, aparentemente maior do que as outras entrevistadas, com a imagem que eu iria ter/divulgar dela e de sua família.

Ao relatarem suas histórias e de suas famílias, as entrevistadas se colocaram como sujeitos principais da história e procuraram dar significado ao que viveram, de alguma maneira justificando escolhas, porque agiram de uma maneira e não de outra. Assim, buscaram explicar como se fizeram sujeitos de suas próprias histórias e os caminhos que percorreram, as andanças, vitórias, sofrimentos, conquistas, recuos, dificuldades, sonhos, lutas.

As entrevistadas, em geral, consideraram significativa a oportunidade de participar da entrevista, embora algumas tenham questionado sobre a importância de estudar algo comum.

¹⁹ Na pesquisa realizada pela Universidade Federal de Uberlândia, intitulada: “Condições sócio-econômicas das famílias de Uberlândia”(2001), os pesquisadores encontraram esse problema conforme vemos: “ O primeiro desses problemas foi a recusa em responder ao questionário, o que ocorreu com maior frequência em domicílios situados em áreas de renda elevada e em condomínios de classe média.”(p. 5)

Dona Francisca, Dona Conceição, Joyce e Márcia consideraram que suas histórias mereciam ser estudadas, pois tinham vivido muitas coisas interessantes, como nos falam: “... *se eu contar a minha vida, dá uma novel.*” (Dona Francisca). “*Ah! Dá um livro, né? (risos). Eu nunca vi uma vida tão interessante*” (Joyce).

A partir da solicitação de que me contassem um pouco de sua trajetória, infância, relações familiares, estudos, trabalho, etc. as entrevistadas se punham a relembrar o passado, tornando os encontros significativos momentos de recordações, e reorganização da memória, como também foi a experiência de Ecléa Bosi:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida do portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (BOSI, 1995: 39).

Sendo assim, o momento da entrevista, o recordar o passado, é importante como oportunidade de falar, e na narração, até mesmo corrigir algo que não pode ser feito no tempo passado. Nesse sentido, concordamos com Bosi, quando aponta a entrevista como um momento de grande vitalidade, como experimentou nas entrevistas que realizou em seu estudo sobre as lembranças de velhos. Nas entrevistas que realizei as depoentes, em geral, remetiam a uma lembrança a mais “eu lembro que” dando continuidade aos relatos, criando novo momento na entrevista, as vezes com novas temáticas, outras vezes com detalhes do já contado.

Bosi, compartilhando com Jacques Loew, fala do compromisso do pesquisador com os entrevistados, de uma comunidade de destino, com a qual estaríamos irremediavelmente comprometidos. (BOSI: 1995: 38) Concordo e compartilho com os autores essa perspectiva e é dessa forma que me sinto. Ligada a história das pessoas que entrevistei. Preocupada com aqueles que, quando vi pela última vez não estavam tão bem, desejando que, do ponto de vista pessoal e social possam se realizar, como condição da cidadania de todos.

Considero importante a possibilidade que a história oral nos dá de contar histórias esquecidas, alternativas, tendo, portanto, uma dimensão política relevante, trazendo à tona a história de classes, grupos, pessoas e/ou instituições não hegemônicas. Em que pese essa possibilidade, sabemos também que, por outros vestígios, é possível recuperar, de alguma maneira, as experiências de setores da sociedade, desconsiderados socialmente e pouco

estudados pela história.²⁰ Nesse sentido, é a perspectiva teórica do historiador, aberto ao estabelecimento de uma relação com suas fontes de pesquisa, que garantirá, de alguma maneira, a presença de experiências não-hegemônicas no conhecimento produzido. Assim, tanto é possível utilizar a história oral para corroborar histórias dominantes, mesmo que considerando seu grande potencial para o estudo das classes populares.

Ao pensarmos a questão da memória e das identidades aqui imbricadas nesta pesquisa, nos comprometendo a buscar memórias alternativas, projetos silenciados, resistências e alternativas aos padrões dominantes, colocando muito concretamente as experiências dessas mulheres, perguntamos-nos se não houve, especialmente em relação às mulheres com uma idade mais elevada, uma fissura na forma como foram constituindo suas identidades. Que formação e que valores receberam ao longo da vida e, em especial, quando crianças e jovens? Quais as perspectivas de futuro vislumbravam nesse tempo? Quais valores as impulsionavam? Destaco que há um problema específico em relação a ser dona-de-casa, de certa maneira, tido socialmente há algumas décadas como “caminho natural” da maioria das mulheres e a emergência de outros valores, que disputará terreno com esse. Essa tensão, em torno do ser dona-de-casa e ser doméstica, está presente nos depoimentos.

Nesse processo de mudanças sociais profundas como urbanização, eletrificação, novas tecnologias que adentram a vida doméstica, vamos discutindo a forma como essas mulheres se adequam a essas novas condições, as resistências e o modo como vão se construindo como cidadãs nesse contexto de rápidas mudanças sociais, nas lutas pela sobrevivência, nas relações familiares, de vizinhança e de amizade. Além de todas as dificuldades para se fazerem sujeitos, de firmarem suas identidades frente a tantas mudanças, elas precisam conviver com a desvalorização de seu trabalho, com a falta de reconhecimento social daquilo que são e fazem, o que, sem dúvida, tem impactos em sua auto-estima, e na aceitação de suas profissões como trabalhadoras domésticas, donas de casa e patroas.

Outro elemento na discussão das identidades das entrevistadas refere-se à questão etno-racial. Sabemos que o preconceito racial pesa sobre a população negra no Brasil, como resultado de mais 300 anos de escravidão e 500 anos de discriminação, preconceito, desigualdade de oportunidades. Ao falarmos do trabalho doméstico e da questão das identidades, é necessário refletir sobre os impactos que essa questão traz para a constituição dos sujeitos investigados. Como é ser criança negra no Brasil, trabalhadora doméstica? Como

²⁰ Sobre a possibilidade de rever documentos oficiais para o estudo de outras histórias ver importante estudo de DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**: Ana Gertrudes de Jesus. São Paulo, Brasiliense, 1984

gostar de ser o que os outros desconsideram, desvalorizam e acham que é pouco? Joyce e Márcia nos falam um pouco dessa dimensão de suas experiências. Entretanto, em relação a temas polêmicos e muitas vezes dolorosos como o racismo, o silêncio das entrevistadas e das fontes, às vezes, é tão esclarecedor quanto o que elas dizem.

Entrei na casa de pessoas para falar de sua vida doméstica, o que implica falar em divisão do trabalho, relações entre patroas/famílias e empregadas, relações familiares, alimentação, festividades, etc. Tentei aprender com essas mulheres, procurando não estabelecer juízo de valor sobre suas experiências: não tinha um padrão do que fosse ideal, de modo que procurei compreender cada uma delas em seu contexto. Se trabalham fora ou não, como (e se) dividem as tarefas domésticas com filhos e maridos, o tipo de relação que estabelecem com patroas e/ou empregadas. Suas respostas foram aceitas como opções válidas.

Ao lidarmos com a história oral é necessário refletir sobre a memória forjada no tempo social, não como algo fixo, mas que vai se construindo a partir das experiências dos sujeitos, na forma como lidam com o presente e o passado. Memórias que estão em disputa na sociedade e se relacionam com a forma dos sujeitos lidarem com o tempo:

Lidar com o tempo nas narrativas é também lidar com a memória. A fala oral está sempre impregnada de memória. Nas conversas estamos em contato direto com modos como as pessoas costumam significar o passado, marcar e usar o tempo. Compreendê-los e explicá-los requer mais que uma atenção a diferentes temporalidades e suas mútuas relações em processos históricos específicos; requer apreender maneiras como as pessoas, com quem falamos, dividem, significam e usam o tempo.[...] O potencial da memória como prática política ainda requer, igualmente, muita exploração e reflexão sobre modos como grupos marginalizados ou deslocados se refazem, reconstróem territórios e identidades, reinventam tradições e práticas culturais, até mesmo deixando em segundo plano certos elementos de sua própria cultura (Khoury, 2004: 128) .

Refletir sobre a forma como diferentes grupos lidam com o tempo, reconhecendo a existência de múltiplas temporalidades é importante para os historiadores que se comprometem a não elaborar suas pesquisas a partir de pressupostos de linearidade histórica, de “progresso” como caminho único, mas que buscam perceber como as experiências que estudam se processam sem considerá-las “atrasadas” quando não alcançam patamares do modelo dominante. No caso do trabalho doméstico, muitas vezes o padrão americano é apontado como modelo e considera-se o Brasil atrasado uns trezentos anos. Por essa perspectiva perde-se a possibilidade de um aprofundamento da forma como se lida com o

trabalho doméstico, e passa a avaliá-lo pela falta e não pelo que realmente é o trabalho doméstico em nosso país.²¹

Além das fontes orais, trabalhei com documentos produzidos pelos movimentos de trabalhadoras domésticas e donas de casa, buscando compreender suas lutas, demandas, na busca de afirmação de direitos. Dessa maneira analiso atas, estatutos de entidades, panfletos dos movimentos. Também realizei uma pesquisa no Jornal Correio nas décadas de 50 e 70 do século XX, buscando perceber como o jornal apresenta as trabalhadoras domésticas e donas de casa, quais são os temas que relaciona ao trabalho doméstico. Acerca da utilização dos jornais como fonte histórica, tem-se avançada a preocupação no sentido de compreender seus compromissos e as versões que pretendem instituir, *“portanto, no interior de uma perspectiva que entende a imprensa como prática social e momento da constituição/instituição dos modos de viver e pensar”* (CRUZ, 2000:20).

Este estudo se organiza em quatro capítulos. No primeiro discuto as trajetórias das entrevistadas, a partir da infância, do trabalho e das relações familiares, buscando acompanhar o processo em que se fizeram donas-de-casa. Mostramos a luta de donas de casa pela sobrevivência, o papel que exercem na família, as donas de casa como mães e esposas, em diferentes gerações.

No segundo capítulo adentramos portas adentro, para conversar com donas-de-casa e trabalhadoras domésticas sobre a vida no domicílio, e, em especial, sobre a cozinha e o cozinhar, como um elemento que identifica e separa mulheres de diversas gerações e condições sociais.

O terceiro capítulo analisa as experiências de mulheres que têm como profissão o trabalho doméstico remunerado. Assim procuramos discutir suas condições de trabalho, bem como as relações que estabelecem com suas patroas. Apontamos ainda a visão das patroas entrevistadas sobre as trabalhadoras domésticas.

O quarto capítulo analisa os movimentos em que algumas das entrevistadas estiveram engajadas, como a Associação de Empregadas e a Associação de Diaristas de Uberlândia, a Associação de Colaboradoras do Lar de Monte Carmelo e também movimentos nacionais em defesa das crianças e adolescentes que trabalham como domésticas, e a Campanha Nacional pela aposentadoria das donas de casa.

²¹ Em relação ao “atraso” brasileiro ver Bridgett Hill.

Capítulo 1

Amor, proteção, cuidados são elementos que definem o eu feminino, diferente-mente do eu masculino, cujos referenciais são centrados num “ideal abstrato, de perfeição”. O eu feminino está sempre ligado ao ato de cuidar de outrem.

Maria A. Morais Silva
De colona a bóia fria

Trajetórias e cotidiano de mulheres: o fazer-se como donas-de-casa

Só que eu não acho problema nenhum em ser dona de casa [...] Não acho problema nenhum em falar: 'Não, eu sou dona de casa'.
Pra mim é tranquilo.
Carmem

Acho que sou uma mulher comum. Um trabalhadora, vamos dizer assim, uma dona de casa.
Ordália

Eu nasci pra ser dona de casa.
Dona Conceição

Os trechos acima falam de experiências de mulheres que têm em comum o fato de serem donas de casa. Ordália e Dona Conceição são donas-de-casa e diaristas na casa dos outros, Carmem é dona de casa em tempo integral. Mas, o que significa ser dona-de-casa? Como elas se vêem? Como significam suas experiências? Quais são seus sonhos, anseios e dificuldades? Como pensam suas trajetórias e a construção de suas histórias?

Refletir sobre as experiências de donas-de-casa é buscar compreender o universo de muitas mulheres que se dedicam a cuidar do bem-estar das pessoas – em geral de sua família. Não existe apenas um tipo de dona de casa. Podem ser de tempo integral ou aquelas que trabalham fora de casa e “dentro”, sendo essa a experiência das trabalhadoras domésticas casadas, com ou sem filhos, bem como inúmeras outras mulheres trabalhadoras de todas as profissões. Podem ser mulheres de alta ou baixa-renda, com ou sem escolarização; podem contar ou não com equipamentos de apoio para a realização das atividades domésticas e com a ajuda familiar (marido, filhos, sogra, mãe, cunhadas, tias, etc.), ajuda de vizinhas e/ou terceirizar parte desses serviços, contratando empregadas domésticas, serviços de lavanderia, escolas infantis, “self service”. Por essas e outras diferenças, podemos dizer que não existe uma dona de casa, mas conformações variadas na qual as mulheres exercem esse papel. É sobre a história delas que falaremos aqui. Mulheres que dedicam grande parte de seu tempo à tarefa de cuidar da família, em tempo integral como Dona Francisca, Dona Nice e Carmem, e de mulheres que se dividiam/dividem entre o trabalho fora de casa e no domicílio, como nossas entrevistadas Leísa, Valéria, Márcia, Joyce, Renata, Dona Conceição, Ordália e Claudiana.

Trajetoórias, infância e relações familiares

Comecei as entrevistas, de maneira geral, solicitando às entrevistadas que falassem um pouco de suas vidas, desde a infância, o que propiciou um rico momento de recordações para a maioria delas, que lembraram aspectos de suas vidas há tempo não lembrados, quase esquecidos em meio às lembranças do passado. Ao falar do tempo em que eram crianças, da educação que receberam, elas nos remeteram também aos valores em relação a infância hoje, à educação que receberam e deram aos seus próprios filhos:

Só que eu nasci lá, eu me criei lá. Eu nasci mesmo foi no sertão, né? É 350 km dessa cidade, aí quando a gente chegô a idade de estudo, como nas regiões de fazenda, o meu avô era fazendeiro, né? Eu fui criada pelo meu avô. Minha avó, cada ano era um filho, né?(riso). Então minhas tias estudava em colégio interno de freira, quando chegava as férias ia pra lá. E eu ficava com minhas tias, né? Minha mãe, cada ano era um filho, foram quatorze filhos que a minha mãe teve; morreram quatro, dez são vivos. Aí depois de 21 anos eu vim pra São Paulo. Morei 22 anos em São Paulo. E estou agora em janeiro faz 13 anos em Uberlândia, justamente por causa da saúde vim pra cá, pra saí daquela vida de poluição, tinha muito problema alérgico (Dona Conceição).

Dona Conceição é dona de casa, diarista, casada, mãe de três filhos homens, branca. Mora em Uberlândia. Nasceu em 11/08/44, no Crato região do Cariri, Ceará. Para estudar foi criada com o avô e as tias. Aos vinte e um anos foi para São Paulo onde morou vinte e dois anos. Em São Paulo, reuniu a família e encaminhou os irmãos na vida profissional. Trabalhou como secretária, o que a faz pensar que o tempo presente é mais difícil, pois mesmo com menos escolaridade foi possível arrumar trabalhos bons em São Paulo. Após o casamento, Dona Conceição parou de trabalhar fora, tendo feito artesanato, crochê e outros trabalhos em casa. Voltou a trabalhar fora de casa em Uberlândia, quando não mais encontrou empregos em escritórios, passando a trabalhar como diarista. Dona Conceição faz ginástica, caminhada, participa das atividades na Igreja Católica, dirige um grupo de Vicentinos. Sobre o trabalho em casa, destacou a importância de planejamento e organização para bem desempenhá-lo. Dona Conceição liderou a Associação de Diaristas de Uberlândia.

A maioria das entrevistadas nasceu na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Nesse caso, Dona Conceição é exceção, tendo nascido no sertão do Ceará e morado 22 anos em São Paulo, bem como Leísa que nasceu em Pedregulhos-SP, e Dona Nice que nasceu em Salinas-MG:

Olha, eu vivi lá até uns oito anos de idade e depois nós mudamos pro norte de minas. Foi onde a gente se criou até eu me casei e **foi uma vida muito difícil com meus pais**. A gente, uma pessoa muito pobre, não tinha muita coisa. E naquela época, foi em 1958, por aí as

coisas eram muito difíceis, principalmente lá onde a gente morava, que era na roça. A gente tinha uma fazendinha. O meu pai trabalhava na roça, com roça e **onde saía tudo era da roça**, né? Era o arroz, era o feijão, isso tudo era plantado e colhido ali. Então pra ter outras coisas igual o açúcar, o sal tinha que buscar muito longe, às vezes nem tinha carro, caminhão pra pegar, né? Buscava era de animal, burro de carga, naquela época era muito difícil (Dona Nice, grifos nossos).

Dona Nice é dona de casa e cuidadora de crianças em casa, casada, mãe de três filhos, dois netos, branca. Nasceu em Salinas – MG. Com oito anos mudou com sua família para o norte de Minas, onde viveu até o casamento. Dona Nice lembra desse tempo como de dificuldades. A vida era dura: todo sustento tirado do trabalho na roça, para ela, os nove irmãos, o pai e a mãe. Após o casamento, Dona Nice se mudou com o marido para uma cidade próxima à fazenda na qual morava e montaram um pequeno comércio que não prosperou. Em 1979, mudou para Brasília e depois de 2 anos mudou para Belo Horizonte e depois retornaram para o norte de Minas. Nesse tempo, ela só faz referência ao trabalho do marido. Como dona de casa, se ocupava-se e se ocupa da organização do domicílio e da educação dos filhos. Em Uberlândia, Dona Nice começou a cuidar de crianças dos outros em sua própria casa. Segundo ela, para não ficar tão sozinha, uma vez que os filhos (já adultos) tinham ficado no Norte de Minas. Preocupa-se com os netos, receando que os mesmos não se encaminhem bem na vida, e não “cair na rua”. Dona Nice é membro do grupo dos Vicentinos do Bairro e da Legião de Maria, fazendo um trabalho comunitário de ajuda às famílias necessitadas, ajudando a organizar cestas básicas, comprar remédios, fazer visitas a doentes.

De origem rural é também nossa entrevistada, Dona Francisca:

Fazenda, toda vida morei na fazenda. A luta era pesada, era...o pai não tinha filho homem, a gente trabalhava era fazendo farinha polvilho, era ajudando ele nas roças . De tudo, mexer com engenho carream, tudo, menina! Era serviço que a gente fazia . Nas horas vagas, vinha pra dentro e aí cardar, ia fiar, né ? Lá cardar, ia fiá, né. Aí casei com 18 anos, na mesma semana fui cozinhar panelada de carne pra companheiro (Dona Francisca).

As lembranças de Dona Francisca da infância estão relacionadas à vida em família e ao trabalho pesado. Ela justifica a grande inserção que teve no trabalho na roça pela ausência de irmão homem para ajudar o pai, indicando uma possível separação entre os trabalhos mais propriamente masculinos e femininos. É interessante observar ainda que o trabalho portas adentro era reservado para as horas vagas como o serviço de cardar e fiar. Observa-se ainda que o casamento é relacionado em suas lembranças com um novo momento de trabalho, do qual Dona Francisca participa cozinhando para “companheiro”.

Dona Francisca é dona de casa, branca, tem 69 anos, mãe de quatro filhos, casada. No momento da entrevista estudava no Programa Brasil Alfabetizado. Nasceu em Sacramento, onde viveu até 1957 quando se mudou para outros municípios do Triângulo Mineiro (Monte Alegre e Tupaciguara) até fixar em Uberlândia, onde vive desde 1965. Moradora do Bairro Osvaldo. É casada com o senhor José, mãe de seis filhos (cinco vivos) e avó oito netos. Da infância, lembra-se do trabalho: com sete anos já fazia “toda a obrigação de uma casa”. Da vida na roça, falou sobre o trabalho pesado que impunha longas jornadas. Considera-se uma vencedora, por ter conseguido educar os filhos, comprar uma fazenda em Tupaciguara em 1966, que mantém até hoje, e o apartamento onde mora em Uberlândia com o marido e um filho. Em casa, faz todo o trabalho doméstico. Gosta de cozinhar “uma carinha bem temperadinha”, e de saladas. Diz-se curiosa e aprende logo novos pratos. Acredita que atualmente as pessoas têm mais oportunidades, a vida é mais fácil, mas as novas gerações não dão valor.

As experiências mais antigas de algumas entrevistadas, especialmente as mais velhas, estão relacionadas à vida na roça, como é o caso de dona Conceição, Dona Francisca e Dona Nice. Assim também foi a experiência de Ordália.

Ordália nasceu em Canápolis, é dona de casa e diarista, casada, dois filhos adultos e solteiros, negra. Da infância, falou sobre o trabalho na roça, da casa em que morava, da educação rigorosa que recebeu da mãe, que ocupa lugar importante em seu relato, lembrada como mulher forte, determinada, três casamentos e três vezes viúva.

Um dos aspectos que destaco no depoimento de Ordália é a luta que empreendeu pela sua própria autonomia em relação ao marido, conquistada por meio do trabalho como diarista. Por meio desse trabalho, pesado e melhor remunerado que a mensalista, Ordália conseguiu sua casa própria e se orgulha de ter dado conta de tal feito. Não tendo tido condições de estudar na infância na roça, e na adolescência tendo “priorizado” o trabalho como doméstica na cidade de Uberlândia, retomou os estudos há alguns anos e cursava o ensino médio no momento da entrevista. Seu depoimento traz ainda uma tensão vivenciada em seu casamento e um questionamento sobre o papel da mulher para as pessoas de sua geração e condição social, apontando elementos de mudanças e tensões nas relações entre homens e mulheres. Sobre a infância, relatou o seguinte:

[...] não tinha condições de comprar brinquedo. Ou na roça não tinha lazer... Ah, e a mamãe dava tarefa, a mamãe eu acho que se fosse hoje, ela certamente seria denunciada (riso). Mas eu acho que ela não sacrificava a gente, mas tinha que trabalhar porque não tinha outra opção [...] A gente ia apanhar algodão, dia de sábado a mamãe falava assim: “Ah, pode

parar mais cedo hoje.” Aí ela dava, dava a lata pra você encher de algodão, a gente enchia rápido, só que chegava lá minha mãe abaixava (o algodão), ficava só aquele tantinho assim, ah, ela queria morrer! Então a gente trabalhou muito. **Desde criança a gente é acostumada a trabalhar muito** (Ordália).

Ao refletir sobre o trabalho duro na infância, o rigor com que a mãe exigia o cumprimento do trabalho, Ordália defende a posição da mãe, na medida em que diz que “ela não sacrificava a gente, mas tinha que trabalhar porque não tinha opção”. Dessa forma, Ordália reconhece o direito da mãe de colocá-la para trabalhar, porque as condições exigiam. Mas quando a família muda para Uberlândia (Ordália ainda não tinha completado 10 anos), ela questiona a mãe:

Depois que a gente veio pra cá, eu lembro da colocação que a mãe fez “vocês vão querer estudar ou trabalhar?” Eu estava acostumada a trabalhar, vamos trabalhar. (...) Eu acho que ela tinha que ter colocado a gente pra estudar e trabalhar (Ordália).

Fica claro que esse questionamento à atitude da mãe, em não colocá-la também para estudar, relaciona-se com as questões que se coloca no presente, a sua reinserção na escola depois de mais de vinte anos. Da mesma maneira a comparação da educação recebida da mãe e o contexto atual, dizendo que a mãe seria denunciada se vivesse nos tempos atuais e educasse como a educou, apontam a compreensão das mudanças sociais ocorridas, em torno de quatro décadas, acerca do que seja a infância. Entre elas, refere-se ao brinquedo que não tinha, da carga pesada de trabalho, da rigidez da educação. Em outro momento da entrevista, Ordália retoma a questão da educação recebida:

Se respondesse à minha mãe, ficava sem um dente na boca. A criação era... porque nós não tínhamos direito, se chegasse uma pessoa lá em casa, e ficar lá dentro de casa. A gente ia pro quintal. Eu lembro que se a pessoa quisesse despedir da gente ela chamava, mas do contrário, você nem via. Mas a gente ia pra lá, mais tarde a minha irmã era mais velha, ia lá levar uma café (para as visitas), se tinha alguma coisa pra servir e a gente ficava lá no fundo [...] A gente tinha tão pouco liberdade que não tinha coragem de pedir: Mãe, deixa eu ir numa festa? (Ordália).

Ordália expressa a consciência das transformações em relação à infância, lembrando que, quando criança, não tinha direitos. A autoridade da mãe era inquestionável.

Essa é uma constatação de outras entrevistadas: “ora era só trabalhar, ajudar a criar os outros irmãos, né?” (...) Com sete anos! Com sete anos eu já tomei conta quase da obrigação de casa”(Dona Francisca). Na fala de Dona Francisca temos a dimensão do trabalho de cuidar de crianças como uma atividade coletiva em que as outras crianças da família têm

um papel importante. Assim, vamos percebendo pelas trajetórias de nossas entrevistadas as transformações nos modos de organizar a vida e os tempos das crianças.

Certamente essa divisão de responsabilidades com as crianças é uma forma como as famílias buscam enfrentar suas dificuldades, suas precárias condições de vida. E nesse sentido, logo cedo, começam a ter obrigações:

Ah, eu não tive infância, não tive. Pra começar eu fui a primeira filha, vamos se dizer, então eu ajudava em tudo da casa, tudo. **O que dava conta fazia, muitas crianças pra olhar.** A gente foi muito sacrificada, muito pobre. Também com a idade de 9, 10 anos já fui trabalhar numa fazenda, o meu povo mudou e eu fiquei depois eu fui. E assim continuou eles mudava e eu ficava, mudava e eu ficava, foi que não morei com eles mais. (...) **Eu acho que o que marcou na minha vida mesmo foi minha infância, ela foi muito ruim.** Muito ruim. Eu não tive infância, eu não sei nem explicar, né? Eu não tive, a **gente não teve vida não. De primeiro a criança não tinha vida não, né?** Os pais eram **severos** demais, credo.” (...) Eles não tinham calma com você, não tinha carinho, não tinha nada, né. Eles batia demais nos filhos, né? Judiava demais dos filhos. Apesar de que hoje a criança ainda é muito judiada, ainda é judiada” (Terezinha).

Terezinha vive em Monte Carmelo. Nascida em Estrela do Sul, foi para Monte Carmelo aos 19 anos. Tem 66 anos, branca, trabalha como serviços gerais para a prefeitura de Monte Carmelo. Foi doméstica por mais de 30 anos e acompanhante de uma senhora durante 20 anos, com quem morou até a mesma falecer. Perguntada sobre a infância, Terezinha disse que não teve: era só trabalho, cuidando dos irmãos, da casa e trabalhando na lavoura com os pais. Depois, aos 9, 10 anos, foi morar em casa de outras famílias para trabalhar, e a família foi mudando de fazendas e ela foi se separando/distanciando de sua família. Em seu depoimento, ressalta a boa relação desenvolvida com as patroas, os presentes que recebia. Sua vida foi organizada em torno do trabalho e das relações de amizade no âmbito do trabalho, com pouca relação com a sua própria família. Dona Terezinha diz que é muito organizada e que sempre deu conta de todo serviço nas casas em que trabalhou. Vê que hoje as empregadas domésticas têm mais “mordomias” e reclamam mais do trabalho.

No momento da entrevista fazia menos de 1 ano que Dona Terezinha tinha voltado a morar com sua família. Processo difícil mesmo ela dizendo que faz tudo para dar certo porque, como ela diz, “são outros tipos de vida”. Dona Terezinha se acostumou com padrões de vida das famílias com quem viveu/trabalhou e encontra dificuldades na reconstrução de sua vida junto à sua família “porque eu vivi a vida inteira quase até, com pessoas rica, né. Falei: gente, a minha família é outro modo de vida, que eles têm, cada um tem um modo de vida diferente de viver, né” (Dona Francisca). Além do padrão econômico, Terezinha destaca a questão da educação das famílias com as quais viveu, o comportamento, o respeito ao que é

do outro. Não se casou e diz que namorou pouco. Acredita que não é vantagem para as mulheres terem um companheiro porque os homens de hoje são muito folgados. Gosta de viagens, de dançar, de comida caseira e de vender Avon.

Terezinha também indica em seu relato a consciência que tem em relação às alterações na forma de pensar a infância de quando era criança para o tempo atual. Na sua experiência ela tem muito claro essa ausência de direito, o “não ter vida” naquela época. Nesse sentido, o fato de ter ido trabalhar ainda menina em casa de outras famílias é uma forma de escapar do domínio de sua própria família, dos maus tratos.²² Além do peso do trabalho, Terezinha refere-se à dureza dos castigos físicos, da criança ser maltratada, “judiada” como uma prática aceita socialmente nessa época, mesmo reconhecendo que atualmente crianças ainda são maltratadas, há uma convicção de uma alteração.

Michele Perrot(2003) analisa o processo pelo qual os castigos físicos vão sendo condenados, embora persistam, especialmente nas classes populares, mostrando que a criança passa a ser compreendida como pessoa, sujeito de direito (PERROT, 2003:162). Mostra ainda que bater não é um direito apenas da família, mas também da escola, das fábricas e dos mais velhos em geral. É nesse sentido a experiência de Joyce:

Eu não tive praticamente infância, infância mesmo pra brincar, pra correr, eu lembro que eu trabalhei... Eu não podia brincar com os brinquedos da menina e eu tinha... morria de vontade de brincar porque era uma criança pajeando outra criança. E a mamãe antigamente entregava a gente pras patroas e falava que as patroas podia bater na gente. E eu morria de medo delas me pôr a mão... a mamãe já mandou nós pra casa do Raul Pereira pra trabalhar, pra pôr a gente na escola [...]E lá, quando a gente tava aprontando muito, ela misturava arroz com feijão, punha nós pra catar, pra arrumar serviço para nós(Joyce).

Ao falar da infância, Joyce nos remete a uma prática de “mandar” as crianças pobres para a casa dos outros, com situação econômica melhor, para trabalhar e, se possível, tentar uma oportunidade de estudo. A autoridade dos pais, e o direito de bater na criança é transferida para os patrões, e Joyce experimenta essa situação. Outra questão importante é a idéia de que é necessário manter a criança trabalhando e nesse sentido, se não houver nada para fazer, ou se a criança estiver aprontando, como falou Joyce, misturam-se arroz e feijão e coloca a criança para separar.²³

²² Michele Perrot aponta que o casamento era “também um meio de escapar ao domínio dos pais e levar uma vida independente”. PERROT, Michele. “Figuras e papéis”. In: PERROT, Michele. **História da vida privada da Revolução Francesa à primeira guerra**. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.134.

²³ A campanha conta o trabalho doméstico infantil denuncia que essa é uma visão que a sociedade procura instituir sobre as crianças pobres: mantê-las ocupadas. Criança pobre tem que se manter ocupada com o trabalho. Criança rica deve exercitar o corpo e a mente, por meio de esportes, dança, estudos, jogos, passeios.

Joyce é professora aposentada, negra. Tem 66 anos (na ocasião da entrevista tinha 63 anos) e mora em Uberlândia no Bairro Cidade Jardim. Ao narrar sua trajetória de vida destacou o trabalho na infância como empregada doméstica (começou a trabalhar com nove anos). Refere-se a pessoas importantes na cidade com quem conviveu em função do trabalho e do estudo. Ressalta a consideração que os patrões tinham com sua família. Em sua memória ficou marcada a fala de uma patroa, que disse que ela não precisava fazer o exame de admissão porque ela ia ser mesmo doméstica. Essa fala foi importante referência em sua vida, pois a motivou a estudar e fugir do que estava “estabelecido”: mulher pobre e negra. Trabalhando como doméstica, estudou, fez magistério e depois pedagogia. Estudou no colégio Brasil Central, colégio particular – o estadual não aceitava pessoas negras. No período em que estudou nesse colégio, trabalhou e morou com a proprietária da escola, que era conhecida por ajudar pessoas negras a estudarem. Joyce conta sua história de maneira descontraída, sem aparentar sofrimento pelas dificuldades da vida. Contou que era criança custosa e deu muito trabalho para as patroas. Na juventude trabalhou e estudou, sempre morando na casa dos outros. Assim que começou o curso de magistério tornou-se professora, segundo ela leiga, da E. E. Alda Mota Batista. Mesmo nesse período continuou passando roupa porque professor trabalhava o ano inteiro e só recebia uma vez por ano. Como professora atuou no estado do Rio de Janeiro por um curto período e a maior parte do tempo no Distrito Federal. Morou na Austrália quase dois anos, em função de um romance com um diplomata que é pai de seu filho. Ambos residem na Austrália.

Embora tenha falado das dificuldades na infância, do trabalho e das patroas, ao que me parece, as recordações de Joyce sobre a infância estão marcadas por um sentido positivo. Assim, ela lembra das brincadeiras, das traquinagens que fez, mesmo no tempo em que morava na casa das patroas:

Eu nunca vi uma vida tão interessante. Eu, com nove anos, saí de casa para trabalhar e não parei até hoje. Acho que não vou parar, porque já estou com 63, então não vou parar mesmo [...] Comecei a trabalhar com nove anos em casa de família, né? Meu primeiro emprego, eu lembro que era uns amigos de meus pais, conhecidos da família [...] E eu fiquei assim e coincidiu que em seguida mamãe adoeceu e o dinheiro que eu ganhava lá pagava a farmácia da mamãe (Joyce).

Na comparação com outros depoimentos o relato acima se assemelha ao das demais entrevistadas pobres, que precisaram trabalhar e ajudar os pais. Entretanto, a forma como Joyce lembra dessa situação é diferente de outros relatos já citados: ela lembra como um

tempo bom. Não lembra como algo doloroso. Ela gosta do caminho que fez na vida, acha sua vida interessante e a infância é lembrada de maneira positiva:

Eu lembro dela direitinho, eu não esqueço do dia (riso)... que eu não comia banana porque eu tinha nojo da semente da banana. Gente, eu era uma criança enjoada demais, então a mamãe ajudando ela a cortar o capado, picar o capado, e eu sentada numa escada assim, que dava pra comer eu mordía na banana, quando eu olhava. Ah! um bicho! Aí a mamãe vinha assim com aquela faca cheia de toicinho, tirava o bicho assim, eu comia e ficava olhando lá pra baixo. Aí, eu lembro que o padrinho veio do curral parou assim na outra porta e ficou me olhando, eu não sei bem, aquele negócio que trança do rabo da vaca, me deu duas correada na perna, me deixaram ser enjoada, manhosa. Aí, eu lembro que a madrinha Tunica me pegou no colo, ela era uma velha branquinha, usava um cocão aqui atrás porque ela tinha o cabelo muito enrolado assim. Aí me pegou, brigou com ele porque ele me bateu né... Eu não esqueço disso, na fazenda assim, no meio do pomar, passava rêgo d'água enorme e as laranjeiras tavam todas floridas. Ela foi comigo no colo eu devia ter uns 2 ou 3 anos, eu era bem pequena...comigo no colo, foi aí, foi panhar umas flor de laranjeira e enfiando assim nas minhas tranças assim, aí eu fiquei assim com aquela trança cheia de flor de laranjeira, pra mim poder parar de chorar, porque eu tava chorando. Aí, ela encheu minhas tranças de flor de laranjeira e quando eu lembro direitinho o perfume que é um perfume gostoso [...] Eu lembro direitinho do perfume da flor de laranjeira. Aí, quando eu parei de chorar ela voltou comigo e falou pra mim que eu não ia mais comer banana, porque eu não gostava de semente da banana. Aí, descascou uma mexerica e pôs num pratinho e me pôs sentada no mesmo lugar e eu chupava mexerica e elas foram acabar de mexer com o capado. Tem umas coisas assim na vida da gente (riso)... Lembro direitinho (Joyce).

Assim, o que marca a lembrança de Joyce sobre a infância é esse cuidado que recebeu, a possibilidade que teve de ser *manhosa*, de receber carinho. É significativo o modo como compõe a sua narração, os detalhes, a construção elaborada na forma de estória inventada, talvez remetendo ao seu lugar social atual, como professora aposentada. Com ela, quase podemos sentir o “perfume da flor de laranjeira”. Aqui talvez pudéssemos pensar também em termos de certo saudosismo em relação ao passado.

Sobre sua trajetória, Oneida contou-nos o seguinte:

Eu nasci em Pains. Pains fica no Sul de Minas, naturalizei igual a Amália, eu vim da minha terra, eu era criança, sai da escola pra vir, que a gente sempre morou na roça. Moramos aqui, a gente veio e morou em um município aqui pra baixo de São Félix, ligado a Monte Carmelo, nós ficamos em uma fazenda. **Trabalhava na roça, ajudar meu pai.** Os pássaros-preto não deixava as plantações ir pra frente e nós ficava lá espantando, vigiando o pássaro-preto. **Ajudando a mamãe criar os menino menor,** depois morou lá uns tempo, lá não estava muito bom, nós fomos pra outra fazenda, município de Coromandel. Lá nós ficamos muito tempo e depois é que a gente veio pra cá, pra Monte Carmelo. Moramos lá no bairro Lagoinha que mudou muito. O Lagoinha tinha só umas duas casas quando nós moramos lá. Lá nesse Bairro eu perdi um irmão, o caçula, ele morreu com 4 anos e meio. Pode-se dizer que **morreu à míngua** porque não existia recurso assim, **a gente tinha a situação muito difícil.** Ele dava uns desmaios por isso é que eu falo que ele morreu à míngua porque ele era acostumado a dar esses desmaios. Então, o último desmaio que ele deu ele não voltou. Do desmaio ele entrou em coma, não teve, não foi capaz de ir a um médico. Não teve uma visita

médica. Ele ficou em coma 12 dias, praticamente morto, sabia que ele estava vivo porque ele via, acompanhava assim com o olhar, mas não sentia mais nada, não falava, não sentia, esfriou, depois ele veio a falecer [...] A mamãe é mãe de 9, já tinha morrido um antes, mais velho do que eu, depois com esse, dois (Oneida, grifos nossos).

É significativo observar na experiência de Oneida a referência em ajudar o pai, no trabalho na lavoura e a mãe, cuidando dos irmãos menores. Oneida nos sensibiliza ao narrar a morte do irmão caçula, sem nenhuma ajuda médica. O fato de a família não ter procurado ajuda médica, ainda que de difícil acesso indica uma certa “aceitação” de que algumas crianças vão morrer mesmo, como se fosse um fato natural. Outras depoentes também se referiram à perda de irmãos, dizendo que a mãe teve tantos filhos, mas que sobreviveram um número menor, como Oneida “a mamãe é mãe de 9, já tinha morrido um antes, mais velho do que eu, depois com esse, dois”.

Oneida é aposentada, negra, solteira, voluntária das creches comunitárias de Monte Carmelo e da Coalfa (Associação das Colaboradoras do Lar). Nasceu em Pains, Sul de Minas. Ainda criança mudou para São Félix, distrito de Monte Carmelo. Na entrevista falou de suas experiências como criança, morando e trabalhando na roça, ajudando o pai na roça e a mãe a criar os filhos menores. Ainda na adolescência começou a trabalhar como doméstica na casa dos outros, morando com a família para a qual trabalhava, enquanto seus familiares permaneciam morando na zona rural. Sobre o trabalho doméstico, Oneida relatou as boas relações que teve com suas patroas, da relação de confiança, amizade e compadrio ali desenvolvidos, permanecendo várias décadas na mesma casa. Oneida se orgulha de ter ajudado a criar os filhos das famílias para quem trabalhou, e tem como importante o reconhecimento dessas famílias ao seu trabalho.

Oneida participou/participa ativamente dos movimentos em Monte Carmelo, sendo líder importante da Associação de Colaboradoras do Lar (Coalfa) e das creches comunitárias ali criadas há quase três décadas, razão pela qual parou de trabalhar como doméstica nos últimos vinte anos e foi trabalhar nas creches, mas sem abandonar a Coalfa.

Trabalhar na roça e em casa foi a experiência de Claudiana:

[...] já capinei muito, trabalhei na lavoura, né? Tinha aquela tarefa de capinar aquele mundo de arroizal, não podia cortar nem um pezinho e depois com 19 anos eu voltei pra Uberlândia. [...] Foi aqui em Uberlândia que eu fiz o mobral até a 4ª série, aí depois eu fui fazendo até terminar o 2º grau. Trabalhei de doméstica muito tempo até começar a trabalhar com creche [...] Com dezesseis, dezesseis eu morava na roça. Até os dezesseis eu trabalhava na roça, aí eu não estudava não. Mas é interessante, eu tinha feito o pré, mas mesmo fazendo o pré eu dava conta de ensinar uma turma de menino a ler [...] Aí minha mãe morreu eu estava com quatorze anos, até com quatorze anos eu trabalhava de puxar cavalo, de carrear.

Aí com quatorze minha mãe morreu, aí depois minhas irmãs saiu, aí eu fui cozinhando pros pião até dezesseis anos. Aí depois eu com dezesseis anos eu fui pra Cachoeira Alta e lá eu fiquei trabalhando de doméstica, até os dezenove anos. Aí depois eu vim pra Uberlândia (Claudiana).

Claudiana é dona de casa, solteira, branca, patroa, tendo sido trabalhadora doméstica. Nasceu na zona rural do município de Monte Alegre de Minas (60 km de Uberlândia). Membro de uma família de quatorze irmãos, após o falecimento da mãe, Claudiana foi se tornando responsável pelos trabalhos domésticos em sua família. Nesse tempo, Claudiana fala dos desafios de cozinhar para os peões, a dificuldade de não saber cozinhar e não ter com quem aprender e de como era a organização da vida doméstica (mais de 20 anos atrás na zona rural no Triângulo Mineiro e Goiás). Sobre o primeiro trabalho em Uberlândia, ela lembra que era pesado, jornada de trabalho extensa e sem direitos trabalhistas como férias, folga semanal e salário mínimo. Ainda quando trabalhava como doméstica começou a participar de uma experiência de organização de creche, com o apoio de um padre franciscano. Tornou-se voluntária dessa creche, depois funcionária e no momento da entrevista trabalhava intensamente na coordenação das Creches Comunitárias Associadas de Uberlândia, uma rede de quatro creches. Ocupa-se ainda com sua vida doméstica, administrando sua casa e criando sozinha o filho Alan, estudante, adolescente.

Ao relatar sua história, Claudiana marca a morte da mãe como um momento importante, relacionando-o com a mudança em seu papel na família e na divisão do trabalho. A ausência da mãe é a razão pela qual ela deixa de ter o trabalho na lavoura com o pai, como central em sua vida, e passa a ser responsável pelo trabalho doméstico.

Nas experiências de nossas entrevistadas pareceu significativo a associação entre o trabalho na lavoura e o trabalho em casa, indicando, por um lado, a idéia de trabalhos próprios para meninas e mulheres e outros para meninos e homens, mas por outro lado, a presença de meninas e mulheres tanto na lavoura quanto no trabalho doméstico. Outro elemento que marca a história dessas mulheres refere-se ao lugar que ocupam na família e suas variações. Para Claudiana a obrigação de cozinhar começou com a morte da mãe. Terezinha diz que para ela a vida foi mais difícil porque ela era a mais velha e portanto, recaía sobre ela mais responsabilidades. Dona Francisca atribui maior sacrifício no trabalho, ao fato que o pai não tinha filhos homens para ajudá-lo na lavoura, recaindo sobre ela e as irmãs esse trabalho, além do doméstico.

Lembranças melhores da infância estão presentes no relato de Leísa que, embora também tenha apanhado, fala da escola e das brincadeiras:

Estudava muito, apanhava, e eu brincava muito com menino, eu gostava muito de brincadeira de menino, apesar de que eu tinha um monte de boneca, coisinha de casa, eu não gostava não. Eu gostava mesmo era de brincar de beto, de pique, de bicicleta, brincar de futebol. Brincadeira de homem eu gostava muito (Leísa).

Leísa é dona de casa, paulista de Pedregulho, casada, mãe de Leidiany (18 anos) e Lucas (11 anos), parda. O pai trabalhava na construção de hidrelétricas e da infância recorda a vida em várias cidades, as brincadeiras e brigas que vivenciou. Sobre trabalho, Leísa disse que nunca se fixou em nada, porque não precisava antes de casar, e o trabalho que desenvolveu por mais tempo foi em salão de beleza, bem próximo de sua casa em Uberlândia, após o casamento. Considera-se boa mãe, boa esposa e boa dona de casa, residindo nesse fator sua satisfação pessoal. Procurou passar a idéia de uma família harmoniosa e feliz. Leísa é evangélica da Igreja Assembléia de Deus, onde desenvolve vários trabalhos, seja participando dos cultos, cuidando das crianças, realizando eventos e assistência aos necessitados.

Ao falarem sobre o modo como foram criadas, algumas entrevistadas reportaram também ao modo como educaram e educam os próprios filhos e como ocorre a educação dos netos. Foi o marido de Dona Francisca, Senhor José, quem definiu como os filhos foram criados: “Foi criado iguale leitão”.

É, pois como é que eu tava falano, **a gente num teve prazo de dar amor e carinho pra eles, né? ... perdoa a gente porque... [...] tadinho é, num tinha, nunca teve um berço, foi criado num caixotinho**, um caixote, **eu criei cinco dentro de caixote, os cinco, num caixote** e... dava banho graças a Deus, o banho nas horas dava, alimento, foi criado os cinco no peito, nunca fiz uma mamadeira, mas meus menino até depois de grande é que às vezes dá dor de ouvido. **Nunca deu dor de ouvido**, dor de barriga num dei, num dá, nunca me deu trabalho nisso aí. Mas aí dava mamá dava, jogava na cama ficava lá o dia inteirinho tadinho, a gente ia corrê com as coisa (Dona Francisca).

Assim, Dona Francisca vai mostrando que, se por um lado, não viveu a infância como um tempo especial, usufruindo do direito às brincadeiras: “era só trabalhar, ajudar a criar os outros irmãos”, da mesma maneira não teve muito tempo para os filhos, quando crianças. Olhando para o passado, Dona Francisca lamenta o fato dos filhos terem sido criados dentro do caixote, de nele, ou na cama, passarem a maior parte do tempo em função das lides domésticas, dos desafios para sobreviver. Certamente essa preocupação vem de seu conhecimento atual das formas *atuais* de criar os filhos. Mas para o momento em que vivia, ela parece ter feito o que comumente se fazia, sem problema de consciência na época. E fez certamente o melhor possível, “dava banho graças a Deus, o banho nas horas dava, alimento,

foi criado o cinco no peito, nunca fiz uma mamadeira, mas meus menino até depois de grande é que às vezes dá dor de ouvido. Nunca deu dor de ouvido” (Dona Francisca).

Mas, no presente, Dona Francisca se preocupa com o modo como foi o passado. Além da falta de tempo para o cuidado, ela lamenta o fato de seus filhos terem trabalhado na infância, após as aulas.

Colocar os filhos para trabalhar, muitas vezes é uma necessidade premente, e os filhos fazem parte da estratégia de sobrevivência das classes populares, especialmente na zona rural, contribuindo inclusive para as altas taxas de natalidade.²⁴ As entrevistadas são oriundas de famílias numerosas. Mas, além de busca de solução dos problemas quotidianos, o trabalho é visto como um valor, um viés importante na construção do caráter dos filhos. É nesse sentido que Dona Conceição explica o fato de ter deixado de trabalhar fora de casa para cuidar dos filhos e a inserção deles, ainda adolescentes, no trabalho:

[...] aos 16 anos eu já coloquei, não por necessidade deles precisarem trabalhar pra ajudar na, na vida financeira de casa, no orçamento, né? De casa. Mas pra eles começá a ter responsabilidade. Eu acho que os filhos têm que começar cedo pra eles sabe dar valor à vida, porque com 16 anos todos os três estudavam à noite e trabalhava de dia. Pra eles já sentir na pele que o pai, e a mãe também, já passamos na vida pra poder consegui chegá onde nós chegamos hoje. Quer dizer nós não somos ricos, não somos médio, somos da classe baixa. Mas nós vivemos uma vida, graças a Deus, né? Bem, eu me sinto bem na minha vida familiar na minha vida social, na minha vida de trabalho. (...) Então isso que eu tentei passá pro meus filhos e acho que todo pai fizesse isso, tentar passar pro seus filhos a responsabilidade que a gente deve ter pela sua própria vida. E eu, aos 21 anos já fui pro mundo sozinha, e buscar uma estabilidade de vida, né? Peleja, não ter medo, meu pai de criação que era meu avô já tinha falecido, meu pai vivia com outra família e eu fui tentá reuni meus irmãos, né? E reuni graças a Deus, então a gente tem que ter uma meta de vida, tanto familiar quanto profissional e ter sempre uma visão de futuro. Eu nunca vivi a minha vida pensando só no hoje. Minha vida eu penso no ontem, no hoje e no amanhã. Então você tem que ter uma organização de vida. Se você não tiver uma vida organizada, você não consegue passar nada de bom pros outros, né? E foi isso que eu tentei passar pros meus filhos e graças a Deus ninguém tem uma vida... Não tem problema, todo mundo tem seus problemas, toda família tem seus problemas, tem aí com meus filho, pai solteiro sem casa, mas isso aí é normal hoje, né? E tentando por consciência na cabecinha deles que tem que assumi as responsabilidades e graças a Deus, eles estão assumindo os filhos colocado no mundo, né? Meu menino de 17 anos foi papai e tá assumindo até hoje. E tá tentando organizá a vidinha dele pra poder casar (Dona Conceição).

²⁴ “Mas, mesmo fora da fábrica, a condição de vida dos proletários é regida por uma rigorosa economia familiar. O salário do pai corresponde à parcela principal dos rendimentos, complementado tão logo seja possível, pela contribuição dos filhos, fenômeno que explica um índice de natalidade entre os operários que, por muito tempo, se manteve elevado. Nessa perspectiva compreende-se a hostilidade a qualquer restrição ao trabalho infantil. Aí se opõem as visões a longo prazo dos planejadores sociais e os interesses imediatos das famílias, cujos projetos são limitados pela pobreza. Seria preciso um outro equilíbrio para uma outra programação das coisas.” In. PERROT, Michele. Op. cit. 2003.

Dona Conceição nos fala do trabalho como um valor, meio pelo qual a população pobre deve perseguir para conseguir seus objetivos na vida. Assim, é preciso que os que não são ricos, nem médios aprendam a ser responsáveis para que a partir de um planejamento da vida possam ter uma vida boa, mesmo que seja uma vida pobre, mas organizada, planejada. Dona Conceição procura passar esses valores aos filhos, mostrando, por meio de sua história pessoal e de seu esposo, as batalhas empreendidas, as dificuldades vivenciadas para dar aos filhos melhores condições de vida. Ela acredita ser necessário que os filhos experimentem um pouco dessas dificuldades para que valorizem a vida que têm e sejam responsáveis pelos seus atos.

E o que eu passava pras que aparecia na reunião que o importante não é só vocês procurar os direito. Eu falava assim, direito com dever, a gente tem que procurar o direito mas também tem que cumprir com os deveres e quanto a isso graças a Deus, a mamãe ensinou a gente. Que a gente sempre tinha que ser, devia ser honesta, que era uma das coisas que a mamãe sempre nos orientava. Que os pobres, a única coisa que eles têm de bom é o nome e que o nome do pobre tem que ser limpo. Que é a única coisa que ele tem, que o rico pode sujar do jeito que for, mas por ser rico nada neles pega, mas o pobre ele não pode sair um pouquinho da linha, que aí ele não vale mais nada. A mamãe sempre pôs isso na cabeça da gente e a gente sempre deu muita atenção a isso. É questão da responsabilidade, a gente teve muita, muita responsabilidade até hoje. Eu sempre gostei, sempre amei tudo o que eu faço e faço com tanto amor que, às vezes, eu sou taxada de puxa-saco. Mesmo os que, aonde não tem patroa. [...] Então, a gente trabalha de doméstica, eu sempre fiquei muito tempo em cada casa (Oneida).

É significativo na fala de Oneida a referência constante aos ensinamentos da mãe e a consciência do lugar que ocupam na sociedade, demonstrando uma sabedoria popular de perceber as desigualdades sociais e as ações que cada grupo pode ter. É nesse sentido que a mãe ensina que pobre não pode fazer nada errado que tem problema e os ricos têm como resolver essa situação de outra maneira.

Assim, as entrevistadas falam de suas experiências como filhas e como mães, dos desafios de cuidar de seus filhos, educá-los, ensinar o certo, encaminhá-los na vida.

Falando de suas batalhas para cuidar dos filhos, outra entrevistada, a mais jovem delas, a Renata, disse o seguinte:

eu coloquei José Víctor na creche e fui trabalhar de doméstica, tava indo super bem, só que o José Víctor adoeceu e o médico deu atestado pra ele de creche, então não tinha com quem ficar. Aí ela (a patroa) queria que eu arrumasse um vizinho, uma pessoa pra olhar o José Víctor pra mim ir trabalhar. Eu falei que não tinha como, que ele internou (...) mas ela queria muito que eu ficasse, (...) ela também gostava muito, ela não queria abrir mão de mim, mas eu não queria abrir mão de cuidar do meu filho. Então, ela não estava entendendo, ela não tinha filho. (...) Agora ele está na creche, a Gabriela também não teve problema

nenhum. Mas naquele momento lá, que aí eu chegava do serviço, que eu não pegava ele na creche, a mãe já passava do serviço e pegava ele na creche. É ela que deixava porque eu trabalhava aqui, acho que é uma rua depois daqui. Então eu tinha que estar antes das 7:00 no serviço, 15 para as 7:00 eu tinha que estar aqui. Eu madrugava pra vir, né? E aí eu tinha que sair daqui pra... Aí era a conta de eu chegar lá, tomar banho, falar um oi pro meu filho e ir pra escola. Aí eu já chegava em casa meia noite, a escola, era longe, eu chegava em casa ele já estava dormindo. Tinha vez que eu acordava ele pra brincar, que eu não via. Aí chegava sábado, né? Que eu trabalhava no sábado também, a minha mãe ficava com ele pra mim, eu trabalhava no sábado pra ela, de segunda a sexta, no sábado era até meio dia. Só que até que o almoço saía era 2:00 horas, 3:00 horas ia embora pra casa. Aí nessa época eu tava dando catequese, eu estava fazendo crisma, aí no domingo cedo eu catava o José Vítor, arrumava ele e ia pra Igreja, aí eu tinha que lavar minha roupa, lavar a roupa do José Vítor e ajudar em casa também, né? Também eu andava só nessa correria.”(Renata)

Renata é trabalhadora doméstica, mãe de 3 filhos, branca, casada, moradora do bairro Shopping Park em Uberlândia. Na entrevista falou da infância, das andanças com a mãe, da luta pela sobrevivência em várias cidades da região, tendo trabalhado desde a infância como doméstica, mas também em granjas, no comércio. Em seu depoimento tem destaque a participação na luta dos sem-teto em Uberlândia, a construção do barraco e, em especial, o despejo realizado pela polícia. Dessa participação, Renata conseguiu uma casa no bairro Shopping Park, onde mora. Perpassa a experiência de Renata essa dimensão de luta para sobreviver, para alimentar, para cuidar dos três filhos, a princípio sem a presença de um companheiro, e no momento com o pai do filho mais novo. Falou das dificuldades em conciliar o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos. Renata acredita que trabalhadora doméstica precisa ser caprichosa e tenha uma relação de confiança e amizade com os patrões.

Renata mostra as dificuldades encontradas para cuidar de seus próprios filhos. Em seu caso, como trabalhadora doméstica, muitas vezes as exigências dos horários de trabalho dificultam o acompanhamento e cuidado aos próprios filhos. É o que relata, sobre o primeiro filho, da impossibilidade de levá-lo e deixá-lo na creche, bem como a dificuldade de conciliar a maternidade com o trabalho, especialmente quando seu filho adoeceu. Renata esperava que a patroa pudesse compreender sua falta para cuidar do filho, e atribui a não compreensão ao fato dela não ter filho e, assim, não saber a importância do cuidado pessoal no momento da doença. Nesse relato, percebemos os conflitos experimentados por quem tem que trabalhar para sobreviver e ao mesmo tempo, quer cuidar da própria família. Ainda que com riscos, Renata escolheu cuidar do filho. Assim, era necessário contar com a ajuda de outras pessoas, que em seu caso era a mãe.

Leva-nos a refletir sobre o conjunto de papéis que as mulheres na contemporaneidade exercem e de como experimentam essas situações, muitas vezes de forma dolorosa. Seu relato fala das dificuldades das mulheres pobres de cuidar de seus filhos, e no

caso da doméstica, por longo tempo, a interdição para viver sua vida pessoal, familiar, quando muitas moravam nas casas que trabalhavam.²⁵

As dificuldades de Renata para cuidar de seus filhos na cidade nos dão pistas para pensar as mudanças sociais na família e no cuidado com as crianças, da zona rural para a urbana, e nas novas formas de organização do trabalho e da família. Assim, temos que nas experiências das mulheres mais velhas o cuidado com as crianças é uma tarefa coletiva, cuidaram dos irmãos e seus filhos foram cuidados pela família:

Primeira gravidez morava com meus pais, trabalhava de empregada doméstica com a Marli... O pai dos meus meninos não ajudava, não é? E, eu morava,... como eu morava com minha vó, meu pai já era acidentado, morava... nós morava todo mundo com eles lá, a casa era grande! Pra mim foi fácil, eu tinha eles pra olhar as crianças, não é? Eu ia trabalhar e quando a Ana começou a estudar, o meu cunhado pegava ela na escola, outra hora o pai dela pegava na escola. E todos tiveram escolas boas, porque a Elice (patroa) me fez matricular eles numa escola boa. E a Ana fez conservatório muito tempo. (silêncio).No mais a gente batalhou legal, viu? Eu tive muita ajuda, meu pai, minha vó, minha tia, quando a minha mãe morreu,a minha tia é que ficou com a gente. Eu era a velha, não é? Quinze anos, aí minha tia falou: “Não,onde vai uma,vai todas.” E aí ficamos com ela, ela é minha vó. E ela casou, ficou em casa também, ela não saiu da casa. Aí nós falava assim: “Nós ficava tudo na barra da saia da minha tia, do meu pai e da minha vó.” **Meus filhos foram criados mais por eles, não é?** Porque eu trabalhava (Márcia).

Para dar conta de cuidar dos filhos, sendo solteira e trabalhando fora, Márcia diz ter contado com muita ajuda, ter criado os filhos coletivamente, ou mais pelos familiares do que por ela.²⁶ Essa situação foi vivida por Márcia há mais de 30 anos. Embora as formas de cuidado tenham se alterado, nesse tempo, incluindo aí a criação e expansão das creches públicas, a rede familiar e de vizinhança continua fundamental nas experiências das entrevistadas, como foi narrado por Renata. De forma eficiente ou precária, as redes de cuidado existem para que as mulheres pobres possam deixar seus filhos, trabalhar e sobreviver na cidade.

²⁵ Observei essa dificuldade especialmente na pesquisa realizada no mestrado, sobretudo no relato de Aparecida, que ficou grávida, morando na casa da patroa e sem ter outro lugar para onde ir. Após o nascimento de seu filho, Aparecida teve que improvisar uma moradia em um bairro da periferia, sem moveis, em condições precárias pois se tornou insustentável continuar morando na casa da patroa. FERREIRA, 2000. Para uma discussão mais geral sobre a interdição da maternidade ver. VENANCIO, Renato Pinto. A maternidade negada. In: DEL PRIORE, Mary. Org. **Historia das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

²⁶ Observamos que as transformações sociais vividas nas últimas décadas trouxeram novas formas de cuidado com as crianças, novos locais de cuidar como nas creches, sendo essa, inclusive, uma experiência de Márcia, esteve à frente de uma Associação de Empregadas Domésticas que manteve uma creche por vários anos. Em relação às creches, destaco ainda, que, a princípio, foram pensadas como um lugar de deixar os filhos das famílias pobres, uma vez que era uma necessidade para o trabalho. Mas as classes populares mantiveram a suspeita de que esse não era um lugar adequado. Recentemente presenciei em um curso de formação para domésticas a seguinte colocação de uma dona de casa: “Graças à Deus, nunca precisei deixar meu filho em creche.” Essa visão sobre o local e o sujeito do cuidado, tem se modificado, sendo a creche mais amplamente aceita e inclusive reivindicada, como direito da criança, da mulher e da família e um dever do Estado.

Márcia nasceu em Uberlândia. É trabalhadora doméstica, dona de casa, mãe de três filhos, negra. Disse que tomou gosto pela profissão com mulheres de sua família, especialmente uma tia cozinheira, e foi aperfeiçoando nas casas em que trabalhou, nos cursos de culinária que frequentou e na convivência com outras domésticas. Seu depoimento é marcado pelas citações de nomes de famílias importantes para a política uberlandense para quem trabalhou, inclusive tendo se beneficiado do conhecimento com essas pessoas, para conseguir a casa em que morava no conjunto habitacional Luizote de Freitas. Márcia estudou até a quarta série. Ela disse que na época se tivesse feito exame de admissão teria se formado, mas que não quis continuar por preguiça. A tia com quem morava a incentivava e alguns patrões também, mas ela não queria ser professora, que era a única profissão que vislumbrava. Não se casou e disse que não o fez por opção. Considera que foi uma mulher moderna para sua época, tendo, por exemplo, sido uma das primeiras mulheres de sua convivência a usar calça “esporte”. Falou da relação de amizade com as patroas, do que aprendeu com as mesmas e procurou aplicar em sua própria casa. Ela (res)sente as mudanças nas relações entre patroas e trabalhadoras domésticas, aparentando sentir falta de relações de amizade e proteção nas relações com os patrões na atualidade. Participou de encontros nacionais de trabalhadoras domésticas e, em Uberlândia, a Associação de Domésticas está sob a sua responsabilidade. No momento da entrevista Márcia disse ter como sonho receber um salário por mês e ter um lugar para ensinar às domésticas o que aprendeu nos anos de profissão.

Se, por um lado, temos experiências de mulheres pobres que precisam firmar redes de relações para conseguirem criar seus filhos, por outro, algumas entrevistadas se referiram ao fato de não quererem que outras pessoas cuidem dos mesmos, tomando essa tarefa como missão pessoal, intransferível:

É, quando eu me casei (...) eu era muito chata com casa. Mas demais. Até os prendedores que eu colocava nas roupas assim, tinha que ser um de uma cor, outro de outra cor. (...) Varal, eu achava lindo as roupas riscadinha, com os prendedores coloridos, né? Quando eu tive a Natacha também foi a mesma coisa, as fraldas eu, naquela época não tinha fralda de, se tinha eu nem sabia, descartável, era de pano. Então aquilo eu punha de molho duas vezes, uma vez em sabão em quadra, enxaguava. Outra vez em sabão em pó, então aquilo eu passava no amaciante então eu acho que eu perdia tanto tempo no serviço doméstico. Passava dos dois lado, quando ela era bebezinha. Eu tinha medo de, sei lá de passa alguma coisa pra ela. Então, toda vida eu fui muito meticulosa nessas coisas, sabe? E, trabalhava fora, eu nunca parei de trabalhar fora. Mas eu trabalhava muito, eu trabalhava fora, eu trabalhava em casa, final de semana. Eu lembro que a primeira babá que a Natacha teve, eu falava pra ela: **Você só vai cuidá da minha filha o serviço de casa eu faço**. Então quando eu chegava em casa, eu não tinha tempo, eu punha ela no colo do Maurício e eu ia fazer o serviço de casa. **Eu não confiava de ninguém fazer a sopinha dela**, eu deixava tudo pronto, suco, a fruta que ia dar a sopa, tudo cronometrado e ia. Depois eu voltava, fazia almoço sabe? Era um sufoco. Eu fui me libertando aos poucos e fui aprendendo o seguinte:

que se eu não fizesse isso, não ia sobrar tempo pra eu saí, fazer outras coisas. Hoje, eu tô mais tranqüila com isso. Mas mesmo assim, como a gente sabe fazer as coisa, a gente nunca acha que os outros fazem bem (Valéria).

Valéria é secretária, casada, tem 38 anos, duas filhas adolescentes, branca. Sua entrevista retrata diferentes momentos de sua vida, ressaltando a aprendizagem do trabalho doméstico na infância com a avó. Chama a atenção em seu depoimento o modo como organiza o trabalho doméstico articulado com o trabalho fora de casa, sendo significativo em sua fala um saber-fazer como dona de casa e patroa, sua liderança na família, capacidade de planejamento e administração o que parece tornar a realização das tarefas domésticas menos difíceis. Valéria fala da exploração vivenciada pela mulher, a sobrecarga no trabalho fora e dentro de casa, e na sua experiência procura dividir esse trabalho com o marido e as filhas, não deixando também que o trabalho sobrecarregue a trabalhadora doméstica. Por um lado, mesmo questionando essa sobrecarga de trabalho da mulher, reconhece que atribui à mulher, principalmente, a responsabilidade pela casa, “reparando” as mulheres que não conseguem manter sua casa organizada. Valéria gosta de ver filmes em casa, viajar e ler. Participa das atividades da comunidade católica de seu bairro.

Para trabalhar fora de casa, Valéria se vê obrigada a deixar a filha ainda bebê com uma trabalhadora doméstica. Essa situação é vivida como uma contingência e não uma escolha. Assim, por acreditar que cuidaria melhor da filha pessoalmente, procura deixar tudo pronto para que a babá apenas execute o que ela já planejou.

Ao tomar a maternidade e a educação dos filhos como a mais importante das tarefas, algumas entrevistadas falaram de uma imbricação entre afeto e trabalho. Isso quer dizer que, para algumas, cuidar pessoalmente, realizar alguns trabalhos domésticos revela o afeto. Assim, um copo de suco feito na hora, feijão cozido no dia, verduras bem lavadas não são apenas alimentos, mas expressão de um sentimento, de um bem querer. O modo como Valéria desenvolvia o trabalho doméstico como, por exemplo, a lavação das fraldas dos filhos, falamos do tempo gasto no trabalho doméstico, que avalia atualmente como um desperdício, talvez face à concentração do trabalho no contexto atual. Indica ainda diversas mudanças sociais que têm impactos na vida doméstica.

Valéria fala também das dificuldades em conciliar o trabalho fora e dentro de casa, da sobrecarga, e avalia que o alto padrão de exigências que estabeleceu era opressor na medida em que dificultava vivenciar outras dimensões de sua vida, como o lazer, o brincar com a filha pequena. Assim, deixar de fazer alguns trabalhos, tentar diminuir as exigências

quanto a quantidade e qualidade do trabalho doméstico, está colocado para Valéria como dimensão de sua libertação.

Assim como Valéria, Carmem fala do modo como cuidou dos filhos:

os meus quando eram pequenos eu nunca tive babá, eu ficava por conta. Eu era muito chata, pra mim ninguém servia pra tomar conta, entendeu? Eu não tinha, minha mãe faleceu a Fernanda estava com 1 mês, **então eu não tinha assim mãe, ninguém próximo pra poder ajudar e se precisasse né?** Então aí era por minha conta. Aí ninguém servia, assim pra nada. E eu ficava por conta, fazia tudo, desde comidinha, e tudo, eu era muito chata, ainda sou nesse ponto com filho, né? Mas agora é mais tranqüilo, o Lucas fez 13 anos ontem, a Fernanda está com 17, né? (Carmem, grifos nossos).

Carmem é dona de casa, branca, casada, mãe de Lucas (13 anos) e Fernanda (17 anos). Nasceu em Araguari, em 18 de dezembro de 1960 e mudou-se para Uberlândia há quase 20 anos. Mora em um apartamento no centro da cidade. Antes do casamento era bancária e parou de trabalhar fora de casa quando se casou. Mesmo tendo empregadas domésticas, Carmem quis cuidar pessoalmente dos filhos. Considera que o fato de ter parado de trabalhar fora de casa possibilitou uma boa educação para os filhos e está satisfeita com o resultado. Disse ainda que pode curtir-los e acompanhar de perto seus desenvolvimentos, o que talvez não conseguisse se trabalhasse fora. No momento da entrevista disse sentir vontade de voltar para o mercado de trabalho, mas não vê muitas possibilidades. Sabe realizar o trabalho doméstico e nas ausências das empregadas (ela tem duas) assume esse trabalho pessoalmente. Segundo ela, as trabalhadoras já sabem como gosta do trabalho. Se diz uma patroa exigente, sem ser mal educada, como algumas pessoas que conhece são com as empregadas.

Carmem e Valéria se intitularam como chatas quanto ao cuidado com os filhos, assumindo essa responsabilidade como pessoal e intransferível. No caso de Valéria, como ela trabalha fora parte do tempo, ela precisa deixar a filha com uma babá, mas tudo é feito por ela. Carmem, mesmo tendo condição financeira para pagar uma babá, não contratou, preferindo cuidar pessoalmente dos filhos, quando pequenos.

As experiências das entrevistadas como donas de casa, esposas e mães nos levam a pensar algumas questões acerca da situação das mulheres das classes populares. Entre elas, a questão de que, como a maioria morava na zona rural, como a maior parte da população brasileira, esse trabalho não tinha uma separação muito evidente entre o trabalho em casa e fora de casa, embora tivessem atribuições específicas no domicílio. Já nas cidades, parece haver uma nitidez maior entre trabalhar fora e em casa, e as depoentes, especialmente as mais velhas, falaram do costume de parar de trabalhar fora, por ocasião do casamento:

Não, foi exigência do meu marido (risos). E a dificuldade também, né? A dificuldade em São Paulo da gente arrumar pessoas confiáveis pra entregar os filhos da gente. Aí eu já casei tarde eu casei meus irmãos tudo, eu me casei eu tinha 31 anos. Com 32 anos é que eu tive o meu primeiro filho. Aí, eu preferi dá uma parada também. Concordei com ele, pedi demissão da firma que tinha 5 anos (Dona Conceição).

Dona Conceição diz que parou de trabalhar fora de casa por exigência do marido na época, e afirma que não foi motivo de conflito, uma vez que ela *concordou* com ele. Essa divisão do trabalho entre homens e mulheres, na qual cabe a mulher o cuidado com as crianças e com a casa e ao homem manter financeiramente a família, foi vivida por Dona Conceição há trinta anos atrás, como uma situação comum. Quando os filhos cresceram Dona Conceição tentou voltar ao mercado de trabalho, mas não conseguiu voltar para o lugar em que se encontrava como secretária. Ao refletir sobre sua situação ela diz o seguinte:

É... assim, valeu porque eu fui útil na formação de meus filhos, é meus filhos, na criação de meus filhos, porque há os pais que trabalham, agora a gente vê a diferença, hoje, de pais que ficam em casa criando seus filhos, e de pais que trabalham e ficam seus filhos criados pelos outros, é completamente diferente. É uma formação completamente diferente, graças a Deus, meus filhos nunca me deram problemas, nem de vida social, nem de vida de vícios, nada. Graças a Deus e são muito responsáveis (Dona Conceição).

Dona Conceição atribui à sua presença em casa a possibilidade de acompanhar quotidianamente os filhos, o bom resultado que obteve na educação dos mesmos, o fato de não terem enveredado por caminhos indesejáveis, como os vícios. Assim, ela avalia que valeu a pena, embora tenha havido um custo, pois ela conta com entusiasmo sobre seu trabalho como secretária, que jamais recuperou. Há também em sua fala um questionamento quanto aos padrões atuais de criar os filhos com *os pais* (certamente referindo-se a mães), ausentes:

Eu acho importante estar acompanhando. E os dois são muito tranquilos, cabecinha boa. Então, tem hora que eu falo assim: Eu abri mão quando eles eram pequenos e tudo, parar de trabalhar por opção. Eu achava importante, entendeu? Eu estar junto, são tranquilos, não tenho problema nenhum com eles, são umas gracinhas todos dois. E, de repente, às vezes pelo fato de não ter tanta necessidade de estar trabalhando, de repente pra estar ajudando, então eu tive oportunidade de curtir, de ficar perto, estar ensinando tudo eu mesma, entendeu? Eu não arrependo não. Apesar que agora estou naquela fase assim, de querer fazer alguma coisa, não assim trabalhar junto com meu marido, qualquer coisa. Alguma coisa eu sozinha, pra mim mesma (CARMEM).

Carmem também atribui a sua presença em casa, a *cabecinha* boa dos filhos. Cuidar dos filhos é pensado como um privilégio de classe mesmo, porque se precisasse trabalhar não

poderia ter vivido o que viveu, como ela mesma diz, pode curtir os filhos. Agora que os filhos estão crescidos ela procura construir um caminho próprio, independente dos filhos e do marido. Fala de sua opção diante das alternativas existentes, de parar de trabalhar.

A questão de parar de trabalhar após o casamento, foi uma questão interessante na entrevista com Dona Conceição. Ao perguntá-la se havia “valido a pena” parar de trabalhar para cuidar dos filhos, obtive a seguinte resposta:

Eu praticamente, eu não fiquei sem trabalhar. Nordestino não fica sem trabalhar, a gente é acostumado a trabalhar desde a idade de 7, 8 anos. Pai já põe a gente pra trabalhar. Eu fazia meus trabalhos e artesanato – eu gosto muito de artesanato. Aprendi a pintar livros, aí eu fazia muito trabalho de livros e vendia. Fazia crochê e vendia, consertava roupa. Eu sempre ajudei meu marido, um ajudano o outro, por isso que deu certo, porque um sabe respeitá o espaço do outro, sabe respeitá o valor que o outro tem, né? E graças a Deus nós, posso dizer, nós vencemo (riso). Porque ele já tá aposentado, eu também já tô aposentando, então nós já vencemo uma etapa da vida, né? (Dona Conceição).

Dona Conceição afirma que nunca parou de trabalhar. Continuou desenvolvendo suas atividades no lar e outras que geravam alguma renda. Sua fala contribui para atentarmos para os trabalhos que as mulheres desenvolvem além do doméstico, gerando renda. Assim, contribuem com a família de duas formas: com o trabalho doméstico e a geração de renda por meio de outras atividades que desenvolvem em seus lares. Um elemento importante na fala de Dona Conceição é o modo como pensa e se refere à relação com o marido, que ela classifica como de respeito, de ajuda mútua, com contribuições específicas de ambos para o sentimento de vitória, de ter vencido na vida. Fala ainda da importância de ter tido um marido companheiro, com quem ela compartilhou a vida e não encontrou tantas dificuldades. Analisando a situação da mulher, afirmou:

Mudou, passô uma transformação muito grande. Graças a Deus eu tive um marido, marido companheiro, também, né? O que é difícil, e... lá namorei vários rapazes, mais na área estrangeira, pensei que eu ia terminá morando no estrangeiro, né? (risos) No fim conhecendo um primo que morava lá, e eu não sabia que morava lá, nem conhecia esse primo e também casei com ele (Dona Conceição).

Assim como Dona Conceição, outras entrevistadas referiram-se ao trabalho que realizaram em casa, quando não trabalharam para fora. Entre essas atividades foi citado o artesanato, vendas de alguns produtos, fazer “salgadinho” de vez em quando (como contou Ordália), lavar roupa, passar roupa para os outros em casa, costurar, mexer com salão, buscando conciliar o trabalho em casa com a obtenção de alguma renda para a família.

São variadas as formas como as donas de casa entrevistadas experimentam suas situações concretas de vida, as escolhas possíveis que fizeram. Se Dona Conceição e Carmem, por exemplo, falam da vitória de terem conseguido educar os filhos, Ordália aborda as perdas que teve, o que adiou na vida em função dos anos passados no trabalho em casa. Falando sobre a situação da mulher, afirma:

E a mulher da minha geração é vista como objeto da casa. Se for analisar de fato é isso [...] Assim, roupa lavada e passada, não sabe as condições que foi lavada e passada. É complicado minha filha. Lá em casa é muito difícil, a gente sabe que o casamento já acabou mas é aquela coisa de moradia, porque agora, depois que eu saí, eu sei que dou conta de mim, mas eu também não acho justo deixar a casa para ele. Depois de tanta luta, tanta [...] quem sabe a vida dá uma reviravolta e a gente pode mudar. Assim, a mulher está mais fácil porque ela tem liberdade de trabalhar, ela tem liberdade de estudar. Eu acho que ela hoje tem muitas vantagens, dependendo do marido, né? Do casal, né? Porque hoje eu estou sentindo que a mulher está fazendo opção pra ficar sozinha. Esse senhor que eu trabalhei vinte anos, encontrei com a menina que freqüentava a casa lá, até comentei com minha filha, eu encontrei com umas 8, tem duas viúva e o resto tudo separada (Ordália).

Essa é a maneira como Ordália interpreta seu casamento, à luz das dificuldades enfrentadas no presente e no passado. Com o crescimento dos filhos, ela retomou o trabalho fora de casa como diarista e conseguiu uma certa independência. Quando casou e teve a primeira filha, Ordália teve que abandonar os estudos porque o marido não se dispunha a olhar a filha para que ela pudesse estudar. No momento da entrevista tinha retomado, há alguns anos, os estudos e diz que estava “pegando minha identidade de volta”.

Para além de todas as tarefas, que algumas donas de casa evidenciaram em suas falas, aquela que consideram mais importante – e também desgastante – refere-se ao papel que cumprem no interior da família. Nesse sentido foi bastante instigante a colocação de Dona Francisca:

É nada, é só a gente. Hoje mesmo tá quase que igual, mas pra mim aqui, eu mesma que tomo conta, eu mesma que faço tudo. Ele aí, ele nunca trocou uma fralda num filho, nunca. É assim. Se eu tivesse doente ele fazia. [...] Mas graças a Deus eu não tenho nenhum filho perdido, graças a Deus! Tudo pra onde eles andam eu só tenho felicidade, graças a Deus! Não é fácil trazer uma família dominada, igual eu trouxe, não! Graças a Deus (Dona Francisca).

Dona Francisca afirma que em sua casa ela é que faz todo o trabalho doméstico, embora o marido não mais trabalhe fora de casa. O marido nunca participou das tarefas domésticas, a não ser em casos excepcionais como quando ela adoecia, mostrando que o trabalho doméstico continua sendo sua atribuição. Dona Francisca também ressalta o seu

papel na educação dos filhos, e como fator de unidade e autoridade na família, falando das dificuldades de manter uma *família dominada* como ela manteve. Com isso Dona Francisca mostra a centralidade da sua atuação na família, a sua importância para que a família continue *unida* em torno de projetos e pessoas, como é o caso dela.

Assim, nas experiências analisadas temos relatos em que as entrevistadas falam de uma complementaridade de seu trabalho como donas de casa e de seus esposos, às vezes na busca de uma construção harmoniosa, como temos também relatos que contestam essa situação, como mostramos na fala de Ordália. Ordália e Valéria falam de uma redivisão do trabalho doméstico para conseguirem vivenciar outras dimensões da vida como o estudo, o lazer, a leitura.

O trabalho de donas-de-casa – tornar visível/reconhecer o trabalho

Ao analisarmos essas experiências, buscando mostrar essas diferenças, procuramos não incorrer no erro de desconsiderar ou subestimar os poderes das donas-de-casa, especialmente das classes populares, muitas vezes pensadas como vítimas, coitadas, nos reportamos aos estudos de Michele Perrot, que afirma:

A dona-de-casa entre as classes populares urbanas é uma personagem maior e majoritária. Majoritária porque consiste na condição da maioria das mulheres que vivem maritalmente, casadas ou não, sendo o casamento civil mais geral e normativo, principalmente quando elas têm filhos. O modo de vida popular, como se disse, supõe a mulher “em casa”, o que não significa “no lar”, pois devido às paupérrimas condições de moradia, o alojamento é mais um local de encontro do que de residência. Polivalente, a dona de casa é investida de múltiplas funções. Em primeiro lugar, dar à luz e cuidar das crianças, e ainda muito numerosas nas famílias operárias, que são das últimas a limitar o nascimento de filhos. A mulher do artesão e a pequena comerciante deixam os filhos com a ama-de-leite, mas as mais pobres amamentam pessoalmente os bebês, desnudando o seio... A dona de casa leva os filhos junto consigo; eles a acompanham tão logo começam a andar, vindo a ser figuras familiares nas ruas... Progressivamente, o dia e os movimentos da dona de casa vão seguindo o ritmo das atividades dos filhos, em especial o horário da escola.

Segunda função: atender a família, com os “serviços de casa” que abrangem as mais variadas coisas: procurar o melhor preço dos alimentos, por compra, troca ou até “coleta”, tantas são as oportunidades de aproveitar os restos de alguns compra por atacado nas grandes cidades; preparar as refeições, inclusive a “marmitta” do pai, quando esse trabalha longe; buscar água e acender o fogo, cuidar da casa e principalmente das roupas de uso pessoal e de cama, mesa e banho, lavadas, reformadas, consertadas e remendadas... Tudo isso implica um gasto de tempo considerável, com idas e vindas. (...)

Por fim, a dona de casa se esforça em trazer para a família uns “trocados” obtidos principalmente com tarefas domésticas: faxinas e lavagens de roupa, sistematicamente cumpridas pelas “lavadeiras por peça” dos lavadouros, serviços de recados e entregas (a entregadora de pão é uma figura bastante conhecida), pequenas peças de porta em porta,

aproveitando o menor cantinho da calçada e a mais ínfima diferença de preço (PERROT, 2003: 143-144).

Michele Perrot, analisando a situação das donas-de-casa parisienses no século XIX, mostra como essa era condição da maioria e os poderes que essas mulheres exerciam, sendo importante referência para pensarmos as experiências de donas de casa, tão pouco debatidas na historiografia. Um elemento que aponta como trabalho da dona-de-casa é dar à luz, cuidar da criança e amamentar, sendo essas duas funções das mulheres das classes populares. Essa colocação ajuda a pensar que, além dos aspectos afetivos, a maternidade, o cuidado com as crianças e a sua alimentação impõe tarefas, em geral, realizadas pelas mulheres, e pouco vistas pela sociedade. Algumas dessas tarefas são realizadas à noite, contribuindo para a invisibilidade do trabalho. Além dos cuidados com os filhos, Perrot refere-se aos serviços da casa, que são muitos, como cuidar das roupas (lavando, passando, consertando); limpar a casa; cozinhar; fazer as compras, etc. A esse conjunto de tarefas as donas-de-casa dos meios populares acrescentam a realização de serviços para aumentar a renda familiar.

Guardadas as diferenças entre as experiências analisadas por Michele Perrot, e a presente pesquisa, seu estudo contribui para pensarmos nas inúmeras tarefas desenvolvidas por donas-de-casa realizam e contribuem para dar visibilidade ao trabalho que a maioria das mulheres exerceu/exerce.

As donas-de-casa consideram, em geral, que o trabalho doméstico é cansativo e desgastante. Nesse sentido, dialogam com a desconsideração social de seu trabalho como “não-trabalho”.

Uai, o trabalho da dona-de-casa é um trabalho que não acaba. Amanhece o dia faz, desmancha, torna a fazer. Faz, na mesma hora desarruma, torna a desarrumar de novo. (...) Ué, eu lavo, passo, cuido da casa, eu não pago pra fazer nada pra mim. Até meu marido fala assim: Por que você não paga pra lavar roupa? Agora eu estou com problema nos braços, dor nos braços. Por que você não paga pra lavar roupa uma vez por semana? Faxina, assim, na casa. Mas eu não acho necessário, porque só nós dois. A gente ganha, a renda da gente é pouca, tiramos é de casinha de aluguel, ele não é aposentado. Então, não dá pra mim pegar, pagar um salário pra uma pessoa cuidar de uma casa tão pequena igual essa minha, né? (Dona Nice).

Em função de problemas de saúde (coluna, reumatismo, etc.), Dona Nice sente dificuldade em realizar o trabalho doméstico que é, muitas vezes, penoso, pesado, repetitivo. A idéia de que o trabalho doméstico é leve tem sido bastante discutida pelo movimento das trabalhadoras domésticas, uma vez que essa visão, em geral, contribui para a não compreensão de difíceis condições de trabalho das pessoas que o executa. Por outro lado

temos que considerar que algumas especificidades do trabalho doméstico; se apresentam como facilitadoras da vida de algumas mulheres, sendo essa a razão de muitas delas continuarem no trabalho doméstico. Com isso, estamos levantando a idéia de que, se por um lado, o trabalho da dona-de-casa e da trabalhadora doméstica não seja facilmente realizável como possam supor aqueles e aquelas que não o realizam, por outro lado, esse trabalho, em suas especificidades, tem seus atrativos e, certamente, esse é um dos elementos da manutenção de muitas mulheres nessa atividade. Ainda assim, a consciência das dificuldades do trabalho doméstico é importante, na medida em que, melhor atenção a essa questão pode levar a uma prevenção dos problemas de saúde, que muitas donas de casa e trabalhadoras domésticas têm. A consciência das dificuldades do trabalho doméstico é um elemento importante para reconhecermos o valor desse trabalho e reconhecê-lo como “trabalho”, o que historicamente não aconteceu.

Dona Nice faz referência ao fato do marido demonstrar preocupação por ela realizar todo o serviço da casa. Ele não se propõe a fazer parte dele, mas sugere que ela pague alguém (certamente outra mulher) para ajudá-la. Não há por parte de Dona Nice nenhuma queixa quanto ao trabalho realizado, ao contrário, ela dá graças a Deus por conseguir realizá-lo, ainda que com dificuldades por causa dos problemas de saúde. O ritmo do trabalho é determinado pelas suas condições de realizá-lo, não tendo de se submeter às determinações externas, como acontece com a trabalhadora doméstica. Dona Nice tem problemas na coluna e não aceita usar os poucos recursos financeiros para pagar uma pessoa para a realização do trabalho doméstico. Assim, seu esforço e sacrifício é uma contribuição, considerada pelos censos como “não monetárias”, mas que tem um impacto direto na renda de sua família, sendo, portanto, inequívoca a sua contribuição para as finanças da casa.

No caso de Carmem que é dona-de-casa em tempo integral, perguntada sobre quais eram suas atribuições na casa, ela primeiro disse que em casa, ela quase não trabalhava, por conta das duas domésticas que trabalham para ela: “agora trabalho doméstico realmente pra mim, durante a semana não sobra muita coisa não”. Foi necessário questioná-la mais de uma vez, para que fosse aparecendo seu trabalho, visto, a princípio, por ela mesma, como “não-trabalho”:

fiquei mais por conta de casa mesmo, motorista de menino, pra baixo e pra cima, levando menino o dia inteiro, foi mais isso. Mexi com outras coisinhas, mas nada que, bijuteria, umas coisinhas, mas nada que fosse assim, falar: Não, uma coisa mais séria. Bem que eu olhei, procurei, mas até agora não achei nada ainda não (riso). Idéia, tem muitas (Carmem).

A experiência de Carmem ajudou a clarificar no estudo a chamada invisibilidade do trabalho doméstico, especialmente o realizado pela própria dona-de-casa, muitas vezes considerado “não-trabalho”. As tarefas que Carmem executa como, por exemplo, ser motorista dos filhos, se realizada por terceiros, e no caso do motorista, por um homem, contratado para a função é visto como trabalho, reconhecido como tal e remunerado. Exercido pela dona-de-casa, muitas vezes, fica invisível, como se fosse tarefa menor.

A não ser final de semana que você tem que estar lavando, lavando coisa de pia, uma roupa. Uma coisa suja, sempre acaba, não tem jeito. Dona-de-casa não tem jeito, você falar que não mexe com nada. Mas eu tenho a sorte, durante a semana eu não preciso fazer, né? A não ser o dia que uma falta, que você acaba, faz o almoço. Mas, normalmente, tranqüilo (Carmem).

O depoimento de Carmem ajuda a pensar também que a situação das donas-de-casa é diversa, cada grupo conta com mais ou menos equipamentos sociais, tais como creches e escolas, ajuda contratada ou familiar, o que certamente contribui para maior conforto das donas-de-casa que dispõem dessa infra-estrutura. Aqui devemos enfatizar essa diversidade e desigualdade de situações que experimentam as donas-de-casa. Embora tenham como característica comum muitas responsabilidades sobre o funcionamento da casa, a educação dos filhos e outros membros, o cuidado com idosos, pessoas com alguma deficiência, etc, a forma como lidam com isso é bastante variável. Destaco a condição de classe social a qual pertence, uma vez que esse elemento marca diferenças fundamentais entre as donas de casa, gerando responsabilidades específicas na família e na casa. Este estudo se aproximou das experiências de mulheres de classe média e baixa, e por ele pude observar que as mulheres das classes populares fazem da vida uma batalha constante para a sobrevivência, tendo que suportar uma carga muito pesada para sobreviver. A dureza da luta pela sobrevivência é semelhante à de outros trabalhadores pobres, que ganham o sustento com muito desgaste físico, conforme pudemos conhecer pelos estudos de Luzia Márcia Silva, que estudou as experiências dos carregadores de mercadoria; Ana Magna Silva Couto, que retratou as experiências dos catadores de papel; Edmilson Lino Guilherme, que analisou a vida dos trabalhadores da construção civil, por meio de seus relatos; Luiz do Carmo, que estudou as Funções de Preto em Uberlândia, e as batalhas de homens negros para sustentar suas famílias.²⁷ Nesse sentido, apontamos que a sobrevivência das classes populares é conseguida

²⁷SILVA, Luzia Márcia de Resende. **Carregadores de mercadorias**: memórias e lutas Uberlândia-MG, 1970-2000. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2003. (Tese de Doutorado); COUTO, Ana Magna Silva. **Trabalho, cotidiano e sobrevivência**: catadores de papel e seus modos de vida na cidade. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2000. (Dissertação de Mestrado);

a preço, muitas vezes, da própria saúde, a custo de trabalho pesado, penoso, e às vezes, até perigoso.

As depoentes reportaram a uma diferença entre mulheres de “antigamente” e mulheres “de hoje”. “Porque eu vejo as adolescentes de hoje, parece que já nasceram cansada, né? Meus filhos, meu marido, nunca escutaram eu falar assim: ‘Ah, eu tô cansada’” (Dona Coceição). Essa queixa tem uma dimensão bem concreta do que a depoente está vivendo no momento da entrevista. Dona Conceição estava próxima de completar 60 anos, tendo pagado o INSS como autônoma, tempo suficiente para se aposentar. Embora pudesse usufruir de uma vida mais tranqüila, continuava trabalhando como diarista para ajudar os filhos. Em sua casa é responsável por todo o trabalho doméstico. Assim, a alternativa para diminuir suas tarefas domésticas seria o casamento dos filhos. Mas não percebia as noras com disposição para assumir a tarefa de lavar, passar, cozinhar. Da mesma maneira, Dona Conceição defendia que os filhos assumissem suas responsabilidades frente às namoradas. Nesse caso, é interessante observar a ambigüidade de Dona Conceição, uma vez que ela era, por ocasião da entrevista, membro efetiva do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, via a mulher com poucos direitos e defendia a sua ampliação. Na sua experiência cotidiana como mãe, sogra, esposa, assumia sozinha a lida doméstica, e buscava alternativas que podemos nomear como conservadoras para a diminuição do trabalho doméstico, mas que, dentro de sua experiência, coerente e razoável e, talvez, a que lhe parecia possível.

Algumas entrevistadas falaram da coragem das mulheres de sua geração, o que garantiu no caso delas, superar as dificuldades e vencerem na vida. Essa afirmação é utilizada para mostrar que as mulheres “de hoje” não têm coragem para enfrentar o trabalho. Essa visão está presente em depoimentos de mulheres com 60 anos ou mais como Dona Conceição e Dona Francisca, mas também no depoimento de Claudiana que é uma geração mais nova que as primeiras. Isso indica um questionamento das mudanças nos modos de vida e que o anterior lhes parece mais adequado nesse aspecto.

Assim, observamos que a idade de Dona Conceição e Dona Francisca tem grande importância no resultado da entrevista, pois são as questões que se colocam no presente, como as dificuldades em realizar o trabalho, a falta de compartilhamento do mesmo, que as fazem

GUILHERME, Edimilson Lino. **Uberlândia, as mãos que te constroem:** trabalhadores da construção civil – Uberlândia 1970/2000. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2001; CARMO, Luís Carlos. **Função de preto.** São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2000. (Dissertação de Mestrado).

comparar este presente com os tempos passados, e ver neles mulheres mais corajosas no enfrentamento das dificuldades da vida.²⁸

Além de enfrentar com coragem a labuta cotidiana, as mulheres mais velhas falaram de um aspecto relevante do seu sistema: não se queixarem para a família e, sobretudo, para o marido, das dificuldades da vida e do trabalho realizado, como parte de seu “sistema”:

Também não tinha gosto de arrumá uma cama, caía, se chovia o terrão caía, carrapato no chão. Menina do céu, nas pernas da gente desses bichos, eu quase fiquei doida. Mas ele (referindo-se ao marido) ia pro serviço eu ia chorar, de vê aquelas manchas nas perna dos filhos, da gente. E, na hora que eu via que ele tava chegando, o almoço pronto lá, ele nunca via eu chorá porque se ele visse ele perguntava assim: “Por que você tá chorando?” “Eu tô achando aqui ruim, eu quero í embora pra outro lugar”. A gente, naquele tempo, eu paguei quatro contos, a mudança pra cá. Vai pagá mais três, quatro contos pra outro lado?! Cheguei lá, às vezes num tinha casa. Morei debaixo de árvore e, carregano madeira no ombro pra fazê esse rancho de barro pra gente (Dona Francisca).

Nesse momento da entrevista Dona Francisca recorda os primeiros tempos de casamento, os filhos pequenos, ela distante da família, em uma fazenda, há, aproximadamente, quatro décadas. Em sua fala a descrição das condições de vida, com destaque à questão da moradia. A chuva que atinge a casa, o terrão que cai, a presença de carrapatos em suas pernas e das crianças. A construção da moradia, carregando madeira para fazer “esse rancho de barro para gente”. Nesse sentido, o passado não é lembrado de forma idealizada, como um tempo bom. Muito concretamente, Dona Francisca se lembra das dificuldades. Talvez porque, no presente, Dona Francisca se encontre em melhores condições, não idealize uma volta imaginária ao passado.

Face às dificuldades, Dona Francisca chora. Choro solitário que ela não queria compartilhar com o marido para não preocupá-lo, como parte de seu modo de encarar a vida. Parece não se tratar de conformismo em relação à sua condição, mas de conhecimento da realidade vivida. Diante da situação financeira, Dona Francisca pensa como importante suportar as dificuldades para construir um futuro melhor para sua família²⁹. Outro elemento

²⁸ Sobre a questão do tempo na História Oral ver PORTELLI, Alessandro. O momento de minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et. all. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

²⁹ Acerca da noção de carreira, trabalho e sacrifício em nome de um futuro ver: Richard Sennett “A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do capitalismo”. O autor aborda a forma como o capitalismo atual, chamado flexível, traz conseqüências para os trabalhadores, na medida em que abole as perspectivas de futuro, de horizontes antes sonhados, não valoriza a carreira, não aponta um caminho que pareça seguro aos trabalhadores, o que gera muitas dificuldades da ordem financeira, afetiva, psicológica. Essas mudanças alteram a organização dos trabalhadores e os próprios laços entre pessoas que trabalham juntas, uma vez que as mudanças constantes no quadro de pessoal das empresas, a rotatividade, a competitividade, dificultam os laços de amizade mais permanentes que precisam de tempo para sua construção.

para avaliar no choro escondido é o peso de sua vontade na relação com o marido. Parece ser suficiente a vontade dela de mudar para que o marido aceite. Tal afirmação leva-nos a considerar a complexidade da relação entre homens e mulheres no que se refere à diversidade de suas experiências. Desta maneira, não julgaremos as mulheres nomeando-as conformadas ou subalternas, mas sim, as compreenderemos sujeitos construindo sua história ao fazerem suas escolhas, por vezes em condições tão adversas:

Aí eu faço, o dia que eu dou conta de fazer, de limpar a casa toda eu limpo, o dia que eu não dou conta, eu limpo hoje, amanhã eu não limpo, né? Só comida, vasilha que a gente tem que trazer tudo em ordem. Mas o chão por exemplo, não dá pra mim limpar assim todo dia, não é porque eu não dou conta, porque se eu não sentisse nada eu dava conta, mas eu tenho tantos problemas de dor nos braços, reumatismo, dor na coluna. Aí tem dia que a gente não está boa não dá conta de cuidar né? Mas eu é que faço tudo em casa, graças a Deus, lavo, passo, cozinho, arrumo. Às vezes minha menina aí no sábado ela vem e depois que ela, que ela trabalha só até sexta feira, no sábado, depois que ela arruma a casa dela lá, ela vem e dá uma geral aqui, uma lavada. Mas na semana eu limpo. Eu gosto de fazer tudo. Eu não gosto de passar roupa, me dá mais preguiça, mas eu gosto muito de lavar roupa, gosto de cuidar da cozinha, fazer as coisas na cozinha (Dona Nice).

Dona Nice procura explicar as razões porque há dias em que não limpa toda a casa. Como toma como sua obrigação o cuidado com a casa, a incomoda o fato de não dar conta de fazer tudo todos os dias, sendo essa, certamente, a razão para a justificativa durante a entrevista, para que a entrevistadora não tivesse uma idéia errada sobre ela.

Para conseguir realizar o trabalho doméstico Dona Nice divide as tarefas entre aquelas essenciais que precisam ser feitas todos os dias como cozinhar e lavar louça, limpar a cozinha, e aquelas que podem ser feitas em dias alternados. Notamos, assim, uma tática construída quotidianamente. Outro aspecto a observar na fala de Dona Nice é a referência à ajuda da filha em dias de sábado. O trabalho doméstico é experimentado como trabalho de mulher, e a filha se propõe a ajudar a mãe que está em dificuldade. Essa solidariedade entre gerações revela arranjos familiares, laços de solidariedade, expressão dos costumes e experiências de Dona Nice e sua filha. Valores que parecem ser de costumes antigos, mantidos por algumas famílias, alterados/refeitos em outras:

Às vezes a minha casa vive assim bagunçada por causa de, às vezes, tem dia, igual eu estou te falando, tem dia que eu dou conta de fazer, tem dia que eu não dou. O dia que eu estou com a coluna mais doendo aí eu deixo, deixo pro outro dia, deixo melhorar depois eu, no outro dia eu faço. Faço o que eu dou conta hoje, amanhã eu faço o resto (Dona Nice).

Dona Nice se mostra preocupada com a visão que temos de sua casa. Sabemos que a organização da casa, a educação das crianças são levadas em conta na avaliação que a sociedade faz da dona de casa. Ora, para uma dona-de-casa que assim pensa é difícil não manter a casa no padrão de limpeza e organização que vão se estabelecendo em seu meio social – e fora dele – como aceitável, uma vez essa responsabilidade será cobrada dela e não de outras pessoas que ali residem.³⁰

A desvalorização do trabalho doméstico tem levado as novas gerações a não querer realizá-lo, o que interpreto como uma tendência de concentração do trabalho doméstico.³¹ Assim, ao invés de mais pessoas (homens, mulheres, jovens) participarem dele, mulheres pobres, mais velhas, estão sendo sobrecarregadas. No caso das famílias com melhor poder aquisitivo, há também uma concentração de trabalho de uma outra maneira, por meio da terceirização, por meio das trabalhadoras domésticas e a substituição de parte do trabalho doméstico realizado em casa, por equipamentos sociais como escolas infantis, lavanderias, restaurantes, etc. Em alguns extratos da sociedade, há também indícios de alterações nas relações, tornando-se cada vez menos excepcional alguns homens participarem de algumas tarefas domésticas, novos arranjos familiares para dar conta dos desafios da vida doméstica, da articulação dos desejos da pessoa e do grupo.³²

É baseando-se nessas novas compreensões que Valéria reclama a participação da família nas tarefas domésticas quando ela cozinha, assim como Ordália que deixou marido e filhos se organizarem por conta própria durante a semana.

Ao refletir sobre as experiências das mulheres pobres do Brasil, nas atribuições que exercem em sua família, e como vão construindo sua história em cima das possibilidades existentes, observamos que suas vidas têm se organizado em torno do trabalho, da luta pela sobrevivência, do casamento, do cuidado com os filhos.

Além das contingências, as entrevistadas falam dos valores em relação ao trabalho e ao cuidado com os filhos. É nesse sentido que acompanhamos o depoimento de Valéria:

Mas quando eu me casei, eu trabalhava só meio período, eu trabalhava das 13:00 horas às 18:00. Então, de manhã eu fazia muita coisa em casa eu só pagava pra ficar com... (a filha), babá só pra tomar conta mesmo. Eu não tive muito tempo pra ficar com ela, pra curtir ela não, sabe? Só parava pra dar de mamar. Hoje, eu acho isso erradíssimo, eu admiro as

³⁰ A meu ver essa é uma questão persistente pois, mesmo as pessoas que se dizem e querem ser progressistas, têm dificuldade de mudar de visão. Casa desarrumada e crianças desobedientes, via de regra, caem na conta da dona de casa, que fica vista como relapsa, desorganizada, etc.

³¹ Sobre a desvalorização do trabalho doméstico ver: MAGALHÃES, Aceli. op. cit.

³² Ver ABDALA, Mônica Chaves. As famílias vão ao self-service...op. cit., que analisa experiências de famílias de classe média e escolarizadas.

mulheres que tão em casa e a casa tá assim, oh! De perna pro ar! Eu admiro mas eu reparo. Eu não deixo de reparar porque quando você sabe fazer as coisas, você chega na casa do outro que tá desarrumada, você sabe que tá bagunçada, é feio, né? (Valéria).

As exigências de Valéria em relação ao trabalho doméstico, essa opressão que ela diz que foi criando, é uma construção histórica e social, julga a mulher pela limpeza de sua casa, acaba funcionando como uma tirania sobre as mulheres, e que muitas vezes ajudamos a construir. Valéria disse ter percebido que o padrão de exigência por ela estabelecido era muito alto e a impedia de viver outras dimensões de sua vida. Sendo assim, ela procurou se libertar, nas palavras dela, dessa situação. Entretanto, não é uma mudança fácil. A própria Valéria disse que repara quando a “mulher” deixa a casa bagunçada: “eu crucifico” a colega. Nesse sentido, vemos mais uma vez que as mudanças pelas quais passou a relação entre homens e mulheres, não foram capazes de alterar o principal sujeito social mais responsável pelo trabalho doméstico, ainda que alguns homens e mulheres já estejam construindo, novas experiências. Em geral se pensa, e se cobra da mulher, a responsabilidade pela organização do lar.

Se as exigências recaem sobre a mulher, é preciso criatividade para dar conta de tantos afazeres. Na experiência de Dona Conceição, que faz sozinha todas as tarefas em casa, combinadas com trabalhar fora, cuidar da saúde, participar da vida religiosa e comunitária de seu bairro, ela diz que tem como aliada a organização:

Você tem que organizá, né? Têm os dias que eu fico em casa, faço uma faxina geral eu lavo a minha roupa. Passação de roupa eu faço sempre à noite, é difícil o dia que eu vou dormir cedo, eu durmo tarde e acordo cedo. Não consigo dormir cedo, eu não acostumei e quando eu trabalhava fora, eu trabalhava durante o dia e quando chegava à noite tinha os afazeres de casa pra fazê então, eu costumei dormi tarde, se eu durmo cedo, eu acordo mil e uma vez na noite, aí não consigo dormi direito, e eu dormi tarde, difícil eu dormi antes de meia noite. Meia noite e meia, uma hora, seis horas eu já to de pé, tem a ginástica que eu faço, caminhada eu fazia, tem caminhada, caminhada eu fazia, parei minhas caminhada, tô fazendo hidrogenástica, eu faço duas vezes por semana, e tem a ginástica que eu faço todos os dias. A gente tem que cuidá também da saúde, né? Aí, seis horas eu tô de pé, seis e meia eu tô saindo, faço uma caminhada de meia hora pra chegá aonde eu vou fazer a ginástica, faço a ginástica uma hora, volto e aí vou pras minhas atividade. Aí vou pra minhas diárias, pro meu serviço diário ou em casa ou fora. Você tem que sabê organizá sua vida, por exemplo eu chego do serviço às vezes seis horas, seis e meia, sete e meia eu já tô saindo pros meus trabalho de igreja. Mas a gente sempre tira o tempo pra casa da gente, né? Porque o trabalho da igreja a gente faz dentro de uma hora, no máximo uma hora e meia, depois eu tô em casa, aí eu vou pro ferro passar roupa, até meia noite, meia noite e meia. Aí eu passo minha roupa tudo. Dois dias eu passo minha roupa, duas vezes por semana eu lavo a minha roupa, são cinco pessoas dentro de casa, mas um tá sempre viajano então, só quatro. E eu, parece que é Deus que me abençoa que eu não sinto cansa eu chego, faço minha janta, correndo pra ir pros meus trabalhos da igreja. Eu chego já vou pro ferro vou passá roupa ou então se eu não tem serviço de roupa pra fazer, eu pego um crochê vou fazer. Não sei ficá

sem fazê nada. Se eu ficá sem fazê nada é que eu me sinto doente (risos). E é assim (Dona Conceição).

Dona Conceição fala da organização de seu tempo no dia-a-dia. O que não varia é o fato de levantar cedo e dormir tarde. Além disso, ela diz separar as tarefas de cada dia. Fazer faxina geral, nos dias em que não trabalha fora, uma vez que, no momento da entrevista, trabalhava como diarista. Lava roupa duas vezes na semana, e passa também duas, essa última tarefa realizada à noite, quando volta dos trabalhos da Igreja.

Esse assumir as tarefas domésticas como suas, realizadas independente das condições, é a marca dos depoimentos de Dona Francisca, Dona Conceição e Dona Nice. No caso de Dona Conceição é interessante observar a articulação que faz para dar conta de tantas atividades. Participante da vida comunitária no bairro, membro freqüente da Igreja Católica, dirigente dos Vicentinos, membro da Associação de Diaristas – tendo sido coordenadora geral e tesoureira –, ela articula tudo isso com o trabalho para “os outros”, mas sem esquecer da “casa da gente”, conseguindo ainda fazer ginástica, cuidar da saúde, etc., responsabilizando-se por todo o trabalho doméstico. Ao não demandar a ajuda de maridos e filhos, realizar esse trabalho, em muitos casos, longe dos olhos dos outros membros da família, acaba contribuindo para reforçar a idéia de “papéis” sociais tradicionais e para a invisibilidade do trabalho doméstico. Outro lado dessa mesma questão é a não usufruição do direito ao descanso não reconhecido pela sociedade, e que as próprias donas-de-casa negam a si mesmas. Assim, a “liberdade” de Dona Conceição de participar dos movimentos sociais, da vida religiosa e trabalhar fora, tem um custo: a realização de todas as tarefas domésticas, sem ninguém na casa tomar conhecimento das dificuldades para a sua realização. O trabalho doméstico acaba sendo visto como missão, que consegue realizar, também, pela ajuda de Deus.

Porque quase todos os dias de segunda a quinta eu tenho trabalho da igreja, fazê à noite, né? Na segunda, a reunião que eu dirijo dos vicentinos, na terça tem o terço de N. Sra. de Fátima, de peregrinação no bairro, vai de casa em casa. Na quarta eu faço o terço dos vicentinos, cada quarta é na casa de um dos vicentinos que a gente reza o terço. Na quinta, tem a celebração na igreja, eu faço parte do coral da igreja, eu faço canto. Na sexta feira tem o ensaio do coral (risos). Eu falei que era só na quinta, mas na sexta tem o ensaio do coral que a gente canta. No domingo tem a missa, né? Só sobra o sábado (Dona Conceição).

Ao refletir sobre as experiências dessas mulheres, suas trajetórias, suas lembranças da infância – muito lembrada pela maior parte das entrevistadas em relação ao trabalho -, observamos os caminhos que procuraram seguir, as batalhas empreendidas, suas vitórias e

derrotas. A partir do vivido, várias delas consideram que, apesar das condições que tiveram, se julgam vencedoras, uma vez que superaram diversas dificuldades. Suas interpretações do passado e presente apontam ambigüidades, tensões, marcadas pelo momento em que vivem, ora apontando avanços, ora reiterando as práticas e valores do passado, como os mais eficientes para resolver os problemas sociais do presente. Seus relatos mostram, muito claramente, o caminho que percorreram, firmando-se como sujeitos sociais, buscando construir sua própria história. Assim, rompem, acomodam, criam, reproduzem relações, mas não se construindo e se firmando como sujeitos que escolhem, decidem, planejam. No contexto de suas experiências, buscam explicar suas escolhas, torná-las compreensíveis aos olhos daqueles que não viveram o que elas viveram e que, portanto, precisam olhar para suas histórias sem preconceitos, estereótipos, modelos do que seja ser mulher, dona-de-casa, patroa, trabalhadora doméstica, filha, mãe, esposa, nesse e em outros tempos históricos e sociais.

Capítulo 2

No espaço da casa, na reclusão da cozinha, como na rua, a mulher se tornou a atriz central da cena, através do alimento que ela preparava e expunha. Aqui, como lá, tinha o domínio culinário que possibilitava, em última análise, o estabelecimento de relações sociais, numa sociedade e em condições onde o controle era total e a convivência restrita.

Mônica Chaves Abdala
Receita de mineridade

Domicílio e cozinha

Porque o cozinhar não é você fazer o almoço, o arroz e o feijão e jogar lá na mesa de qualquer jeito. Na minha casa eu faço arrumadinho, eu gosto de colocar um prato bonito na mesa. Natal, Ano Novo, eu faço questão.

Márcia

Pude verificar, ao estudar o domicílio e a realização do trabalho doméstico, que os modos de alimentar e os modos de cozinhar aparecem nas experiências das entrevistadas com destaque, articulando dimensões de suas memórias, e sua discussão contribui para fazer emergir lembranças e sentimentos sobre suas vidas: a infância, as festas, as crenças. As entrevistadas têm forte ligação com a cozinha e as práticas culinárias, pois são donas-de-casa, patroas ou trabalhadoras domésticas, que cozinham/cozinham ou orientavam/orientam sua realização quotidianamente. Discutiremos as transformações nos modos de cozinhar e na alimentação neste capítulo, buscando perceber as transformações no domicílio, entrando pela porta da cozinha.

A cozinha mineira tem sido objeto de diversos estudos, que buscam compreender a associação entre cozinha e a construção da imagem do mineiro. Ainda que nossas preocupações não centrem na discussão da mineiridade, esses estudos trazem importantes contribuições para a compreensão da alimentação e da cozinha nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, local em que nos detivemos a estudar, pelos relatos de mulheres que vivem atualmente em Uberlândia e Monte Carmelo. Entre os estudos sobre o tema, destaco os da professora Mônica Chaves Abdala “Receita de mineiridade: a cozinha e a construção do Mineiro” (1997) e sua tese de doutorado “Mesas de Minas: as famílias vão ao self-service”(2002).³³ Para a autora “a cozinha mineira não é apenas um conjunto de hábitos alimentares, mas espaço privilegiado de convívio e relações sociais” (ABDALA, 1997: 15).

Busco compreender de que maneira as mulheres que entrevistamos percebem a cozinha e o cozinhar, os processos de alteração e permanência nas práticas alimentares e nos seus modos de fazer, no contexto de uma sociedade que se modifica. Os significados atribuídos à alimentação e ao cozinhar, e de como essas práticas (cozinhar/comer) expressam *modos de convivências e relações sociais*. Além disso, seguimos as pistas encontradas nos jornais que falam sobre a cozinha e o cozinhar.

³³ ABDALA, Mônica Chaves. **Receita de mineiridade:** a cozinha e a construção do Mineiro. Uberlândia: Edufu: 1997; ABDALA, Mônica Chaves. **Mesas de Minas:** as famílias vão ao self-service. São Paulo: Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, 2002 (Tese de Doutorado).

Ao analisar as transformações e permanências no trabalho doméstico, especialmente o cozinhar, levamos em conta: a relação passado e presente, as diferenças culturais, econômicas, regionais, étnicas, etc. Além disso, é necessário considerar como o uso de determinados equipamentos como, por exemplo, a geladeira, insere-se e se relaciona com formas anteriores de conservação dos alimentos; bem como a diferença entre as práticas alimentares e os modos de cozinhar na roça, nas pequenas cidades e em cidades maiores e a influência dos meios de comunicação, da ampliação do acesso aos meios de transporte e dos processos migratórios nas práticas alimentares.

É importante ressaltar que desigualdades econômicas, regionais, etc., associadas a valores e crenças, contribuem para que práticas consideradas antigas sejam mantidas. O estudo nos mostrou nitidamente a existência de múltiplas temporalidades, marcadas por diferenças, desigualdades e escolhas e que, se existe um modo dominante de cozinhar, comer, existem outras práticas que remetem à cultura, à história e à tradição. Com isso buscamos fugir das generalizações, simplificadoras da realidade social, que apontam modos uniformes de viver e no caso, cozinhar e comer.³⁴

Trabalhamos aqui alguns aspectos das experiências das entrevistadas presentes nas lembranças do passado das mulheres de origem rural que influenciam no modo como cozinham e concebem o cozinhar e a alimentação hoje. Algumas práticas se perderam no tempo, outras foram atualizadas, mantidas, reinventadas. Interessa-nos, portanto, mostrar esse processo de construção de novas práticas alimentares e modos de cozinhar, e de como se dão essas mudanças nas experiências estudadas.

Ao analisar as referências à cozinha e à alimentação nas falas das entrevistadas observamos que a questão de maior ou menor experiência com a vida rural criou diferenciações importantes em seus relatos. No que se refere aos modos de cozinhar e alimentar suas famílias, notamos semelhanças entre as experiências contadas por D. Francisca (Sacramento), Claudiana (Monte Alegre), Terezinha (Estrela do Sul), Ordália (Canápolis), Oneida (Monte Carmelo) e Dona Nice (Salinas), oriundas da zona rural de municípios do Estado de Minas Gerais (as primeiras do Triângulo Mineiro e Dona Nice do Norte de Minas). É preciso ressaltar que a experiência de Dona Conceição, nascida no sertão do Ceará, traz uma peculiaridade, pois mesmo tendo nascido na roça e lá ficado parte da infância, o que ressaltou em seu depoimento a distancia das experiências das outras mulheres acima citadas, que viveram infância, juventude e até mesmo parte da vida adulta na roça. Outra observação é

³⁴ A compreensão da existência de múltiplas temporalidades é importante para fugirmos da linearidade e não pensarmos em termos de mais ou menos evoluído, mas em processos complexos, que exigem interpretação.

que, nesse item, estamos tratando de experiências de mulheres que viveram na roça a infância (algumas, parte da juventude e vida adulta) e cozinhavam para suas famílias. A exceção é Terezinha que cozinhou na roça como doméstica.

Sabemos que cozinhar não consiste apenas na preparação dos alimentos, e sim em conjunto de atividades que se combinam para que o alimento possa estar pronto para ser consumido. A preparação dos alimentos e as outras tarefas que a ela se associam são variáveis no tempo, no espaço, nas culturas. Nas experiências das mulheres de origem rural cozinhar era uma atividade complexa e exigente, articulada com a produção dos alimentos, não se limitando à transformação dos alimentos crus em refeições, mas em geral, trabalhar na produção desse alimento e depois prepará-lo. Sobre a experiência de viver na roça e suas atividades, são muitas as lembranças dessas mulheres, expressivas das transformações e permanências na vida doméstica nas últimas décadas. É que Dona Francisca evidencia em sua fala:

A água era bica. Lavava na bica. Outra coisa, limpava o arroz pra semana, às vezes nós partia, semana era minha irmã, partia a semana, outra semana era minha, outra semana era dela e aí nós ia limpá o arroz pra semana, o café, a minha mãe torrava não deixava nós torra não. Torrá, moía aquela latada de café. Meus meninos também, tadinho, pus eles limpá, chegava da escola, estudá às vezes três léguas de a pé, duas léguas, né? Léguas e meia, três de cá pra, chegava, tadinho, ainda punha eles mexê com algodão (Dona Francisca).

Nessa fala, a entrevistada faz referência aos vários tempos de sua vida e às exigências do trabalho doméstico para a alimentação de sua família. No primeiro momento ela, já casada, alternava com a irmã a tarefa de limpar o arroz para a semana. Numa semana ela ia para o pilão limpar o arroz, ou seja, retirar a casca do mesmo, na semana seguinte era sua irmã. Essa tarefa era pesada e não muito rápida, advindo daí, certamente, a alternância das duas na realização da mesma. Essa divisão reflete ainda o caráter comunitário da vida que vivia que, no dizer de Dona Francisca, era um tempo bom porque estavam todos juntos: “... eu acho melhor naquele tempo sabe, por quê? A gente tava junto com os pais da gente, irmão a irmandade tudo junto”.³⁵ Depois, ela volta ao tempo de criança, quando a mãe distribuía as tarefas domésticas: torrar o café era tarefa da mãe, pois a atividade era mais perigosa. Ela e as irmãs moíam. Ao final, ela articula essa experiência na infância com a experiência como mãe, como nos referimos no capítulo anterior.

³⁵ Nessa fala Dona Francisca nos remete à sua experiência como velha, uma vez que não é mais possível estar mais com os pais e a irmandade, sentindo nesse momento da entrevista a falta de um tempo que passou.

Os relatos nos falam dos modos de viver no meio rural na década de 1950: agricultura de subsistência, alimentação dependente da produção familiar. A vida na roça é lembrada como sendo dura, a sobrevivência dependia do trabalho de sol-a-sol, sem descanso. Apesar do trabalho ser duro, o tempo do trabalho não aparece separado da vida e é determinado pela família. Quando necessário se gasta, por exemplo, um dia todo para a compra de bens essenciais que não são produzidos na fazenda.³⁶

Ah, a gente plantava tudo né? Feijão, arroz. Criava gado, criava porco. Meu pai vendia porco gordo, depois que engordava ele vendia. Vendia gado, **era muito bom naquela época**. A gente criava galinha, não precisava comprar nada assim, também não tinha cidade perto que tinha essas coisas, verdura. Não tinha, por exemplo um açougue pra gente ir comprar, não tinha uma mercearia, não tinha nada. Então tinha que vim de longe. Comprar os sacos, né? Às vezes meu pai comprava os sacos de açúcar, sacos de sal, que era os que mais precisava porque o arroz, o feijão a gente tirava da lavoura. E o, as outras coisas tinha que comprar, tinha que ir longe pra pegar e não tinha mercearia por perto. Era bem distante. A cidade mais próxima era Janaúba. Era 70 kms, hoje é bem mais fácil porque é o asfalto. Mas naquela época era chão, estrada de terra. Então era um dia todinho pra ir lá buscar um, ia de carro de boi. Era o dia todinho pra ir buscar uma coisa lá e voltar, né? Ia cedo e voltava de noite. Às vezes nem voltava no mesmo dia, tinha que ficar lá e voltar (Dona Nice).

Ao recordar o tempo na infância e juventude, quando morava na roça com os pais e os irmãos, Dona Nice começa falando de como esse tempo foi difícil: o trabalho duro na roça, as plantações, a distância do centro comercial. Depois fala que plantavam tudo, e começa a pensar que esse era um tempo bom. A mudança de visão em relação ao tempo passado se modifica no momento em que se lembra que não era preciso comprar nada. O passado na roça é lembrado como tempo de dificuldades, de grandes labutas, mas também de fartura, de vida comunitária.

Os depoimentos nos apontam a complexidade da atividade de manter as pessoas que moram em uma mesma residência alimentadas. Na experiência das mulheres que viveram nos anos 1950, 1960 e 1970 na zona rural, a atividade envolvia um conjunto complexo de atividades como o transporte da água da bica, ou do córrego, para lavar louças e cozinhar; a busca da madeira (combustível do fogão à lenha), o manuseio de utensílios como o pilão para tirar a casca do arroz e do café, etc.:

Naquela época tinha que fazer comida pra até 30 pião sozinha lá. E tinha que socar arroz na mão. A época mais difícil de criança que eu lembro, foi que eu dei malária e tinha que **socar arroz na mão pra cozinhar pros pião**, então essa época foi penosa. Tinha que socar arroz todinho na mão, buscar água lá longe, era buscar água na mina ou fazer com a água do rego.

³⁶ Essa noção do tempo do trabalho não separado da vida é inspirada nos estudos de E. P. Thompson, em sua análise da importância do controle do tempo no capitalismo industrial.

Mas lá dava lesma demais. Aí com quatorze anos minha mãe morreu, aí depois minhas irmãs saiu, aí eu fiquei cozinhando pros pião até 16 anos (Claudiana).

Um aspecto que algumas depoentes ressaltaram é o trabalho que faziam cozinhando para “companheiros” ou “peões”, como vimos acima nas falas de Claudiana e Dona Francisca. Trata-se de importante atividade de manutenção das pessoas que trabalhavam na lavoura, especialmente em momentos como a colheita. No caso de Claudiana a assunção dessa responsabilidade veio com a morte de sua mãe, quando ela tinha quatorze anos.

Além de cozinhar para todos – almoço e jantar –, ela se refere a outras atividades: feitura das quitandas e doces e o transporte da comida até onde estavam os trabalhadores e trabalhadoras, como nos lembra Dona Nice, acerca da merenda:

Ah, nessa merenda tinha de tudo. Cada dia variava, tinha que levar porque as pessoas trabalhava assim, tinha que comer alguma coisa... Então, a minha mãe fazia, ela fazia queijo do leite, ela fazia biscoito, fazia pão de queijo, né? Tudo tirado, o polvilho era tirado da mandioca que a gente plantava. A farinha. Aí ela fazia o biscoito do polvilho que tirava da mandioca e fazia a merenda. Outra hora, não tinha o polvilho, era bolo, bolo de fubá de milho. A gente pegava o milho, botava pra, pisava o milho, tirava aquele farelo e depois pegava o milho, botava dentro da água, deixava amolecer de um dia pra outro. Aí pisava no pilão, tudo era a gente que pisava. Pisava no pilão, aquela mão de pilão você conhece, né? (Dona Nice).

A merenda precisava ser mais forte, para que os (as) trabalhadores(as) pudessem agüentar a lida na roça. Assim, Dona Nice se lembra dos biscoitos, bolos, pão de queijo, entre outras quitandas que eram preparadas para a merenda.

A vida rural, baseada na produção de subsistência, caracterizava-se pelo aproveitamento de todos os recursos disponíveis, comprando somente o que não era produzido pelo grupo (família e agregados). Tudo articulado: a criação dos porcos com o tipo de comida e o porco que dava carne, banha, sabão, as sobras das comidas que viravam comida de animais domésticos:

Era fazê, farinha, fazê polvilho, era às vezes fazê um queijinho. Era... costura, fazê sabão, matava porco lá, tinha aqueles torresmo que dava pra fazê sabão (Dona Francisca).

Além das tarefas domésticas, na experiência de Dona Francisca é preciso também acumular tarefas, que na visão dela era de homens:

toda vida morei na fazenda (incompleto) a luta era pesada, era...o pai não tinha filho homem, a gente trabalhava era fazendo farinha, polvilho, era ajudando ele nas roças . De tudo, mexer com engenho carreamento, tudo menina! Era serviço que agente fazia. Nas horas

vagas, vinha pra dentro e aí cardá, ia fiar, né? Lá cardar, ia fiá, né, aí casei com 18 anos, na mesma semana **fui cozinhar panelada de carne pra companheiro** (Dona Francisca, grifos nossos).

Observamos que nas fazendas eram produzidos quase todos os alimentos utilizados pelas depoentes. Esses precisavam ser transformados, como o leite do qual era fabricado queijo, requeijão e manteiga, e também utilizado em larga escala nas quitandas. Da plantação de mandioca vinha a base para vários alimentos: a própria mandioca cozida ou frita, a farinha de mandioca e o polvilho, que constituía o principal cereal nas quitandas como pão de queijo, biscoito, sequilhos, entre outros. O café in natura era seco, torrado e moído. O arroz após colhido era pilado. Pelo modo como era colhido o arroz e feijão demandava grande trabalho para separá-los das pedras e da própria casca.

Todas essas tarefas impunham às donas de casa entrevistadas longas jornadas de trabalho:

Levantava, a primeira coisa era levantá e ia já fazê um café, despachá eles pra, pro serviço, às vezes nem o café eles num bebia ia pra fazenda lá, ali... Nós morava na fazenda do José Malaquias, ele arrendou umas terra lá dele, nós morava lá, já ia pra lá, tirá o leite, aí já deixava às vezes, fazia um pouco lá no, era duas vaca só. Eu deixava lá no pro fazendeiro também um pouco, levava pra casa. E a gente ferver o leite, já ia ajeitá já, arrumá um almoço, o almoço tinha que saí nove horas, quando muito nove horas (incomp) janta, duas, três horas da tarde. Agora, à noite tinha que fazê outra janta. A vida da gente era luta em cada dia, sofreu também, esse aí(Dona Francisca).

Ao comparar o trabalho doméstico, especialmente o cozinhar, no presente e passado, Dona Francisca diz o seguinte:

o arroz já vem limpo, o café, o feijão quase que num, você compra ele mas quase que, num precisa catá, tem muita pouquinha pedra, não é? Mas primeiro na... podia, porque tinha meu pai podia lá a gente batia, então vinha pedra, a gente que catava aquele feijão pra semana inteirinha.

Tinha um quintal e tinha muita laranja, mexerica, então, e a gente lutava, deitava na canseira e achava a vida boa, né? **Agora, hoje, o pessoal tem tudo ainda reclama da vida dele** (Dona Francisca).

Dona Francisca mostra com riqueza de detalhes os desafios que ela, como menina, e depois como dona de casa, enfrentava para cozinhar para sua família. Para ela o “pessoal de hoje” tem tudo mais fácil do que ela tinha. O pessoal de “antigamente” tinha mais coragem para o trabalho em sua visão. Entre as facilidades está o fato do arroz, feijão, café, já virem prontos para serem preparados.

Observamos que o processo de industrialização tornou mais fácil a preparação de certos alimentos. É preciso apontar também que essas alterações nesse modo de vida, que tem na casa e na cozinha o centro produtor dos alimentos, retirou da dona de casa e suas famílias a autonomia em relação ao mercado. Ao longo das décadas, vamos acompanhando a perda da importância do quintal que “tinha muita laranja, mexerica” e quase tudo que era consumido e que, mesmo nas cidades, ainda mantinham sua importância, e a crescente dependência das donas de casa e suas famílias do mercado, do dinheiro.

Como mostrou Dona Francisca, até o sabão era feito em casa. Além disso, compunha esse saber-fazer como donas de casa, o costurar. Como a preocupação maior era com a necessidade, a roupa poderia ser feita de saco de açúcar, como ela nos relata:

Aí, eu desmanchei dois sacos de açúcar e cortei e fiz uma camisa normal na mão pra ele, ficou uma gola torta pra quê outra pra lá. Mas ele vestiu disse que tava bão. Aí deu quando eu tive o pai dela aí oh. Eu cortei minhas roupas de casamento, meu, minha combinação, cortei a berada da minha combinação, fiz roupinha pra ele na mão, sabe. Mas ficou bonitinha mesmo, na mão e por aí eu fui, com fé em Deus eu fui. Eu já costurei muito pra ele aqui, já costurei pros outros, tudo. Mas sem ter orientação. Só a orientação de Deus. Eu tinha muita fé, né. Hoje eu sempre falo, a pessoa que tiver força de vontade ele vai, ele vence, não é (Dona Francisca).

Sem ter feito curso e material, Dona Francisca improvisava roupa para o marido e filhos. Diante das dificuldades, roupas são costuradas à mão, peças são desmanchadas e refeitas, atendendo às necessidades do momento.

O costurar não se diferenciava muito das outras atribuições das mulheres no passado, compondo um conjunto de saberes necessários ao trabalho doméstico, seja como dona de casa, seja como trabalhadora doméstica.

Lembrando sua vida na roça, Claudiana lembra das exigências do trabalho, mas enfatiza a liberdade como fator importante:

tinha liberdade, que morar na roça é uma liberdade total. Além da gente fazer a comida pros pião, fazia normal igual faz hoje, punha na vasilha ia levar na roça, aí brincava ainda, ia tomar banho no corgo, voltava, fazia a janta, ia brincar mais. Eu lembro como hoje como que até essa idade a gente era criança de tudo ainda. A gente matava frango, jogava aquelas parte magra tudo fora, fazia sá a parte do meio (riso). Era interessante, a gente era muito livre, não vejo assim aquele compromisso. A gente fazia comida a tempo e a hora, que meu pai era muito bravo, se atrasasse era cascudo na certa. Mas aí, ai credo... eu não gosto nem de lembrar, eu lembro uma vez eu fui pô o feijão cozinhar, fiquei com preguiça de buscar água na mina, que a gente tinha que buscar água na mina longe, e eu falei: ‘Não vou buscar água na mina não, eu vou fazer é com essa água do rego mesmo. No outro dia quando eu levantei tinha tanta lesma (riso), joguei fora as lesma e fiz pros pião (ri bastante). Ai, meu

Deus do céu, era menina de tudo, não tinha idéia não. Tadinha, mas menina de tudo (Claudiana).

Ao analisar as entrevistas, notamos que a cozinha e o cozinhar são uma das atividades mais exigentes que as entrevistadas desempenharam nesse período, e a garantia da alimentação de todos ditava o ritmo de trabalho delas. O tempo da cozinha parece ser definidor dos ritmos de trabalho das mulheres no passado, baseado nas necessidades do grupo familiar e agregados a que tinham que atender.

Cozinhar em Uberlândia tem semelhanças e diferenças com as experiências rurais narradas por nossas entrevistadas, expostas anteriormente. Os desafios das donas de casa e trabalhadoras domésticas são muitos, como na zona rural, mas vão se alterando paulatinamente desde o início do século XX. O que estamos dizendo é que o processo de urbanização e o desenvolvimento dos serviços de infra-estrutura marcam os relatos das mulheres que viveram nessa cidade, sua infância, juventude e vida adulta.

As experiências narradas por Márcia e Joyce nos remetem a um viver urbano, em uma cidade que se quer moderna. Nos anos 1950 em Uberlândia os jornais falam de uma cidade que começa o processo de distribuição de água encanada, gás engarrafado. Já a energia elétrica é de 1909³⁷, alterando a forma de realizar o trabalho doméstico e a cozinha. Nas lembranças de trabalhadoras migrantes ou da zona rural aparece mais fortemente a presença da cisterna, do fogão à lenha, da iluminação a querosene, etc. As diferenças podem ser compreendidas em termos daquilo que elas enfatizam e não apenas porque suas realidades eram muito distintas, como vemos no depoimento a seguir:

Na minha casa era cisterna, sabe? Tirava com a carretilha. Eu lembro que minha mãe filtrava a água, aí quando a gente foi para minha tia tinha filtro, quando o filtro quebrou, nós fervia a água para pôr no pote (Márcia).

Márcia experimenta, na casa das patroas, modernidades que a vida na cidade e as condições econômicas dos patrões propiciam: água encanada, fogão elétrico. Ao ser perguntada, recorda que na casa de sua família a água era retirada da cisterna e os processos caseiros que utilizavam para tornar a água potável: a fervura. Sobre o serviço de água em Uberlândia o jornal *Correio* traz a seguinte notícia, em 1954:

³⁷ De acordo com RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Imagem e Retórica: um olhar jornalístico sobre a mulher. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, v.4, n. 4/5, jan./dez. 1997, p. 35.

Seria injustiça negar ao prefeito Tubal Vilela da Silva os aplausos a que tem direito, pelas obras realizadas no serviço de água, com o intuito de abastecer a cidade, que há tantos anos vem sofrendo a falta dela.

(...)

O Serviço inaugurado foi exatamente o que ficou terminado há vários meses, assim mesmo um dos reservatórios ainda está vasando e tem de sofrer reparos.

(...)

Na verdade, a cidade está sem água. Aquela vasão pelas sargetas no dia da inauguração deve ter acabado com a água dos reservatórios.

Não adianta querer encobrir a verdade nem mentir as donas de casa, que são as que sentem mais ao vivo o tormento (*Correio de Uberlândia*, ano XVII, 28/09/1954).

Como dissemos, o viver em Uberlândia vai se diferenciando da vida em outras cidades do entorno e da zona rural. Embora o problema da água nesse momento não esteja resolvido, as questões que se colocam para a obtenção da mesma são outras como os defeitos do sistema de distribuição. Vale lembrar, ainda, que essa distribuição não é para toda a cidade, como nos contou Márcia: na casa da patroa a água é encanada e na dela é retirada da cisterna.

Ainda com relação à vida na cidade temos também o exemplo do café que a partir de 1936 é torrado, moído e empacotado por uma empresa em Uberlândia:

Foi em Uberlândia no ano de 1936. Ressentia-se a população local e, principalmente, as donas de casa, com a falta de um produto de uso diário que viesse preencher uma lacuna, até então existente, não só nas casas de família, como igualmente nos bares e cafés da cidade. Este produto era o café, moído e de boa qualidade. Foi então que o Sr. Gumercindo Saraiva, naquele ano, lançou o “CAFÉ TRIÂNGULO”, produto de paladar agradabilíssimo e de pureza incontestável. Tão logo posto à venda, recebeu a crítica mais favorável possível, o que determinou um crescente aumento de sua venda (*Correio de Uberlândia*, 12/10/1952, n° 3515, p. 4).

Assim, observamos tentativas de construção de novo padrão de vida, no qual produtos industrializados são disponibilizados para as pessoas que podem comprar, como tentativa de transformá-los em produtos insubstituíveis como de fato foi acontecendo com vários outros.

Se, por um lado, percebemos mudanças entre o trabalho na roça e na cidade, por outro, os ritmos de trabalho ainda permanecem, como podemos notar no depoimento de Claudiana sobre seu primeiro emprego como doméstica em Uberlândia:

Mas um patrão gostava muito de mim, ele falava: “Nossa, graças a você a gente almoça, janta, come pão de queijo quente de manhã”. Eu acordava 5:00 horas para fazer pão de queijo, biscoito (Claudiana).

Notamos que o ritmo de trabalho de Claudiana é bastante parecido com o ritmo da roça, sendo necessário produzir em casa a maior parte dos alimentos consumidos pela família. Em seu depoimento, temos ainda o estranhamento sentido não só com os equipamentos encontrados na casa que foi trabalhar, mas também com a forma de nomear os utensílios domésticos, como vemos abaixo:

Eu não sabia o que era talheres “Claudiana, você lavou os talheres?”. Eu ficava doidinha procurando o que era talher. Aí meu Deus, eu lavei ou não lavei esses talheres? Não sabia o que era isso (riso). Da roça, ia lá saber o que era talheres? Lavou os trem. Aí era um sofrimento. Ia fazer pudim, virava o pudim, o pudim quebrava, jogava fora escondido (riso). Um dia eu joguei 10 pudim fora. Olha que idéia, invés de esperar os trem esfriar, virava quente (Claudiana).

Ao recordar a chegada em Uberlândia, um elemento que marca sua narrativa foram as diferenças sentidas em relação à vida na roça, não apenas no modo de organizar o trabalho doméstico, antes realizado por ela para a família e agora na casa dos *outros*. Entre as dificuldades lembradas, uma refere-se à própria linguagem. Em seu vocabulário, os talheres ainda não haviam sido incluídos, dificultando enormemente a comunicação. Claudiana fala também das aprendizagens na cozinha, onde a falta de informação a faz repetir o prato várias vezes, às escondidas da patroa, para que a mesma não perceba o seu não saber- fazer pudim.

No relato abaixo, Oneida nos descreve a forma como foi sendo introduzida pela mãe na cozinha, suas primeiras tarefas e aprendizagens:

Primeiro, a mamãe me jogou, hoje em dia, eu vejo as meninas de dez, doze, treze anos não sabe cozinhar, não é? Fica: “Ah, eu não dou conta”, “Vai cozinhar, menina”. “Ah, eu não dou conta”. Eu? Comecei a cozinhar com dez anos. Com seis anos a mamãe saía, a gente morava na roça, a mamãe saía pros mutirão de fiadeiras, ela deixava a comida prontinha pra mim esquentar e dar para os meninos menores. Com seis, sete anos, com oito anos ela começou a me ensinar a afogar. Fogão de lenha, eu morava na roça, porque fogão a gás, fogão a gás foi adquirido não tem tanto tempo nada. Imagina na roça! Tinha um banquinho, punha assim, pra poder alcançar no fogão, ela deixava o arroz lavado. Arroz socado no pilão, colhido na roça. Hoje em dia é diferente, é colhido com colhedeira, arroz sem pedra. Antigamente batia lá nos terreiros, o arroz era pura pedra. Ela lavava, tinha aquele negócio de lavar arroz com duas cuias, né? Pra tirar, separar as pedras. Então, como eu era tão pequena, ela lavava e deixava lá e eu afogava. Quando eu completei nove anos eu já dava conta de lavar o arroz com duas cuias e separava as pedras. Hoje eu não sei como é que **eles** fazem, sinceramente, se for pra mim fazer hoje eu não sei, porque você não vive isso mais (riso). Coisa engraçada, a gente lavava assim, por exemplo, está duas vasilhas assim, essa daqui não tem nada não, o arroz está nessa aqui com água, você vai fazendo assim, vai caindo um pouco de arroz, aí você volta, a água que passou volta pra cá e torna a fazer assim. E ele vai caindo na de cá, até que o arroz caiu tudo e fica as pedras de cá (Oneida).

Ao falar de sua experiência Oneida nos mostra a maneira como a mãe a introduz nas lides domésticas e na cozinha. Primeiro aos seis anos, a mãe saía para fiar e deixava a comida pronta para ela esquentar para os irmãos menores. Com oito, a mãe a ensinou afogar o arroz³⁸, sendo que a tarefa mais difícil era separar o arroz das pedras na cuia, pois a mãe deixava-o lavado para ela. Nesse ponto é importante observar a presença do banquinho para que Oneida conseguisse alcançar o fogão.³⁹ Na sequência dessa fala, Oneida compara a sua experiência com as crianças “de hoje” que, para ela, nada sabem fazer, certamente tendo como referência o que fazia na infância.

A experiência de Oneida nos mostra um modo de vida recente, em termos históricos, mas que já está se distanciando em função das rápidas modificações pelas quais a sociedade passou nas últimas décadas. Remete-nos, ainda, a uma perda de gestos que foram substituídos, em função de outros utensílios ou produtos que tornaram o gesto anterior desnecessário, como o caso do arroz, que vem sem pedras e que, portanto, dispensa as duas cuias, feitas certamente de uma cabaça.

É dessa maneira que Giard compreende:

Grande número de gestos e de procedimentos comuns à geração de minhas avós, maneiras de fazer eram parte da aprendizagem normal de uma moça e de seu capital (meio) de saber-fazer, já se apagaram da consciência comum e só subsistem na memória de infância de alguns, no relato lacunar de velinhos ou graças aos etnólogos, pessoas da cidade emprenhadas em recolher os últimos vestígios de uma cultura camponesa moribunda e em conservar a memória e os traços de um passado próximo e já longínquo (GIARD, 1996: 272).

Nas lembranças mais antigas das entrevistadas está presente o fogão à lenha, especialmente nas de origem rural, onde o mesmo persistiu por longo período, mesmo após a chegada do fogão a gás à região. Ainda assim, o fogão a gás é uma das tecnologias mais populares, disponível atualmente na casa de todas as entrevistadas. Seu uso está generalizado na região, embora ainda não esteja universalizado.

Sobre a chegada do fogão a gás em Uberlândia temos a seguinte notícia do jornal local em 1955:

Acaba de estabelecer-se nesta cidade a Sociedade de Gás do Triângulo Mineiro Limitada. Tem essa sociedade por fim o fornecimento de fogões a gás engarrafado às nossas famílias,

³⁸ Na região, é comum afogar o arroz que significa jogá-lo na manteiga ou óleo por algum tempo até que fique sequinho e possa colocar a água.

³⁹ Nota-se que a precoce inserção das crianças, especialmente as meninas, no trabalho doméstico, articulado com as necessidades da família de ajudar a criar os irmãos mais novos.

vindo ao encontro de uma das maiores aspirações das donas de casa que lutam com o problema, até agora de difícil solução que é uma cozinha eficiente, rápida e assejada. O antiquado fogão a lenha, já em muitas casas substituído por fogões elétricos, por mais que tentem modernizá-lo não corresponde. A lenha está cada vez mais difícil e mais cara e a fumaça que produz é um martírio, além de causar prejuízo sujando toda a pintura da casa, enegrecendo móveis, cortinas, etc. O fogão elétrico que resolveria o problema, é uma triste decepção. O sistema não se pode negar que não seja bom mas o preço da energia que não é mais cobrada na taxa de celefação, é cobrada como luz, é por demais oneroso. Isso ainda poderia ser suportado pro famílias de abastados recursos. Onde entretanto, está a energia? Com um racionamento sempre crescente, dia chegará que não será obtida se não para luz e assim mesmo em fraca voltagem. (...) A Sociedade de Gás de Triângulo Mineiro preenchendo uma grande lacuna em nossa cidade veio em auxílio das donas de casa, oferecendo Fogões a Gás para pronta entrega. Entrega de dois botijões para a utilização e entrega de gás a domicílio por sistema prático, metodizado e garantido, sem possibilidade de falha ou racionamento. Prestando uma assistência técnica eficiente, especializada e permanente a Sociedade de Gás do Triângulo Mineiro Limitada, resolverá de uma vez, em nossos lares um problema que se tornava dia a dia mais aflitivo (Alvissareira notícia para as Donas de casa. *Correio de Uberlândia*. 21/08/1955, n° 4216, p. 6).

É interessante observar que o jornal apresenta o fogão como um produto que vem ao encontro da aspiração de donas-de-casa por uma cozinha “eficiente, rápida e asseada”. Nas casas das famílias mais abastadas já existia o fogão elétrico, como nos contou Márcia: “Elétrico, D^a Cora Caparelli era elétrico”, mas não estava conseguindo atender bem, em função do racionamento e do alto custo da energia elétrica. Da mesma maneira, o fogão de lenha, com tantos anos de bons serviços prestados, é apresentado como não atendendo às necessidades das donas-de-casa nessa época, portanto, como *antiquado*. As razões pelas quais o fogão de lenha deva ser substituído se relacionam a novos valores em termos de asseio e limpeza (a fumaça suja a casa) e também em função da realidade da vida na cidade. Enquanto que nas fazendas a lenha que abastece o fogão é mais abundante (embora seja um desafio consegui-la e mantê-la – como, por exemplo, ter estoque de madeira seca para os períodos chuvosos); na cidade a lenha se torna escassa e cara e, por isso, deve ser substituída. Embora essa questão da escassez deva ser considerada, temos de considerar que também o gás é comprado, e em que pese não termos dados sobre seu valor na época. Por ser uma inovação tecnológica daquele tempo, certamente não era mais barato que a lenha, levando-nos a pensar que o preço da lenha, certamente, não foi o elemento mais importante na decisão daqueles que resolveram adquiri-lo, mas uma escolha em termos do significado de ter um fogão a gás, associado à praticidade e modernidade.

O “fogão de lenha” ocupa lugar de destaque na memória das entrevistadas e nas referências à boa comida mineira. Tanto é assim que alguns restaurantes de pratos *típicos* o utiliza para trazer de volta à memória essa experiência do passado. Acredita-se que alguns

pratos só ficam bons se feitos no fogão à lenha. Sendo assim, é comum a referência saudosa ao frango caipira feito no fogão à lenha.⁴⁰

O uso de tecnologias domésticas tem gerado debate entre estudiosos, dentre elas, destacamos a discussão, se as tecnologias economizam o trabalho da dona de casa ou se geram mais trabalho;

Elisabeth Bortolaia Silva afirma que predomina na história e sociologia feminista a tese que a inovação tecnológica aumentou a carga de obrigações das mulheres, impondo padrões mais elevados de trabalhos domésticos e dando origem a novas atividades, tais como fazer compras e transportar pessoas e coisas. Segundo a autora, boa parte dessa literatura diz que as ocupações domésticas estereotipadas como masculinas foram eliminadas pelas inovações econômicas e tecnológicas, enquanto as mulheres se viram cada vez mais atreladas aos serviços domésticos. A conclusão desses estudos é de que produtos são projetados para sustentar a estrutura familiar existente nos domicílios (SILVA, 1998a: 29). Para essa autora, as conclusões desses estudos partem da experiência de mulheres brancas, de classe média, nas quais a tecnologia substitui o trabalho terceirizado das “criadas” domésticas e, nesse sentido, as inovações tecnológicas não são apresentadas como poupadoras de trabalho.⁴¹ No caso das “mulheres da classe operária, acostumadas a fazer elas mesmas, os serviços de casa, a tecnologia melhorou as suas condições de existência, (...) e de modo geral, facilitou suas vidas”. (SILVA, 1998a: 34) A autora questiona ainda o fato dos estudiosos atribuírem aos produtores dessas novas tecnologias a responsabilidade pela manutenção da desigualdade de gênero na divisão do trabalho no interior das residências, compreende que não se trata de “algum tipo de conspiração patriarcal embutido nas inovações tecnológicas” com vistas à manutenção das mulheres em serviços domésticos. Trata-se de um processo complexo, no qual as inovações se articulam com valores e práticas da própria sociedade à qual se destina.

Algumas entrevistadas referiram-se a níveis de exigência maiores na limpeza na atualidade. Outra questão a considerar é que, no caso das trabalhadoras domésticas, parte das inovações tecnológicas não está à disposição das mesmas, uma vez que são utilizadas pelos

⁴⁰ A preferência pela comida feita no fogão à lenha foi citada no estudo de ABDALA (1997: 150) na qual a autora afirma que algumas famílias por ela entrevistadas dizem ir regularmente para sítios, comer verdura da horta e frango caipira feitos no fogão à lenha.

⁴¹ A autora pesquisa a experiência da Grã Bretanha e a literatura analisada nesse texto parte da experiência dos países europeus e EUA. O contexto da difusão de tecnologias domésticas: após a segunda guerra mundial, crescente processo de industrialização que ocupará mulheres trabalhadoras pobres, tornando escassas as mulheres para o trabalho doméstico remunerado. No Brasil a questão da escassez de mulheres para o trabalho doméstico é um problema apresentado pela bibliografia, sobretudo no que se refere à experiência de São Paulo, levando autoras a concluir que as domésticas estavam em extinção. Entretanto estudos mais recentes mostram o crescimento dessa ocupação.

padrões, como microondas, processadores, etc. e em suas casas nem sempre é possível adquirir esses eletrodomésticos.⁴² Além disso parte dessas tecnologias podem ser utilizadas como elemento de desemprego, pois algumas profissionais são substituídas pelas máquinas, como ocorreu em grande medida com as lavadeiras que, com os tanquinhos e máquinas, têm perdido, paulatinamente, sua função específica no domicílio.

Ainda que transformadas as condições, a alimentação do grupo residente no domicílio continua exigindo um conjunto de tarefas mais amplo que o cozinhar a comida. Em relação ao forno microondas, não trabalhamos com o mesmo, pois não aparece nas falas das entrevistadas. Além de não estar presente na maioria das casas, seu uso continua restrito a esquentar comida e leite, quase nunca o cozinhar propriamente dito, conforme nos informa SILVA.⁴³

Uma outra tecnologia que aparece no depoimento de uberlandenses é a geladeira. É como nos conta Joyce. Em seu depoimento fala de um viver urbano nos anos 1960, quando trabalhava como doméstica, em que a cozinha contava com a presença da geladeira:

Aí, lembro que eu passava roupa numa casa de um médico e eu passava roupa e lavava a roupa branca dele, os aventais, a roupa íntima e as camisas porque o resto ia tudo pra tinturaria. E naquele dia eu dava limpeza no apartamento deles, refogava o arroz pra semana inteira que você refoga o arroz frita ele bem fritinho e guarda numa panela de tampa na geladeira. Aí todo dia você tira aquela quantidade mais ou menos que você quer fazer pão na panela na hora que esquenta você põe água, 10 minutos o arroz tá pronto, né. Naquele tempo não tinha assim muito nível da panela de pressão, todo mundo tinha medo. Medo de explodir, porque as primeiras explodia muito (risos). Hoje em dia faço arroz na panela de pressão, 2 minutos eu faço arroz, faço até galinhada precisa ver que rapidez. Fiquei craque em fazer arroz na panela de pressão. Aí eu deixava refogado pra ela, deixava bife temperado na geladeira e ela guardava tudo nas vasilhinhas. Já usava, você vê que mulher que tava na frente dos tempos em [19]63 ela pegava as vasilhinhas de plástico punha os bifés e metia no congelador e ainda ia tirando aquilo durante a semana já temperadinho (Joyce).

Joyce ressalta modos de preparar as refeições que economizavam tempo em 1963. Deixar o arroz bem refogado na geladeira para a semana toda, temperar os bifés e colocá-los nas vasilhas de plástico, tudo isso demonstra uma preocupação da patroa em não reservar muito tempo para cozinhar. Essa era uma patroa que trabalhava fora e que não tinha receios de utilizar esses recursos para facilitar o trabalho, além de contar com a “ajuda” contratada.

⁴² De acordo com outro estudo de SILVA, houve um crescimento das vendas de eletrodomésticos no Brasil mas ainda não atinge toda a população, conforme afirma: “... estima-se que apenas 75 por cento dos lares brasileiros possuem geladeira e fogão em meados da década de 90. Estes bens são universais em países como Inglaterra e Estados Unidos”. In: SILVA, Elisabeth Bortolaia. Tecnologia e vida doméstica nos lares. **Cadernos Pagu**, nº 10, 1998, p. 33.

⁴³ Idem, ibidem.

A discussão sobre os usos da geladeira e do freezer na cozinha nos leva a pensar na forma como os alimentos eram (são) conservados sem a presença dos mesmos, como ainda ocorre em muitos domicílios brasileiros. Essa não é a realidade das entrevistadas, pois todas contavam na ocasião da entrevista com, pelo menos, uma geladeira. Em meio à reflexão sobre o “cozinhar” no passado, Dona Francisca se deu conta de que “antigamente” não tinha geladeira e os doces e carnes eram conservados de outra forma. *O que mudou?* – quis saber Dona Francisca:

Oh, eu quero te fazê uma... e por que que num perdia os doce? Não tinha geladeira, por que que não perdia doce? Não sei, hoje você faz e perde! Hoje você faz o mesmo jeitinho que era de primeiro e perde, né? A minha mãe guardava numa latas que vinha com bala. Umas lata da boquinha assim, igual essa boca, essas que vinha com banha. Então, guardava, enchia aquelas lata tudo, punha, aí dava aquele mofinho, às vezes um bolorzinho por cima, tirava assim, mas aquele doce tava uma beleza. Hoje se embolorá eles fala que faz mal se comê um trem que tá com boloro faz mal. Outro trem que eu me admiro também eu já fiz muito, a minha sogra já fez, a minha mãe fazia demais. Era você sargá, torresmo, toicim, sargava aquela purção de toicim, punha aquilo pra secá, tomá um solzinho, depois você rasgava umas paia de milho, punha aquilo num jacá. Taguara, punha naquele... num caxote, num jacá ou num caxote. Punha aquele ali, tampão, punha as camadas assim, tampava. Você ia fazê aquele torremo, aquele torremo, gostoso... nem dava um bicho. Hoje se você for fazê dá bicho, eu não entendo por que é. Só se for o sal, só se for o sal, que teve alguma modificação no sal. Por que faz o tempero do jeito do mesmo jeito, do mesmo jeitinho com o sal. E num tem jeito, não é? (Dona Francisca).

A entrevista foi um momento especial para trazer à memória de Dona Francisca lembranças dos momentos vividos, das festas, de seus familiares, de um tempo que parecia longe. Ao recordar suas experiências, ela tomou consciência das mudanças sociais que experimentou e indagou a mim e à sua própria história, acerca de modos de fazer que ficaram para trás, de alguma maneira. Como eram conservados os doces e as carnes antes da geladeira? Por que era possível guardá-los por tanto tempo e eles não perdiam? Dona Francisca continua insistindo em fazer doces e guardá-los a partir das técnicas aprendidas com a mãe, assim como guardar carnes secas. Mas ela diz não obter êxito como no passado. Será que o açúcar e o sal mudaram tanto, que perderam a capacidade de conservar os alimentos? O mais provável, é que, por ter saído da lida mais cotidiana, tenha ocorrido uma perda dos gestos exatos que permitiam essa conservação dos alimentos. As outras formas de conservação, como a geladeira, exigem, talvez, menor investimento e inventividade para tal conservação.

Essa lembrança de Dona Francisca remete-nos a saberes acumulados por mulheres, compartilhados entre várias gerações, que vão se transformando no tempo, com perdas e

substituições. Certamente não foram o sal ou o açúcar que mudaram tanto e sim a sociedade e as práticas. O que se perdeu na experiência da maioria foi o gesto, a prática de saber-fazer. Mas algumas mulheres ainda preservam e continuam conservando doces e carnes por longos períodos, como foi na história da alimentação em Minas Gerais:

vimos como a possibilidade de conservar alimentos foi de fundamental importância, tanto nos períodos de carestia, quanto naqueles em que uma relativa fartura deveria ser aproveitada em pratos sempre prontos para as visitas inesperadas (ABDALA, 1997, 126).

Além de fogões e geladeiras, outros equipamentos domésticos têm ganhado espaço nas cozinhas das entrevistadas. Entre eles se destacam liquidificadores e batedeiras, como os mais comuns. A referência à aspiração de ter esses equipamentos marca a fala de Márcia. Uberlandense, trabalhadora doméstica, ela conhece na casa das patroas essas tecnologias e começa a trabalhar para tê-las em sua casa:

Na época tinha uma batedeira, tinha uma batedeira Arno, que eu comprei uma igualzinha. Eu não trabalhava, assim que eu comecei a trabalhar. Eu comprei a máquina de costura. Minha primeira máquina foi aquela ali. É... comprei um liquidificador. Então tudo que eu trabalhava eu comprava, a gente trabalha em casa; eu fazia... com 15 anos, eu comecei a trabalhar, com 15 anos, eu comprava minha roupa, comprava minhas coisinhas tudo que eu queria. Comprava louça, eu já comprava, aniversário da minha tia sabe? Eu comprava uma panela, uma louça, uma coisa qualquer de cozinha toda vida foi cozinha mesmo (Márcia).

Destaco a aspiração de Márcia de ter uma batedeira *igualzinha* à da patroa. Seu depoimento nos remete a sua aspiração de igualdade na relação com a patroa, que ela pensa se concretizar na aquisição de equipamentos, como falamos, e aqui citada a batedeira Arno. Observamos também como determinadas marcas de eletrodomésticos se firmaram como símbolos em determinados momentos, e as lutas que a população pobre empreendeu para poder usufruir desses equipamentos, que pelos preços, tornavam-se de difícil acesso à maior parte da população que tinha uma economia baseada na subsistência, com pouco dinheiro.

Um dos aspectos relevantes dessa fala de Márcia refere-se a um processo que a influência da convivência cotidiana com pessoas mais abastadas na vida das trabalhadoras domésticas, levando-as muitas vezes a viverem a vida das famílias para as quais trabalham. Esse convívio pode ter como conseqüência a negação de sua própria condição e a eleição do padrão de vida da família empregadora como correto.⁴⁴ É preciso salientar, entretanto, que

⁴⁴ A esse respeito temos um importante relato de uma militante do movimento de trabalhadoras domésticas Lenira Carvalho, registrado no livro: “A luta que me fez crescer”, no qual a autora fala dessa dificuldade de muitas trabalhadoras domésticas assumirem sua própria história frente a outros padrões de vida que conhecem,

não se trata apenas de uma questão econômica, mas também de valores, de hábitos, costumes e cultura, e que essas influências, de alguma maneira, são recíprocas, embora, em geral, as elites lutem para afirmar seu padrão como o certo.

eu trabalhei a vida inteira pra comprar trens pra casa. Comprei muita louça, muito enfeito. Então eu tenho muita coisa mesmo! Eu via na casa da patroa, eu falava: Por que que eu não posso comprar? Então, muita, muita, muitos pratos bonitos. Esse último emprego que eu tive, eu montei um aparelho de jantar com a louça Arcorote. Vem do Paraguai, a idéia! Se quebrar um, não sobra nada, não é? Tem que comprar outra correndo. Então, eu montei um aparelho de jantar com Arcorote, só porque na Dona Cora Caparelli era Arcorote. Muito bonito! Ela tinha o jogo completo! E, ela falava: “Márcia, pode usar tudo, o que você quiser.” Então, com a Dona Cora eu tinha prazer de fazer os pratos, botar na mesa. É, é eu tenho fotografia aí, até com um casal americano que ficou hospedado lá. Eles fizeram questão de tirar fotografia (Márcia).

Márcia prioriza a compra dos mesmos utensílios que a patroa tem em sua residência, a custo do sacrifício de outros bens e serviços. Observa-se ainda que, na própria forma de nomear os utensílios, Márcia difere-se, por exemplo, de Claudiana: ela compra louças, e Claudiana lava os “trem”, exemplificando a nossa compreensão da linguagem, como expressão de lugares sociais, diferenças culturais, origem, marcando posições dos sujeitos na sociedade. Se a patroa tinha, por que ela não podia comprar, ela se indagava. Ao buscar adquirir os mesmos equipamentos conhecidos na casa da patroa, Márcia coloca a compra como dimensão da igualdade dela e da patroa. Se a patroa pode ter, ela também quer poder. Talvez resida aí o fato de ela dizer que trabalhou a vida inteira para comprar coisas para casa.

A questão das compras e do consumo permeia a discussão sobre o cozinhar, nos remetendo ao seu abastecimento e à compra dos equipamentos considerados necessários ao seu bom funcionamento.

Ao mesmo tempo em que Márcia deseja comprar os produtos existentes na casa da patroa, há por parte de outras depoentes, resistência a determinados equipamentos. Falando sobre equipamentos adquiridos para sua casa, Dona Francisca conta que:

a primeira coisa o rádio. Agora a televisão tá com pouquinho tempo. Eu não possuía televisão, ta com pouquinho tempo, tem televisão ... Tem no máximo uns oito anos, né Zé? 10 anos. Nós pegamos, compramos televisão. Nós achava que aquilo num podia tirar, num achava prá comprar uma televisão. E eu acho que todo mundo hoje haverá de num tê é de jeito nenhum... porque tem muita, agora o pessoal hoje tem uns que usa num programa que a gente acha que num convém, não é? E, mesmo num estudo ocupa muito, televisão né? (Dona Francisca).

estando na casa de outros. Essa questão foi sentida nesta pesquisa especialmente na entrevista com dona Terezinha de Monte Carmelo, que viveu desde os nove anos de idade na casa dos patrões, e estranhou bastante a vida com irmãos quando foi viver com eles, após a aposentadoria.

É interessante observar a visão de Dona Francisca sobre a televisão. Ela e o marido resistiram antes de comprá-la. A TV não era considerada necessária, sendo talvez essa a razão para que Dona Francisca e o esposo demorassem a destinar recursos para a compra do aparelho. Dona Francisca fala sobre os programas exibidos que, para ela, em geral, “num convém”. Outro aspecto ressaltado é a má influência da TV na questão dos estudos. Assim, Dona Francisca que não teve oportunidade de estudar na infância, e frequenta um curso de alfabetização no momento da entrevista, mostra com profundidade sua visão sobre a TV, semelhante à crítica de muitos estudiosos.

A questão das compras e do consumo permeia a discussão sobre o domicílio e a cozinha, nos remetendo às diferentes formas e possibilidades de abastecimento, bem como de diferentes equipamentos. Nas experiências rurais narradas, a atribuição de abastecer a casa era de homens e mulheres, a partir da produção na lavoura e no quintal, criação de porcos e galinhas; sendo que a dona de casa e seus filhos tinham um papel fundamental nesse processo. Cabia em geral ao homem a ida esporádica ao vilarejo mais próximo para comprar os bens não produzidos na lavoura, como sal, fósforo, açúcar, e um ou outro bem variável de acordo com a situação, mas sempre compras reduzidas. Na cidade, o consumo se amplia, e tem que se comprar inclusive lenha, antes do fogão à gás, ou fogão à gás e botijão, após a sua utilização. Ainda assim, encontramos nos depoimentos das entrevistadas as referências ao consumo mínimo, em função das dificuldades de abastecer a casa.

Sobre o que observa quando vai comprar, Leísa diz o seguinte:

Tudo! Preço! (risos). Porque é uma coisa de louco, a gente vai comprar o arroz tá de um preço, outra hora a gente vai, tá de outro. Tá uma coisa de louco mesmo porque ... uma compra num mês fica 100 no outro mês fica 200,00 e eu acho que nem todo mundo tem a chance assim de tá comprando. Aí você tem que comprar o **mínimo**. Acho assim, muito chato. E, eu fico, eu olho muito o preço, eu sempre vou no mais barato, eu procuro qualidade naquilo que eu vou comer. Naquilo que vai me fazer bem. Tipo arroz e feijão. Aí eu sempre olho a qualidade. Não tem necessidade é assim, no sabão de lavar louça, detergente, cera pra passar na casa, bombril, eu vou no mais barato mesmo (Leísa, grifos nossos).

Leísa fala dos desafios da dona de casa para abastecer a casa em função das constantes altas dos preços. Essa questão foi também abordada por outras entrevistadas que se referiram à necessidade de cortar itens da lista de compra, em função do orçamento apertado. Essa compra mínima é relatada também por Dona Francisca. Segundo ela a compra é feita em conjunto com o marido e se baseia no necessário: arroz, feijão, mantendo a tradição de

compras mínimas no mercado e busca de alternativas alimentares baseadas na tradição, como o uso da banha de porco ao invés do óleo como mostraremos posteriormente.

Carmem, que tem um poder aquisitivo mais alto, ressaltou como critério principal para a escolha dos alimentos a questão da qualidade. Essa é a razão pela qual faz suas compras de verduras e frutas na feira próxima de sua casa, falando assim de suas atribuições em casa:

Qualidade, né? Primeira coisa é a qualidade de tudo, verdura, tudo, por isso que eu mesma gosto de fazer a compra, entendeu? Geralmente uma vez por semana, feira, que eu gosto de fazer feira. Eu vou no sábado nessa que tem aqui pertinho. Tem feira aqui perto. Feira é melhor porque a qualidade é melhor, às vezes você vai, não é a mesma coisa que no sacolão, já faço compra pra semana toda (Carmem).

Além do local específico para comprar (a feira no caso de verduras e frutas), Carmem faz questão de fazer pessoalmente as compras de alimentos, com o intuito de garantir a qualidade dos alimentos consumidos por sua família. Essa possibilidade de escolher alimentos pelo critério da qualidade e não do preço, escolher local de comprar, é algo que Carmem pode experimentar pela sua condição de classe. Muitas das entrevistadas, ao escolherem os alimentos que serão consumidos, encontram barreiras em função dos preços dos produtos e a falta de recursos. Contra essa condição, certamente, são obrigadas a improvisar, usando criatividade, imaginação e astúcia para garantir a alimentação dos *seus*, com a melhor qualidade possível, dentro do orçamento existente.

Vimos que nas experiências mais antigas o ato da compra, em geral, era atribuição do homem. Isso não quer dizer que a mulher não influenciasse na escolha, mas como mostramos, às vezes, só uma pessoa se deslocava da roça para a cidade para comprar e, em geral, era o homem. A questão das compras feitas por homens foi mencionada por Ordália como um problema na sua experiência, pelo fato de que o marido além de não consultá-la sobre os bens, ainda não comprava o produto adequado, conforme ela relata sobre a compra de uma mesa:

Chegava com o fato consumado. Ele falava, por exemplo, a minha mesa é de madeira, uma mesa de madeira na cozinha! Ele chegava e falava assim: “o moço vai entregar uma mesa”. Não é falar assim: a mulher é que manda. Que eles tem muito essas coisa. A mulher não manda em mim. Mas pensa, uma mesa de madeira na cozinha, já está cheia de óleo, de gordura, sabe? Esse tipo de coisa, você não é consultada, não é trocada uma opinião, já chega com o fato consumado (Ordália).

Ao reclamar da compra da mesa de madeira realizada pelo marido, Ordália reclama de um lugar de poder que ela julga ser da mulher, partindo do suposto de que os conhecimentos sobre a cozinha são das mulheres, e ela não quer abrir mão disso. Assim, o questionamento de Ordália pode ser compreendido como uma luta por espaço e poder no interior do domicílio.

Valéria tem uma experiência diferente com as compras realizadas pelo marido. Para ela, o fato do marido comprar tudo que é necessário para a casa semanalmente, e saber comprar, alivia as tarefas domésticas que tem que executar:

Olha, aqui em casa o meu marido gosta muito de fazer compra, então eu não tenho problema com isso, não. Ele faz, ele até gosta de fazer compra... Então ele mesmo olha o que tá faltando e então, ele vai lá e compra. Então, nós não temos o hábito de fazer aquela compra pro mês todo. Então toda semana ele vai no supermercado, vai no açougue, vai na feira. Vai no sacolão. Então, ele mesmo arruma a horinha dele fazer isso, ele faz numa boa. (...) Faz rápido e bem. Por exemplo, tomate, sabe escolher ele é ótimo pra comprar o tomate, (riso) então é isso, não tem muita dificuldade, não (Valéria).

Ao reconhecer a capacidade do marido de fazer as compras, Valéria se diz aliviada de não ter que preocupar com o abastecimento da casa. Assim, ela reconhece essa tarefa como um trabalho, e não ter que realizá-lo facilita seu dia-a-dia.

As mulheres desenvolveram, historicamente, maior preocupação com a casa e a cozinha, tornando-se, na concepção de Ordália, maiores entendedoras do assunto, legitimando, assim, seu papel como compradoras, embora haja homens também comprando com perícia, como nos informou Valéria. Esse costume de comprar os bens necessários ao lar gerou saberes, estratégias e táticas de compras que fazem delas, muitas vezes, melhores compradoras que homens, por uma questão histórica e não natural. Ao assumir algumas tarefas domésticas como mais próprias para mulheres, essas mulheres nos falam de relação de poder e decisão no domicílio. Certamente, esse lugar gera também mais uma responsabilidade, que algumas abrem mão e outras querem preservar.

Para os profissionais do marketing, no entanto, tem crescido a influência das mulheres nas compras, sendo elas que definem a maior parte das compras, desde a roupa do marido, filhos, a alimentação e, de acordo com estudos dessa área, mais recentemente, influenciando, também, nas compras de bens como carros, e não somente bens para a casa. Evidentemente, alguns desses itens citados referem-se somente à experiência das classes médias, pois a maioria não pode comprar alguns desses bens, como os carros.

Analisando a relação da mulher com o consumo, Heloísa Buarque de Almeida em seu artigo “Melodrama comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela”⁴⁵ mostra que modernamente há a construção de “uma relação entre comprar e sentimentos, ‘impulso emocional’ que poderia ser fundante da associação com o feminino – já que como na novela, os sentimentos são vistos como mais afeitos a esfera feminina”⁴⁶. A autora analisa essa associação e mostra que profissionais do marketing estão convencidos da importância crescente das mulheres na definição do que comprar:

A publicidade é, assim, um braço fundamental da expansão do processo de industrialização, incentiva a formação de consumidores para os bens, promove novas construções de espaço doméstico e de cuidados pessoais que precisam destes bens para se efetivar. O discurso dos empresários analisados por Ewen afirma literalmente que a entrada no mercado consumidor é uma experiência civilizadora. A família e o espaço doméstico é o centro do consumo nesse processo inicial de formação de uma sociedade de consumo – e continua sendo assim. Desde esse período, a mulher é vista como consumidora por excelência, pois é ela que compra a maior parte dos produtos (ALMEIDA, 2002: 183).

Essa citação sintetiza o processo de formação de um mercado consumidor, que se fundamenta em uma mudança da lógica do consumo mínimo para o consumo máximo, e das alterações que essa mudança de concepção e práticas propostas pelo mercado de massas tem sobre modos de vida baseados na produção caseira, artesanal, agrícola. Conforme pudemos verificar nas experiências das mulheres que moravam na roça, o domicílio era praticamente autônomo em relação ao mercado: quase tudo era produzido pela família, incluindo carnes (especialmente frango e porco), verduras do quintal, sabão, arroz, feijão, etc. Essa produção caseira vem sendo substituída por uma profusão de produtos industrializados, sem os quais muitos domicílios já não conseguem ficar sem os mesmos.

A difusão e consumo desses novos produtos, considerados pelos empresários como uma “experiência civilizadora”, nos faz refletir, por um lado, e que alguns produtos poupam o trabalho que era realizado por mulheres, como nos lembra Dona Francisca:

Ah, eu acho que melhorou muito! Hoje as mulheres dizem que melhorou demais da conta! Melhorou muito, muitas coisas... Vem tudo pronto, né? Vem tudo pronto. Melhorou demais, foi só pra um, nem pra outro, o outro não é? (Dona Francisca).

⁴⁵ ALMEIDA, Heloísa de. Melodrama comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela. **Cadernos Pagu**, Campinas, n° 19, 2002: pp. 171-194

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 182.

Para Dona Francisca hoje é mais fácil porque já vem pronto e é descartável. Arroz sem casca e sem pedra, café torrado e moído, são vistos por quem teve essa experiência como conquista. Além disso, temos produtos que não eram utilizados, como papel higiênico, produtos de limpeza, fio dental, que, certamente, não compunham as listas de compras da maioria da população, e tem seu uso expandido na atualidade, embora saibamos que milhões de pessoas ainda não têm acesso a eles. Outros produtos como os alimentos industrializados, embora poupem trabalho, trazem preocupações quanto às conseqüências para a saúde humana, fato que discutiremos ainda nesse capítulo. Além disso, um problema da ampliação do mercado consumidor e alteração nos modos de vida que marcam a sociedade contemporânea é a ampliação do fosso entre os que podem e os que não podem comprar. A unidade doméstica perdeu a sua quase auto-suficiência, tornando seus membros mais dependentes de empregos e salários para a aquisição de bens indispensáveis à sobrevivência (que se tornaram mais numerosos). Tudo é comprado e caro como constatou Leísa:

muito mesmo, porque lá em Manaus a gente... a compra num é cara. É muito peixe, muita verdura, muito suco, então a gente quase não precisava de arroz, feijão, de pão de queijo (risos), de bolos, essas coisas assim. Não era necessário porque tem muitas outras coisas naturais que substituíam, então é melhor pra saúde. Agora aqui, aqui já é, são diferente aqui, acho que em cada lugar que a gente mora a gente tem que seguir a cultura, né? Da terra. Aqui é normal como todo mundo a gente faz a compra, deixa a compra lá toda semana tem de tudo, tem muita fruta, muita verdura, carne, as mesmas coisas como todo mundo (Leísa).

Um tema que persiste nas lembranças das entrevistadas mais velhas é a fartura “de antigamente”, contrastando muitas vezes com a dificuldade de sobrevivência do presente. Assim, como mulheres rurais se referiram ao passado como o tempo da fartura, mulheres citadinas também o recordam dessa maneira:

Então, a gente e a minha avó, lá era muito fartureto, sabe? A minha avó trabalhava, essa minha tia que trabalhava em São Paulo, ela mandava para gente uma caixa de coisa que ela comprava e a minha tia era lavadeira de roupa era muito fartureto, meu pai trabalhava na máquina de arroz. Ele machucou, mas a máquina continuou dando para ele o arroz. E o arroz que eles davam que a gente aprendeu a comer foi o Vitória, um arroz bom! Era o 1º da máquina. E vez em quando eu compro o pró-pão⁴⁷, ninguém come o arroz. Eles acostumaram a comer arroz bom (Márcia).

A fartura de antigamente, lembrada por Márcia, tanto na casa das patroas como na sua, se relaciona com a experiência de um tempo em que nem tudo é comprado, como é o

⁴⁷ O pró-pão é uma cesta de alimentos subsidiada pela prefeitura municipal de Uberlândia para a população pobre.

caso do arroz que abastece sua casa, que vem da máquina na qual seu pai trabalhou e de quem continuou recebendo o arroz, mesmo quando não trabalhava mais. A fartura também tem a ver com vida comunitária e familiar enraizada, onde a tia, que mora em São Paulo, e trabalha como lavadeira, remete à avó com quem Márcia vive “uma caixa de coisa”. A fartura na memória das entrevistadas pode ser pensada também como contraponto à vida contemporânea, na qual as dificuldades de sobrevivência aumentam para algumas entrevistadas, contribuindo para uma visão positiva do passado, como nos inspira Raymond Willians.⁴⁸ Podemos pensá-la ainda como expressão da cultura da fartura em momentos especiais como colheitas, festas, quando um porco é abatido, etc. Se no cotidiano havia escassez, as festas eram abundantes e marcam as lembranças das entrevistadas.⁴⁹

Márcia destaca ainda o fato de que cozinhar naquela época era bom porque podia gastar para fazer os pratos, o que nos leva a pensar que atualmente, mesmo nas famílias mais abastadas, não se tem como prática no cotidiano de fazer grandes quantidades de comidas e nem exagerar nos gastos com as mesmas.

Então ela fazia pra cem, quinhentos, até mil pessoas, jantares. Ela sempre me convidava para trabalhar com ela. E a gente, é... ela não importava se você fizesse prato diferente, você podia gastar muito naquela época era bom de cozinhar, não é? Sua patroa falava assim: “Não, faz um prato diferente”. Então, eu ...ela deixava a gente fazer e a Dizima ia muito cozinhar pra ela. Então, eu aprendi muitos pratos diferentes com a Olga. Na época que eu trabalhei com ela, porque ela deixava eu fazer (Márcia).

Ao recordar seus áureos tempos como cozinheira, Márcia nos fala dos banquetes que ajudou a preparar, das casas para quem trabalhou, pensando que aquele era um tempo bom porque a cozinheira podia gastar. Essa afirmação nos leva a pensar na fartura como um componente da vida social, defendida por diferentes extratos sociais, e ostentada pela elite, ou seja, tida como um valor, sendo necessário no dia-a-dia, e especialmente nas festas, aliar à qualidade da comida a quantidade.⁵⁰

Práticas e preferências alimentares

As entrevistadas referiram-se nas entrevistas às preferências alimentares, rementendo-nos a diferentes modos de vida, cardápios, escolhas, condições econômicas,

⁴⁸ WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1988

⁴⁹ Sobre essa prática popular de combinar escassez e fartura ver: E. P. Thompson, op. cit. p. 298.

⁵⁰ ABDALA afirma que as mesas fartas e banquetes eram utilizadas como meio das classes abastadas ostentarem seu poder econômico. 1997, p. 73, (op. cit)

ritmos de vida e trabalho. De modo geral, foi falado de uma alimentação no passado, baseada nas culturas do quintal, da lavoura, da criação de porcos e galinhas, demandando muito trabalho doméstico e lento processo de preparação, como pudemos ver e que em alguns pratos ainda se mantém na atualidade. O café da manhã era composto de quitandas feitas em casa, como biscoito assado ou frito, pão de queijo, broa, bolos variados, etc. Uma variação desse café da manhã poderia consistir em ovos fritos, feijão, farinha, torresmo, etc. O trabalho era pesado e começava cedo, exigindo que o café da manhã atendesse às necessidades calóricas das pessoas, mas com especial atenção aos trabalhadores. Para dar conta do café da manhã era necessário que a dona da casa ou suas empregadas fizessem a provisão dos alimentos, nas conhecidas latas de quitanda, sendo que essas mulheres precisavam acordar cedo para preparar o café e continuavam com tarefas domésticas até a noite.

Claudiana se refere aos alimentos consumidos em sua família, especialmente o pai, sintetizando sua visão sobre as preferências alimentares do “povo de roça”:

Olha, gente de roça não come muita verdura não, você sabia? Come mais abóbora, quiabo, couve às vezes come. Era essas coisa, meu pai gostava demais de carne, carnívoro mais que tudo, então matava... matava porco. Aí, quando matava porco, minha irmã vinha arrumar, minha irmã arrumava, punha nas lata, ficava mais fácil e frango, frango caipira. Sobrava tempo da gente pescar, um dia eu peguei um peixe de 5 kilos. Não estou mentindo não, é verdade. E era comida normal arroz, feijão e essas coisas. Mais era quiabo e abóbora. Gente de roça come mais é isso. Não tem muita verdura não (Claudiana).

Essa afirmação de Claudiana de que *gente de roça não come muita verdura* é significativa e vai ao encontro de estudos sobre a alimentação em Minas. As verduras e legumes são os do quintal e há preferência pelas carnes para “mistura”, pois a base é o arroz com feijão. De acordo com Mônica Chaves Abdala o processo de desenvolvimento do estado a partir da decadência das minas de metais preciosos, marcado pelo que chama de ruralização da economia, nas quais as fazendas distantes umas das outras tinham que produzir quase tudo que precisavam e constituir uma dieta baseada numa produção caseira.

Abaixo a descrição da autora sobre os principais pratos:

Uma análise dos cardápios mineiros desde o povoamento do território até às primeiras décadas do século XX evidenciará que, à exceção de algumas frutas, os alimentos crus não aparecem em sua composição. Verduras eram sempre refogadas ou cozidas, frutas predominavam em compotas. As carnes eram sempre fritas, assadas ou cozidas, muitas vezes depois de salgadas e defumadas. A esse respeito lembramos os alimentos cozidos são predominantes em relação aos assados, caracterizando um maior aproveitamento e uma forma de economia que percebemos sobretudo no *mexido*, nas farofas, sopas e demais pratos que combinam alimentos, aproveitando partes menos nobres de carnes, sobras, culturas de

quintal, como o milho, a abóbora, a mandioca e, até mesmo, alimentos destinados a animais (ABDALA, 1997: 127).

Essa tradição de aproveitamento das culturas da horta, da criação de porcos e frangos, mostrada por ABDALA: está presente nas experiências da maioria das entrevistadas no passado e algumas, atualizadas no presente.

plantava mandioca, plantava mandiocal, tinha a horta de verdura, né? A horta de verdura, de... hoje a gente vê até outras verduras que a gente naquele tempo não conhecia que nem pimentão, né? Naquele tempo a gente não conhecia pimentão. Cebola, alface e jiló, tomate, tomate.... agora essas outras tudo, veio depois, né? A rúcula, a beterraba, naquele tempo a gente nem via, não, não é? Hoje já veio outra alimentação aqui, já favoreceu o povo, tem muita vitamina (Dona Francisca).

Dona Francisca ressalta em seu depoimento quais eram os alimentos que conhecia e quais foram sendo introduzidos, especialmente após sua mudança para Uberlândia nos anos 60. Mandioca, milho, alface, jiló, tomate, ela conhecia. Rúcula, beterraba, pimentão vieram depois, com a maior circulação das mercadorias e os processos de conservação de alimentos e desenvolvimento da produção agrícola. Sobre o que gosta hoje, Dona Francisca equilibra os costumes do passado com a inclusão de novos alimentos:

Que eu gosto mesmo é a couve, a abrobrinha. A couve, a abrobrinha e... É alface, couve-flor, eu gosto demais de couve-flor, mas... eu gosto de fazê, porque ele gosta, muita gente gosta, né? Quiabo, eu não gosto, eu gosto de fazê (Dona Francisca).

Da mesma maneira que Dona Francisca, Carmem fala da preferência de seu marido por chuchu, jiló, mantendo a cultura da horta “tipo assim, chuchu, jiló, essas coisas ele adora coisas simples”. Claudiana fala do quiabo com abóbora:

Hoje eu como principalmente, eu gosto de todo tipo de verdura, menos o pimentão verde. Pimentão verde não me faz bem. Eu gosto de muita verdura, eu acostumei, mas eu ainda continuo gostando do quiabo com abóbora ainda, né? E a carne, carne todo dia, eu não fico sem nem. Como diz, tem que ter ao menos um pedacinho na beirada do prato (Claudiana).

Se por um lado observamos uma tendência de equilíbrio entre as preferências mais antigas com a inclusão de novos pratos na alimentação quotidiana de pessoas entrevistadas, observamos uma diferença na experiência dos filhos de algumas entrevistadas:

Ah, a Fernanda adora polenta, agora batata frita, banana frita, essas coisas. normalmente eu não faço muita fritura, não. Uma vez na semana uma mandioquinha frita, uma coisa assim.

Outra coisa que eles gostam, o Lucas adora macarrão, então vai revezando. Frutas, eles gostam muito de fruta, o Lucas gosta de verdura, a Fernanda não gosta. A Fernanda não come verdura, é um problema sério. Quando era pequenininha era fácil, quando era pequena comia, entendeu? Então não é pra falar assim, que não tem em casa que não... Mas não é o caso, que eu adoro. Eu adoro, pra mim tem que ter todo dia. Então, não tem nada, não faço nada assim de muito complicado durante a semana não. Strogonof que eles adoram. Então é simples, nada de complicado não (Carmem).

Carmem afirma que na sua casa há uma preferência por pratos simples, mas bem feitos, bem temperados. Na elaboração dos cardápios considera as diferentes opções dos filhos, do marido e dela própria. Além do paladar, busca combinar valor nutritivo (e as questões de saúde imbricada na escolha alimentar), e a dimensão estética que a faz evitar alimentos gordurosos e as frituras no dia-a-dia. Enquanto o marido gosta de verduras como chuchu e jiló, os filhos preferem batatas fritas e macarrão, entre outros alimentos.

Essa também é a situação do filho de Claudiana:

O Alan também já não gosta muito de verdura não, gosta de tomate, é uma briga para comer. Quem é mãe tenta comer de tudo pra filho aprender, já viu isso? Eu tentei ver assim, mas ele não gosta muito não, ele gosta mais é de tomate, maionese ele gosta. Quando é uma verdura, coisa misturada ele gosta. Pra comer você tem que fazer junto cenoura com carne, arroz, feijoada ele come (Claudiana).

Observamos uma dificuldade de algumas mães, de não conseguirem transmitir aos seus filhos sua tradição alimentar, como Carmem se referiu. Nesse sentido são utilizadas estratégias para que os filhos comam verduras, pelo valor que têm para a saúde, seja a mistura como falou Claudiana, ou como nos conta Dona Conceição:

Aí o dia que eu tô em casa, é que eu, é que eu não saio pra rua. Aí eu cozinho feijão, já boto tudo no freezer separadinho pra cada dia, né? Eu tempero minhas carne, deixo temperadinha. Quando eu chego é só tirá do freezer. Às vezes de manhã quando eu saio e já tiro do freezer, já deixo na geladeira quando eu chego tá descongeladinha é só fazer entendeu? E eu faço coisa cozida, por exemplo, meu marido gosta muito de costela de vaca, ele gosta muito de um pirãozinho. Nordestino gosta de pirão, aí eu cozinho aquela carne, eu faço as fritura dos menino. Aí eu procuro coisas assim mais prático, né? Salsicha, lingüiça e omelete com presunto e queijo. Às vezes eu faço um suflê de verdura pra eles comer verdura porque eles não gosta de verdura. Aí eu cozinho um tanto de verdura, misturo com carne moída e faço aquele suflê e eles come. Então é coisa rápida né? Não é coisa assim trabalhosa. Aí no sábado e domingo eu faço as coisa mais caprichadinho. Aí eu faço meus assado, meu lombo recheado. Caprichado! (risos) (Dona Conceição).

Mais uma vez Dona Conceição nos mostra o modo como organiza seu trabalho. Destaca a importância do planejamento como cozinhar feijão com antecedência e congelar, temperar os bifês para os dias que não terá tempo, tirar do congelador pela manhã para

cozinhar à tarde, garantindo, assim, a eficiência de seu trabalho. Dona Conceição se esforça para atender as preferências alimentares e as necessidades dela, do marido e dos filhos:

a cozinha eu gosto de tudo. De fazê tudo, eu gosto muito de mexe em cozinha. Eu nasci pra ser dona de casa (riso). Na, no dia-a-dia a gente faz as coisas mais prática, porque você trabalha, né? Tá sempre com as atividades correndo pra lá e pra cá. Então, você procura sempre fazê uma mistura mais rápida, é um bife, um omelete, uma salada, é um arroz com galinha (risos). Os meus meninos, tem... eu faço dois tipos de mistura todos os dias eu tenho essa paciência porque os meus filhos só come fritura e eu só como cozido. Aí todo dia e eles não gostam de repetir mistura. A minha sorte é que eles almoça tudo no serviço. Eles almoça no self service e eu só faço janta que nordestino almoça e janta. Uma que meu marido leva marmita, né? Então é só ele que leva marmita térmica, aí eu faço a janta pra ficá fresquinha pra ele leva no outro dia. Esquenta, põe na marmita térmica e... aí eu faço só janta, aí eu faço uma coisa mais rápida, né? Às vezes eu faço um suflê. Eu sei que, eu chego dentro de uma hora eu faço minha janta. Dentro de uma hora, eu faço minha janta (Dona Conceição).

Dona Conceição se organiza, no dia-a-dia, para dar conta de diferentes atribuições. Nos dias de semana, ela cozinha pratos mais rápidos, como bife, omelete, salada, arroz com galinha. Ao considerar as preferências e necessidades de todos os membros da família, vê-se na incumbência de fazer dois tipos de mistura: uma fritura e outra cozida, porque ela não pode com fritura e os filhos não gostam do cozido. Além de ter que ser frito, Dona Conceição fala das exigências dos filhos quanto ao não repetir misturas, o que nos faz pensar em como ela tem que criar o repertório para conseguir variar o cardápio e agradar a todos. Ao que parece, a exigência quanto à maior variedade se relaciona mais com a vida na cidade, e a ampliação da oferta de alimentos. Na roça, em geral, se cozinha o que é próprio da época, o que se produz no quintal.

O relato de Dona Conceição mostra as múltiplas influências culturais que sofreu: nasceu no Nordeste, viveu em São Paulo e em Uberlândia. A vida em São Paulo deu a ela a convivência com esses pratos mais rápidos que estão presentes em seu cardápio atualmente: lingüiça, salsicha, omelete, que não aparecem da mesma forma nos depoimentos de outras entrevistadas. De Minas, ela já se refere a tradicional galinhada, à preferência pelos cozidos. Do Nordeste, fala do hábito de almoçar e jantar. É significativo o fato de Dona Conceição buscar na identidade cultural a explicação para as suas preferências alimentares.⁵¹

Dona Conceição nos mostra com riqueza de detalhes as estratégias que utiliza para dar conta de todas as suas atividades, mostrando planejamento, combinação de ingredientes,

⁵¹ De acordo com Mônica Chaves Abdala a cozinha tem um papel central na formação da identidade social e que "... a *cozinha materna*, assim como a língua, permanece como referência viva mesmo na memória daqueles que migram, constituindo elemento importante na pauta de uma identidade. Tal fato pode ser reconhecido num plano universal, como vários dos estudiosos nos apontaram.", *op. cit.*, p. 170.

habilidades necessária para bem cozinhar. Nesse sentido ganha destaque a capacidade de planejamento do tempo a ser gasto, corroborando estudos acerca das habilidades que o cozinhar exige: planejar, antecipar, calcular. Para a realização do trabalho doméstico, esse conjunto de habilidades, desconsideradas pela sociedade, faz-se necessário.

As alterações provocadas por novos hábitos alimentares, novos padrões de vida, desorganizaram de certa maneira o antigo modelo, apresentando como alternativa o alimento industrializado. Em geral alimentos que compunham os cardápios da maioria das pessoas na região estudada como chuchu, jiló, couve, abóbora, as folhas do quintal como almeirão, taioba, entre outras, estão presentes nas preferências alimentares das pessoas que as experimentaram em sua história, mas não das novas gerações e populações de tradição mais urbana. Assim, cresce a preocupação quanto à qualidade dos alimentos preferidos pelas crianças e jovens, sendo objeto de sérias discussões da área de saúde.⁵²

Os setores tidos como mais antigos, cujo saber culinário estava associado a um passado rural demonstravam apego aos sabores e combinações de alimentos mais tradicionais de característicos da casa. Os segmentos jovens valorizavam as técnicas modernas e tinham hábitos alimentares considerados mais urbanos, em contraposição à tradição referenciada no universo rural, maior curiosidade quanto a sabores desconhecidos, maior hábito de comer fora e valorização da profusão de ingredientes (DUTRA apud ABDALA, 1997: 138).

A questão do jantar é um interessante aspecto das mudanças e permanências nos hábitos alimentares no período estudado. Jantar é tido por alguns como costume dos antigos, conservado por dona Conceição, como dimensão de sua cultura nordestina “que nordestino almoça e janta”. E renegado por outros como Carmem que diz: “Não, não, janta não, geralmente é lanche, “não tem nada que jantar não”:

Olha, por incrível que pareça, o Lucas se vira bem assim na cozinha, entendeu? A hora que ele quer fazer um lanche, uma coisa, uma janta, ele vai, ele mesmo arruma. A Fernanda gosta mais de sanduíche, uma coisa assim. Agora o Lucas, ele mesmo vai, ele inventa, ele faz uns mexidos, umas coisas, ele adora, sabe? Ele vai e faz. Então eu já não tenho mais essa preocupação e ter. “ah não, vou arrumar a janta”. Entendeu? Que tem hora que eu falo: A mãe está de regime hoje, não vou descer não. Porque se eu descer pra arrumar alguma coisa, eu fico beliscando. Então eu falo: Oh, pode descer. Aí ele arruma, sobe aquele cheirão, ele gosta de muita cebola, o apartamento fica com um cheiro, precisa ver. A boca enche de água, eu nem desço. Uma gracinha você precisa ver do jeito que ele arruma. Eu acho bonitinho. A não ser a hora que está com preguiça mesmo que ele fica assim: “Não, mãe,

⁵² Tem crescido as discussões e preocupações com a desnutrição, mas especialmente com a obesidade, resultado desses novos padrões alimentares. A preocupação é maior com o crescimento da obesidade entre as crianças que tem sido considerada a epidemia do século. Nesse sentido tem sido pensada como importante a revalorização de produtos não industrializados, in natura.

estou com fome”. Aí você já viu como que é mãe né? Aí eu desço, arrumo ainda como, sabe? Mas eles se viram bem (Carmem).

Carmem fala de sua experiência, em que o jantar perde importância, não que a refeição deixa de acontecer, mas como ausência de ritual. Assim, em sua casa é improvisado um lanche ou um mexido com as sobras do almoço, às vezes preparado pelo próprio filho de 13 anos. Já Dona Conceição diz que faz somente a janta, pois os filhos almoçam no self-service e o marido leva marmita. Carmem destaca o fato do próprio filho preparar o jantar, como algo inovador, em comparação com a filha, que é mulher e não foi citada nesse aspecto. Outro elemento a ser considerado é o contínuo regime em que muitas mulheres se encontram, sendo essa a condição de Carmem que, mesmo com água na boca, não pode ceder à tentação de saborear o mexido que seu filho prepara.

Ordália, diarista, mãe de dois filhos jovens, casada, resolveu retomar os estudos e foi se desincumbindo das tarefas cotidianas com a casa. Continua responsável por algumas, mas transferiu outras para os filhos. Sobre a alimentação em sua casa, diz o seguinte:

eu cozinho mais dia de domingo, meio de semana eu deixo o povo resolver, minha filha come fora, o marido come na empresa, o menino também comia, mas agora ele está parado, ele mesmo se vira lá. Decidi fazer isso sabe? Que eu chegava e achava que dava conta de tudo (Ordália).

Esse caminho de Ordália, de ir construindo alternativas para que pudesse investir em outros aspectos de sua vida, é significativo da busca de construção de sua história, e não aceitar as contingências da vida como dado de realidade. Nos diz como pensa ser mãe e dona de casa, colocando-se como sujeito do processo, de levar em conta suas possibilidades e vontades e não apenas a vontade dos outros. Esse caminho de Ordália foi se construindo, foi sendo planejado, conquistado, a partir de suas decisões.

Estudos apontam que “a maior variedade de alimentos disponíveis não tem sido considerada por alguns pesquisadores, como fator significativo para as alterações nos padrões alimentares tradicionais” (ABDALA, 1997:137) e que “as principais mudanças alimentares são provocadas pelo nível de instrução e formas de ressocialização (...) que proporcionam possibilidades de alterações nos modelos tradicionais.” (WOORTMANN *apud* ABDALA, 1997:137). E que essas alterações nas práticas alimentares tem tido “um efeito mais destrutivo que construtivo no sentido de destruir um modelo tradicional (...) sem ter a capacidade de reconstruir outro.” (NOVION *apud* WOORTMANN *apud* ABDALA, 1997: 137-138) Relacionando com as experiências de nossas entrevistadas, podemos pensar que essas

alterações trazem como efeito uma certa confusão do que seja o correto, trazendo para as donas de casa e trabalhadoras domésticas exigências de conhecimento sobre o que é bom ou ruim na alimentação, o que combina com o quê, além de exigências de maior variedade nos cardápios, propiciadas maiores variedade de alimentos, como no caso de Dona Conceição que precisa fazer a carne cozida e frita todos os dias para atender preferências alimentares de seus filhos e as suas necessidades em termos de saúde e gosto, além de variar o cardápio continuamente, pois os filhos não gostam de repetir “mistura”.⁵³

A alimentação das entrevistadas nos leva a pensar em uma tendência de manutenção de antigos hábitos. Se por um lado, temos a inclusão de novos alimentos, em Minas Gerais e na região pesquisada, os *fast-foods* não tiveram a mesma adesão, como em São Paulo. Entre as entrevistadas, a preferência é pela comida caseira, proveniente da cozinha. Mesmo considerando o crescimento dos estabelecimentos que oferecem comida fora de casa o comer fora ocorre como contingência, como trabalho fora e preço do transporte e não por opção primeira. Essa realidade é diferente da analisada por ABDALA (2002), na qual a autora estuda famílias que vão ao self service também por “opção”, conforme discutimos. Entendemos ainda que não há uma predominância do enlatado, dos alimentos pré-fabricados, na experiência das pessoas que entrevistamos, mas uma busca de equilíbrio entre alimentos industrializados e alimentos comprados in natura.⁵⁴

Donas de casas e trabalhadoras domésticas se vêm na necessidade de estarem atentas às preferências alimentares dos que usufruem de sua comida. No caso das trabalhadoras domésticas uma qualidade necessária, mesmo às mais experientes, é a flexibilidade para adaptar seu jeito de cozinhar às preferências da família para quem trabalham.⁵⁵ Cabe às patroas, ou outro membro da família, a explanação sobre suas preferências e mesmo a transmissão de receitas, detalhes da comida que a família gosta, para que a trabalhadora tenha condições de acerto nos pratos e temperos.

⁵³ ABDALA (*op. cit.*) afirma que o fato das pessoas freqüentarem self-service faz crescer as exigências quanto ao cardápio em casa, uma vez que no self service há grande variedade.

⁵⁴ Os processos de industrialização tanto provocam modificações como afirmação de antigas tradições. Sobre a influência da Revolução Industrial nas tradições locais Thompson diz o seguinte: “ Ao invés de destruir as tradições locais, é possível que nos primeiros da Revolução Industrial, tenha ocorrido um crescimento da autoconsciência e do orgulho provincianos. (...). Conforme a nova disciplina fabril se inseria no modo de vida do trabalhador manual (...) a autoconsciência se aguçava na medida em que se percebiam as perdas...” (THOMPSON, 1987: 299).

⁵⁵ No estudo “Lugar de homem é na cozinha” há uma constatação de que, quando o homem cozinha, a praticidade é levada em conta, acima das preferências alimentares e das preocupações com saúde. Procuram um jeito mais eficiente e rápido de se livrarem da tarefa, à exceção daqueles que cozinham para obter reconhecimento, em momentos especiais, que constituem a maioria dos que cozinham.

Acerca dessa questão, Valéria fala de sua experiência com uma trabalhadora doméstica:

Ela é de Cuiabá, então o jeito dela fazê lá era assim. Ela falô pra mim: “Arroz, feijão, peixe, muito peixe”. E aqui em casa a gente não come peixe, a gente detesta peixe. De vez em quando a gente faz um peixinho, come um pedacinho, ninguém gosta. E carne ela só sabia comer isso. Ela falou: “Valéria, eu aprendi a comer verdura aqui. Salada variada, hoje ela adora, macarronada, sopa. Tudo ela aprendeu aqui, não comia não, de região, que a pessoa morava hábito (Valéria).

Aspectos regionais e culturais geram diferentes hábitos alimentares como nos mostrou Valéria referindo-se à trabalhadora doméstica que veio do norte do país e sua preferência por peixes e na sua casa, esse prato não era bem quisto. Assim, notamos que as preferências alimentares têm a ver com tradições familiares e regionais.

Além das preferências alimentares, que têm a ver com cultura e tradição, observamos que algumas entrevistadas incorporaram um discurso médico, dietético, do que seja uma alimentação saudável, como nos mostra Dona Francisca: “tava usando demais era refrigerante, mas tô largando também um pouquinho, médico já proibiu, faz enfraquecer os ossos, né? Principalmente coca. Então, tô largando um pouco, faz mais assim é de fruta, suco de fruta”. Essa é também a razão pela qual se consome pouco enlatado na casa de Dona Francisca. Apesar dessa incorporação dos discursos médicos sobre a alimentação, Dona Francisca resiste em adaptar-se a todos eles. Ela gosta da macarronada, da couve flor, beterraba, apropriou-se de um discurso médico-dietético do que seja uma alimentação saudável, mas não abre mão de comer na banha de porco. Questionada se não fazia mal à saúde (colesterol, problemas cardíacos) Dona Francisca apelou para exemplos práticos:

É banha. Fui criada e com banha mesmo. Eu não acredito que faz mal, porque o meu sogro pai dele, mais dela (referindo-se ao marido e à comadre presente na sala no momento da entrevista) levantava de manhã e o cumê dele era tutu de feijão com ovo frito, torresmo de porco, e também de vaca, né? Então, por isso que eu acho ... e morreu com oitenta e quantos anos comade? Comadre: “Oitenta e cinco”. Pois é, forte só cê vendo. Graças a Deus! Eu acho que isso não faz muito mal (Dona Francisca).

A permanência do hábito de comer com banha de porco, conservadas em latas de 18 litros, nos leva a pensar na seletividade da incorporação de hábitos alimentares, pelas pessoas de origem rural e migrantes. Matar porco tem um sentido de acontecimento na vida da população da região. É momento de fartura, de partilha. Quando Senhor José e Dona Francisca mantêm esse hábito e o atualiza, preservam sua própria história. Esse

acontecimento também foi lembrado por Ordália: “Às vezes convidava para matar um capado, uma festa, aí chamava pra ajudar” (Ordália).⁵⁶

Hodiernamente, alimentos como ovos fritos, torresmos, banha de porco são tidos como nocivos à saúde. Dona Francisca contesta, diz que não é nocivo e dá como exemplo o sogro que comia e que morreu com 85 anos. O que temos que considerar é a mudança de vida: o trabalho na roça ainda hoje exige uma dieta mais calórica que na cidade. Com hábitos de vida mais sedentários não se pode manter a mesma dieta sob o risco de, entre outras conseqüências, ficar obeso. Mesmo com essa ressalva, não está provado que a banha de porco causa mais mal à saúde que o óleo. De formas diferentes, ambos podem ser defendidos e acusados. Como a propalada utilização da soda na preparação do óleo de soja.⁵⁷

A associação entre alimentação e saúde, é uma preocupação das donas de casa. Nesse sentido foi destacada a importância dos novos legumes e verduras que foram conhecendo, que “antigamente” não tinha, como se referiu Dona Francisca e na preocupação de Carmem e Dona Conceição com o fato de familiares não gostarem de verduras. Além da função preventiva das doenças alguns alimentos podem ter função curativa e as mulheres eram (e em alguma medida continuam sendo) detentoras e transmissoras desse conhecimentos.

Ainda hoje é comum o tratamento de vômito, diarreia e desidratação com água e fubá, O escaldado feito com fubá ou farinha de mandioca não falta `a mesa dos doentes ou convalescentes: alimenta quando não se tem apetite, é ótimo sudor... (...) O emplastro quente de angu de milho ou de fubá feito com água, enrolado numa fralda, é aplicado sobre crianças com dor de barriga, no local da dor. Serve também para alívio de cólicas nos adultos. O emplastro á base de farinha de mandioca é recomendado para aplicações no ouvido, na garganta e no peito em caso de bronquite ou asma, sempre envolto em tecido (ABDALA,1997: 133-134).

A saúde e a doença têm relação com a alimentação que ingerimos. Donas de casa e cozinheiras detinham/detêm o conhecimento sobre as propriedades de alguns alimentos e o utilizavam para manter a saúde, curar doenças e mesmo melhorar o estado de saúde dos doentes. No passado (especialmente rural) esse conhecimento não era só importante, mas definidor para a sobrevivência dos membros da família, especialmente para as crianças, pela

⁵⁶ A idéia de que a banha de porco é prejudicial à saúde foi desenvolvida pelos Estados Unidos nos anos 1970 pois precisavam criar um mercado para um subproduto do farelo de soja, esse produzido para a alimentação dos animais. Assim, começou desenvolver a idéia de que o moderno era consumir óleo de soja.

⁵⁷ Estudos indicam que o combate ao uso da banha de porco ocorreu a partir dos anos 60 nos EUA em função de os produtores terem que dar um fim comercial ao sub-produto da soja, cujo bagaço era utilizado na alimentação de animais. Assim, o óleo de soja nasce como subproduto das rações para animais, e a estratégia de venda do óleo, passou pelo combate ao uso da banha de porco.

ausência de médicos, farmácias, hospitais nas proximidades. Nesse sentido, destacamos uma relativa perda desse saber e desse poder das mulheres e sua transferência para profissionais especializados como pediatras, nutricionistas, entre outros, criando um campo de adaptação e tensão entre saberes populares e científicos. Ainda assim, as mulheres utilizam chás caseiros, escaldados, receitas caseiras diversas para curar e/ou prevenir doenças e melhorar a vida das pessoas, ou pelo menos, para animar pessoas em momentos de fragilidade, como na doença.

Temos que refletir em que medida as inovações trazem ganhos e prejuízos em termos nutricionais para as classes populares. Notamos que os mais ricos e escolarizados estão fugindo do rápido, do *fast food*, buscando uma comida livre de agrotóxicos e de organismos geneticamente modificados. Nesse sentido ganha espaço o frango caipira (mesmo que seja de uma grande indústria alimentícia), o boi verde, os produtos orgânicos. Alimentos com essa garantia de qualidade têm sido ofertados pelo mercado de forma crescente, com preços bastante superiores, sendo inacessíveis à grande maioria da população. Enquanto os bons restaurantes (e também Dona Francisca) se orgulham de fazer o molho de tomate, a população em geral se acostumou e é levada a consumir o extrato de tomate enlatado, eficiente, rápido e prático, mas com a presença de substâncias nocivas à saúde, como conservantes. Da mesma maneira, produtos que eram do quintal como abóbora, couve, de grande valor nutricional, não são tão bem aceitos, especialmente pelas novas gerações, que têm nos produtos industrializados o padrão da boa alimentação.

O que pudemos notar é, que, se de um lado, as atividades para a elaboração da comida variaram muito no tempo, os equipamentos foram ampliados e que houve a introdução de novos alimentos, por outro lado, para a maioria das entrevistadas não houve uma mudança tão significativa no que se come quotidianamente, mas, sobretudo, nas tarefas que eram/são necessárias para preparar os alimentos.

Cozinhar: arte, ciência, ou trabalho desqualificado

Cozinhar é uma das atividades domésticas que as entrevistadas mais se referiram positivamente. O tipo de comida que mais aparece na alimentação quotidiana das entrevistadas é arroz, feijão, carne, verduras refogadas, alguma fritura como mandioca e batata, macarrão. Alguns alimentos demonstram a manutenção de antigos hábitos alimentares. Outros são inovações que vão sendo incorporadas na alimentação das entrevistadas como maionese, creme de leite, azeitonas, algumas variedades de verdura, etc. As exigências quanto à elaboração das refeições acompanham as mudanças nos tipos de alimentos que são utilizados e os valores sobre a boa comida:

Eu adoro fazer comida, eu adoro cozinha. Fazê uma carinha bem temperadinha, cheia. Fazê uma salada, pra mim não precisa nada. Uma saladinha, não sou assim prática pra fazê uma pizza, um trem assim, não sou prática, mas por quê? Naquele tempo a gente num tinha, não fazia os pais da gente não fazia assim uma pizza não fazia uma macarronada. Naquele tempo não sabia, não é? (Dona Francisca).

Dona Francisca nos dá uma explicação clara das razões pelas quais é “prática” na elaboração de determinadas comidas e em outras não. As que ela sabe fazer melhor são as que têm a ver com a sua história, com a sua tradição familiar, com a sua experiência de vida. Aquelas existentes na casa de seus pais e depois na sua: carne “bem temperadinha”, “um franguinho”, verduras cozidas, arroz, feijão, doces de leite e frutas. Já a pizza e a macarronada não compõem a sua memória e os modos de fazer não foram incorporados, e nisso resulta menos prática de sua parte na elaboração desses cardápios.

Claudiana relata as dificuldades que enfrentou para aprender a cozinhar. Tendo ficado órfã de mãe, assumiu a responsabilidade pela cozinha, sem a presença de outras pessoas que pudessem orientá-la:

Eu sofri muito para aprender a fazer comida, eu sofri. Meu pai falava assim: “Eu vou lá na casa da Helena buscar um caldo e deixar na vasilha pra vocês experimentar e aprender a fazer”. Aí depois eu fiquei uma boa cozinheira, até hoje, graças a Deus. Sozinha. Apanhando e fazendo lesma pro povo comer” (Claudiana).

A reflexão sobre o processo de aprendizagem da “arte culinária”, e da dimensão cultural da alimentação é importante de ser debatida quando se estuda a realização do trabalho doméstico e as práticas de cozinhar, pois contribui para a desconstrução de estereótipos da sociedade sobre a desqualificação desse trabalho e das pessoas que o exercem. Em geral, acredita-se que qualquer pessoa pode realizar o trabalho doméstico e que não é necessário qualificações. Também são comuns as reclamações de que as trabalhadoras domésticas não sabem cozinhar. Por outro lado, os hábitos alimentares e as relações de trabalho doméstico no âmbito da cozinha revelam dimensões da dominação. As elites – as classes mais abastadas – consideram o seu modo de cozinhar como certo (como em qualquer cultura) e desqualificam o modo de fazer de suas cozinheiras. Muitas vezes a trabalhadora doméstica e a dona de casa não sabem elaborar determinados pratos porque esses não compõem seu universo cultural, social, econômico. Com isso ressaltamos mais uma vez que cozinhar tem haver com cultura, exige aprendizagens, saberes, que foram acumulados por mulheres em geral (e apropriados

por homens quando se transformaram em *chefs* de cozinha), e que, portanto, essas aprendizagens e transmissões requerem espaço:

quando eu já fiz 15 anos eu falei: Eu vou ser cozinheira. Sem saber cozinhar, sem nada. Eu queria ser cozinheira porque eu achava muito bonito minhas tias, era cozinheira em São Paulo, em uma família Nazagão muito rica, eu achava muito bonito o modo dela trabalhar. O modo dela enfeitar os pratos montar a mesa. E eu falei: Eu vou ser cozinheira. E fui aprendendo. Meu primeiro emprego foi com o pessoal dos tecidos Titã. A mulher tinha casado, ela também não sabia nada, eu não sabia... Fui aprendendo também, eu não fiquei parada não... fui para o Senac, fui para o Sesi, fiz um monte de cursinho. Ih, além de eu ter muitas... a minha tia era uma boa quitandeira. A minha, tinha as amigas da minha tia que era quitandeira também. Tive muitas amigas, amigas das minhas parente me ajudaram. Era tudo quitandeiras famosas, quituteira que elas falavam na época. E eu comecei minha jornada (Márcia).

Notamos uma referência ao aprender a cozinhar, iniciado na família e em um contexto em que ser boa cozinheira era algo que parecia à Márcia valorizado: “eram tudo quitandeira famosas, quituteiras”. A aprendizagem começou “por imitação” (“alguém me mostrou como fazer”), reconstituída na memória (“eu a vi fazer assim”), ou por ensaios e erros a partir de ações vizinhas (“acabei descobrindo como fazer”) (GIARD, 1996: 273).

Os depoimentos nos indicam que a aprendizagem da “arte culinária” ocorria na prática, em uma relação de troca entre mães e filhas, bem como outras mulheres da família, como Márcia nos fala sobre a tia, tendo a cozinha como espaço privilegiado para essas aprendizagens. Esse espaço de troca ocorria também entre as trabalhadoras domésticas e suas patroas:

E, uma hora também que eu não sabia uma receita, eu chegava e falava: Sílvia eu não sei qual, eu não sei tal receita. “Não?” Eu: Não. E aí, ela ensinava direitinho. Então eu trabalhava nessa época com ela mas nessa época ela já tinha aquele prazer de falar: “Ah, gente a comida, muito bonita enfeitada”. Ela mesma chegava na cozinha e falava: “Por que não põe essa folhinha aqui?” Então a gente aprendeu muito com ela também. E essa D. Guiomar Felice, ela ensinou pratos diferentes que eu não sabia. É, eu comecei a aprender mesmo, coisa sofisticada quando eu comecei a trabalhar com o pessoal do Tubal Siqueira. Nessa época ele era... parece que era dono da imobiliária (Márcia).

Márcia relata diferentes aprendizagens que fez dela, uma boa cozinheira. No trecho acima ela conta que quando não sabia fazer determinado prato a patroa a ajudava, ensinava a receita e influenciava também na forma de apresentação dos mesmos. Uma temática importante na entrevista com Márcia é a busca da sofisticação dos pratos e uma preocupação com a apresentação dos mesmos, porque segundo ela “o cozinhar não é você fazer o almoço, o arroz e o feijão e jogar lá na mesa de qualquer jeito. Na minha casa eu faço arrumadinho, eu

gosto de colocar um prato bonito na mesa. Natal, Ano Novo, eu faço questão...” (Márcia). Assim, Márcia nos ensina que cozinhar e comer tem haver com necessidades energéticas, nutricionais, mas também com cheiro, gosto, sentidos, prazer. Uma questão que nos colocamos, refletindo a experiência de Márcia, é se essa preocupação com a apresentação dos pratos era adaptação aos hábitos “burgueses”, uma maneira das elites se diferenciarem dos costumes das classes populares e, nesse sentido, a cozinha e os hábitos à mesa constituem espaço privilegiado para essa separação.

Sem desconsiderar essa possibilidade, a experiência de Dona Francisca, mais uma vez, mostrou que o gosto pelo arrumado, pelo belo, embora variável nas formas, não é específico de uma classe social: “Eu gosto de fazê porque fica um prato, eu acho que fica um bonito, né?” Lembramos ainda que a tradição dos doces mineiros mais antigos se baseia no gosto e na apresentação dos mesmos, mostrando que a comida tem uma dimensão estética e que essa não é apenas das elites.

Para tornar os pratos cada vez mais saborosos, ou adequá-los aos ingredientes existentes, algumas entrevistadas se referiram à sua criatividade propiciadora da invenção de pratos e modificação das receitas:

Porque eu tenho muito livro, eu comprei, livros grossos de, de como é que fala, de colégio. Eu tenho muita apostila também de vez em quando eu falo pra menina: Ah, você fez o curso? “Fiz”. Eu te dou a apostilha, então eu tenho muita apostila, eu tenho muito, tenho muito e tenho receita que eu gosto de, eu mesma gosto de...eu faço ela uma vez, depois eu modifico ela totalmente, **então sou especialista em mudar receitas** (riso) (Márcia).

Ao referir-se à sua capacidade de mudar receitas, considerando-se uma especialista no assunto, Márcia nos fala do valor que atribui ao seu próprio trabalho, de um diferencial que construiu ao longo de sua história. Demonstra segurança quanto ao seu saber-fazer, inventar, criar que, ainda que não seja valorizado pela sociedade, é valorizado por ela mesma.

No mesmo sentido temos o depoimento de Dona Francisca:

Às vezes a gente pega uma receita, uma quitanda você pega, esse tempos mesmo eu comprei um fubá de canjica e veio uma receita no saquinho eu falei: Eu vou fazê. Eu, mas ficou uma delícia. **Então, eu sou muito curiosa, sabe? (riso). Eu sou meia curiosa.**” (Dona Francisca).

Além de falar de suas habilidades, “ser especialista”, “curiosa”, que são um modo discreto de Dona Francisca se elogiar, de reconhecer suas habilidades, de se dizer inteligente, de alguém que não tem o conhecimento letrado (freqüentava no momento da entrevista uma

sala de alfabetização) e que sabe apropriar-se desses conhecimentos, aprender com eles e transformá-los. Na fala de Márcia, a referência a mudar receitas remete-nos a uma prática comum às classes populares, uma vez que nem sempre é possível seguir as receitas, sendo necessárias adequações ao tempo de preparação e aos ingredientes existentes, tornando-se essencial a curiosidade, a inventividade para com o que existe, criar novos pratos e alimentar os que delas dependem.

O reconhecimento da importância da criatividade para ser boa cozinheira nos faz questionar o estereótipo da monotonia, repetição e incapacidade da dona de casa e da trabalhadora doméstica, “são coisas da vida que exigem tanta inteligência, imaginação e memória quanto as atividades tradicionalmente tidas como mais elevadas” (GIARD, 1996: 212). São muitos os requisitos para o bem cozinhar, muitas vezes não reconhecidos pela sociedade, especialmente as pessoas que fazem esse trabalho no âmbito doméstico, mas bastante valorizado quando comprado fora de casa.

Acerca das habilidades necessárias para cozinhar, GIARD diz o seguinte:

desde que alguém se interessa pela arte culinária, pode constatar que ela exige uma memória múltipla: memória de aprendizagem, memória de gestos vistos, das consistências... Exige também uma inteligência programadora: é preciso calcular com perícia o tempo de preparação e de cozimento... A receptividade sensorial também intervém: mais que o tempo teórico de cozimento indicado na receita, o que informa sobre a evolução do cozimento e sobre a necessidade de aumentar ou diminuir o calor é o cheiro que vem do forno. Aqui também entra a engenhosidade que cria artifícios: como aproveitar os restos para dar a impressão de que se trata de um prato completamente diferente? Cada refeição exige a capacidade inventiva de uma estratégia para fazer mudança, por exemplo, quando falta um ingrediente ou não se dispõe de um utensílio próprio para uma determinada receita (GIARD, 1996: 219).

As entrevistadas se referiram à aprendizagem da culinária no âmbito doméstico com suas famílias ou quando são domésticas com as patroas. A exceção é Márcia, que sendo doméstica desde os 16 anos, em Uberlândia referiu-se aos cursos de cozinha que frequentou. Márcia falou de cursos oferecidos pela indústria de eletrodoméstico, no caso, a Arno. Esses cursos, certamente, têm importante contribuição para a busca de formação de usuárias desses equipamentos e de novos valores em relação à cozinha, qualificando-os como o jeito moderno, novo, rápido, modo de cozinhar científico, fazendo o contraponto com a cozinha tradicional local.

A aula inaugural da Escolinha da Walita, apesar da chuva fortíssima que desabou sobre a cidade justamente na hora da solenidade, reuniu no Liceu de Uberlândia mais de 300 senhoras e senhoritas. Presidiu a solenidade e fez uma palestra alusiva ao ato agradecendo o

comparecimento, dona Cecília de Barros, nutricionista do Estado de São Paulo, contratada pela firma que está oferecendo às donas de casa, e às moças que vão ter suas casas, um curso interessante sobre problemas da alimentação. A ilustre técnica vai realizar uma série de visitas às capitais brasileiras e às cidades mais importantes do interior do Brasil, indo depois a Portugal, Uruguai e Paraguai. O curso tem sido surpreendente. As aulas da classe A, às 15:30 horas. As da classe B às 19:30. E sexta feira, as da classe M às 9 da manhã...”. Enorme tem sido o número de senhoras e senhoritas da cidade a se interessarem pelo curso da Walita que lhes dará a oportunidade de aprender em apenas 4 lições muita coisa gostosa para a sua casa e muita coisa prática. (...) Que é a Escolinha Walita? É um curso culinário **científico** que uma empresa nacional oferece graciosamente, como contribuição de nossa indústria ao aprendizado prático das donas de casa quanto à alimentação daqueles cuja saúde tanto depende de seus cuidados e conhecimentos... (Inaugurada com grande sucesso a Escolinha Walita. *Correio de Uberlândia*, ano XVII, n° 4089, p. 4, 26/01/1956).

É importante refletir sobre o papel que esses cursos tiveram na formação das donas de casa de Uberlândia e das trabalhadoras domésticas e sobre o papel do marketing na formação desses novos valores. Importa observar que o marketing joga com o desejo das pessoas e “o apelo da mídia é centrado no reconhecimento de transformações pelas quais a sociedade vem passando, investindo em produtos sintonizados com as mudanças.” (ABDALA, 1997: 148).

No anúncio do jornal, o público alvo do curso são as donas de casa e moças que terão suas próprias casas. Não faz referência às trabalhadoras domésticas. Caberá a essas senhoras das classes mais abastadas, apropriarem-se desses conhecimentos e transmiti-los às suas cozinheiras.

Temos no depoimento de Márcia a referência ao curso que a patroa pagou para ela fazer em que haveria só mulheres ricas. Ela era exceção como mulher pobre e negra.

As transformações no mundo do trabalho e a maior separação entre os lugares de morar e trabalhar (ainda que persistam vários trabalhos realizados no doméstico), modificam as estratégias de transmissão das preferências alimentares da família para a trabalhadora doméstica. Temos exemplo de donas-de-casa que não saíram para trabalhar fora, como Carmem, e que, portanto, podem acompanhar, quotidianamente, a realização desse trabalho. Por outro lado temos mulheres, como Valéria, que trabalha fora, que utilizou a seguinte estratégia para transmitir a sua tradição culinária para a trabalhadora doméstica de sua casa:

Quando a Marcilene entrou aqui ela era muito insegura com cozinha. Ela falou: “Valéria, eu tô com muito medo! Cozinhar e tal.” Então, o que eu fazia? Eu controlei meu horário de trabalho, que eu chegava em casa 11:10, aí eu ia fazer comida com ela junto. Aí ela foi vendo, como fazia e tudo. E hoje ela já faz. Mas foi assim, no primeiro mês ela ainda não sentiu segura, aí eu fiz mais um mês (Valéria).

O relato de Valéria mostrou que cozinhar é uma atividade que demanda tempo para que possa ser aprendido. Além do que é considerado básico (lembrando que é variável nas famílias), é necessário aprender a variar o cardápio, adequar às preferências, adequar as receitas às condições econômicas, climáticas, etc. Essa formação pode se dar na família, em cursos, com livros e revistas e sem eles, com as patroas, com as empregadas, com as colegas (donas de casa e trabalhadoras domésticas).

Valéria nos falou de sua experiência de fazer junto com a trabalhadora doméstica até que a mesma se sentiu segura para fazer sozinha, remetendo-nos à importância do saber-fazer da dona-de-casa para que possa poder mandar.⁵⁸ Carmem relata a supervisão diária das atividades da cozinheira, conforme nos contou, ao ser perguntada sobre o tempo de casa da mesma:

Já, uns 10 anos já. Já sabe, mas aí todo dia me pergunta, “**o que que vai fazer?**” Mas tá tranqüilo, dá pra ir direitinho. Sempre aquele temperinho mesmo, não tem que fazer nada de muito diferente não. O basiquinho aqui faz direitinho. A hora que eu quero fazer alguma coisa diferente eu mesma vou e faço, um suflê, uma coisa diferente, eu vou e faço, tranqüilo (Carmem).

Carmem organiza a alimentação de sua casa contando com a presença da cozinheira. Além de saber mandar, definir o cardápio, vai para a cozinha quando quer comer algo especial que a cozinheira não sabe fazer, ou que ela prefere do seu jeito. Seu conhecimento dos modos de cozinhar permite ainda reorganizar a cozinha na ausência da trabalhadora. Refere-se ela ao temperinho básico, preferido em sua casa, que a cozinheira já sabe qual é.

A constatação de que cozinhar é uma tarefa complexa e de demorado processo de aprendizagem, demandando o desenvolvimento de um conjunto de habilidades (planejar, antecipar, combinar, calcular, etc.), nos faz pensar que os cursos das empresas de eletrodomésticos, como da Walita e Arno, visavam mais à formação de novos valores em relação à cozinha. Buscam-se assim, substituir os modos de fazer tradicionais pelos “modernos”, transmitindo a idéia de que os equipamentos da empresa são indispensáveis para o bem cozinhar. Mas saber cozinhar vem de um processo mais longo, calcado nas tradições familiares, nas experiências de trabalho, na relação com outras mulheres, sejam elas trabalhadoras domésticas, donas-de-casa, patroas e não apenas nas quatro lições oferecidas pela Walita, por exemplo. O resultado esperado pela Walita e outras empresas é ampliar o

⁵⁸ De acordo com Guacira Louro Lopes (*op. cit.*) no ensino para as moças da elite, persistiu durante muito tempo, além de outros conteúdos, a aprendizagem para o mando com as criadas. Da mesma maneira o estudo de Suely Kofes, mostra que patroas e trabalhadoras domésticas têm um conhecimento diferenciado do doméstico, sendo as primeiras preparadas para o comando e as trabalhadoras domésticas para a execução.

número de consumidoras, transformar seus equipamentos desconhecidos em necessários. Para transformar seu interesse em verdade, a empresa utiliza uma nutricionista, que ministra aulas de “culinária científica”.

Outro elemento que influencia nas formas de aprendizagem do trabalho doméstico é a expansão dos meios de comunicação como TV e rádio, revistas, livros de receita. A TV e o rádio propiciam às pessoas que não foram alfabetizadas, ou não têm tradição escrita, possam acompanhar o ensinamento de determinadas receitas. Além disso, permite o acompanhamento dos programas por mulheres que estão trabalhando, seja em suas casas ou na casa das patroas.

Também ajuda muito! A minha filha tinha mania de falar pra mim assim... eu gostava de ver a Ofélia. Ela falava: “Mãe, pra que você vai assistir a Ofélia? Olha que receita boba!” Um dia ela deu bolinho de arroz. Mas daí ela pôs uma coisinha no bolinho de arroz, que eu achei interessante. Minha tia já punha isso, ela punha caldo de galinha e punha o queijo em pedacinho, sabe? Ela enrolava o bolinho e punha o pedacinho de queijo lá dentro, sabe? Ainda falei pra ela a gente aprende, é bobo, mas aprende, sabe? (Márcia).

Para Márcia, esses programas de TV voltados para as donas de casa e que dão receitas e dicas de culinária, permitem ampliar seu repertório, aprender alguns segredinhos, melhorar alguns pratos. Abaixo, ela relata como acompanha, no momento da entrevista, esses programas de TV:

Ah, agora eu vejo todos. Começa a Olga Bongiovani.. não.. Ana Maria. A Ana Maria deu uma receita, não, agora são duas receitas, Daniel um dia é a Cidinha, um dia é Itamara, cada dia vai um. Aí depois passa pra Record: Note e Anote. Também às vezes são duas receitas. Mas eu vejo só uma (Márcia).

Face às grandes transformações sociais das últimas décadas, penso ser importante refletir sobre novos modos de aprender/ensinar o trabalho doméstico. Se antes podia ser aprendido/ensinado na prática, nas experiências compartilhadas de mulheres de diferentes gerações e classes sociais, como trabalhadoras domésticas e patroas, no tempo de convivência, especialmente na cozinha, parece, hoje, demandar outras estratégias. A crescente exigência quanto à escolarização e ao letramento coloca, para as trabalhadoras domésticas e donas-de-casa, novos saberes baseados na tradição escrita como, por exemplo, a leitura de rótulos dos produtos que informam valor nutricional, validade e preço, diferente dos costumes mais antigos de produção e colheita na roça, de saberes aprendidos na tradição oral e a confiança no vendedor. Nesse sentido, parece apropriados programas e projetos que visem à formação e profissionalização de donas de casa e trabalhadoras domésticas, não só voltados

para a formação de consumidoras mas como cidadãs.⁵⁹ Dessa maneira, reconhecemos que as transformações sociais adentraram a vida doméstica e são necessárias à construção de alternativas de formação, assim como as pensadas para o conjunto da população trabalhadora.

Cozinhar, comemorar, descansar: questões de gênero na cozinha?

A maioria dos chefes de restaurante, tudo são homens (Carmem).

A cozinha foi se constituindo historicamente como espaço de mulheres, e é dessa maneira que se encontra na memória das mulheres entrevistadas. As lembranças do passado referem-se a práticas culinárias aprendidas e compartilhadas entre mulheres. Embora tenha havido modificações no processo de cozinhar, as mulheres não foram substituídas nem pela tecnologia, nem pelos alimentos prontos, nem pela presença de homens. Alguns aspectos da vida das mulheres que estudamos alterou: menos tempo para o preparo dos alimentos, maior utilização de produtos industrializados (não necessariamente alimentos prontos e congelados), uso de tecnologias que facilitam o cozinhar como o fogão a gás. Mas cozinhar continua sendo responsabilidade e trabalho de mulheres, embora algumas, como Ordália, organizaram novo jeito de lidar com essa responsabilidade, cozinhando para a família somente aos domingos.

Há uma tendência de modificação nas relações de gênero na cozinha, segundo o estudo “Lugar de homem é na cozinha”⁶⁰, na população de classe média e alta e de alta escolarização. A pesquisa da Propeg foi realizada em cinco capitais brasileiras, com pessoas das classes AB, organizadas em 15 grupos de discussão, sendo 1 grupo de homens solteiros, grupos de homens casados com mulheres que trabalham no mínimo oito horas fora de casa, grupo de mulheres casadas que trabalham no mínimo 8 horas fora de casa. Essas especificações sobre o grupo estudado são importantes, na medida em que nos permite compreender porque os resultados da pesquisa são diferentes de nosso estudo. As conclusões da pesquisa da Propeg são de que a sociedade está reconhecendo o novo papel que a mulher vem desempenhando no mercado de trabalho, e que essa presença tem propiciado uma redefinição na divisão do trabalho doméstico, de forma distinta nos locais estudados em

⁵⁹ O governo federal, por meio do Ministério do Trabalho e Emprego, produziu uma cartilha para as trabalhadoras domésticas, trabalhando os diversos conteúdos que compõem a sua formação.

⁶⁰ A Propeg é uma rede de comunicação integrada, que reúne agências de publicidade e prestadoras de serviços especializados nas diversas disciplinas do marketing em todo o país. O estudo, organizado pela socióloga Ana Lúcia Miranda, teve como objetivo “investigar junto a população de classe média, quando e como a cozinha entra na vida cotidiana desses homens. O cozinhar não por hobby, mas como uma atividade doméstica que precisa ser feita.” MIRANDA:2000: 03)

função de idade, cultura, personalidade, etc. Reconhece ainda, que persiste a dupla jornada de trabalho da mulher, mesmo que haja uma tendência da redivisão, em especial, da tarefa de cozinhar. A pesquisa identifica perfis emblemáticos do modo como homens e mulheres lidam com o trabalho doméstico, que são das mulheres: bandeirante, equilibrista, casulo. Homens: *single boys*, rebeldes, resistentes, submissos, modernos, rainhas do lar, *chefs de cuisine*.⁶¹. Desses perfis nos interessa mostrar que em Minas Gerais predominou a mulher casulo e o homem rebelde.

De acordo com o estudo, a mulher casulo está submetida a um arranjo doméstico e em alguns casos, a um casamento insatisfatório que não consegue sair e nem transformar, sendo prisioneira de “sua falta de habilidade ou de entorno social que lhe dá instrumentos para mudar as regras de o jogo. Mais presentes em cidades com uma dose maior de conservadorismo, como Belo Horizonte e Fortaleza, praticamente não foi ‘vista` em São Paulo ou no Rio de Janeiro” (Lugar de homem é na cozinha. p. 23-24). No que se refere aos homens, prevaleceu o perfil tipificado como rebelde. O homem rebelde reconhece a necessidade de contribuir com as tarefas domésticas, mas executará algumas do seu próprio jeito. Consideram qualquer atividade doméstica desagradável e as executa por falta de opção. Na cozinha é prático e organizado. Só não aceita reclamações.

A conclusão do estudo é de que mesmo as mulheres tendo sucesso no mercado de trabalho, as relações de gênero na capital mineira pouco se modificou. Partindo dessa premissa, ABDALA afirma que o sucesso do self-service em Minas Gerais, especialmente na capital e em Uberlândia, tem a ver com a busca desses arranjos conciliatórios. Como os homens não vão para a cozinha e as mulheres não querem continuar tendo a atribuição de continuar cozinando, a solução “à mineira” é o self-service.

Dentre nossas entrevistadas, Carmem faz menção ao fato do filho “se virar” bem na cozinha, pertencendo ao sexo masculino. O que nos permite discutir até que ponto há uma diminuição da presença das mulheres na cozinha e maior presença de homens. Este estudo não nos permitiu concluir com esses autores por essa alteração, mas pela persistência da mulher como principal responsável pela cozinha, seja como orientadora do trabalho de outra mulher, seja executando pessoalmente, embora algumas entrevistadas procuram organizar o cozinhar de uma maneira a se tornarem mais livres da tarefa cotidiana como nos mostrou Ordália.

⁶¹ Não trabalharemos aqui o detalhamento das características reunidas em cada tipologia por não ser objetivo de nosso estudo, mas constitui interessante abordagem para os desejam aprofundar a temática.

Dona Conceição nos dá uma referência importante sobre esse assunto. Sendo participante de movimentos femininos, como a Associação de Diaristas, e membro do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Uberlândia ela refere-se à exploração que a mulher está submetida em nossa sociedade. Ainda assim, em sua casa é ela a responsável, não só pela cozinha, mas por todo o trabalho doméstico. A saída que Dona Conceição vê para a diminuição de seu trabalho doméstico não passa pela proposta de divisão do trabalho com filhos e marido. Com eles ela diz nem se queixar, não acha certo ficar se queixando, não é de seu feitio, não combina com seus princípios, valores, história. Ela espera que os filhos se casem e suas noras possam fazer por eles o que hoje ela considera ser sua tarefa.

Os homens aparecem na cozinha eventualmente e como auxiliares. Cozinham também por prazer, mas não como obrigação e contingência. Essa é a realidade das pessoas entrevistadas. Em que pese essa constatação a partir das experiências das entrevistadas, estudos apontam a maior presença do homem na cozinha em setores mais escolarizados e de renda média. É preciso reconhecer que parte dos homens tem descoberto o prazer de cozinhar para amigos, fazer jantares para pessoas queridas, como nos relatou Carmem, sobre a experiência do filho adolescente. Sobre a presença do marido na cozinha ela diz o seguinte:

às vezes ele gosta de fazer, mas também nem tem tempo, não tem nem tempo pra isso. Ele gosta de assar uma carniinha, temperar a carne, ele gosta de fazer. Final de semana também a gente vai lá pra chácara, aí ele assa, tempera e assa uma carniinha. Eu faço um arrozinho (Carmem).

O relato de Carmem é sintomático de como o homem se insere na cozinha. Estudos apontam que hodiernamente há maior presença dos homens na cozinha como *hobby*, distração de fim de semana e para receber amigos, e não como contingência.

Cozinhar é uma das atividades domésticas mais exigentes, pois demanda organização, tempo, planejamento e dela dependem todos os residentes. Mas a cozinha combina o difícil com o prazeroso. Cozinhar é a atividade mais bem aceita entre as atividades domésticas pelas entrevistadas. Se no dia-a-dia é necessário fazer refeições de mais fácil preparo, nos fins de semana e momentos especiais o cozinhar ganha destaque e a dona-de-casa mostra o melhor de seu repertório. Nesse sentido o lazer e a comida estão bastante associados.

Mesmo com as mudanças dos modelos de convivência familiar decorrente da urbanização, ainda hoje o lazer feminino mescla-se com o trabalho doméstico, sendo difícil definir onde termina um onde começa o outro. A cozinha em muito colabora para esta simbiose, uma vez

que a mulher prepara para a família e/ou amigos, segundo hábitos e padrões que a mulher produz, preserva e transmite (DEMETERCO, 2003: 42).

Uma das distrações mineiras eram os grandes banquetes, opíparos banquetes (...) carne de porco, tutu a mineira, travessas de arroz. E à sobremesa, os brindes contados.... (TORRES *apud* ABDALA).

Dona Francisca nos conta que “antigamente”, quando morava na roça, era difícil fazer algum passeio devido às distâncias: “Num domingo eu ia, no outro domingo eu ia. Era a cavalo ainda, a gente ia à cavalo, naquele tempo não tinha, um jeito pra gente í, era muito pouco, que tinha condição né?”. Nas lembranças de momentos festivos a comida ocupa um lugar de destaque:

Ah, tinha demais! Meu pai mesmo fez... acho que Festa de Reis, Festa de Reis. Num tinha, você não via encrenca. Não existia briga, mas também não tinha essa baderneira que tem hoje. Começava era com fartura, carne de vaca **carne de porco, frango cheio, frango frito, molho de frango**. Era doce de todos os tipos. A última festa que a minha mãe fez eu tava com 16 anos. Então, nós baldiamo leite, mas de uma distância! Leite, que nós tinha só acho duas ou três vaquinha. Então, num dava, mamãe punha nós baldiá leite lá naquela vizinhança tudo lá pra fazê os doces, lata de doce. Só lata de doce de leite, ela fazia 16 lata de doce de leite. Doce de mamão, ela fez não sei quanto, de laranja, doce de... arroz-doce. Arroz-doce é que fazia menos porque perdia (Dona Francisca).

A festa relatada por Dona Francisca é muito expressiva da cultura e da comida rural que discutimos anteriormente. Carne de porco, frango (nem se fala que é caipira – na experiência dela o outro ainda não existia), e os doces: arroz-doce, doce de laranja (uma laranja especial para doces), doce de mamão e doce de leite. Muita comida e muito doce, feitos para a festa de Reis, na qual não ocorria nem “briga”, nem “encrenca”, nem “baderneira”, como Dona Francisca interpreta as festas de hoje. Outro aspecto lembrado, refere-se ao caráter comunitário da festa, coletivo, que envolve toda a vizinhança da fazenda onde moravam. Nela, Dona Francisca recorda que havia duas ou três *vaquinhas*, não garantindo o leite para as dezesseis latas de doce. O recurso era “baldia” o leite da vizinhança. A fartura é possível porque comunitária, não tem a ver com ostentação, mas com fé e partilha.

A imbricação entre trabalho doméstico e lazer feminino está presente no relato das mulheres entrevistadas. A comida é pretexto para a reunião familiar e com amigos, e a reunião é pretexto para comer os pratos preferidos, elaborados pelas donas de casa e cozinheiras:

Aí no domingo é filho, é nora, é neto, aí faz aquela festa (riso). Aí é aquela alegria só. Aí a turma fica tudo reunido. É difícil eu saí nos domingos, só quando eu tenho que almoçar fora quando é, meu primo me chama pra almoçar lá, porque só tem ele de parente aqui mesmo,

né? Aí cada 20 dias eu vou almoçá lá, cada 20 dias ele vem almoçá aqui e aí a gente tá sempre assim, confraternizando assim com o almoço, né? Quando tem aniversário a gente faz só aquele aniversário familiar mesmo. E pobre, não adianta você querê forçá as coisa pra agradá os outros e prejudicar você. Eu sou desse tipo, meu marido fez 60 anos agora terça-feira. Cheguei correndo do serviço ainda fiz um bolo, fiz uma torta, fritei uns quibe. Aí nós fizemo uma jantinha aqui só entre nós. Nós cantamos parabéns pra ele, partimo o bolo, foi beleza. Pra gente ser alegre não precisa de gastá muito, não; basta a união, aquele amor familiar. Que você já sente a alegria da vida (Dona Conceição).

Como nos diz Dona Conceição “a gente tá sempre assim, confraternizando com almoço”. No domingo, a sua casa está cheia: filhos, netos e noras presentes para saborear a comida que Dona Conceição faz para todo o grupo. Esse cozinhar para todos é um costume antigo que permanece atualmente, mas não da mesma maneira. A confraternização se organiza no saber-fazer da dona-de-casa, como nos contou Dona Conceição sobre a recente comemoração dos sessenta anos de seu esposo: “fiz um bolo, fiz uma torta, fritei uns quibe”, tem um caráter mais individual. Deixa de ser conhecimentos de mulheres para ser de poucas, as mais velhas, guardiãs da tradição, muitas vezes sem ter para quem transmitir. Dona Francisca conta que quando tinha festas todos ajudavam. Dona Conceição conta que quando jovem aos domingos ela e a irmã faziam todo trabalho doméstico para que a mãe descansasse. Em sua experiência, no entanto, todos se reúnem, mas apenas ela trabalha.

Diferente é a concepção de Valéria:

me dá prazer, porque exemplo a minha família tem mania de reuni lá na mamãe pra comer a minha comida! Então, strogonof de frango, feijoada e lasanha. Então, quando é eu que vou fazer, todo mundo quer ir pra lá, pra comer... reunião familiar essa questão social, essa questão da convivência. A comida, ela é muito boa pra essas coisas, não é?! Então, eu fico pensano se o meu povo gosta de mim nesse sentido! (risos) e aqui em casa também! Brigo com todo mundo, ponho todo mundo pra trabalhá, mas faz falta! Mas eu acho que nós mulheres somos muito exploradas. Em todos os sentidos no trabalho doméstico. Eu acho que nós somos! (Valéria).

A comemoração na família de Valéria se organiza em torno da comida. A família gosta de comer a sua comida e ela gosta de fazê-la, propiciando, assim, a reunião e o conagraçamento familiar. Mas diferente de Dona Conceição, Valéria não tem receio de colocar todos para trabalharem, tornando mais fácil seu trabalho. Ela pensa que “nós as mulheres somos exploradas”, compartilhando com a pesquisadora a mesma condição, e lutando contra ela, briga para que todos ajudem.

Esse modo de organizar a confraternização familiar fundada no saber da dona de casa, é uma maneira das classes populares se divertirem.

Aí você não sai pra comê fora. Você fica preocupada, a gente que tá acostumada a ser dona de casa, demora a abrir a cabeça pra essas coisas, sabe? E às vezes eu não como macarrão lá no Barolo... eu acho caríssimo. Gente um pacote de macarrão custa um real e pouquinho, extrato também é barato (Valéria).

Como nos mostra Valéria, a preferência por comer em casa está ligada não só a questão de ter ou não o dinheiro, mas de um senso de economia, do quanto vale os alimentos. Por saber prepará-los, não está disposta a pagar caro pelos pratos prontos, fazendo referência a um restaurante de Uberlândia que serve comida italiana. Contrapõe-se à visão “moderna” de como tem que ser o divertimento: livre do trabalho doméstico. Em função disso, nos fins de semana são grandes as filas em restaurantes e lugares que vendem comidas prontas para serem consumidas em casa.

Márcia também organiza em casa um almoço melhor no domingo:

a gente no domingo monta uma mesa bonita, faz um almoço melhorzinho. Durante a semana, ninguém tem tempo. Tem dia que eu nem almoço nem não janto. Então a gente... eu acho que a gente aprendeu. Aprendeu muita coisa. É, e acho que a gente ensinou também pra muitos companheiros (Márcia).

Embora ainda centralizado no saber culinário da dona de casa, cresce a presença masculina na cozinha em momentos de lazer. Entre as entrevistadas apenas Carmem se referiu à presença do marido no churrasco de domingo. Mas sabemos que homens de renda e escolarização alta têm aos poucos adentrado à cozinha e elaborado seus pratos, como *hobby*, descontração, criando, inclusive, um mercado específico para eles.⁶² De forma diferente, experiências têm sido desenvolvidas no sentido de ensinar às crianças o gosto pelo preparo dos alimentos, tirando a dimensão do castigo e passando ao prazer. Nesse sentido, têm sido abertas escolas para crianças de classe média e alta, bem com tem crescido o número de publicações para esse público.⁶³

A cozinha foi e continua sendo a tarefa doméstica mais exigente e também a mais prazerosa na visão das entrevistadas. Embora tenha passado por grandes transformações com a inclusão de produtos industrializados, equipamentos tecnológicos como o fogão e a geladeira, os mais populares e também mais úteis. A alimentação se diversificou, incluiu novos pratos. No dia-a-dia, entretanto, a comida dos antigos, continua sendo muito defendida

⁶²O estudo da Propeg (*op. cit.*) constatou a existência de um mercado em crescimento de equipamentos que homens, que se consideram gourmets ou chefs de cozinha, utilizam. São produtos caros, muitas vezes de seu uso exclusivo. Quando casados, às vezes mantêm um fogão para o dia-o-dia, (utilizados pelas domésticas) e um fogão especial para seu uso pessoal, além de outros equipamentos.

⁶³ Entre essas publicações citamos Fogãozinho de Frei Betto e Juju na Cozinha.

pelos mais velhos e contestada pelos mais jovens. Na cozinha, vimos que os homens entram, mas, por enquanto, não ficam: querem ser *chefs* de cozinha, cozinhar por prazer, quando o fazem, no fim de semana. A tarefa diária de planejar as refeições e prepará-la continua, em geral, com as mulheres. Cozinhar continua sendo tarefa complexa, que envolve uma série de atividades. Se no passado tinha que pilar o arroz, torrar e moer o café, atualmente algumas das tarefas necessárias à prática de alimentar uma família são:

Cozinhar é apenas uma das atividades envolvidas na preparação da comida e um dos componentes da tarefa de “alimentar uma família”. A preparação dos alimentos inclui uma série de outras tarefas menores: planejar as refeições, fazer compras, “botar a mesa”, preparar e cozinhar a comida, servir a comida, “tirar a mesa”, jogar fora os restos de comida, lavar os pratos ou colocá-los na lavadora de louças, secá-los ou retirá-los da lavadora, guardar os pratos, limpar o fogão e balcões, limpar a mesa e varrer o chão da cozinha (LUXTON *apud* SILVA, 1998: 32).

Capítulo 3

Ah, as patroas! Essas madames privilegiadas, que têm uma bela casa, um carrão, roupas, jóias, marido rico, cabeleireiro, filé mignon, depiladora, preguiça, filhos mimados, professora de inglês, camarão graúdo, *personal trainer*, microondas, férias no estrangeiro, massagista, a mão fechada (menos pra família), vivem cercadas por mucamas e que, mesmo assim, ainda se queixam da vida... “É mole”?, diria uma empregada.

Cátia Moraes
Dona de casa – a profissão invisível

Ela é quase da família?

Quotidiano de trabalhadoras domésticas e patroas

Você vê até em novela, aquela empregada, que tem muito tempo na casa, esconder as coisas das filhas dos patrões e não contar nada pra eles. Por quê? Por causa da amizade, do relacionamento que é muito forte, do envolvimento afetivo que se dá dentro das casas.

Lenira Carvalho
A luta que me faz crescer

O trabalho doméstico é a principal ocupação de mulheres no Brasil, mantendo-se, historicamente, como um dos principais campos de emprego das mulheres pobres. Nesse capítulo, analiso as transformações no trabalho doméstico nas últimas décadas, a partir das lembranças de mulheres que exerceram ou exercem esse trabalho, relatadas nas entrevistas. Discuto ainda as relações entre trabalhadoras domésticas e patroas, buscando perceber as mudanças e permanências, as tensões e conflitos, os vínculos de amizade, as ambigüidades que permeiam essa relação.

Do ponto de vista numérico, o trabalho doméstico é um grande campo de ocupação de mulheres. Em alguns estudos há uma comparação da situação do Brasil com países mais industrializados, que são apontados de certa maneira, como exemplos na maior divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres e no interior da família, com mais pessoas realizando o seu próprio trabalho doméstico. Essa perspectiva é apontada também por mulheres que visitaram outros países, sendo a tecnologia, a maior divisão do trabalho doméstico e os serviços realizados fora do domicílio como lavanderias, restaurantes, etc., apontados como uma possibilidade de, aos poucos, substituir a mão-de-obra das trabalhadoras

domésticas, bastante presente nas casas das famílias brasileiras, de diferentes extratos sociais e, sobretudo, nas famílias de maior poder aquisitivo.

Outro elemento a considerar são as razões da menor presença de trabalhadoras domésticas em países mais ricos e a persistência e crescimento dessas mulheres em países pobres, como é o caso do Brasil. Estudos apontam que a maior presença do trabalho doméstico se relaciona diretamente com a questão da des(igualdade) social. Quanto maior a distância entre pobres e ricos, maior a possibilidade de terceirizar serviços domésticos. Em países ricos, como os EUA, o crescimento do emprego doméstico tem ocorrido nos últimos anos, exatamente nas áreas em que a desigualdade é maior. Dentre outros aspectos, esse pode ser um fator para que no Brasil o emprego doméstico seja a maior ocupação das mulheres brasileiras, aliado a fatores culturais, como a histórica desvalorização do trabalho manual.

Ao referir-se ao desejo de ver a profissão da trabalhadora doméstica ser reconhecida e valorizada, ofertando cursos para capacitá-la, Márcia, trabalhadora doméstica, presidente da Associação de Empregadas Domésticas de Uberlândia, indica um debate presente na sociedade brasileira, especialmente nos anos 70/80 sobre a extinção do emprego doméstico:

Então, a gente eu queria que a gente ainda conseguisse bons cursos, não é? Apesar de que tem gente que fala que daqui dez, vinte anos, não vai ter empregada doméstica. Vai, quando eu comecei eles falaram que não ia ter mais empregada, não é? Quando acabou a escravidão, eles falaram que não ia ter mais gente escravo. De repente, você encontra aí, um punhado de gente que é escrava ainda, ganha pouco que é muito mal tratados, não é? Então, continua tudo isso (Márcia).

Esse debate, presente na bibliografia sobre o tema e apontado por Márcia, sugeria, por diferentes caminhos, o fim do emprego doméstico, seja pela socialização do trabalho doméstico no interior da família, seja pela estatização dos serviços ligados ao cuidado como alimentação, cuidado com crianças, lavanderias.⁶⁴ Nenhuma das propostas conseguiu tirar a característica do trabalho doméstico de ser a profissão que mais emprega mulheres no país.

As entrevistas nos dão pistas para pensar sobre as mudanças pelas quais passaram o trabalho doméstico. Dentre elas podemos pensar em relação ao local de moradia, a quantidade de trabalhadoras nas casas, os conhecimentos necessários para desenvolver o trabalho doméstico, os contratos e relações entre trabalhadoras, patroas e as famílias. Por meio de suas

⁶⁴ No livro “Emprego Doméstico e Capitalismo” Saffiotti, avalia que o emprego doméstico é uma atividade pré-capitalista que será superada pelo desenvolvimento do próprio capitalismo no Brasil. A extinção do emprego doméstico viria também da própria ausência de mulheres para esse trabalho, que prefeririam trabalhar em outras profissões.

lembranças, procuramos apontar e discutir aspectos das mudanças e permanências no trabalho/emprego doméstico nas últimas décadas.

**Modos, tempos e ritmos do trabalho doméstico:
antigamente, hoje em dia... lembranças do trabalho doméstico**

O trabalho doméstico aparece de forma diferenciada nos relatos das entrevistadas, porque cada uma delas o experimentou de maneira diferente. Entretanto, para pensar o conjunto dos depoimentos e buscar perceber as mudanças no trabalho doméstico a partir de suas lembranças, um dos elementos importantes a observar é o momento histórico a que se referem. Nesse sentido, estamos pensando como os ritmos do trabalho têm se alterado e provocado mudanças nas experiências das trabalhadoras domésticas e suas patroas.

Ao relatarem suas experiências, as trabalhadoras mais velhas falaram de um certo costume em comum: trabalhadoras domésticas que exerciam, no domicílio, tarefas em conjunto com as patroas, embora não da mesma maneira, mas como algo mais compartilhado.

Relatando sobre sua experiência como trabalhadora doméstica, há quase trinta anos, Oneida contou o seguinte, sobre o seu cotidiano no trabalho em Monte Carmelo:

Na parte da manhã, ela lecionava de manhã e eu ficava tomando conta da casa. Eu arrumava e cozinhava e lavava as roupas das crianças. E tinha a outra que era babá, ela passava. E no sábado é que eu tinha que ir para casa mais cedo, que aí o marido dela vinha da roça, aí eu já podia ir. No sábado eu ia embora mais cedo e domingo eu ia descansar. Mas durante a semana era muito bom assim, era tranquilo (...) Então eu era assim, durante o dia nós tinha tempo, ela me ajudava, quando ela estava na escola, tudo bem, mas quando ela chegava depois do almoço, tudo que eu ia fazer ela estava ajudando. (...) ela me ajudava o tempo todo. E nas horas vagas a gente saía junto, nós ia pro bar durante a semana, era como duas irmãs (riso). Ia pro bar tomar sorvete com guaraná. Sempre foi assim, sabe? Sempre dei...Eu nunca saí de uma casa assim com mal querência. Falar assim, eu saí assim e não volto mais. Continuo amiga das patroas, que eu já tive, que eu tive poucas patroas aqui em Monte Carmelo, que depois eu fui pra creche, na creche eu fiquei 20 e tantos anos, lá eu me aposentei (Oneida) .

Ao recordar o tempo de trabalho doméstico, Oneida fala do ritmo de trabalho no domicílio, compartilhado com a babá, que também era passadeira, e a dona da casa, que era professora no turno da manhã. Oneida recorda que era responsável pela casa na ausência da patroa e que, quando a mesma chegava, trabalhavam juntas. Sua vida estava organizada em torno dos ritmos desse domicílio. Assim, após o término do trabalho, ela continuava com a patroa, fazendo companhia, inclusive em passeios, não com uma distinção clara como trabalhadora, mas como *duas irmãs*, como ela se referiu.

Terezinha, relatando suas experiências como trabalhadora doméstica em Monte Carmelo, enfatizou aspectos semelhantes aos de Oneida: a boa convivência com as patroas, os presentes, o trabalho como dimensão não separada da vida:

Eu trabalhei na “Do Carmo Paranhos” 21 anos, então lá eu cozinhava, eu arrumava, eu passava, eu fazia doce, quitanda e dava muito conta. Ainda vendia Avon. (...) Aqui em Monte Carmelo. Foi muito, muito bom. Era ela e a Eunice. Foram umas patroas muito boas, nossa. Se pudesse começar eu começava tudo de novo, foram muito boas. (...) Morava, morava lá e trabalhava lá. Elas foram umas pessoas assim que me ajudou muito na vida, sabe? Me ajudou demais, era muito bom. (...) Elas me ajudou porque elas me grafiticavam muito, né? Por exemplo, tinha um casamento na família, a Maria do Carmo falava: “Tereza, eu te dou a sandália”. A Eunice falava: “Eu te dou o vestido e a costura”. Então elas me ajudaram muito, eu quase não mexia no meu dinheiro. Se tinha uma festa elas compravam o ingresso, eu não pagava nada. Eu não tinha gasto na casa delas. Me presenteavam muito, eu andava igualzinho elas, igualzinho elas, não tinha diferença da vestimenta delas com a minha. Era igualzinho. As pessoas que não conhecia achava que nós era irmã. “Sua irmã”, eles falava era assim (Terezinha).

Terezinha fala sobre as razões porque o trabalho, por vinte anos na mesma casa, foi bom. Dava conta de suas responsabilidades e ainda dispunha de tempo para vender Avon. Seu salário, que ela não faz referência sobre valor, era guardado, as despesas com roupas e sandálias para ocasiões festivas supridas pelas patroas, que são lembradas como pessoas muito boas. Em um contexto de relações de trabalho sem ou com pouca regulação (com início há mais de quarenta anos), o tipo de relação de trabalho desenvolvida ficava a depender dos acordos entre patroas e empregadas, do jogo de forças que estabeleciam. A forma como narram suas experiências não deixa entrever conflitos, mas uma acomodação nos papéis de patroas e empregadas.

Um aspecto importante é o desejo de igualdade, manifestada por Terezinha, e o uso de roupas iguais parece trazer a concretude dessa vontade. Ela fala da importância do bom tratamento, da consideração, da vontade de ser igual. O querer ser igual, parece indicar, entretanto, a consciência da desigualdade.

Ao falarem sobre suas experiências de vida, as trabalhadoras domésticas nos dão pistas das alterações no trabalho doméstico, na organização do tempo e do trabalho nas casas em que trabalharam. Um aspecto comum das experiências das mais velhas refere-se ao morar nas casas em que trabalhavam. Sobre o tempo em que moraram nas casas, algumas depoentes falaram como sendo um bom momento de suas vidas, não abordando os aspectos negativos do trabalhar e morar na casa, que certamente existiram, levando-nos a refletir sobre a razão pela qual esse tempo é pensado de forma positiva. Uma das explicações que podemos levantar refere-se à questão do tempo na memória. Como morar nas casas em que trabalhavam é um

costume antigo, reelaborado no presente, elas o ressignificaram, a partir de suas experiências posteriores e suas situações de vida na atualidade. Outro aspecto que temos que considerar são as mudanças em termos da noção de privacidade e suas implicações no que se refere ao lugar próprio de morar. Nascidas em famílias numerosas, as trabalhadoras domésticas puderam viver pouco de suas vidas privadas, sendo que algumas, viveram nas casas em que trabalharam, grande parte de suas vidas.

Sobre a sua experiência de morar na casa em que trabalhava, Joyce recordou um episódio em que brigou com o patrão:

Arrumei uma encrenca danada. Ela me disse que a partir de hoje você está dispensada, me mandou embora. Eu falei: eu não vou embora não hoje não, sabe por quê? Eu vou arrumar emprego pra sair daqui que o senhor sabe muito bem que a minha mãe não mora aqui, eu não tenho para onde ir, então eu vou arrumar emprego depois eu vou sair. Aí ele ficou estufando o peito pro meu lado e eu pensei: vou dar uma vassourada nele, deixa ele. Eu era magricelinha, era feia. Pesava 52 quilos e tinha um metro e setenta de altura. Aí ele acalmou (Joyce).

Assim, Joyce relata de forma descontraída o fato de o patrão mandá-la embora e querer que saísse no mesmo dia, mostrando a natureza dos contratos de trabalho desenvolvidos nesse momento e a fragilidade da situação da trabalhadora, que, sendo migrante, da zona rural e ou de outras cidades, muitas vezes não dispunha de apoios das famílias em Uberlândia.

Retomando entrevistas realizadas em meados dos anos de 1990, observei que as trabalhadoras domésticas mais jovens, que na época da entrevista haviam tido a experiência de morarem nas casas em que trabalhavam, falaram das dificuldades de trabalhar e morar na residência, como “Também assim morando no serviço eles aproveitam demais da gente, é toda hora, e tudo a gente tem que fazer, que eu fazia almoço, fazia isso, aí num dava conta...”(Cleide Teodoro).

A compreensão de que morar na casa que trabalha é fator de maior exploração da trabalhadora doméstica, é compartilhada por Aparecida:

É exploração, né. As patroas achava que a gente morava em casa num tinha direito de ter folga, trabalhava segunda, de segunda a segunda, num tinha folga no domingo, feriado, né ficava arrumando a cozinha até tarde da noite, era muita gente né. era isso a gente num tinha liberdade também.[...] quando eu tive meu menino eu num tive licença nenhuma, eu trabalhei até no dia dele nascer, ele nasceu continuei trabalhando sabe, depois de uma semana tinha que trabalhar quase normal. Eu morava lá, né. Ficar à toa também dentro de casa ela achava ruim, ficava reclamando (Aparecida Silva).

Cleide e Aparecida nos falam da experiência de morar e trabalhar nas casas e reclamam a ausência de tempo para descanso, folgas e liberdade. A experiência de Aparecida nos ajuda a pensar na complexidade dessa situação de trabalho e moradia. Grávida e sem ter outro lugar para morar que não a casa dos patrões, ela permanece na casa deles trabalhando até o bebê nascer. Logo após o parto precisa retomar o trabalho porque ela sente que a sua situação na casa não se sustentaria não fosse pelo trabalho.

Sobre o cotidiano na casa em que trabalhava, Gilvânia relatou:

Eu arrumava, cozinhava, criava uma menina deles, porque eles trabalhavam e eu morava lá e tudo, né? Dentro d'uma casa eu fazia de um a tudo. Ela tinha muita coisa pra fazê, né? Ginástica, violão. Pelo menos nessas duas casa que eu já morei, que eu já trabalhei, que eu morei, não. Se precisava, se eu tivesse no meu quarto, se precisasse de mim, saía, num tinha esse horário, num tinha horário pra começá nem pra terminá. Pelo menos essa pessoa que eu morei essa última vez em São Paulo era assim. Lá tinha 4 criança, eu tomava conta das criança, da casa, tudo, num tive esse problema não. Nunca tive esse problema. [...] As vez à noite, as criança, as vez eu tomava conta, ela num sabia, as criança chorava, eu levantava olhava, eu arrumava banho pras criança. Ela viajava, ficava semanas fora e eu cuidava delas e tomava conta da casa (Gilvânia Vieira Machado).

Nesse relato, Gilvânia aponta aspectos importantes do trabalho doméstico. Dentre eles destacamos sua afirmação de que criava a menina deles, porque ela que morava na casa e eles, os patrões trabalhavam fora. Aponta ainda aspectos de como ela enxerga o cotidiano da patroa, o muito que esta tinha que realizar, como as aulas de violão, ginástica, viagens, etc. Diferente dos depoimentos de Aparecida e Cleide, Gilvânia não questiona o fato de ter que trabalhar à noite, olhar as crianças sem a patroa tomar conhecimento. Ela coloca essa disponibilidade como uma qualidade de seu trabalho.

Os relatos nos mostram que o trabalho doméstico, há algumas décadas, demandava que a maioria das trabalhadoras mensalistas morasse no local de trabalho. Atualmente prevalece a separação entre o local de trabalho e moradia, embora algumas famílias ainda contratem trabalhadoras que precisam dormir no emprego, sobretudo quando há crianças pequenas, para acompanhar pessoas idosas ou com alguma deficiência⁶⁵. A arquitetura da maioria das casas e apartamentos “modernos” não permite a presença de muitos agregados, como era costume nas fazendas e nas cidades em outras épocas.

A presença da trabalhadora doméstica em tempo integral, foi realidade nas casas de poder aquisitivo alto em grande parte do século XX. Além da indefinição quanto ao tempo do

⁶⁵ A revista Veja de 31 de março de 1999, apontou uma modificação que está ocorrendo nesse aspecto. De acordo com a reportagem é cada vez mais comum a dissociação entre trabalho e moradia no trabalho doméstico. Ainda assim, há um número significativo de mulheres que moram no local de trabalho.

trabalho, o trabalhar e o morar são apontados como ausência de liberdade, de lugar próprio. Foi assim lembrado por algumas das entrevistadas.

Ao recordar o tempo no trabalho na infância, Joyce falou sobre os espaços próprios das domésticas nas casas em que morava:

Ah, naquele tempo você tinha o quarto da empregada doméstica né, e hoje em dia é motivo de revolução porque geralmente é um quarto sem ventilação, sem luminosidade. Ih, na dona Lia não...Dona Lia ela construiu... Mas lá a gente não era praticamente empregada, eu não era empregada. Apesar de que tinha aquela pretalhada lá dentro da casa dela, mas a gente não era considerado empregado [...] Dona Lia fez uma casa de dois andares e único quarto que tinha no segundo andar era da negrada dela com seis cama. [...] Porque geralmente o quarto era no fundo, quando era casa com quintal grande, eu era medrosa, como eu passei medo! Os quartos eram lá no fundo você chegava da escola tarde, entrava pelo portãozinho, se te acontecesse alguma coisa eles nem viam, porque às vezes o quarto era tão distante que não dava nem para escutar barulho. Então cê tinha o quartinho, o quarto era ligado à área de serviço e antigamente no meu tempo os quintais eram muito grande, não é igual hoje que ocê faz um quarto de serviço pregado na casa, era longe, no fundo, separado da casa, então a gente era tratado assim como outra pessoa né [...]Uma vez eu vi um filme de vampiro, passava a noite inteira acordada e quem que vai dormir comigo porque cê ta vendo que não tem família [...] como é que vai pedir o patrão pra dormir lá dentro que eu tava com medo de vampiro?

Ao falar sobre o quarto de dormir, Joyce aborda as mudanças em torno do próprio quarto de empregada. Em sua experiência na casa de Dona Lia, este quarto era uma andar dentro da própria casa, reservado às empregadas. A racionalização dos espaços, o aumento do preço do metro quadrado, deve ter contribuído para que os quartos sejam cada vez menores, e a própria diminuição dos espaços dos patrões deve incidir sobre o tamanho das dependências da empregada, sendo em geral, espaço pequeno e com pouco conforto para a trabalhadora.

Outro aspecto que o depoimento de Joyce nos ajuda a refletir, refere-se a relação com as patroas. Em uma, trabalhando para Dona Lia, que nem considerava sua patroa, havia um andar na casa reservado às empregadas, que eram mulheres negras. Observamos que, embora procurou-se construir a idéia de que essas mulheres negras eram quase da família, elas, as trabalhadoras, continuavam *quase* sendo da família, uma vez que tinham na casa espaços separados da família. Dormiam as seis mulheres em lugar específico para empregadas e todas no mesmo quarto, certamente situação diferente do restante dos moradores da casa, que eram da família, ou assim considerados. Em outra casa, Joyce fala de sua situação como criança que trabalhava e morava com as patroas. Referiu-se ao medo de dormir sozinha, quando na casa em que trabalhava o quarto ficava nos fundos, em entrada separada, e ela não tinha com quem compartilhar seus medos.

Em vários aspectos da vida cotidiana, vamos percebendo as tentativas de transformação da trabalhadora doméstica em “pessoa da família”, bem como perspectivas de colocar a trabalhadora doméstica no *lugar* a ela reservado. Se, por um lado, os relatos nos falam da busca da criação de uma igualdade, pelas roupas, pelo convívio em determinados lugares; por outro lado, temos indícios, como na questão dos quartos, de que há espaços próprios para a família e espaços para as domésticas e essas fronteiras visíveis e invisíveis são continuamente repostas, refeitas e até fortalecidas. Assim, a perspectiva de uma doméstica cada vez mais profissionalizada, é uma forma de estabelecer novas barreiras como nos mostrou a fala de Márcia. Da parte da trabalhadora doméstica, a diferenciação entre trabalho e relações familiares pode permitir que a mesma dedique parte de seu tempo e de seus sentimentos, à construção de sua própria vida, algo, de muitas maneiras, negado nas trajetórias de trabalhadoras domésticas.

A aspiração de viver em lugar próprio, é uma das lutas dos movimentos de domésticas. Uma de suas lideranças no Brasil, Lenira Carvalho, expressa sua visão sobre o assunto, no livro que narra sua história:

Viver dentro de uma casa que não é nossa, onde não temos um espaço próprio, é muito ruim. A casa também pode ajudar a fortalecer a própria identidade da doméstica. A maioria de nós vem do interior e se emprega em casas de gente de classes sociais mais altas. O nosso cotidiano de relacionamentos passa a ser com pessoas de poder aquisitivo mais elevado. Raramente temos oportunidade de se relacionar com pessoas do nível da gente, da classe trabalhadora. Eu, por exemplo, fiquei uns vinte anos morando em casa de patroa. Quando tive uma casa para morar, foi uma grande mudança na minha vida. Fiquei muito feliz de não estar mais morando em casa de patrão. Mas, por outro lado tive um choque de realidade. Foi quando percebi o quanto ganhava pouco para fazer a feira, pagar água, luz, transporte e outras despesas. Foi quando percebi que as pessoas pobres, mesmo pagando, moram mal e em bairros quase totalmente abandonados pelos poderes públicos. Falta mais água e luz que nos bairros dos ricos e o ônibus e o caminhão do lixo demoram mais a passar. Quando morava em casa de patroa, eu não sabia como era difícil a vida dos outros trabalhadores (CARVALHO, 2000: 105-106).

Lenira Carvalho aborda a importância da separação entre local de moradia e de trabalho para a trabalhadora doméstica, no sentido da construção de sua identidade como sujeito e classe social. Para ela a convivência com pessoas de outras classes sociais dificulta a consciência de classe e a construção da identidade profissional e pessoal da trabalhadora doméstica. Se, por um lado, morar em casa separada do trabalho é um ganho em termos de

autonomia, essa possibilidade implica em outras dificuldades como pagar todos os gastos para manter uma casa, que os salários baixos, em geral, não permitem.⁶⁶

A extensão da jornada de trabalho varia/variava muito em função da moradia ou não no local de trabalho, dos ritmos da casa, do número de membros na família, da presença ou não de crianças, do poder aquisitivo dos empregadores, da capacidade de negociação da trabalhadora.

Uma reportagem do jornal Correio, dos anos 1950, nos traz indícios das alterações no tempo, ritmos e contrato de trabalho doméstico:

O horário dos cursos escolares para adultos, nesta cidade, é das 7 às 9 da noite. O calor anda forte muito forte. Ninguém quer jantar cedo demais. Principalmente, com o horário de verão que adianta, por decretos governamentais as horas das refeições. Acontece também que em quase todos os lares uberlandenses há gente que trabalha fora, no comércio. Ora, o comércio fecha às 5:30 da tarde para as suas atividades externas. Mas, o trabalho interno ainda vai forçosamente até 6 ou mesmo 6:30. Resulta disso tudo que pessoas que tiveram um dia penoso de trabalho fora de sua casa, aonde chegam para descansar um pouco, tomar um banho antes do jantar, tem de dispensar o descanso e o banho, adiá-los talvez. Isso porque as empregadas têm de estar no seu curso às 7 horas. E elas se empenham em serem alunas pontuais. Diferem neste particular de todos os estudantes do mundo. Exigem para si mesmas, a pontualidade às aulas. Não sabemos se elas lá estão, na sua carteira escolar às 7 horas em ponto, ao soar da campainha do professor. O que sabemos é que às 6:30 no máximo estão se aprontando para as aulas. E deixaram o trabalho para depois ou não o fazem. Se as patroas se queixam, deixam o emprego na certa. E as patroas, para terem suas empregadas pelo menos parte do dia, tem de ser cozinheira de seu jantar, a arrumadeira de sua cozinha pela tarde, a copeira de sua mesa. Duvidamos muito da assiduidade de tais alunas, de sua pontualidade, de seu desejo de aprender e estudar, dado que os estudantes são por natureza vadios. Mas não somos nós quem vai julgar do esforço consciente e forte dos estudantes que tem emprego, nos idas quentes de verão. Após um dia de trabalho pesado. As tardes são frescas e agradáveis para um passeio ao jardim, para uma fuga rápida do serviço, para um ensejo de entregar para da tarefa obrigatória de todos os dias à responsabilidade dos outros. As patroas estão reclamando contra o horário das aulas e estamos com elas. Por que não se estabelecer o curso noturno das 8 às 10, ou das 7 e pouco em diante?" (Escola para adultos de Uberlândia in: **Jornal Correio de Uberlândia**, ano XI, nº 2857, p. 4 (título))

Essa reportagem nos propicia diversas discussões pertinentes ao trabalho e às relações de trabalho doméstico. Dentre elas, destacamos o fato do jornal se posicionar favoravelmente à causa das donas de casa e contrário às trabalhadoras. Posicionando do ponto

⁶⁶ Em regra, podemos considerar a questão da diferença de classe entre trabalhadoras e suas patroas, entretanto, a precarização das relações de trabalho, a pobreza, a falta de vagas em creches e escolas públicas para a população pobre, contribuiu para que mulheres pobres contratem mulheres pobres para o serviço doméstico, ainda que em condições precárias.

de vista do “outro” que não as domésticas, sejam as pessoas que trabalham no comércio, sejam as donas de casa. O jornal fala de modos de organizar o domicílio, alicerçado no trabalho da trabalhadora doméstica, que não é considerada como sujeito de direitos, condição para pensar tempo pessoal. Assim, contra o horário das aulas que começam às sete horas, o jornal defende que as aulas comecem mais tarde para que as trabalhadoras possam fazer o jantar e servir à mesa antes de estudar. Que pressupostos norteiam essa proposição? Aponta que a organização do domicílio se alicerça no trabalho da trabalhadora doméstica que, na sua falta, será substituída pela dona de casa. Nesse sentido, é perceptível mudanças no trabalho doméstico ao longo dessas décadas, seja na separação dos locais de morar e trabalhar, seja pela busca de fixação de um tempo específico para o trabalho e a vida pessoal.

Buscamos perceber como as mulheres sentiram essas mudanças na natureza do trabalho doméstico. Analisando as transformações nas relações de trabalho, no âmbito doméstico, a relação com as patroas, se a situação melhorou ou piorou, Márcia fica em dúvida:

Eu ainda não parei pra pensar se foi pra melhor, mas eu acho que não mudou muita coisa, pra melhor não. Porque... apesar que eu não sou muito paternalista, sabe? Eu, na minha época as patroas eram muito amiga, eram muito... conversava, me dava presentinho. Eu tenho muita coisa também que elas me deram. Então... Apesar que eu não sou de: Ah, porque a patroa me deu eu tenho que bajular ela, não. É,... eu acho que eu não senti que mudou pra pior por isso. Porque na minha época, no...j á pensava assim: A patroa me deu, me deu. Muito obrigada. Não vou ficar: Ah, por que você me deu isso aqui, não. Então, mudou, melhorou um pouco. Melhorou porque agora tem a lei, não é? Que pode assegurar alguma coisa. Eu achei muita patroa humana. Mas... eu acho que falta muito pra melhorar.(Márcia)

Nessa fala de Márcia, temos as contradições e ambigüidades bastante presentes, em função do momento em que está vivendo. Pedi a ela para avaliar se a situação da trabalhadora doméstica havia melhorado ou piorado. Face a sua inserção no movimento, como mostraremos no próximo capítulo, Márcia se sente impelida a dizer que houve uma melhora na situação, que os presentes do passado não a convenciam de ser uma trabalhadora acomodada com a situação, que não se deixava levar pelos *presentinhos*. A lei também é algo que Márcia quer avaliar como algo positivo, conquistado pela categoria. Mas, do ponto de vista pessoal, Márcia sente como uma perda. Porque seus conhecimentos, o seu saber-fazer não está colocado como algo suficiente para mantê-la empregada e com uma renda fixa. Da mesma maneira se a lei vem para proteger a relação de emprego doméstico, não consegue garantir uma vida melhor para Márcia. Assim, as relações de trabalho anteriores e as pessoas do passado, parecem melhores do que as atuais.

Foi bom! Meus relacionamentos com as patroas sempre foram ótimos. É, eu só... fiquei magoada com minha última patroa (riso). Porque ela me achou, porque ela achou que estava mexendo com emprego, com Associação. Ela, eu tive uma crise de pressão alta. Eu trabalhei na segunda, na terça eu não fui. Na quarta eu trabalhei na quinta eu fui internada. Aí ela achou que já estava na hora de me dispensar, porque se eu morresse na casa dela, ela tinha que vender a casa. Então, achei que ela foi muito desumana, ela não tinha carinho por ninguém, sabe? Eu tinha carinho por ela, pelos filhos dela. Ela não tinha carinho pela gente. Então, eu só fiquei magoada com essa última. As outras eu tive um relacionamento bom. Sou de visitá-las, elas são de vir aqui na minha casa, tem uma que gosta de vir aqui. Ela mora perto do Cajubá, a Sônia. Todo aniversário dela eu ligo pra ela, ela me liga no meu aniversário. Então, eu tive um bom relacionamento (Márcia).

Ao analisarmos as transformações pelas quais passaram o trabalho doméstico nas últimas décadas, as entrevistadas se referiram a uma mudança de valores em relação ao trabalho doméstico, que são vividos de formas variadas e ambíguas. Nesse sentido, a experiência de Márcia é muito significativa. Tendo sido doméstica a vida inteira, atualmente com mais de 60 anos, desempregada, Márcia vive os conflitos gerados por essa situação, o que a leva a pensar se as mudanças foram boas ou não. Tendo sido dirigente da Associação de Empregadas Domésticas, conhecendo minha posição favorável à organização das trabalhadoras, Márcia se vê estimulada a defender o momento atual das trabalhadoras domésticas: “Melhorou porque agora tem a lei, não é? Que pode assegurar alguma coisa. Eu achei muita patroa humana. Mas... eu acho que falta muito pra melhorar”. Sua experiência pessoal, as relações de confiança, amizade, proteção, estabelecidas com as famílias para quem trabalhou no passado, parecem constituir, para ela, uma segurança e uma vida melhor do que o que vive hoje. Assim, as mudanças para uma relação mais contratual são vividas como perda.

Às vezes, no meio da relação de *amizade* com as patroas, ocorrem situações em que a trabalhadora doméstica se sente traída. Algumas se referiram ao fato de terem sido muito bem tratadas no momento em que a patroa precisava e depois o tratamento ter se modificado. Pode ser no tempo em que havia crianças pequenas ou pessoas idosas na residência, momentos em que o serviço da trabalhadora doméstica era essencial. Quando o volume de trabalho diminui a trabalhadora doméstica pode perder tanto o emprego como a qualidade da amizade. Márcia fala de seus sentimentos em relação à atitude da patroa, quando ficou doente. A pressa da patroa em demiti-la, em função da internação, demonstrou para Márcia que o carinho e a amizade que tinha pela patroa e seus filhos, não eram recíprocos, pois na sua doença não encontrou amparo, mas abandono, sendo rapidamente substituída para não ter que arcar com o ônus de uma trabalhadora doméstica em tratamento. A trabalhadora doméstica

serve se estiver sadia, podendo trabalhar. Se ficar doente torna-se um problema para o domicílio, sendo dispensada imediatamente para que a família empregadora não tenha que arcar com os custos de manutenção da trabalhadora doente, o que realmente pode ocorrer, principalmente pela informalidade da maioria dos contratos de trabalho, em que as patroas não inscrevem, nem pagam as contribuições previdenciárias. Do ponto de vista da previdência, a trabalhadora não inscrita não tem nenhuma assistência. As patroas deveriam arcar com o salário das trabalhadoras domésticas em período de tratamento, mas, em geral, são demitidas e deixadas à própria sorte, sem assistência do Estado e dos patrões.

Embora o abandono possa ser, em geral, a situação da maioria das trabalhadoras domésticas, outras experiências existiram e foram narradas pelas entrevistadas. Foi assim que Joyce se recordou da doença de uma colega de trabalho:

Tinha a Dona Clotilde uma que trabalhou com eles a vida inteira, foi praticamente criada, foi mocinha e nunca mais deixou ajudando a Dona Fininha a criar os filhos e tudo. Eles tinha assim uma consideração, um amor por ela. E na época que eu estava lá ela foi pra São Paulo e sofreu derrame. Ela veio de São Paulo e quase não falava nada, e o Ney que chama André eu acho que é André Luiz o nome dele. Ele fez... E naquela época nem existia fisioterapia, pois o Ney aprendeu a fazer todas as ginásticas, massagem, a Dona Clotilde voltou a trabalhar, andar e tomar conta dos meninos, a tomar conta da casa e fazia comida, fazia tudo, porque a Dona Clotilde era que cozinhava e tomava conta do serviço mais pesado. Eu arrumava, lavava (Joyce).

Joyce relata o caso de uma trabalhadora doméstica, Dona Clotilde, que trabalhou junto com ela e tendo sofrido um derrame, recebeu apoio e tratamento, tendo se curado e voltado a trabalhar. A partir dessa experiência, podemos pensar se há declínio da consideração como um valor ou se se trata de uma experiência isolada. Diante da dificuldade de mensurar a generosidade das pessoas no tempo histórico e social, apresentamos duas considerações. A primeira é que a assistência ao trabalhador, e no caso em estudo, à trabalhadora doméstica, em geral, advinha do empregador. A segunda questão é que, certamente, com a legislação e as novas relações de trabalho que buscou instituir, a proteção e assistência são transferidas ao Estado. O grande problema é que a maior parte das trabalhadoras domésticas do país trabalha na informalidade e, mesmo as que têm carteira assinada, muitas vezes, não estão contribuindo com a previdência porque os patrões não estão pagando a contribuição.⁶⁷ Outro elemento a ser considerado são as transformações nas relações ocorridas nas próprias relações familiares.

⁶⁷ De acordo com Pesquisa da Organização Internacional do Trabalho em seis capitais brasileiras, o percentual médio de empregadas domésticas com carteira assinada é de 30% in: SPTIZ, Clarice. Maioria das empregadas domésticas não tem carteira assinada. Folha Online. Disponível em: www.folha.uol.com.br. Consulta: 8/12/2005.

Nesse sentido, é preciso considerar que as mudanças não ocorrerão apenas nas relações de trabalho no âmbito doméstico, mas na própria maneira das famílias se organizarem.

Uma característica das relações de trabalho no tempo passado refere-se exatamente a essa natureza pessoal. Mesmo que não tenha se alterado completamente, a legislação estabelece direitos e deveres para as partes. A ausência ou a pouca regulamentação do trabalho faz com que as trabalhadoras dependam da vontade dos patrões. Se, por um lado, pode faltar consideração, como relatou Márcia, por outro lado, há relatos, ainda que exceções, diferentes. Essa foi a situação vivida por Ordália, que ganhou do genro da família para quem trabalhou muitos anos, um terreno, o que facilitou o pagamento da casa financiada.

Como notamos, em muitas falas, a forma como são tratadas, marcam os depoimentos das trabalhadoras domésticas, e busca-se, por meio de artifícios da linguagem, criar uma igualdade entre trabalhadoras e patroas, como na propalada amizade e a idéia de que a trabalhadora doméstica é quase da família. Sobre a relação com suas patroas, dona Conceição diz o seguinte:

Graças a Deus é, tem sete anos que eu sou diarista, diarista eu nunca tive problemas com patroa, minhas patroas são ótimas. Tem pessoas que reclama, põe muito defeito nas patroas, mas eu tive a sorte, não sei se é sorte, ou se é minha maneira de tratá bem aos outros, né? E, eu sempre costumo ser amiga é ... dedicada naquilo que eu faço, né? Nunca fui reclamada no meu serviço, eu tenho uma patroa que já tem seis anos agora esse mês fez seis anos, esse mês não, foi em outubro fiz seis anos que lá tô com ela, já vai pra sete ano que eu tô com ela. E ela não me larga de jeito nenhum (riso). E todo serviço que eu vou fazê as patroas gosta de mim, gosta do meu trabalho e tudo você, eu sou assim, se eu tô trabalhando tem que fazer jus ao meu, né? Aquele meu salário, eu ganho meu salário, eu tenho que honrar aquele meu trabalho. Então eu faço bem feito, nunca fiz trabalho correndo pra chegá cedo em casa, não, eu faço meu trabalho pra fica bem feito. É por isso que até hoje eu nunca fiquei sem serviço. Essa semana mesmo, eu tô cobrindo férias de uma doméstica, passando roupa na casa de uma advogada.” (Dona Conceição)

Dona Conceição se orgulha de fazer bem seu trabalho e não ter reclamações da patroa sobre o mesmo. Falou de sua dedicação, de não correr com o trabalho como uma maneira de garantir a qualidade do que faz, de fazer jus ao salário que recebe. Ao constatar que sempre teve boas patroas, Dona Conceição refletiu que talvez não seja apenas sorte mas resultado do serviço prestado, da qualidade do trabalho que desenvolve, a dedicação e forma como trata as patroas. Nesse sentido, Dona Conceição se coloca como sujeito de sua história, e atribui ao seu profissionalismo, o êxito em sua vida profissional. Ela ressalta também a forma de tratamento no trabalho doméstico, que segundo ela tem sido bom, como vemos:

E ela tá satisfeitiíssima comigo e eu com ela; não tem problema, elas me tratam ótimas, eu como na mesa com o patrão, viu? Não tem essa discriminação, porque tem muita diarista que reclamam que as patroas discriminam muito põe pra comê lá no fundo do quintal com o prato na mão, é isso, é aquilo. Põe sobra de comida de, não sei quantos dias pra ela comê, eu não, eu como na mesa junto com o patrão. Todo lugar que eu trabalhei eu sempre, eu sempre como na mesa com o patrão (Dona Conceição).

Dentre os elementos de ser bem tratada, Dona Conceição ressalta a forma como as patroas lidam com a alimentação da trabalhadora doméstica, sendo essa razão de muitas discussões e polêmicas. O lugar da alimentação e a qualidade da alimentação são questões que motivam essas polêmicas. Como nos mostrou Dona Conceição, muitas trabalhadoras não se sentam à mesa durante as refeições. Da mesma maneira, há uma queixa quanto à alimentação destinada às trabalhadoras, sendo que em algumas casas são os restos, o que a família não come é que se destina às domésticas “sobras de não sei quantos dias pra ela comê”. Na ausência de uma regulação mais efetiva, a situação das trabalhadoras se torna mais flutuante, o que faz com que elas associem as boas relações a uma questão de sorte para encontrar uma *boa* patroa. Além disso, a boa relação certamente depende das negociações que trabalhadoras e patroas realizam. Em todo caso, a existência de uma diferenciação sobre o que a família come e a comida destinada à empregada é um dos aspectos da divisão do mundo dos patrões e das empregadas. Mesmo nas casas onde as trabalhadoras não comem restos, em geral, há alguns alimentos especiais, mais caros, que são destinados à família empregadora. No que se refere ao momento das refeições e ao sentar e não sentar à mesa, há ainda mais polêmica. Dona Conceição coloca o sentar à mesa como dimensão importante de sua relação de igualdade com a patroa. Historicamente as trabalhadoras precisavam e em muitas casas ainda precisam servir as refeições e trabalhar enquanto a família se alimenta, tornando incompatível a realização da refeição no mesmo momento da família empregadora. Ao lado disso, algumas trabalhadoras alegaram não se sentirem à vontade para se alimentarem na frente dos patrões, preferindo um lugar mais reservado.

Refletir sobre o sentar à mesa juntas (patroas/família e trabalhadoras domésticas) envolve pensar uma série de estratégias, desejos, valores, dos envolvidos. Para o movimento nacional das trabalhadoras domésticas, sentar à mesa compõe estratégias das patroas de mascarar as diferenças entre patroas e empregadas. Se houvesse uma compreensão de que, de fato, a trabalhadora é uma profissional, certamente não haveria problema das refeições ocorrerem em momentos distintos. Mas a relação profissional de ambas as partes, impor a definição de um cardápio que atendesse às necessidades das trabalhadoras domésticas. Essa questão se relaciona também com a discussão sobre a doméstica ser ou não ser da família.

Carvalho analisa que o almoço, por exemplo, é um momento para a família estar só, conversar, sendo que a trabalhadora doméstica deveria respeitar esse momento, não se sentando à mesa. Algumas de nossas entrevistadas preferem se sentar à mesa, como Dona Conceição. Outras preferem alimentar em local mais reservado.

As transformações nas relações de trabalho doméstico mostram que o processo de regulamentação da profissão da doméstica trouxe alterações na natureza do contrato de trabalho, incluindo a intervenção do Estado e a possibilidade de formalização do contrato que não depende mais apenas da vontade das partes. Essa alteração abriu espaço para um ganho para a trabalhadora, que não dependerá apenas da vontade do patrão, mas como continua sem fiscalização, muitas continuam abandonadas à própria sorte. Essa situação colocou em xeque para Márcia a amizade com a patroa, muito mais ainda a idéia de que fosse alguém da família. Sabemos que mesmo pessoas da família podem ser abandonadas sem cuidados, como acontece com crianças e idosos, que dirá a trabalhadora doméstica. É nesse sentido que pensamos como fundamental a inclusão previdenciária da população pobre e, em específico, das trabalhadoras domésticas e donas de casa. Quem as amparará na velhice, se ficarem fora do sistema público?

A possibilidade de aposentadoria para trabalhadoras domésticas é recente na História do Brasil. Somente à partir de 1972 com a lei nº 5.859 (11/12/1972), que estabelece o direito a férias de 20 dias, carteira assinada e previdência social., as trabalhadoras domésticas têm sua relação de trabalho garantida em lei, razão que ajuda a explicar os baixos níveis de formalização do trabalho na atualidade. A Constituição Federal de 1988 ampliou os direitos das trabalhadoras domésticas, assegurando: salário mínimo; irredutibilidade de salário; décimo terceiro; repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos; férias anuais, acrescidas de 1/3; licença à gestante; licença paternidade; aviso prévio proporcional ao tempo de serviço; e aposentadoria. Em que pese as garantias constitucionais, há grandes polêmicas em torno dos direitos das trabalhadoras domésticas. Dentre elas, citamos o direito a férias, que a Constituição assegura mas não fala o número de dias e parte dos empregadores e juristas se apóiam na legislação anterior. Em 1999, o então presidente Fernando Henrique Cardoso editou a medida provisória de nº 1.986, que faculta ao empregador doméstico o pagamento do FGTS, que quando depositado por um período superior a 15 meses e a trabalhadora doméstica não for demitida por justa causa dará a mesma a possibilidade de pleitear o seguro-desemprego. As trabalhadoras domésticas mantêm, por meio de seus sindicatos, associações e a Federação Nacional de Trabalhadores Domésticos a luta por FGTS seguro-desemprego como direito, jornada de trabalho, seguro em casos de acidente de trabalho, bem como outros

direitos e benefícios. O atual governo federal, editou em 2006, medida provisória com vista ao aumento da formalização do emprego doméstico, que possibilita ao empregador dedução no imposto de renda de parte das despesas com a formalização do emprego doméstico.

O que observamos é que certas relações mais antigas estavam organizadas em termos da relação pessoal, compadrio. Ainda assim, à medida que as outras categorias profissionais vão conquistando direitos, parte das trabalhadoras também vão incorporando algumas conquistas, como nos relatou Oneida:

Eu trabalhava de doméstica. Eu sempre trabalhei de doméstica, eu sempre fui uma doméstica muito responsável. Primeiro, eu nunca fui de ficar assim, eu sempre fui de ficar muitos anos em uma casa. Eu não sei, eu pensava assim, eu achava tão difícil, falar a verdade eu não tive patroa. As patroas que eu tive foram boas, eu tive patroas generosa. Na época, não usava carteira assinada. A verdade é que, como doméstica, eu nunca tive uma carteira assinada. Eu já tinha assim alguns direitos. Eu tinha folga, eu recebia salário dobrado no Natal, eu recebia salários de aniversário. Eu só não tinha assim, fundo de garantia, mas eu sempre fui assim (Oneida).

Assim observamos que mesmo antes da lei que institui alguns direitos para as trabalhadoras domésticas, parte delas, e sem dúvida a minoria, já usufruía de algumas de alguns benefícios na prática. Como Oneida conta, recebia “salário dobrado no Natal” e no aniversário. Essa também foi a experiência de Márcia, em algumas casas:

Recebia, mesmo não estando regularizado porque esse pessoal que eu trabalhei, por exemplo, Tubal Siqueira pra, a Elice antes de regularizar, eles me pagavam, eles me pagavam férias. Eu trabalhava no domingo, direitinho, a mais não é? Eu sempre...meu relacionamento era muito bom, mesmo. A gente conversava, eu, eu,toda vida eu...essa minha amiga fala: “Você foi...é uma a parte da empregada doméstica você foi uma à parte, porque você conversava sentava com a patroa de igual pra igual”. Mas isso tudo eu aprendi com a Elice, sabe? Eu tinha que ter...tinha que ser igual. Eu não era menor, inferior do que ninguém, então isso ela me ensinou a ser, a ter valor em mim mesmo, a mim própria (Márcia).

Observa-se uma referência à patroa, como sendo alguém responsável, por ela conhecer seu valor, de ser alguém igual, indicando que ela não considerava essa igualdade. Face à recente e ainda pouco consolidada democracia brasileira e seus ideais de cidadania, igualdade, direitos, coube à patroa a transmissão desses valores. Entretanto, esse aprendizado de ser igual, a que Márcia se refere, é ambíguo. A igualdade tem caráter abstrato, e é igualdade com a patroa. Não há uma dimensão de igualdade, pensada em termos de ser trabalhadora doméstica, de se perceber como igual a outros trabalhadores.

Essa referência de aprender sobre direitos com as patroas, está presente na fala de outras entrevistadas. São as patroas, com algum nível de consciência social, que marcam positivamente, as lembranças de algumas das entrevistadas.

Essa não é a experiência de Maria Augusta. Para ela o trabalho doméstico é vivido como a pior profissão. Assim, no momento da entrevista, fala dos problemas da profissão. É por essa razão que ela alegou, na época da entrevista, não querer formalizar suas relações de trabalho no âmbito doméstico:

acho que não compensa, não compensa trabalhar de doméstica com carteira assinada, porque você não tem hora de almoço, você tem hora de entrar, mas não tem hora de sair. E o fundo de garantia, e... seguro desemprego, isso cê não tem, só décimo terceiro e férias, por isso eu acho que não compensa. [...] Eu não quis assinar carteira pelo fato assim, porque os meus direitos que eu tenho com a carteira assinada eu tenho sem a carteira assinada, por exemplo, a única diferença é que ela vai descontar de mim o INPS, só o INPS, porque o resto: férias, 13º, eu tendo a carteira assinada, ou não tendo, ela me paga (Maria Augusta).

Muitas trabalhadoras acreditam que carteira assinada não lhes traz nenhuma vantagem, ao contrário, traria um custo imediato, pois teria que descontar parte de seu salário para pagar a previdência. Para Maria Augusta, o contrato de trabalho doméstico é tão diferente que não justifica a assinatura na carteira, por que o trabalho doméstico garante poucos direitos e estes são garantidos independente da carteira estar ou não assinada. Maria Augusta estava convicta de sua posição, mesmo estando na época da entrevista grávida, desempregada, tendo sido despedida do emprego em função da gravidez, numa relação de trabalho não formalizada.

Se, para as trabalhadoras domésticas, a carteira assinada é opcional, ou seja, um direito, para o empregador assinar carteira é um dever. Caso não assine, o empregador está infringindo a legislação e pode ser processado, podendo, inclusive, ter que arcar com despesas por conta própria, sendo que seriam pagas pela previdência social, se a trabalhadora estivesse com a carteira assinada.

Ainda que seja uma relação de trabalho instituída em lei, com direitos e deveres, os discursos sobre o trabalho doméstico, tanto da parte de trabalhadoras domésticas quanto de suas patroas, continuam carregados dessa dimensão pessoal, de uma certa idéia do trabalho como favor. É nesse sentido que interpretamos o depoimento de Carmem:

Porque quando eu morava em casa, a casa era grande e tudo, eu tinha duas, aliás, ainda tenho as mesmas duas, entendeu? Estão comigo há uns 10 anos já. Muito tempo. Então, quando eu mudei pra cá, apesar de ter menos serviço e tudo, eu conservei as duas porque, mais pra ajudar, sabe? Já está comigo há muito tempo, tem uma que trabalhava era em café

e tudo, aí veio trabalhar comigo, ela é assim mais quietinha, se for arrumar outro emprego eu nem sei se arruma assim fácil, mas ela trabalha aqui pra mim mas trabalha mesmo só com limpeza. A outra fica por conta de lavar, passar e cozinhar. (pausa) De casa não, né? (Carmem).

Carmem justifica a permanência das duas trabalhadoras domésticas em sua casa, não por conta do trabalho a ser realizado, mas para ajudá-las. O emprego é pensado como uma espécie de favor.

O trabalho no âmbito doméstico tem como característica a relação pessoal, entre patroas e trabalhadoras domésticas, gerando relações de amizade, compadrio, proteção e muitas ambigüidades e conflitos. As duas partes buscam nos aspectos pessoais e familiares garantir seus interesses. Indago se esse apego à amizade e essa relação mais pessoal não é uma estratégia utilizada para o não cumprimento da legislação trabalhista, para manter a relação no âmbito do combinado entre as partes, sem a formalização e as obrigações por parte dos empregadores. Entretanto, se a resposta pode ser verdadeira para períodos mais recentes, é inválida para períodos anteriores, em que nem havia a legislação não podendo falar de descumprimento da lei. Assim, o trabalho doméstico permaneceu durante o século XX como uma modalidade de trabalho, que emprega expressiva parcela da população feminina, mas que não encontra amparo na legislação, dependendo as relações de trabalho de negociações e acordos construídos no cotidiano, em cima da palavra firmada e das relações de confiança. Dessa forma, no contexto em que Oneida e Terezinha se referem à amizade, as recordações das boas relações não podem ser pensadas em relação à legislação trabalhista, mas como componente de um modo como elas e suas patroas construíram as relações.

Ao falar de seu ingresso no trabalho doméstico, Márcia associa com tradição das mulheres de sua família:

Trabalhava, minha mãe era lavadeira. Lavava roupa para o pessoal da, do Dr. Vitório Caparelli mesmo. De Savastano, é engraçado não é? A família puxa, eu falei outro dia que a gente segue a família, da mãe é... ela trabalhava com o pessoal todo, dessa família toda. A D^a Cora Caparelli é...Esse pessoal do Savastano. Era acho que, a família era grande. Então, minhas tias, minha mãe, a, a tudo trabalhavam para eles, já parte do meu pai trabalhava para o Dr., o pessoal do Virgílio Galassi, Renato de Freitas (Márcia).

Márcia explica a sua inserção e permanência no trabalho doméstico, como uma tradição de família. Ela e sua família, negra, pobre, numerosa, trabalharam para uma outra família, branca, rica e também numerosa. Essa continuidade na profissão, da mãe, tias, como trabalhadoras domésticas, lavadeiras, cozinheiras, nos leva a refletir sobre as dificuldades das famílias pobres de construírem outras alternativas de trabalho mais valorizadas para seus

filhos. Nesse sentido, o acesso e a qualidade da educação têm importância, na medida em que são nas famílias de menor poder aquisitivo que o estudo é substituído ou combinado com o trabalho desde a infância. Mesmo reconhecendo alterações nessa situação, nas experiências das trabalhadoras domésticas, o trabalho desde a infância está muito presente, e a dificuldade de fugir do “destino” é grande.

Para refletir sobre a questão, reporto-me novamente, à fala de Maria Augusta, que traduz o sentimento de parte das trabalhadoras domésticas em relação à sua profissão:

É porque assim, você sempre vai ser a empregada doméstica. Você começa a marcar tempo de idade numa casa. Você sempre vai ser aquela doméstica mesmo. Nunca vai mudar de cargo na vida. Por exemplo, eu tive uma tia que ela começou a trabalhar novinha numa casa, até hoje, pergunta o que ela faz lá? A mesma coisa, ajudou a criar os filhos tudo da casa, mas ela é sempre a doméstica, a que cozinha, a que arruma, sabe, a que trata dos outros empregados e da casa inteira. Então ela vai ser aquilo, sempre não, é né? Agora pro que ela está bem velha e sempre vai ser a doméstica da casa (Maria Augusta).

Maria Augusta não relaciona a imobilidade social com a pobreza, mas com a profissão. O problema é ser doméstica. Ela pensa que em outros empregos haveria maiores possibilidades:

Eu acho que por exemplo, cê vai trabalhar numa empresa, além daquilo que você faz, você pode aprender outras coisas, né, você já pode ser, assim, desenvolvida, querer aprender ou até mesmo estudar para mudar né, agora, se cê trabalha de doméstica, cê perde a vontade de estudar pra mudar, né, cê acha que assim, ah... eu vou ficar nessa vida mesmo, pra que fazer isso ou aquilo? Eu vou ficar, ficar nessa mesmo. Igual muitas aí que larga de estudar, não vai à escola. Então eu acho que deve estipular um horário para a pessoa trabalhar, estudar, querer melhorar, sabe, crescer. Eu acho isso (Maria Augusta)

No contexto atual, a expansão do ensino, desde a infância, poderá contribuir com alterações nessa situação. Além do acesso, a escola terá que enfrentar a questão da qualidade, como condição para garantir melhores possibilidades às pessoas de baixa renda.

A entrevista com Maria Augusta foi realizada em 1996. Nas falas de Márcia e Dona Conceição, em 2003, elas referem-se às dificuldades no mercado de trabalho em geral, que provocam arrocho também no doméstico:

Aí, é o que eu queria pra empregada doméstica, onde ela fizesse um curso bonito, um curso bom! Eu vejo na televisão passar tanta gente faz, dá curso, mas 90,00;100,00. Esses dias o Senai está dando curso 120,00. Sem emprego, como é que faz o curso? Pra empregada doméstica, mas é o curso básico, 120,00. Aí, falei assim; “-Se a gente conseguisse montar alguma coisa pra empregada doméstica. Se a gente pudesse ajudá-la a melhorar. Porque hoje, como está mudando a, o tempo não é? Hoje é tudo informática. A empregada também

tem que mudar. Ela tem que ser uma boa funcionária. Outro dia uma mulher ligou: “Ah, eu queria uma empregada que soubesse até computação”. Aí eu falei: E, o salário é compatível a computação? Ela falou: “Ah, se for do jeito que eu estou querendo eu pago bem! (Márcia).

Há na fala de Márcia uma percepção de uma mudança social ampla que coloca novas exigências para as trabalhadoras domésticas, em termos de novos aprendizados. Significa dizer que, em geral, os conhecimentos acumulados, que foram suficientes para a sobrevivência durante a maior parte de suas vidas, são colocados como insuficientes em função de mudanças que inclui novas tecnologias, nova organização da vida doméstica, novos valores, tornando-se assim importante a discussão sobre a formação para o trabalho doméstico. Já apontamos que há uma quebra nas formas anteriores de transmissão desses conhecimentos, de patroa a empregada e vice-versa, das mais velhas para as mais novas, de mães para filhas, etc. Nesse sentido ganha terreno a formalização dessa formação com momentos e tempos específicos.

O tema da qualificação para o trabalho, para que o trabalhador, em geral, consiga responder aos anseios do mercado de trabalho, está colocado praticamente para toda a população. A maneira como é discutida, muitas vezes, responsabiliza o trabalhador pelo desemprego, por ausência de formação. Nesse sentido, é preciso considerar duas questões: 1) que esse trabalhador hoje considerado desqualificado era, até uma ou duas décadas atrás, considerado qualificado para o trabalho que realizava 2) o discurso da falta de trabalhadores qualificados mascara a realidade, pois procura culpabilizar o trabalhador pelo seu desemprego, uma vez que não há emprego para todos e que muita gente com muita qualificação também se encontra desempregada.

Levando em conta esses elementos, ainda assim, pensamos que, do ponto de vista das trabalhadoras domésticas, a formação para o trabalho é importante, uma vez que a escola tem se consolidado como local específico para a formação e no caso do trabalho doméstico, perdeu terreno nos anos 80 e 90, e tem ganhado força nos anos 2000. Assim, parece desejável que as trabalhadoras domésticas ampliem a escolarização formal e tenham acesso a cursos de formação que possam ajudá-las a refletir sobre os desafios da profissão doméstica nos tempos atuais. Para termos uma idéia da importância dessa formação, temos que pensar, por exemplo, na mudança em relação à infância, a questão dos direitos humanos, por exemplo: nas experiências mais antigas de trabalho, as trabalhadoras domésticas tinham direito inclusive de bater nas crianças e essas lhes deviam obediência. “Modernamente” há uma vigilância para saber se a criança está apanhando, sendo, por vezes, utilizados equipamentos eletrônicos para vigiar a trabalhadora. Nesse sentido é preciso que a trabalhadora saiba qual é o procedimento

correto. Outro exemplo refere-se à mudança em termos da alimentação. Fazer comida boa significava para muitos, fazer frituras. Atualmente, esse não é um padrão desejável para a maioria, como discutimos no capítulo dois, sobre novos hábitos alimentares.⁶⁸

Reconhecer que a sociedade mudou e que as exigências quanto à formação e à escolarização também se ampliaram, nos leva a pensar que as trabalhadoras domésticas têm direito de acesso a conhecimentos acumulados e de aumentar sua escolarização, garantindo as condições de melhor enfrentar os desafios do contexto atual. Nesse sentido, durante o governo Lula, a questão da formação para o trabalho doméstico tem ganhado espaço, tendo sido desenvolvidas ações de formação pelo Ministério da Educação e pelo Ministério do Trabalho e Emprego, sendo que, este último, produziu uma cartilha com informações necessárias para a realização do trabalho doméstico.

Márcia percebe as transformações no trabalho doméstico que, para ela, trazem dificuldades para as “verdadeiras domésticas”. Perguntada sobre a situação atual das trabalhadoras domésticas ela falou sobre a concorrência de pessoas que não têm o trabalho doméstico, como atividade principal, mas devido às circunstâncias, como trampolim para outras atividades.

Olha, algumas acham... eu acho que tem muitas que fazem trampolim de emprego doméstico. É, de repente eu estou desempregada é o único que vou encontrar. Então, eu vou estar trabalhando só porque eu não achei outra coisa. Eu tenho sentido isso, sabe? Muitas empregadas (silêncio)... tinha que ter, eu não sei, algumas meninas nem não querem que põe na carteira que são empregada doméstica, porque tem vergonha, agora eu nunca tive vergonha de ser empregada doméstica, sou empregada doméstica é, aprendi no decorrer da minha vida, que você tem que ter o saber, fazer com amor. Então eu acho que tem muitas meninas que ainda acham que é só um trampolim, pra outro emprego (Márcia).

Márcia coloca exatamente o que nos motiva a estudar nas experiências das trabalhadoras domésticas e donas de casa: a forma como está sentindo a mudança. E ela sente que as mudanças sociais, em termos de novas tecnologias que adentram a vida doméstica, os novos valores, que têm impacto sobre a vida privada, são sentidas em termos de uma perda do seu saber-fazer, que era suficiente para trabalhar e viver em tempos anteriores.

Dona Conceição fez referências às transformações no mercado de trabalho em geral, mostrando, por meio de sua experiência, as dificuldades encontradas na atualidade:

⁶⁸ A questão da qualificação para o trabalho, em geral, é pensada como mais um modo do mercado ganhar dinheiro dos que tão pouco têm, sendo que os cursos muitas vezes não levam em conta nem a realidade nem a necessidade dos trabalhadores. Em um sentido diferente a Faculdade Católica de Uberlândia tem desenvolvido, há três anos, cursos de formação para domésticas, babás e cuidadoras de idosos que procuram alargar a compreensão da realidade e inserir os trabalhadores como cidadãos e sujeitos do processo.

É, é porque antes eu trabalhei na área de, de escritório, né? De contabilidade, de tudo, mas depois dos quarenta anos eu fiquei 19 anos casada só criando filho, quando eu voltei, a minha idade, não, não consegui achá na mesma área que eu trabalhava. Aí eu fiquei dois anos em Uberlândia, tentando na minha área de contabilidade e não consegui. Que hoje eles querem é gente novo nem que não tem experiência, mas que curriculum eu tenho, né? Na carteira registrada tudo. Mas devido à idade infelizmente nosso Brasil é, nessa área é muito que num, eles num vão olhá a experiência da pessoa, eles qué vê é visual, é idade, né? Prum trabalho nem que a pessoa num trabalhe bem. Mas a pessoa de idade tá muito discriminada na área de trabalho, né? Então, eu senti essa dificuldade dois ano procurano e num achava. [...] Aí não consegui e quando eu achei foi na área de doméstica aí eu fui (Dona Conceição).

Dona Conceição aponta, nessa fala, a questão da idade como um elemento que dificulta a população mais velha conseguir vagas no mercado de trabalho na atualidade. Além da idade, Dona Conceição refere-se ao visual como elemento importante na busca por emprego. Nesse caso a juventude parece significar o visual desejado pelo mercado de trabalho. Outro elemento que influencia nas contratações é a questão racial, segundo nos informa algumas trabalhadoras. Sabemos que a boa apresentação solicitada nos anúncios de emprego, a exigência de fotos muitas vezes, é o meio utilizado para não contratar pessoas negras. Também no trabalho doméstico a origem etno-racial tem influência no ser ou não ser contratado.

A discriminação no trabalho doméstico, em função de ser negra, foi relatada por Joyce:

Aquela casa ali, esquina da Av. João Pinheiro onde hoje é a Imobiliária Paulo Campos, morava uma família, era uma das famílias mais rica de Uberlândia que era a casa do Nicomedes, ali na João Pinheiro era as casas mais bonitas de Uberlândia. A João Pinheiro era uma avenida da society. Na época tinha um canteiro no meio com aqueles lampiões ... era uma avenida bonita [...] Tava precisando de copeira e eu fui lá porque na época tinha copeira pra servir o jantar na sala de jantar na copa que eles falava e a cozinheira só ficava lá pro fundo, não aparecia. Aí eu cheguei, vi uma senhora muito chique, bonita, veio falar comigo. Aí eu falei que estava procurando né um emprego pra copeira. [...] Aí ela olhou assim pra mim de cima em baixo. Falou: “Não eu tenho a vaga de copeira mas pra você eu tenho a vaga pra cozinheira porque a cozinheira tá indo embora”. Aí olhei assim pra ela, não entendi bem, né. Aí eu falei pra ela: Não, cozinheira eu não vou ficar com a senhora como cozinheira porque eu não sou cozinheira de forno e fogão, eu só cozinho o trivial simples. Quitandas, tortas eu não sabia fazer. Aí ela falou: “Então infelizmente nós não podemos fazer negócio”. E eu fui embora. Depois é que eu fui entender que ela não queria uma copeira negra, ela tinha a vaga mas não ia me ceder, porque ela não queria uma copeira negra servindo a comida na sala. Aqui em Uberlândia tem gente racista”(Joyce).

Se o trabalho doméstico tem peso importante para as mulheres pobres em geral, seu peso é maior ainda para as mulheres negras, uma vez que são vários elementos de interdição delas ao estudo e às profissões socialmente mais valorizadas. No trabalho doméstico, ser

negra pode ser um elemento que dificulta o acesso, como fez referência Joyce, ou pode significar uma preferência para algumas funções como cozinheiras, pela idéia de que mulheres negras cozinham bem, posição também conservadora dos que acreditam que esse é o lugar próprio dessas mulheres.

Buscando fugir de um lugar, socialmente reservado a mulheres pobres e negras, Joyce fala de sua trajetória de trabalho e de estudos:

E era um sacrifício muito grande para poder fazer o ginásio. Nós trabalhamos na casa dos outros. [...] Não sei como me agüentavam como empregada doméstica, eu era muito atrevida. Aí, você não precisa me mandar mais não que eu sei do serviço, se sai alguma coisa do jeito que a senhora não gosta, me chama atenção, pede pra mim fazer de novo que eu faço mas não fica atrás de mim mandando, me vigiando que eu não gosto[...] mas como eu era muito limpa, muito honesta, muito rápida, né, pra trabalhar, eles acabavam aceitando por causa da qualidade do serviço elas acabavam aceitando minha imposição, quer dizer que trabalhava com a cabeça, né? (Joyce).

Na narrativa, Joyce destaca a trajetória que fez para estudar, as lutas empreendidas, certamente como um modo de dar mais força e sentido à sua vitória, de ter conseguido se formar como pedagoga, ter sido professora e, no momento da entrevista, já aposentada como professora do Distrito Federal. Após o exame de admissão, Joyce foi estudar no Colégio Brasil Central, um colégio particular. Diante das dificuldades em pagar as mensalidades, foi convidada pela diretora para morar na casa dela:

O interessante tudo é que assim que eu comecei a lecionar e não recebia e não tinha como pagar o colégio e aí um dia eu sentei com a Dona Lia e contei minha história triste, que era dona e diretora do colégio. Dona Lia minha situação é assim, assim... Ela falou: “Olha vamos fazer o seguinte, cê vem aqui pra casa [...] cê mais a Jane vem pra cá”. Já conhecia a gente, quatro anos estudando na escola, todo mês a gente ia lá pedi pra ajudar a gente a pagar (risos). Acho que ela nos aceitou foi pelo cansaço. Ela falou: não Joyce, faz assim, Jane vai tomar conta do papai e da mamãe. [...] É, fomos morar lá no Brasil Central. O Dr. Manoel era terrível, implicava com gente, brigava com a Dona Lia: essa negrada da Lia. O Seu Fernando, o pai dela, falava negrada da Lia, eles era velho, acho que eles morria de inveja de dividir a Dona Lia conosco. E a Dona Lia tinha mesmo a mania de juntar os outras para ajudar. Ih, o Brasil Central na época foi apelidado de 13 de Maio, navio negreiro, que era a única escola de Uberlândia que aceitava aluno negro. As escolas de 2º grau, porque 2º grau era só para branco, negro tinha que ficar só de 1ª a 4ª e não podia ir pra frente. Aí Dona Lia começou a abrir mão, pôs alunos negros e o colégio foi apelidado de 13 de Maio (Joyce).

A forma encontrada por Joyce para estudar foi morar na casa da diretora, que já acolhia outras moças negras. Na memória de Joyce, Dona Lia aparece como pessoa importante que ajudava moças pobres. Ao que parece, pelo conjunto do relato, essa ajuda a moças negras ocorreu e propiciou a promoção delas. Mas não se tratava só de ajuda, mas de

uma troca e não apenas de uma ajuda pois Joyce e a irmã tinham funções na casa, nos trabalhos domésticos. Mas Joyce considera que foi bom “porque ela não tratava a gente como empregada, tratava a gente como pessoa da família.”

Mesmo sentindo que a forma de tratamento era boa, isso não diminuía a quantidade de trabalho a ser realizado:

Quando chegava final de ano eu me lembro que a Dona Lia uma vez comprou uma máquina pra mim tá fazendo lençóis pra casa nova que ela construiu lá na Alexandre Marques, aí eu ajudei a fazer lençol, fronha, pano de prato tudo. Nós duas cortamos peças e de coisa, naqueles tempos então eu ficava muito carregada de tá fazendo limpeza, de lavar roupa, olhando os meninos (Joyce).

Dessa maneira observamos a relação de troca estabelecida entre Dona Lia e as moças que ajudava. Não desmerecendo o empenho em favorecer mulheres negras, não podemos desconsiderar a importância do trabalho doméstico realizado por Joyce, sua irmã e outras moças. Indica mais uma vez o fato do trabalho doméstico ser pensado como um favor das elites para com a população pobre, dificultando a compreensão como trabalho.

Diante da escassez de recursos financeiros, trabalhando e custeando seus estudos da forma como era possível, Joyce inventava, a partir dos conhecimentos adquiridos:

E nessa época eu aprendi a costurar, aí minhas patroas me davam vestidos velhos que não eram velhos e eu desmanchava e fazia outro modelo, eu era uma das negras mais chique que tinha aqui em Uberlândia. Cê precisava de ver como é que eu era chique, roupa que eu fazia dos vestidos velhos que eu ganhava, porque o dinheiro era a conta de pagar a escola (Joyce).

Nesse aspecto, observamos o fato de Joyce sentir-se negra chique em Uberlândia nos anos 60 do século XX. Remete ao seu lugar no presente, na luta do movimento negro, pelo reconhecimento da beleza negra. No depoimento afirma que nessa época os espaços de negros e brancos na cidade eram bem separados, mas que a população negra tinha seus próprios divertimentos. Nesse sentido, analisa até que ponto a situação do negro no presente é melhor, uma vez que, se por um lado, houve uma diminuição da segregação do negro de forma mais visível, por outro, ela pensa que a população negra perdeu parte de sua combatividade e de locais próprios de expressão de sua cultura.

Ao lembrar os tempos vividos no trabalho doméstico, Joyce se coloca como alguém que buscou ter o comando das situações vividas. Segundo ela, tendo aprendido o trabalho, procurava realizá-lo de uma maneira a não ter que ouvir a repetição das ordens da patroa. Joyce diz ter sido uma trabalhadora atrevida, mas as patroas a aturavam, porque tinha

aprendido a fazer bem o seu trabalho e era *rápida, honesta e limpa*, o que garantiu a ela boa capacidade de negociação com as patroas, incluindo aí a questão salarial:

Eu mudava quando eu queria ganhar mais, eles não queriam pagar eu saia cê entende? Eu só tive uma casa aqui em Uberlândia que eu briguei, com meu patrão, eu não tinha medo porque era empregada doméstica eu era muito atrevida. Ele era... Eu não sei qual que era o negócio que ele fazia só sei que ele não saía dentro de casa, ficava o dia inteiro. Eu tenho uma raiva de homem dentro de casa. Aí ele inventou de ir lá pra cozinha mandar eu fazer almoço, me ensinar passar bife, um trem assim e eu não gostei, sabe. Eu peguei e respondi ele mal, aí ele pegou... Aí a Dona Íris veio e falou pra mim assim: “Mas Joyce, você respondendo”. Ah, como é que ele chamava gente... Fulano... Eu falei: Eu não gosto de homem me mandando na cozinha, se a senhora quiser mandar eu fazer as coisas, a senhora vem aqui e manda eu fazer. Mas não manda homem vir me mandar não (Joyce).

Dessa forma, Joyce aponta as táticas utilizadas para melhorar a vida e controlar o modo de realizar o trabalho. Além das qualidades de seu trabalho, certamente um fator que favorece a melhor possibilidade de negociação da trabalhadora doméstica, refere-se a falta de trabalhadoras, que os jornais e pesquisas, especialmente sobre os anos de 1970 se referem. Em tempos de desemprego, como o atual, as possibilidades dos trabalhadores de colocarem suas condições diminuem, embora não esteja ausente da atuação destes nos rumos de suas vidas.

Outro elemento importante para nossa consideração, refere-se à objeção de Joyce à intervenção de homens na cozinha, demonstrando que, para ela, a cozinha é um lugar de mulheres, sejam elas domésticas ou donas-de-casa. Pode revelar ainda desejo de não-intervenção, pois talvez quem estivesse intervindo mais fosse o homem.

Controle do trabalho, controle do tempo: tensões entre trabalhadoras domésticas e patroas

Um tema caro às trabalhadoras domésticas é poder desempenhar seu trabalho sem a vigilância constante das patroas. As interferências constantes, mesmo que pedido com cautela, parece significar em alguns casos desrespeito à sua capacidade de desenvolver as atividades.

Por seu turno, as trabalhadoras utilizam essa proximidade com as patroas, para conseguir algumas vantagens, como faltar e não ter desconto e algum benefício além do salário, como algumas relataram.

Aspectos da negociação com as patroas: elas aceitem as condições colocadas pelas trabalhadoras em função da negociação e da própria qualidade do trabalho que desenvolvem. A consciência do que são torna-se, assim, importante elemento para a negociação.

A questão de compartilhar o trabalho com a trabalhadora doméstica parece influir na avaliação da patroa. Sobre uma patroa que não ajudava nas lides domésticas, Claudiana disse: “Andava o dia inteiro batendo perna, media rua, media rua. Não trabalhava não, andava à toa o dia inteiro”. Claudiana critica a dona de casa por deixar a doméstica trabalhando e ficar à toa. Como o trabalho doméstico é considerado um trabalho da mulher, é até aceitável que seja realizado pela doméstica quando a patroa trabalha fora, mas se torna inaceitável quando esta paga alguém para trabalhar para “bater perna o dia inteiro”. Se ela permanece em casa, precisa ajudar, trabalhar junto para ser considerada boa patroa. Talvez essa seja a razão pela qual a relação entre empregadas domésticas e suas patroas seja, em geral, mais conflituosa do que com o patrão. Claudiana mesma diz: “Seu Milton gostava demais de mim”.

Renata fala o modo como pensa a realização do trabalho doméstico:

eu acho que a doméstica pra ser uma doméstica ela não pode ser explorada e nem explorar o patrão. Tem que ser quase uma ligação, sei lá, diferente. Tem que ter uma confiança, uma amizade pras coisas dar certo. Porque se for mais aquela coisa assim: “Ah eu vou lá e faço, pronto”. O patrão não vai ficar satisfeito, vai chamar a atenção, então vai ser aquela coisa assim, não vai ficar um clima gostoso na casa, nem pra pessoa que vai trabalhar cedo e nem pra pessoa que está lá, que está vendo o serviço. Assim, eu levo mais pra esse lado, porque se for pro lado assim mais de executar o serviço, de fazer aquela coisa assim, assim, você não tem aquele ânimo de trabalhar, levantar cedo e trabalhar, de fazer aquela coisa. Eu acho que doméstica tem que gostar de trabalhar como doméstica. Eu gosto, gosto muito, as coisas que eu faço, eu faço, eu faço com melhor capricho que eu puder fazer eu faço. Só se eu tiver doente, alguma coisa assim, eu gosto de estar assim, não é assim, assim cativando, eu gosto de deixar o serviço assim, pra pessoa olhar e falar, né? “Ela faz bem”, tipo deixar minha marca. Porque até hoje, onde eu passei, eu acho que ninguém tem nada a reclamar de mim, do meu serviço, sabe? Eu não tenho pressa de fazer o meu serviço, eu gosto que fique bem feito e que quando eu vou embora pra casa eu não vou assim pensando, ah, será que a pessoa gostou? Não, eu fiz o melhor que eu pude, se a pessoa não gostou então não é porque não é do jeito que ela quer. Mas porque eu fiz o melhor que eu pude eu fiz. Que depois vai ficar pensando, ah, eu podia ter feito melhor, podia ter caprichado um pouquinho não (Renata).

A fala de Renata traz o tema da justiça, talvez em função de sua experiência no movimento dos sem teto e sua vidas nas comunidades católicas. Não explorar e nem ser explorado. Ela relaciona a qualidade do serviço que presta com dedicação, fazer o melhor possível e, como outras trabalhadoras, ressalta o aspecto de não fazer correndo o trabalho para ir embora. Entre os elementos que Renata coloca para a *boa* trabalhadora doméstica está o gosto, o querer da trabalhadora doméstica. A questão do gostar e do querer parece estar colocada para todas as profissões, como um dos fatores de sucesso. Sabemos que no contexto de desigualdade social em que vivemos, o poder escolher a profissão é um privilégio das

elites, salvo raras exceções. Mas, para Renata, só será boa doméstica aquela que realizar seu trabalho com gosto. E muitas trabalhadoras o realizam, como evidencia Renata.

Sobre as razões para permanecer muitos anos nas casas em que trabalhou, Oneida disse:

porque uma das vantagens, que eu pensava assim, eu não gostava de mudar de emprego, é que eu tinha muita dificuldade de mudar de uma casa pra outra. Eu sentia muito, eu imaginava assim, se a gente sente, o mesmo que a gente sente a patroa também sente. Que até que você adquire aquela liberdade, aquela confiança, quando você chega, você sempre fica com o pé atrás. E elas também têm razão. Eu pensava assim: Ah não gente, o tempo que eu vou ficar de, que é ruim você ficar, a pessoa... **a mamãe sempre falava assim: “cebola que tanto muda não dá cabeça”**. Ela gostava de falar assim. Eu sou de acordo que o pouco que a gente aprende, a gente treina com o serviço. Você faz ele tranqüila, você adquire assim aquela tranqüilidade. Você não sente assim dificuldade (Oneida, grifos nossos).

Oneida fala sobre a importância da perseverança de firmar-se em algum lugar pois “cebola que muito muda não dá cabeça”. Para ela, é difícil mudar de casa em função dos vínculos afetivos e das vantagens que tem a trabalhadora doméstica, quando a patroa e a família para as quais trabalha já a conhecem e nela confiam. Assim, mostra que fazer bem o trabalho doméstico depende também da relação com as pessoas com quem trabalha, do conhecimento e adequação dos gostos.

Mais uma vez, as relações pessoais, a amizade são apontadas como elementos importantes para a permanência no emprego, como relata Renata:

Aquela coisa assim que tem que envolver a pessoa que trabalha numa casa, ela envolve com a vida da pessoa, com a vida daquela família, no final acaba fazendo parte da família. Igual um dia, se você mora com a sua irmã e ela vai embora, você vai sentir falta. É igual uma pessoa que trabalha pra você, se um dia essa pessoa não vem mais, vai sentir falta, não só do serviço, mas da pessoa, da convivência (Renata).

Renata avalia como próprio das relações humanas o gostar, embora já mostramos que nas relações de trabalho, em alguns momentos, a amizade se choca com os interesses. Lembrando o pensamento de Eduard Palmer Thompson (1987), de que a classe acontece em um momento determinado, nas relações entre trabalhadoras domésticas e patroas, podemos ver vários momentos limiares, onde a dimensão da classe e dos interesses de cada classe se colocam de maneira mais clara. Mas é assim que Renata pensa que devam ser as relações. Quer deixar sua marca, e sua ausência seja sentida, não só pela falta do trabalho, mas também da convivência. A este respeito, afirma Joyce:

lá na Dona Fiinha eu tive um período muito bom da minha vida, muito bom porque eu falo: quando você tem vontade, você como empregada doméstica você absorve a cultura da casa onde você trabalha e você não fica ali assim inerte, você só é empregada não. Eles tinham uma biblioteca espírita eu li tudo que fosse romance que tinha na época...” (Joyce).

A citação nos leva a pensar sobre processo de aquisição *da cultura do outro*. Aprender como o outro faz, cozinha, limpa, etc. Essa parece ser uma aprendizagem importante para as trabalhadoras domésticas. A cartilha Valor Social do Trabalho Doméstico trata disso, de como as trabalhadoras domésticas se vêem diante de um esforço grande para aprender a lidar com situações para as quais não estavam preparadas. Não se trata de falta de inteligência como muitas vezes é apresentado, mas de diferenças culturais importantes, de falta de acesso a equipamentos e informações. O inverso também é verdadeiro, talvez de uma outra forma, mas é o fato de que mulheres mais pobres, especialmente as mais velhas, muitas vezes serem transmissoras de saberes, especialmente sobre o cuidado dos filhos para suas patroas, como Oneida se orgulha de ter criado a filha da patroa.

Recordando as relações de trabalho no passado, Márcia refletiu que:

Não mudou muita coisa, não as patroas hoje estão mais exigentes na alimentação. Eu, toda vida com a Elice, eu fazia macarrão feito em casa. Tinha que fazer a massa. Pão de queijo, eu fazia toda quinta-feira. Ligava para o marido dela, ele mandava buscar para ele tomar café. Então, hoje já não tem mais isso, não é? No domingo, depois que acabava o almoço, eu arrumava a cozinha toda, eles me levava em casa (silêncio). É, uma vez fiz um almoço para o Dr. Jacy de Assis, ele mandou o motorista me buscar. Mandou o motorista me levar. Na hora que eu terminei o almoço ele me deu uma gratificação de um mês de salário. Então eu acho que mudou muito, muitas coisas, não é? (Márcia).

Márcia atribui grande importância ao fato do motorista levá-la em casa no domingo. Trabalha-se aos domingos. Mas há uma distinção, um cuidado e uma recompensa por isso:

Assim, hoje as patroas não são mais... não são tão amiga como eram antigamente. Não sei se porque tinham saído de uma... escravidão, não é? Era... estava o pessoal saindo da escravidão e elas achava que... eram mais paternais, hoje não. Hoje as patroas são mais empresárias mesmo. A maioria fala: “Não... não.” Um dia uma mulher me ligou e queria uma cozinheira, aí ela falou: “Ah, eu quero uma cozinheira boa.” Eu falei: Eu sou uma cozinheira, pode tirar minhas informação. Aí, conversando com ela... não sei o quê que ela falou, e eu falei pra ela: Ah, a casa da patroa... ah, a gente tem que ter respeito, é uma continuação da casa da gente, não é? Ela falou: “Eu não quero empregada que venha com esse pensamento. Não é continuação, a minha casa não é continuação da casa dela.” Eu falei: Mas não, é o modo de você...ficá lá dentro é o modo de você tratar as pessoas. Você trata bem as pessoas na sua casa, na casa do patrão também você vai tratar bem não é? Ela falou: “Não, não quero continuação de empregada na minha casa”. Então, mudou, mudou acho que... não sei se foi pra melhorar... Eu ainda não parei pra pensar se foi pra melhor, mas eu acho que não mudou muita coisa, pra melhor não. Porque... apesar que eu não sou muito paternalista, sabe? Eu, na minha época as patroas eram muito amiga, eram muito...

Conversava me dava presentinho. Eu tenho muita coisa também que elas me deram (Márcia).

Nesse e em outros momentos da entrevista com Márcia, temos a referência à questão da escravidão negra no Brasil, relacionando a situação das trabalhadoras domésticas hoje com o passado. Márcia fala sobre as mudanças nas relações de trabalho quando, no passado, as patroas eram mais “paternais” que no presente, prevalecendo na atualidade a patroa mais empresária. Fica clara a dificuldade de Márcia de lidar com os novos valores em relação ao trabalho doméstico. Se antes ela sabia como se posicionar para conseguir um emprego, o que ela pode oferecer atualmente pareceu, aos olhos da patroa, um problema. Frente às dificuldades do presente, o apego às tradições, às formas costumeiras mais antigas, pode significar tentativas de sobrevivência, de resistência, em uma realidade de rápidas transformações sociais, em que saberes são desconsiderados, e novas exigências são criadas, numa roda preparada para deixar pessoas de fora.

Observamos uma diferença em relação à pesquisa desenvolvida durante o mestrado, na qual estavam mais presentes a denúncia da exploração do trabalho doméstico, o relato sobre as condições de trabalho e queixas quanto ao mesmo. Ao procurar entender essa diferença, percebo que está relacionada com a tentativa de incorporar a visão dessas mulheres como donas-de-casa e também das patroas, refletindo, desta forma, acerca das próprias questões que me coloquei. Reflete, ainda, características das entrevistadas, o fato de muitas delas terem, na ocasião da entrevista, mais de 60 anos e de estarem falando de experiências mais antigas e de situações que viveram há algum tempo. Assim, estamos pensando que a questão da idade é um elemento importante de se considerar na análise das entrevistas. Ao comparar as entrevistas realizadas no mestrado e as do doutorado, percebi distinções importantes no perfil das entrevistadas. A maioria das entrevistadas para a pesquisa realizada no mestrado era de jovens, todas no exercício do trabalho, ou em busca de trabalho. No caso das entrevistas realizadas para esta pesquisa, as entrevistadas tinham experiências diversas, sendo que algumas haviam sido domésticas por um longo período, porém não sendo essa a realidade no momento da entrevista. Este é o caso de Oneida (já aposentada, tendo trabalhado em creche antes de aposentar), Terezinha (aposentada, também trabalhou em creche), Joyce (aposentada como professora) e Claudiana (coordenadora de creches, no momento da entrevista).

Outro fator importante refere-se à situação das entrevistadas no momento da entrevista. Ao que me parece, se a situação do presente é melhor, se a trajetória desenvolvida

parece satisfatória à entrevistada, as lembranças do passado também são contadas de maneira mais leve. Se no presente as condições de vida são desfavoráveis, o passado pode aparecer de maneira ambígua, pois as entrevistadas poderão localizar nas relações de trabalho do passado as raízes de sua difícil situação no momento atual, como também o passado pode ser lembrado como um momento melhor do que o atual.

Precisamos considerar ainda as grandes mudanças sociais ocorridas, que trouxeram outros valores em relação ao trabalho doméstico, e que talvez não seja valorizado da mesma maneira pelas trabalhadoras de diferentes gerações.⁶⁹ Sobre isso nos adverte Portelli

Nas sociedades modernas baseadas em classes – opostas às sociedades tradicionais baseadas em castas -. A identidade e o status são *conquistados*, mais do que *atribuídos*, são fluídos mais do que fixos. Permite-se aos indivíduos – e portanto se exige - que criem suas próprias identidades. Em virtude de as fronteiras de classe serem menos rígidas do que as de casta, exige-se dos indivíduos que se movimentem através delas como se não existissem fronteira. [...] Para cada fronteira que é ofuscada ou aplanada, aparecem novas, ou as antigas são reavivadas; para cada nova fronteira que corta um antigo continuum, uma distinção é eliminada em outra parte. Mas as regras que regulam as novas fronteiras que dividem o mundo são mais ilusórias do que as antigas. Elas são feitas e refeitas em outra parte, e mudam demasiadamente rápido para as pessoas poderem acompanhar. A mobilidade social e a mudança cultural, então, não deveriam ser vistas como um processo de transição de uma identidade para outra, mas como uma condição permanente. As pessoas da classe trabalhadora correm em direção à adaptação e à assimilação, assim como Aquiles corria contra a tartaruga mítica: não importa a rapidez com que correm, nunca conseguem alcançar. Como dizia aquela frase oblíqua do blues, ficam tropeçando, mas não têm lugar nenhum onde cair (PORTELLI, 2003: 63).

De várias maneiras, vimos algumas trabalhadoras procurando correr atrás de um padrão de vida semelhante ao das patroas, muitas vezes inatingível, como na experiência de Márcia e outras trabalhadoras domésticas. É o que observamos no relato de Dona Conceição, que prefere fazer as coisas, as festas, por exemplo, com consciência de um lugar social, não como aceitação, mas como estratégia para ter uma vida financeira equilibrada. São as diferentes escolhas dos sujeitos sociais.

A visão de patroas

⁶⁹ Alessandro Portelli, estudando as experiências dos trabalhadores em Terni (Itália), fala sobre os processos de mudanças sociais em que as experiências dos operários não são tidas mais pelos filhos como padrões a serem imitados, mas como algo a ser negado, pouco importante para a experiência das novas gerações com maior escolarização.

Ao buscar perceber como as patroas pensavam a relação com as trabalhadoras, tivemos falas mais formais, sem detalhamento de problemas maiores com as trabalhadoras domésticas, como nos relata Carmem:

Eu imagino que elas não devem ter reclamação nenhuma a meu respeito não. Nem relação assim patroa e empregada, já é mais amizade. Tem tanto tempo que estão comigo, não é verdade? Eu não sou, eu gosto de tudo arrumadinho, eu não sou patroa chata igual eu conheço muitas que chega fazer até falta de educação na frente de todo mundo com empregadas. Tipo mandar, essas coisas. Aqui tranquilo, eu também não tenho reclamação delas porque já me conhecem, já sabe o meu jeito. Já estão comigo há muito tempo, então é super tranquilo, sabe? É, já fica uma relação assim mais é de amizade do que... É, é muitos anos. Então eu nem preciso estar mandando muita coisa não porque elas sabem. Já me conhecem, então já sabe tudo, o jeito que eu gosto, então é tranquilo (Carmem).

Ao referir-se à relação com as trabalhadoras domésticas de seu domicílio, Carmem fala que, embora se reconheça como uma patroa exigente, acredita que as trabalhadoras domésticas não tenham nada a reclamar dela, uma vez que ela “não faz falta de educação na frente de todo mundo”. Assim, Carmem localiza de fato uma fonte de insatisfação com o trabalho doméstico, qual seja, o fato de algumas patroas destratarem as trabalhadoras domésticas na frente dos outros, fazer falta de educação, gritar. Outro elemento que Carmem aponta é a questão do “mandar”, pois a repetição das ordens constitui grande incômodo para as trabalhadoras domésticas. Há um grande conflito em torno desse mandar, do repetir o que se tem que fazer quotidianamente. Ao invés dessa prática, tão rechaçada pelas trabalhadoras e utilizada por patroas até na frente de outras pessoas para mostrar o seu poder, uma alternativa utilizada é o pedir. Na experiência de Carmem, como ela está a maior parte do tempo em casa, orienta o trabalho. As trabalhadoras com muito tempo de casa já sabem sobre o trabalho que precisam realizar, e Carmem diz não ter que mandar muito mais não.

Claudiana defende que a trabalhadora doméstica não precisa ser mandada todos os dias, precisa saber o que precisa ser feito, combinado desde o início da relação de trabalho:

não precisa estar falando não. Eu nunca, nunca, mas eu nunca tive gente assim que eu precisasse. Eu tive quer ver? Então todas elas foram muito competente, não tive, não que falá, ficar falando, ficar passando todo dia, porque você, pra ser boa patroa você arruma funcionária, senta com ela e explica “assim, assim. Eu gosto de comida desse jeito, desse jeito”. Igual eu, eu não gosto de comida salgada, então a pessoa já vai sabendo, ela tem que ser um pouco, a doméstica às vezes a diferença é essa, a doméstica é um pouco dona da sua casa também, não é? Uma pessoa trabalhando na sua casa ela é um pouco dona da sua casa. Que a maioria do tempo você não está dentro da casa. Eu saio muito, eu não fico aqui. Então a pessoa que tem que estar aqui dono da casa. Então não tem dessa de ficar falando não. E a boa funcionária você explica pra ela no dia, é uma vez só. Ah, mas não precisa ficar

falando? Não precisa. Eu já trabalhei de doméstica, eu não gostava. Eu não gostava que minha patroa ficava todo dia: “Isso assim, isso assim”, entendeu? (Claudiana).

Claudiana coloca a questão de não precisar mandar, como uma qualidade da boa trabalhadora doméstica. Se esta compreende o que a patroa quer, não precisa esperar mandar para realizar o trabalho. Mas mandar e obedecer são pontos tensos da relação entre trabalhadoras domésticas e patroas. Se a patroa manda, a trabalhadora pode sentir como um desconhecimento ou um desrespeito à sua capacidade de fazer o trabalho. É preciso considerar as relações de poder presentes no âmbito doméstico, que patroas e trabalhadoras exercem também por querer exercer e não apenas por uma necessidade. Assim, o mandar fazer uma tarefa tanto pode significar a necessidade de uma tarefa a ser realizada, como pode ser um meio da patroa mostrar que está no comando. No jogo de forças entre patroas e trabalhadoras, essas últimas também constituem suas fontes de poder e o exercem. Assim, foram relatadas por patroas e trabalhadoras as exigências que trabalhadoras domésticas, que se sabiam fundamentais em algum momento para o funcionamento da residência, fizeram exigências para continuar trabalhando na casa. Como exemplo cito a experiência das babás em que o bebê só fica tranqüilo com ela. Foram relatadas exigências que essas profissionais fazem para continuarem trabalhando. Nesse sentido, é possível perceber que nem só de amizade e nem só de exploração vive o doméstico, mas de tensas relações sociais.

Os conflitos nas relações entre trabalhadoras domésticas e patroas, podem ocorrer de formas variadas, sendo comuns, conforme relatou Carmem:

Eu acho que respeito tem que ter, não é? Não é porque de repente você acha que é empregada, eu falo isso porque eu tenho amigas mesmo que eu já vi fazer dos outros que eu acho assim, um absurdo, às vezes até humilhar sabe? Mandar fazer as coisas, não está limpo direito, mandar voltar e fazer. Ih, eu já vi isso demais, não é uma nem duas vezes (Carmem).

Ao refletirmos acerca da fala de Carmem, observamos como são tratadas as trabalhadoras domésticas que ela conhece, e o que é ser tratada como empregada. Ser empregada doméstica parece ter se construído historicamente como algo que diminuía a pessoa, que as patroas podiam tratar como “empregadas”, ou seja, sem respeito, incluindo humilhações, inclusive em público, gritaria e até a agressão física. Para ser tratada de uma maneira melhor, é preciso não ser tratada como empregada, como nos falou tantas trabalhadoras, talvez residindo aí a insistência na questão da amizade, de ser tratada como alguém da família, não por acreditarem ser da família, mas para não serem humilhadas. Em qualquer relação de trabalho pode haver abuso de poder, inclusive, foi criado um nome para

essa prática: assédio moral. No trabalho doméstico, pela sua história, por ocorrer no domicílio e não ter fiscalização, a trabalhadora doméstica está mais sujeita a essas situações de desrespeito. Ser bem tratada, portanto, é uma questão colocada por algumas trabalhadoras como elemento de sorte, porque é preciso encontrar a boa patroa, ou como disse Dona Conceição, depende da construção da própria trabalhadora, dos limites que ela impõe, embora com dificuldades. Aponta ainda para o fato de que, embora tenha havido avanços nas relações de trabalho doméstico, no sentido de maior respeito entre patroas e trabalhadoras, os maus tratos, inclusive na frente de outras pessoas, existem, e são pouco condenados socialmente.

Valéria, em sua experiência como patroa, reclama da falta de criatividade das trabalhadoras:

Mas assim, tem coisa que eu acho, por exemplo, sabe, falta criatividade? Aqui em casa, chega jornal todo dia, eles não gostam de jogar fora, porque as meninas precisam de fazer pesquisa de escola. Ficavam esparramados não catava... Eu inventei essa cestinha ali. Inventei. Mas assim, coisa do dia-a-dia... por exemplo: toalha. Toalha molhada dentro do quarto é ruim, dá mau cheiro, depois você vai tomar banho no fim do dia, toalha tá úmida, mofada. Eu acho assim, a primeira coisa que você tem que fazer quando você vai arrumar um quarto ou um banheiro, ou no banheiro vai tirar a toalha molhada, põe no varalzinho, não é? Eu sou assim, eu penso em tudo. Sabe, eu acho que ela tem que pensar que se a gente for falar tudo acha ruim, emburra, reclama, né? (Valéria).

Valéria queixa-se da falta de iniciativa e criatividade das trabalhadoras domésticas. Ela diz: “eu penso em tudo”. Essa capacidade de criar, antecipar, que Valéria desenvolveu para resolver situações, inventar diante dos problemas quotidianos, ela sente falta nas trabalhadoras. Como compreender o que Valéria chamou de falta de criatividade? Uma questão que podemos apontar é que a criatividade advém também da vivência de situações de criatividade, de inventividade e, certamente, não foram essas as situações mais vividas pela maioria das trabalhadoras domésticas. Uma segunda questão é que, talvez, não inventar muito não seja exatamente ausência de idéia, mas mecanismo para poupar trabalho, em ficar apenas no essencial e não ficar inventando para depois ter mais cobranças, ou seja, talvez possamos pensar como uma tática das trabalhadoras domésticas para não ter que trabalhar mais, fazer o estritamente essencial e ir para casa. Por último, podemos pensar quanto ao papel de trabalhadoras e patroas. Historicamente as patroas recebiam formação específica para mandarem em suas empregadas, e as trabalhadoras para obedecerem ordens, o que vale também para o conjunto dos trabalhadores. Se hoje o mercado e também Valéria falam da necessidade de que os trabalhadores sejam criativos, “flexíveis”, criam uma dificuldade para

aqueles que ao longo da vida tiveram que executar o que outros pensaram. E nessa divisão tradicional, quem tem que pensar em tudo, de fato, são as patroas.

Em que pese essas considerações, elas não resolvem a questão, uma vez que a própria Valéria nos apresenta um outro problema: o fato das trabalhadoras não gostarem que fale que alguma tarefa não está sendo cumprida da maneira desejada:

Uma vez, teve uma época que ela tava fazendo uma comida muito salgada. Mas muito, muito mesmo. Aí eu peguei e falei: “Tô achando essa comida salgada demais”. Ela fecha a cara na hora. Ela fecha a cara, ela pode tá rindo que ela fecha a cara na hora! No outro dia não tinha sal nenhum. Aí eu não falei nada. Aí a gente comia, pegava a saleirinha e punha (risos). Pior que depois você acha o fim falar, sabe? (Valéria).

Entrevemos da fala de Valéria que sua observação sobre a quantidade de sal na comida soou para a trabalhadora doméstica como algo pessoal, mexendo com a sua auto-estima e o seu saber-fazer. Nesse sentido, a crítica não foi bem aceita. Esses melindres, presentes na relação de trabalho doméstico, fazem com que patroas que não querem assumir uma posição mais clara de comando, têm que utilizar diversas estratégias para que uma atividade seja realizada da forma como gostariam. Não poder falar, parece compor o quadro de ambigüidades do trabalho, porque a própria definição do emprego passa, necessariamente, pelo fato de alguém trabalhar sob a subordinação de outro. Nesse sentido, podemos pensar essa situação, como parte da negação do trabalho doméstico como trabalho e emprego, focando nesses aspectos pessoais da relação como amizade, ser da família nas quais é possível, inclusive ficar emburrada com a patroa.⁷⁰

Na busca de alternativas ao problema de não querer falar sobre o que deseja que seja feito e não querer repetir as atividades, mas querer vê-las executadas da forma como gostaria, Valéria criou em sua casa uma tabela de atividades:

A tabela, eu pensei nela às vezes você lava uma varanda todo dia, você coloca roupa na máquina todo dia sem necessidade, você lava banheiro todo dia e você esquece de fazer outras coisas, que descongelar a geladeira, de trocar os lençóis da cama, trocar as toalha da casa, colocar os panos pra lavar. E, assim, seu serviço vai ficando desprogramado, você chega e: “Quê que eu vou fazer hoje? Deixa eu vê se tem muita roupa, suja!” Você vai e põe aquela roupa pra lavar então, eu achei que tava muito problemático em fazer a tabela pra diminuir aquele problema da gente ficar assim, sem saber o dia que troco de toalha acha que a toalha já tem muitos dias que você tá usando e que por exemplo no mesmo dia que ela tava passando roupa, ela tava com a máquina ligada lavando mais... Então, nós pensamos em dá

⁷⁰ Avaliando a relação das trabalhadoras domésticas e suas patroas, Lenira Carvalho (*op. cit.*) afirma que é necessário que também as patroas aprendam a ser patroas, dizendo como e quando desejam que as atividades sejam realizadas, evitando o “emburramento”, ou seja, ficar insatisfeita e fazer cara feia. Concordando com a autora, o caminho da comunicação aberta parece ser uma boa alternativa para melhorar as relações de trabalho.

uma organizada pra isso. E, também ela tinha uma coisa grave aqui em casa que era o seguinte... Na sexta-feira, o cesto de roupa suja tava derramando de roupa. Aí chegava sábado e domingo sê queria vestir uma roupa então, como a gente não tem muita opção de roupa, achava aquilo ruim, sabe? Então, eu coloquei um dia de lavar aqui, que não tinha antes que foi na quinta-feira. E, na quinta-feira lava, passa na sexta. Então acabou com o nosso problema do final de semana (Valéria).

A tabela de tarefas diárias foi o meio encontrado por Valéria de organizar o trabalho doméstico, estabelecer tarefas para a trabalhadora doméstica sem parecer autoritário, impositivo. Utilizou como estratégia fazer a tabela no período em que a trabalhadora estava em férias e organizou como se fosse para toda a família. O fato de Valéria organizar a tabela demonstra conhecimento, um saber-fazer como dona de casa e patroa, do modo de organizar e realizar o trabalho doméstico. Mostra ainda sua estratégia de controle do tempo de realização das atividades, o dia que serão realizadas. Se, por um lado, ela diz que isso favorece a trabalhadora por não ter que pensar sobre o que será feito, por outro, dá menos margem para que a mesma o realize o trabalho no seu ritmo, de acordo com a sua vontade e disposição a cada dia. Permite a Valéria um controle mais efetivo das atividades, uma vez que pode observar se naquele dia estabelecido as toalhas foram lavadas, a roupa foi passada, etc.

Para que a trabalhadora possa desempenhar bem suas funções, e não ser mandada todos os dias, é necessário, segundo patroas e trabalhadoras, uma boa combinação para que os hábitos, costumes, possam ser apreendidos e os serviços possam atender essas expectativas. Caso isso não ocorra a patroa e a família, podem ficar insatisfeitas pela falta, ou excesso de alguma tarefa:

Eu gosto que lava as veneziana só uma vez no mês, eu não gosto que fica lavando toda semana, porque se não enferruja, vira uma coisa. Então já é falado: “oh, limpa isso assim, assim”. Banheiro, a casa não precisa limpar todo dia também. Que aqui em casa não precisa limpar todo dia. Eu não paro, só eu e o Alan, né? Já é falado desde o início, então não precisa ficar repetindo. É isso (Claudiana).

Carmem fala-nos sobre as especificidades do domicílio que cada trabalhadora tem que aprender:

Limpeza, tudo do jeito que a gente gosta. Cada um tem, eu sou meio chata com isso também, sabe? Gosto de tudo organizado, tudo muito limpinho. Não gosto de, coisa de casa mesmo, não gosto que acumula roupa. Tipo assim, juntar roupa uma semana pra lavar. Por isso até que eu conservei as duas, que ela lava e passa roupa praticamente todo dia. Eu não gosto, então está sempre tudo em dia. Mesmo época de férias, tipo agora dezembro eu devo dar férias. Às vezes eu dou férias até pras duas junto. Mas aí mesmo não estando aqui, o que tiver que fazer eu faço (Carmem).

Como notamos, a aprendizagem do trabalho doméstico é mais complexa que possa parecer, envolvendo não apenas o trabalho em si, mas habilidade para adequar-se às condições do domicílio. É nesse sentido que algumas trabalhadoras falaram da vantagem de permanecer muito tempo no mesmo domicílio, não tendo que adequar-se freqüentemente a novos padrões.

Mesmo com essas variações de gosto, de exigências há alguns conhecimentos básicos que podem ser aprendidos, para que as trabalhadoras domésticas possam ter um referencial do que é ou não aceitável nas exigências que lhes são feitas. O mesmo talvez seja verdadeiro para as patroas.

Dona Conceição, que no momento da entrevista trabalhava como passadeira diarista, nos fala sobre as qualidades necessárias à boa passadeira:

pra ser uma boa passadeira? Pra você, sabe, o gosto primeiramente, você vai na... e cada pessoa gosta de um, de um estilo de passagem, né? Por exemplo, camiseta, camisa social, eu trabalhei na casa de um médico, e ele adorava aquelas camisa de manga comprida com aquelas quina deitada na camisa, já outros não gosta de quina. Então, primeira coisa que você tem que sabê, qual o gosto da patroa na passagem de roupa, maneira de você passá, maneira de você dobrá, guardá sempre é a empregada que guarda, nunca eu guardo roupa. Só teve uma que eu guardei roupa, mas geralmente são as doméstica que faz isso. Trabalho delas. Só passo. Passo, dependuro no cabide e ela guarda. E, fazer o trabalho bem feito, né? É capricho naquilo que você tá fazendo. Não fazê de qualquer jeito, fazê bem feito. Eu pra passá roupa, eu só uso amaciante e álcool na roupa. Até agora, antigamente usava muito engomá roupa. Hoje não usa mais, só a única roupa engomada que se faz é aqueles bordado lá do nordeste, da minha terrinha, que você faz engomado, né? Aí de resto, sabeno o tipo de roupa, qual é a temperatura do ferro, né? Na lavação você tem que ter a maneira de você, primeira coisa que você tem que fazê é separar as roupas, né? Roupa colorida, roupa branca, roupa que é de cozinha não mistura com roupa de, de vesti, tem que fazê o trabalho separado. Pois é, até o estender de roupa, você tem que sabê estendê, né? Roupa que você não pode usá pegador, tem que usa o próprio cabide pra secar. Então, todos esses detalhes cê tem que sabê e no treinamento você adquire esses conhecimentos. Então, você vai trabalhá já, e facilita o trabalho. Não, a passagem depende muito também da banca onde você vai passar roupa. Inclusive quando eu tô numa, quando eu vou passar uma roupa que tem muita roupa social, e a banca não condiz com o trabalho que você tá fazendo, às vezes, a banca tá muito deteriorada, né? E precisano de uma reforma, ou de uma banca nova, aí eu falo com a patroa: Olha, se a senhora não adquirí uma banca nova, ou mandá reformá essa banca, não vai ter como eu fazer um trabalho bem feito pra senhora. Então, você tem que sabê também como vai conversá com a patroa, como você vai se dirigi à patroa pra você consegui êxito naquilo que você... Porque você também trabalha, você tem que tê uma condição adequada pro seu trabalho, você não trabalhar precariamente, porque aí, seu serviço não rende e nem sai bem feito como deveria saí (Dona Conceição).

Dona Conceição aponta aspectos das transformações no modo de passar roupas, a questão do engomar que caiu no desuso, e também para a atenção da passadeira ao gosto da pessoa. Outro aspecto importante da sua fala, e revelador de seu lugar social como militante da Associação de Diaristas, é a cobrança em relação aos equipamentos necessários à boa

passação. Assim, Dona Conceição chama a atenção para que as trabalhadoras exijam os equipamentos, sem os quais seu trabalho fica prejudicado.

Donas-de-casas apreendiam e tinham a incumbência de ir passando esses conhecimentos para as filhas e para as trabalhadoras. Nesse sentido, podemos pensar em uma quebra nessa convivência em função de novos contextos. Assim, um dos aprendizados que as donas-de-casa de melhor poder econômico deveriam ter era a maneira de lidar com as empregadas.⁷¹ As elites procuram difundir determinados conhecimentos sobre o doméstico, como conhecimentos de classe.

Podemos falar do reconhecimento de que o bom desenvolvimento do trabalho doméstico tem a ver com tradições familiares e de trabalho, passadas de geração a geração, e também conhecimentos que podem ser aprendidos em cursos. As transformações no trabalho doméstico contribuíram para alterar identidades de mulheres que a ele se dedicaram. No caso das donas-de-casa, as mudanças sociais levaram a uma desvalorização desse trabalho, desconsiderando que foi a essa atividade que a maioria das mulheres dedicou grande parte de suas vidas. Em um sentido inverso, os movimentos de donas-de-casa e de trabalhadoras domésticas vêm procurado mostrar o valor desse trabalho, buscando superar as dificuldades e o reconhecimento social a partir da atividade que realizam.

A recorrência a ser igual, ser da família, tratar bem, como um elemento para pensar o ser desigual, a presença dos maus-tratos, das humilhações como nos falou Carmem sobre amigas que assim se comportam, mesmo em frente a convidados, e presente também na fala de trabalhadoras como Augusta. Talvez a baixa escolaridade e pouca tradição como categoria organizada, fazem com que domésticas, muitas vezes, dependam da instrução oriunda dos patrões. No caso de Márcia é a relação com a patroa que a fez começar a se pensar como igual:

Era muito, era! Trabalhei também com uma menina, era casadinha de pouco. Era tudo sem juízo. Nessa época eu tinha dezesseis. Ela... dezesseis, não, dezoito. Quando dava três horas, minha amiga ligava: “Márcia, está passando um filme no cine Uberlândia, vamos?” Ela falava: “Não, enfia tudo dentro da pia, vai pro cinema”. Tinha dia que eu falava: Não, não trouxe roupa. **Ela dava roupa, pra gente ir pro cinema. Então, eu comecei a aprender, aí, que a gente era igual a todo mundo.** Mesmo que **eu preta**, também tinha direito, não é? Depois eu trabalhei, só trabalhei com os grandões de Uberlândia, viu? Trabalhei com a filha do Dr. Jacy de Assis. O filho dela, hoje se eu tivesse seguido a cabeça dele... Acho que hoje

⁷¹ No texto: Mulheres na sala de aula, Guacira Lopes Louro aborda os conteúdos das escolas femininas, que incluem, além de conhecimentos básicos como leitura e matemática, conhecimentos voltados para a organização da casa, como costura, bordado. Além disso as mulheres da elite recebem formação na escola para o comando de suas domésticas. In: DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto: 2002.

eu estaria bem melhor porque ele me pedia pra estudar. Então, ele falava: “Márcia, vai estudar eu te ajudo”. Mas eu não seguia a cabecinha dele não (Márcia).

Dessa maneira, vamos tentando analisar e compreender nas palavras de Portelli mais do que os fatos vistos, processos de visão, de interpretação e de mudança. São formas diferentes como os sujeitos vão construindo suas vidas, agindo sobre condições concretas, sem perder seu lugar como sujeito da história.

Capítulo 4

filósofos franceses buscaram definir a disposição de permanecer na luta estabelecendo uma distinção entre *maintien de soi*, manutenção de si, e *constance à soi*, fidelidade a si: a primeira mantém uma identidade no correr do tempo, a segunda invoca virtudes como honestidade consigo mesmo sobre os seus defeitos. A manutenção de si é uma atividade mutável, uma vez que nossas circunstâncias mudam e nossa experiência se acumula; a fidelidade de si, como em ser honesto sobre os nossos defeitos deve ser

constante, independente do lugar ou idade em que nos encontramos.

Richard Sennett
A corrosão do caráter

Experiências organizativas de trabalhadoras domésticas e donas-de-casa

“A calma dos indivíduos e das sociedades é obtida pelo exercício de forças coercitivas antigas, subjacentes, de uma violência e de uma eficácia tal que passa despercebida” e que, no limite, não é mais necessária, por estar inteiramente integrada; essas forças nos oprimem sem ter mais que se manifestar.

Viviane Forrester
O horror econômico

Este capítulo busca analisar experiências de trabalhadoras domésticas e donas-de-casa. Aborda ainda o movimento nacional das donas de casa pela aposentadoria. Um dos elementos a ser considerado é fato dessas mulheres terem menor tradição de organização,

fazendo com que, parte de suas lutas ocorra, inclusive, em busca de reconhecimento ao direito de se organizar, buscando se firmar perante o Estado e as outras categorias profissionais.

No percurso de realização da pesquisa, pudemos observar que as temáticas relacionadas ao trabalho doméstico, como a luta de trabalhadoras domésticas e donas-de-casa pobres pelo direito à aposentadoria, ganharam visibilidade e propiciaram um debate nacional. Essa visibilidade foi conquistada a partir de uma articulação de movimentos, especialmente de mulheres e de defesa dos direitos das crianças e adolescentes. O movimento conseguiu mais êxito na relação com os poderes. Como exemplo, referenciamos a atuação do movimento junto ao Congresso e ao governo federal⁷².

Entre os aspectos do trabalho doméstico em evidência é o trabalho infantil doméstico e as maneiras de erradicá-lo. Em 2003, ocorreu em Brasília o Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes que trabalham como domésticos(as). O encontro, organizado pela OIT – Organização Internacional do Trabalho, *Save The Children*, e as organizações não-governamentais que realizam trabalho para erradicar o trabalho infantil doméstico e proteger as adolescentes que trabalham como domésticas.⁷³ No encontro foram discutidas as dificuldades para combater o trabalho infantil doméstico. Entre elas está a crença de que é melhor a criança trabalhar em casa de *família* do que ficar sem fazer nada. Essa idéia, enraizada na sociedade, parte do pressuposto de que o bom lugar para crianças pobres é o trabalho, associando o ócio, o tempo livre a vadiagem. A partir dessa premissa é defendida a inserção da criança logo cedo no trabalho. De uma outra maneira, observamos que as classes mais abastadas buscam ocupar o tempo de seus filhos, com estudos e atividades que visem ao seu desenvolvimento intelectual e físico. Se crianças pobres trabalham e crianças ricas/remediadas estudam e desenvolvem outras atividades formativas e de lazer, o trabalho doméstico contribuirá para a manutenção da desigualdade social, uma vez que as pessoas pobres continuarão em um lugar social de menor prestígio e poder, sem oportunidade de buscar outras alternativas de vida.

⁷² Um exemplo da maior visibilidade do trabalho doméstico no atual governo é o desenvolvimento de políticas voltadas para as trabalhadoras, como a política de formação profissional desenvolvida pelo Ministério do Trabalho e Emprego e o Ministério da Educação, a articulação da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial pelo reconhecimento e igualdade de direitos das trabalhadoras domésticas.

⁷³ Entre as experiências temos a da Ong Circo de Todo Mundo, em Belo Horizonte, e as experiências dos Conselhos de Defesa da Criança e Adolescente de Manaus, Recife, a atuação da Ceafro da Bahia, entre outras, que trabalham pela erradicação do trabalho infantil doméstico. Entre as ações dessas organizações tivemos acesso às suas publicações que problematizam as experiências dessas crianças e a construção social do trabalho infantil. Entre as publicações destaque: TEIXEIRA, Maria Eneide. **Circo de todo mundo**: uma história de magia e cidadania. Belo Horizonte: 2000.

Outro elemento apontado pelo movimento pela erradicação do trabalho infantil doméstico é a idéia de que o domicílio é um bom lugar para trabalhar, no qual a criança fica protegida. O movimento contesta essa idéia, alegando o peso e responsabilidade do trabalho doméstico, que, quando transferido às crianças, compromete seu desenvolvimento físico e emocional. Soma-se a isso o elemento da dificuldade de fiscalização, o que torna a situação dessas crianças e adolescentes mais vulnerável, com risco de exploração e abuso, inclusive sexual.

A desigualdade social, econômica, cultural, faz com que o trabalho infantil doméstico seja mantido. No Brasil, mais de meio milhão de crianças trabalha como domésticas. Sendo a maioria meninas e negras.

De acordo com a Andi, OIT e Unicef

Essas meninas, com seu tempo de desenvolvimento abreviado são obrigadas a viver sob o peso do dever, da responsabilidade e da obrigação do trabalho, sem a oportunidade de exercer o direito de ser criança, assegurado pela Constituição Federal, pelo Estatuto da Criança e Adolescente, pela Convenção sobre os Direitos da Criança e pelas convenções 138 e 182 da OIT, ratificadas pelo Brasil (Crianças invisíveis: o enfoque da imprensa sobre o Trabalho Infantil Doméstico e outras formas de exploração, 2003: 10).

Para o movimento, a mudança dessa situação ocorre à medida em que se desenvolverem políticas públicas para as crianças e suas famílias. Se não, a casa dos empregadores parecerá, às próprias crianças, mais atrativa que a de suas famílias. Se faltarem alimentos e condições básicas para a sobrevivência, e sonho de construção pelos estudos de um futuro melhor, trabalhar na casa dos outros se colocará como a melhor opção para meninas pobres, pela articulação que tem com o *lugar histórico e socialmente* a meninas e mulheres pobres.⁷⁴

Outro tema que tem ganhado dimensão nacional é a luta pela aposentadoria das donas de casa.

Essa questão tem sido debatida há décadas. À medida que outros(as) trabalhadores(as) vão tendo acesso a esse direito, há a discussão e a articulação para que as donas de casa possam se aposentar. Em 1975, uma matéria no Jornal Correio nos indica como o tema era pensado e a polêmica sobre essa expectativa de direito:

⁷⁴ Essa histórica imbricação entre o doméstico e trabalho de meninas pobres foi analisada por mim na dissertação de mestrado, na qual pude constatar que o trabalho se coloca como melhor opção do que os estudos. O próprio ensino manteve, até poucas décadas atrás, conteúdos voltados para o trabalho doméstico na educação de meninas e moças. Ver LOURO, Guacira, op.cit. 2000.

A Secretaria da Arrecadação e Fiscalização do Instituto Nacional de Previdência Social informou hoje: não houve nenhuma alteração na legislação de Previdência e, portanto, continua em vigor o Regulamento do Regime de Previdência Social que definiu trabalhador autônomo como: o que exerce, habitualmente, por conta própria, atividade profissional remunerada, “motivo pelo qual não foi incluída a dona de casa entre as diversas categorias de contribuintes individuais a menos que se trate de pessoa que exerça outra atividade que se enquadre como trabalhadora autônoma. [...] As várias profissões exercidas por mulheres foram relacionadas para inscrição de autônomos, entre elas, as de artista, assistente social, atriz, bordadeira, manicure, cabeleireira, doceira, bordadeira, confeitadeira, copeira datilógrafa, faxineira, arrumadeira, lavadeira, passadeira, taquígrafa”(Correio de Uberlândia, 5/10/1975, n.12541, p. 2).

Observa-se que a dona de casa não podia, nesse momento, nem se quisesse pagar a parte do patrão e do trabalhador, inscrever-se como contribuinte do INPS (atualmente INSS). O trabalho desenvolvido durante toda uma vida, não goza do reconhecimento social e, portanto, não são criadas as condições para que as donas de casa possam usufruir de um salário, de uma aposentadoria na velhice. O elemento que faz o Instituto Nacional da Previdência e Seguridade Social distinguir quem pode e quem não pode ser beneficiário é a remuneração. Somente aqueles que exercem atividades remuneradas podem contribuir com o Instituto e tornam-se beneficiário. Assim, toda profissão que as mulheres exercem, com remuneração, garante o direito de inscrição na previdência social. Às donas de casa não restou opção, a não ser constarem como dependentes de seus maridos.

Em função da exclusão das donas de casa do sistema previdenciário, construída historicamente, foi organizada a Campanha Nacional pela Aposentadoria das Donas de Casa. Nesse mesmo sentido a deputada Luci Choinacki, do PT de Santa Catarina apresentou Projeto de Emenda à Constituição, com o objetivo de instituir a aposentadoria para donas de casa. Por meio desse projeto, todas as donas de casa, que atualmente têm 60 anos, com baixa renda e que tenham se dedicado ao trabalho em casa durante toda sua vida seriam aposentadas com um salário mínimo. Essa medida tem grande alcance social, uma vez que, essas mulheres, tendo dedicado toda a sua vida ao trabalho doméstico sem remuneração, têm uma velhice de muita privação, sozinhas ou acompanhadas, não dispõem de renda própria e ficam na dependência de seus companheiros e/ou familiares.⁷⁵

No documento “Nota técnica aposentadoria da dona-de-casa”, sobre o projeto de aposentadoria das donas de casa, Hildete Pereira de Melo, Laura Tavares Soares e Cristiane

⁷⁵ Elza Berquó faz um estudo em mostra a chamada pirâmide da solidão. De acordo com a autora, em função das mulheres terem uma expectativa de vida maior do que a dos homens, há um aumento da diferença no número de mulheres em relação aos homens, dificultando que as mulheres mais velhas possam ter um companheiro. Se elas não dispõem de renda própria e estão sozinhas, a situação tende a se agravar.

Soares, abordam o fenômeno do envelhecimento da população brasileira, provocado pelo aumento da expectativa de vida, afirmando que

De acordo com o censo demográfico de 2000, havia no Brasil uma população de 86.223.155 mulheres. Para cada 100 mulheres havia 96,93 homens, ou seja, havia um excedente feminino que já aparecia nos outros censos. A população brasileira vem desta forma acompanhando fenômeno mundial e passando por um processo de envelhecimento com a redução da proporção de crianças e jovens. Paralelo a este fenômeno, a vida familiar brasileira passou por transformações demográficas, socioeconômicas e culturais que reduziram o tamanho das famílias e provocaram o crescimento absoluto e relativo do número de famílias, cujas pessoas responsáveis são as mulheres” (MELO, SOARES & SOARES, 2005:1).

Levando em conta essas mudanças sociais a aposentadoria para as donas de casa se torna uma medida de grande alcance social, e tem sido articulada nacionalmente a Campanha Nacional pela Aposentadoria das Donas de Casa. De acordo com a deputada Luci Choinacki⁷⁶ no início da campanha havia uma incompreensão por parte do movimento feminista, no sentido de acolher essa proposta, uma vez que esse é um tema incômodo, reconhece algumas militantes e pesquisadoras, como notamos abaixo:

O movimento feminista tem enorme dificuldade de tratar da problemática das donas de casa, embora tenha explicitado o cotidiano doméstico, como lugar onde começa o confinamento das mulheres. As donas de casa significam milhões de mulheres para as quais o reconhecimento dos *direitos* de cidadania não implicou em mudanças nas suas vidas. O trabalho delas em casa permanece “sem valor”, por opção aceitaram o papel que a sociedade lhes reservou: afazeres domésticos, cuidados com os filhos, com os idosos e doentes. E o seu sustento cabe ao marido que é o provedor da família. Na realidade há muitas mulheres que nas últimas décadas foram para o mercado de trabalho e outras que ficaram no antigo papel. Mas, o que se coloca é que todas elas têm um pé na tradição e a inclusão no mundo do trabalho não as desobrigou das velhas tradições do papel feminino. Todavia, urge tratar das que permaneceram presas na tradição (MELO, SOARES & SOARES, 2005: 8-9).

A dificuldade apontada pelas autoras em tratar sobre a vida das donas de casa deve ocorrer em função da não conformidade das experiências dessas mulheres à maioria das teorias feministas. O trabalho das donas de casa é visto como o lugar da tradição pensada como lugar de conservação e não de mudança, sendo, portanto, objeto de pouco interesse, pois não aponta para o caminho teórico desejado. Nesse sentido, mais uma vez afirmamos a importância do necessário diálogo entre teoria e prática, o que torna as experiências sociais importantes, independente de se adequarem ou não a perspectivas teóricas.

Em que pese essa dificuldade de compreender e debater a situação das donas de casa, e construir alternativas para as mesmas, as resistências têm sido amenizadas e parte do

⁷⁶ Tive a oportunidade de conversar com a deputada Luci Choinacki em sua visita a Uberlândia e acompanhá-la a Ituiutaba, para debater esse projeto em abril de 2005.

movimento tem assumido a luta para que donas de casa se aposentem. Nesse sentido, em 08 de março de 2006, foi organizada a III Marcha Nacional Pela Aposentadoria das Donas de Casa, com a presença de vários movimentos de mulheres. Embora bem articulada a III Marcha Nacional encontrou dificuldades para demarcar seu lugar em meio a outras manifestações que ocorriam, como a criação de nova central sindical, protestos de associação de aposentados contra o governo federal. Uma semana depois, o Senado aprovou a aposentadoria para donas de casa, mas com uma contribuição de 11%. Aprovada no Senado a proposta se encontra na Câmara (abril de 2006) para ser apreciada. A perspectiva do movimento é derrubar a exigência de contribuição para as mulheres que já têm 60 anos, ou mais e estabelecer percentual bem menor para as mulheres em faixa etária menor.

Além da conquista do direito à aposentadoria para donas de casa pobres sem contribuição à Previdência Social e o impacto social dessa medida, outro elemento importante em si mesmo, que essa campanha tem propiciado, é o fato de ter conseguido colocar em pauta na sociedade que o que a dona de casa faz é um trabalho e, portanto, merecedor de reconhecimento e respeito. Assim, acreditamos que o movimento tem contribuído para a construção da identidade dessas mulheres como sujeitos do processo histórico. Tem mostrado para a sociedade e para as donas de casa o valor de seu trabalho, as dificuldades e a importância do que realizam. Dessa maneira, pode contribuir para a melhoria da auto-estima das mulheres que se dedicam quotidianamente a essa atividade e que têm que conviver com as dificuldades de realizá-lo e com a falta de reconhecimento social, tornando essa uma das profissões mais estressantes e com alto grau de insatisfação.

Associações em Uberlândia:

a Associação de Empregadas Domésticas e a Associação de Diaristas de Uberlândia

Ao analisar a organização das trabalhadoras domésticas e das mulheres pobres por aposentadoria, observamos as dificuldades enfrentadas e as estratégias utilizadas no sentido de colocar em debate suas experiências, e demandar um reconhecimento social do trabalho que realizam. Sendo mulheres de famílias de baixa renda, a solidificação de seus movimentos dependerá de mais astúcia, criatividade, inventividade, sendo a organização e a solidariedade entre as participantes elementos fundamentais na superação das dificuldades, como mostraremos a seguir.

Ao pensarmos sobre as experiências organizativas dessas mulheres, um elemento que é necessário considerar, atualmente, é que a maioria trabalha sozinha, no domicílio.

Levando-nos a pensar sobre estratégias necessárias para se articularem e colocarem para a sociedade suas questões. Nesse sentido, os pontos de ônibus nas cidades médias e grandes, como é o caso de Uberlândia, tornam-se locais de encontro, assim como a porta de creches e escolas.

Entre os movimentos em que as mulheres entrevistadas estiveram inseridas em Uberlândia e Monte Carmelo, houve uma prevalência em lutas ligadas ao cotidiano e aos problemas concretos dessas mulheres.⁷⁷

Observamos que a predominância de movimentos de mulheres pobres em torno da luta por creche, escola, contra o alto custo de vida, muitos deles foram inspirados em uma nova leitura do evangelho.⁷⁸ A partir de suas experiências concretas, as mulheres pobres se inserem nesses movimentos, buscando melhorar suas vidas, de seus filhos e familiares.

A organização das trabalhadoras domésticas, enquanto categoria profissional, apresenta peculiaridades. Até 1988, o trabalho doméstico não figurava no quadro das profissões que podiam organizar sindicato. Somente com a Constituição Federal de 1988 é que essa restrição teve fim.

Acerca das primeiras organizações de Associações de Empregadas Domésticas, Laudelina Campos, recorda:

nós reunimos em Santos e foi fundada a Associação de Empregadas Domésticas. A de São Paulo não continuou, então fiquei só eu em Santos, de 36 a 39. Quando foi 39, começou a fomentação da guerra; quando foi em 1940, o Brasil declarou guerra contra o Eixo. Aí foi quando foi fechado os sindicatos, e a Associação também foi. Fechou, paralisou tudo, você não podia ficar conversando na esquina duas pessoas juntas, que a polícia vinha e levava, era comunista. [...]A guerra terminou em 45, veio novamente a anistia, e todos os partidos foram reconhecidos, inclusive o Partido Comunista, porque foi a Rússia que conseguiu liquidar com aquela coisa toda. Aí reabriu novamente a Associação; de 45 a 48 eu fiquei em Santos dirigindo como presidente [...] Aí começamos a fomentar, a estudar o caso, a montar estatuto. Primeiro montamos o estatuto pra depois reunir a turma, né? Aí quando foi 61, nós largamos a brasa. [...] Aí começamos a funcionar, dialogar com elas, a gente começou a ir nos locais onde tinha empregadas domésticas, começamos a fazer umas festas, né? Fazia bailinho, fazia pequinique, fazia pra reunir o pessoal, como uma sociedade, pra depois entrar no mérito da coisa – que pra entrar com a cara e coragem era difícil. Aí fundou-se a Associação Profissional Beneficente das Empregadas Domésticas, 18 de maio de 61. Nessa noite, da assembléia de chamada, fechou o trânsito em campinas, teve mil e duzentas empregadas domésticas, parou o trânsito na rua Barão de Juagura. Depois que eu fundei essa

⁷⁷ Jane de Fátima RODRIGUES op. cit, analisa a experiência da Organização Feminina em Uberlândia, fundada em 1948 por Olívia Calábria, que tinha como objetivo lutar pelos direitos da mulher e da criança, por creches, ambulatórios e lactários; contra a carestia e o fascismo e para facilitar a vida da mulher em seu lar.

⁷⁸ Os anos 1970/1980 foram importantes para os movimentos populares e sociais, na medida em que novos sujeitos entraram em cena e de uma outra maneira. Nesses movimentos, a participação de mulheres de baixa renda foi fundamental, como mostrou SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

aqui de Campinas foi a do Rio, em 62; 63 foi a de São Paulo, e vêm vindo as outras. Todas elas eu participei nos congressos pra ajudar na composição, na fundação na orientação⁷⁹

Ao recuperar a fala de uma importante dirigente das Associações de Empregadas Domésticas do país, Laudelina Campos, buscamos mostrar o processo de organização dessa categoria e as estratégias utilizadas para envolver as trabalhadoras domésticas para, a partir dessa organização, terem condições de fazer uma discussão sobre os problemas que vivem. Essa historicidade é importante também na compreensão de como os direitos das trabalhadoras domésticas começaram a ser inscritos no ordenamento jurídico brasileiro, embora de maneira tímida, mas como conquista, resultado das lutas que as trabalhadoras empreenderam.

Em Uberlândia, o registro da Associação de Empregadas Domésticas de Uberlândia data de 09 de agosto de 1973:

Art. 1º - A Associação das Empregadas Domésticas de Uberlândia, com sede e foro nesta cidade à Av. João Pinheiro, nº 244. É constituída para fins de estudos, coordenação, proteção, com o intuito de colaboração com os poderes públicos e demais associações no sentido de solidariedade em torno do bem comum e de sua subordinação aos interesses nacionais⁸⁰.

Como notamos, o objetivo da Associação, expresso em seu Estatuto, era colaborar com o poder público na manutenção da ordem vigente. Não podemos, no entanto, afirmar se esse era ou não o objetivo verdadeiro da Associação, uma vez que, por ser um período de ditadura militar, esse era o discurso que deveria ser usado. Entretanto, em todo o Estatuto não encontramos nenhuma contradição entre o objetivo explicitado e outras práticas que possam ter existido. Uma mudança na concepção está registrada em 1979. O Extrato de Alteração da Associação das Empregadas Domésticas de Uberlândia, registrado no cartório, informa uma alteração no artigo 2º, dando a ele a seguinte redação:

- a) São seus fins: promoção humana social e profissional da Doméstica: a união e a formação da consciência da classe.
- b) A prestação de serviços, ser órgão representativo das Domésticas, na expressão de suas necessidades e seus direitos e reivindicações.⁸¹

Assim, observamos uma significativa mudança nos objetivos expressos no Estatuto da Associação de Empregadas Domésticas em Uberlândia que, de “subordinação aos

⁷⁹ LIMA, Maria Dutra Lima. “Entrevista com Laudelina Campos Melllo.” **Revista Trabalhadores**. nº 6, Classes Perigosas, Campinas: Associação Cultural do Arquivo Edgar Lenrodh, 1990.p. 27-35.

⁸⁰ Estatuto da Associação de Empregadas Domésticas de Uberlândia, Registro em Cartório p. 1, 1973.

⁸¹ Extrato da Alteração do Estatuto das Empregadas Domésticas de Uberlândia da assembléia realizada em 20 de agosto de 1979, p. 1, 1979.

interesses nacionais”, passa para a “união e a formação da consciência da classe”. Não localizamos outros documentos da entidade, razão porque as informações que dispomos sobre como de fato a associação foi desenvolvendo seu trabalho ao longo dos anos, foram conseguidas principalmente por meio das entrevistas. Por meio delas fomos procurando perceber como a Associação de Empregadas Domésticas de Uberlândia se constituiu, especialmente a partir das lembranças de pessoas que dela participaram. Nesse sentido, temos a fala de duas depoentes que foram dirigentes da associação: Márcia e Maria José.⁸²

Para tentar compreender o contexto em que foi fundada a Associação, nos remetemos à fala de Márcia por ser ela a única pessoa que localizamos e entrevistamos que participou da constituição da mesma. Sobre o momento da fundação da Associação, Márcia afirma:

Aí é um conhecido meu, advogado, estava montando a Associação das Empregadas Domésticas. Aí me convidou pra ir lá na reunião. Eu fui de curiosa, também porque eu queria saber o que eles estavam fazendo. Aí cheguei lá, teve a reunião, depois descobri que eu estava na diretoria. Eles me puseram na diretoria também junto com a Magda. A Magda foi a primeira presidente da associação das empregadas domésticas de Uberlândia. Ela não era empregada doméstica de Uberlândia. Ela não era empregada doméstica, ela era escrevente do cartório, mas, como foi ela e o advogado que fundaram, ela ficou como presidente [...] Ficamos desde a primeira. A primeira eleição que teve eu nem sei qual o cargo que eu entrei, eu sei que eu estava na diretoria. Acho que era conselho fiscal. Depois eu continuei no conselho porque eu achava que presidente era muito difícil não dava pra mim pegar, não dava pra mim trabalhar não. Afinal... (silêncio). Depois a Conceição Leal também estava na diretoria. A Conceição Leal é uma funcionária da medicina. Aí, eu comecei a aprender [...] E a gente foi trabalhando. Aí eu cheguei à presidência [...] Na presidência a gente começou a trabalhar, fizemos o escritório, toda vida eu achei que tinha que ter um escritório que pudesse receber as companheiras num escritório apresentável. Então, pusemos o escritório, nós não demos conta do escritório não, mas ficou funcionando um bom tempo, em frente Livraria Kosmos. Depois a gente não deu conta do escritório na Livraria Kosmos, foi pra Saraiva pra casa da minha tia (Márcia).

Ao recordar a fundação da Associação, Márcia ressalta o fato de achar que o processo de sua constituição não foi o mais correto, uma vez que não foi uma iniciativa das trabalhadoras domésticas, nem foram elas que a dirigiram nos primeiros tempos.

Márcia questiona o fato de pessoas alheias à Associação representarem as trabalhadoras domésticas. Ao apontar essa questão, remete ainda aos problemas do presente e à sua percepção da forma como lutas e espaços de poder são apropriados para grupos que disputam a hegemonia nos movimentos sociais, e nesse caso, na Associação de Empregadas Domésticas. Assim, observamos que a mesma nasce desvinculada de uma organização de

⁸² Márcia foi entrevistada durante a realização do doutorado e Maria José durante o mestrado.

trabalhadoras domésticas. Márcia, por exemplo, mesmo sendo doméstica, entrou na diretoria sem saber. Desconhecendo as razões pelas quais as pessoas que organizaram a Associação, do ponto de vista legal, tinham para assim proceder, constatamos que a mesma nasce sem a participação mais efetiva de trabalhadoras domésticas. De acordo com Márcia, à medida que foi tendo mais informações sobre o funcionamento de sindicatos e associações, foi assumindo mais responsabilidades junto à Associação.

Na trajetória do movimento das trabalhadoras domésticas observamos que esse pode ocorrer tanto pela organização das próprias trabalhadoras, como relatou Laudelina, como pela interferência de pessoas que não são domésticas por várias razões. Na região, em cidades como Uberaba e Araxá ocorreu a mesma situação, na qual pessoas de outras categorias profissionais, objetivando estabilidade no emprego, ganhos financeiros ou políticos se colocaram como representantes das trabalhadoras domésticas sem exercer a profissão. No que se refere à estabilidade no emprego, algumas pessoas a conseguiram, mas não é um direito líquido e certo no caso das trabalhadoras domésticas. Em 2004, em Uberlândia, uma mulher que se apresentava como advogada montou um sindicato de trabalhadoras domésticas do Triângulo Mineiro, colocando seu marido como presidente.

As dificuldades, na cidade, de organizar as trabalhadoras domésticas permaneceram, a despeito de iniciativas antigas e recentes de trabalhadoras domésticas e assessoras. Desde 2001, estive em contato com uma representante da Federação Nacional de Trabalhadoras Domésticas (Fenatrad), a Noeli, que era liberada da Federação, da região sudeste. A Noeli esteve em Uberlândia algumas vezes, reuniu com trabalhadoras, intermediada por irmã Tereza, freira, que tinha acompanhado a experiência de organização do Rio de Janeiro. A partir de reuniões propusemos a organização do sindicato que foi criado em 2003, tendo Dona Conceição, Márcia e Marlene na direção. Entretanto, ao mesmo tempo, foi criado por Sandra, uma advogada e seu marido, um outro sindicato e por algum tempo os dois procuraram se firmar. Como o segundo contou com mais estrutura e também maior organização, firmou e o primeiro não está em funcionamento.

Uma dificuldade relatada por Márcia para manter a Associação em funcionamento efetivo era a questão financeira. Ela recorda que quando a associação estava sob a presidência de Magda, que era funcionária do cartório, a sede permaneceu no centro da cidade, no escritório do advogado. Márcia diz ter desejado manter o escritório para as trabalhadoras “toda vida eu achei que tinha que ter um escritório que pudesse receber as companheiras num escritório apresentável”, mas não conseguiu. Assim, a sede da Associação foi transferida para a casa em que morava, que era de sua tia. Nesse ponto temos mais um dos elementos que

marca a história dessa entidade, qual seja, a personalidade, como parece ter sido conduzida ao longo de mais de três décadas. Tendo dificuldade em se firmar como algo coletivo, de caráter público, a maior parte do tempo “funcionando” na residência da presidente. Era dessa maneira que a Associação se encontrava em 2004, quando entrevistei Márcia.

Márcia demonstrou consciência das dificuldades enfrentadas pela associação para representar as trabalhadoras domésticas e buscou justificá-las pelas questões econômicas, falta de apoio e experiência. Além disso, remeteu a uma situação melhor, vivenciada pela instituição em outros tempos:

Eu sempre querendo alguém para ajudar, esta época eu era bem atuante, as companheiras eram da diretoria, era bem atuante. Elas iam na reunião, elas conversavam, elas trocavam idéia. Elas é, falavam também que não tinham nada certo, elas cobravam. A gente cobrava uma mensalidade, dava conta dessas, prestavam conta dessas mensalidades. A gente não recebia ainda a subvenção da prefeitura (Márcia).

Não tivemos informação da atuação da associação por meio de outras trabalhadoras domésticas. Durante a pesquisa, nenhuma trabalhadora que não tenha sido membro da diretoria fez referência a ela. Também não tivemos acesso a materiais, documentos sobre atividades desenvolvidas. Durante mais de uma década, a associação foi utilizada como entidade legal, que mantinha a creche e o Centro de Formação do Bairro Luizote de Freitas com recursos públicos. Embora o trabalho da Associação não apareça para a maioria das trabalhadoras da cidade, sua ausência é sentida, como nos relatou Jacira:

uma vez eu arrumei emprego numa agência, falaram que era ligado a associação das domésticas mais eu nunca vi nada desse tipo. E eu acho que o que tem de Associação de Doméstica aqui em Uberlândia num é divulgado, eu acho, que é até falado, só porque a gente nunca, nunca vê nada a respeito, né. Empurra assim muitas coisas que às vezes eu acho que a gente devia ter alguma coisa assim de defesa né, que apoiasse a gente nesses termos, a gente não tem. Que o grande problema hoje, por exemplo, neste fim de ano, antes é... as creches, porque pra gente que tem filho eu dependo da creche. Aí a creche era aberta sempre, as tia da creche tirava férias uma de cada vez. Uma coisa super errada eu acho agora fecha as creche mais de um mês que a creche já tá fechada, só vai abrir no dia cinco, então, quer dizer, muitas pessoas que trabalham de doméstica perdeu o emprego por que o que cê ganha num dá pra pagar uma pessoa pra tomar conta. Se a gente tivesse uma associação, algum órgão pro cê recorrer, é um órgão que devia entrar lá na prefeitura e falá não, isso tá errado, isso num funciona desse jeito, porque muitas pessoas quando dá nessa época, num é época de férias, num pode faltar do emprego, então num tem cobertura nenhuma (Jacira)

Na fala da depoente, notamos o desejo de um lugar para recorrer das situações consideradas injustas. Jacira aponta uma questão crucial que está vivendo no momento da entrevista, há 10 anos: o problema do fechamento da creche em período de férias escolares,

nesse caso em janeiro. As trabalhadoras domésticas, mulheres pobres, muitas vezes migrantes, chefes de família, não dispõem de muitas opções para deixarem seus filhos. Sendo assim, as férias coletivas das creches (nomeadas atualmente de Unidades de Desenvolvimento Infantil) dificultam suas vidas, causando “abandono” do emprego ou das crianças.⁸³ O que Jacira aponta é que, sentindo de maneira especial a situação, as trabalhadoras não dispõem de uma entidade mais efetiva para defender os direitos das trabalhadoras domésticas.

O caminho trilhado por Márcia na Associação de Empregadas Domésticas foi montar uma creche no Conjunto Habitacional Luizote de Freitas, que tinha sido recém-construído:

Aí, como eu vim morar aqui nós achamos que tinha que pôr uma creche. É, nós sentimos que tinha muitas crianças na rua. E as mães numa dificuldade pra trabalhar. Pagava uma pessoa só, a pessoa cobrava caro e não olhava a criança direito. Aí nós bancamos a doida, arrumamos uma casa que era chão puro, o quintal. Pusemos vinte crianças dentro, e aí as mulheres começou a juntar todo mundo, uma levava um quilo de arroz, uma levava alguma coisa, uma lata de óleo. Começamos a creche. Vamos pôr nome? Vamos! Creche Tia Gabriela. É, creche da Associação das Empregadas Domésticas. Ficamos um bom tempo nessa casa. As crianças ficavam sujas, tinha dia que não tinha água, trazia tudo aqui pra minha casa, dava banho, fazia comida, punha todo mundo dormir, punha colchão no quintal, nas partes, dormia tudo aí. Aí, nós conseguimos, um pouco nós conseguimos assim: é, a prefeitura entrou, o Zaire entrou porque o programa dele era a creche, não é? Se ele começou a olhar pelas creches, a montar creche também. Aí a gente conseguiu uma creche, comodato com a Cohab. Na época Chico Humberto era candidato a, a ou era da constituinte, era da constituinte. Ele murou o quintal todinho. Ajudou muito a montar a creche, aí nós achava que só creche não funcionava, tinha que tirar os meninos de dez anos da rua também. Então, pegava, nós começamos com os meninos de um aninho, de sete, depois de sete a catorze, tudo misturado. A gente fez até a horta aqui no fundo, veio o pessoal da agricultura. Aí separou, quando fez a casa lá embaixo comodato da Cohab, separou, fez a formação e a creche. (Márcia)

⁸³ A questão das férias coletivas das unidades de atendimento às crianças, constitui motivo de polêmica ao longo dos anos. Parte dos (as) educadores(as) defende que a criança precisa de um período de férias para que possa usufruir da companhia de seus familiares, o que sem dúvida é um argumento procedente. Entretanto, quando pesa a situação econômica e a mãe, em geral responsável pelo cuidado com a criança, precisa continuar no trabalho, ocorre muitas improvisações, algumas que podem até ser boas para as crianças, como convivência com outros familiares, parentes, amigos, etc. Mas pode ocorrer também de crianças ficarem sozinhas e expostas a acidentes, maus tratos, abusos. Nesse sentido, o poder público precisava pensar alternativas que dessem conta dessa situação, respeitando o direito da criança e da família. Semelhante discussão é feita em relação ao horário de funcionamento das creches, uma vez que as trabalhadoras domésticas não dispõem de jornada de trabalho regulamentada em lei. Sobre a ampliação do horário de atendimento, o mesmo argumento é utilizado para não ofertar atendimento após às 17horas. Mesmo considerando o direito das crianças de ficarem com a família, a falta de atendimento compromete significativamente a possibilidade de mulheres com filhos, de continuarem seus estudos, e mesmo de trabalharem. No segundo mandato do prefeito Zaire Rezende(2001-2004), participei da discussão de um projeto de criação de uma creche para atender às trabalhadoras domésticas, que deveria funcionar no centro da cidade e em horário especial, atendendo às necessidades de trabalho e estudo de trabalhadoras domésticas. A idéia foi bem aceita, teve envolvimento de vários movimentos de mulheres e das associações de domésticas e diaristas, mas não saiu do papel.

Ao narrar sua liderança na construção da creche Tia Gabriela, no recém-construído conjunto habitacional Luizote de Freitas, Márcia enfatiza a importância desse seu trabalho para as crianças e famílias do Bairro. Em sua memória, a motivação inicial tem um cunho assistencial: atender às mães que precisavam trabalhar e não podiam pagar para olhar seus filhos. Márcia recorda ainda as precariedades dos primeiros tempos, organizado a partir do trabalho voluntário de mulheres do bairro, das doações recebidas, da falta de condições adequadas para atender as crianças, na casa de “chão puro, tudo misturado”, referindo-se às crianças de várias idades. Ao falar que bancaram “bancamos a doida”, parece dizer não exatamente louca, mas relacionando positivamente com coragem, ousadia, imaginação para criar diante do impossível. Essas iniciativas que visam a construir creches para crianças pobres, são pensadas, a princípio, como lugar de manter crianças, enquanto suas mães trabalham, sendo, portanto, dimensão de uma necessidade. A idéia da creche como espaço educativo foi um desenvolvimento posterior, inclusive cada vez mais assumido pelos governos, embora ainda de maneira insuficiente em termos de qualidade e quantidade de vagas. Sabemos que já nesse tempo as creches tivessem caráter educativo mesmo que não fosse a motivação das fundadoras e que, muitas iniciativas do tempo atual manterem-se vinculadas à dimensão da necessidade e não do direito⁸⁴.

A luta por creches e o envolvimento nelas, em sua constituição e organização é uma das formas mais permanentes de participação das mulheres entrevistadas, sendo a experiência de Márcia, Oneida, Claudiana, Terezinha e Amália. Essa última responsável por um trabalho em várias cidades como Cristalina-GO, Uberaba-MG, Monte Carmelo-MG, e influenciado na organização das Creches Comunitárias Associadas de Uberlândia, uma rede que mantém atualmente 5 creches, coordenadas por Claudiana. Aos 67 anos, Amália construiu mais uma creche em Uberlândia, em 2005, ocupando terreno público, fazendo mutirão na favela, com a ajuda de Padre Marcelo e amigos no exterior. Em 2006, já ocupou outro terreno para construir mais uma creche.

Essa movimentação em torno da construção de creches em Uberlândia nos anos 80 pode ser compreendida em função de um contexto de urbanização e alteração nos costumes, nas formas tradicionais de cuidado, tanto na zona rural como nas cidades de origem da maioria da população da cidade, que nesse momento vive grande crescimento populacional, sendo a maioria migrantes originários da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Assim, observamos que as crianças eram cuidadas mais comunitariamente, em redes

⁸⁴ Como é pensado como uma substituta da mãe, as creches por muito tempo utilizaram como critério para acesso e permanência da criança na creche o fato da mãe trabalhar fora.

familiares e cuidavam uma das outras. A vida em uma cidade maior, em crescimento, aponta outras exigências, tornando a creche um importante equipamento social. Entre esses elementos de mudança, apontamos a separação entre local do trabalho das trabalhadoras domésticas e de moradia e o aumento da distância entre esses locais. Essa é a situação de lavadeiras e passadeiras que desenvolviam essa atividade em casa e passam a realizar essas tarefas na casa das patroas. A própria idéia da profissionalização do trabalho doméstico, pode ter influenciado na permissão ou não de trabalhadoras domésticas de levarem seus filhos para a casa das patroas. Assim, a creche torna-se uma necessidade, como fator que possibilita ou impede, muitas mulheres de trabalharem fora de casa, uma vez que a responsabilidade pelo cuidado com as crianças foi e ainda é em grande medida, atribuída às mulheres.

Outro elemento que destacamos na trajetória de Márcia na Associação e na criação da Creche Tia Gabriela é sua relação com os políticos da cidade. Seu relato é carregado de referência a pessoas importantes da política local, para quem trabalhou e manteve relações que, talvez, pudessem ser chamadas de relações de favores. Ela por conhecê-los, e os políticos, certamente por querer obter dividendos eleitorais, colaborando com a Associação de Empregadas Domésticas de Uberlândia:

Para o Luizote eu vim tá com vinte anos já. Assim que abriu o Luizote [...] Eu acho que foi em 82 que abriu. A minha casa, eu sou a única moradora, que pegou a casa novinha. Aquela dificuldade, não tão grande, porque eu tinha muitas amigas na prefeitura, eu fiz amizade na prefeitura, que eu cozinhasse não é? E, sempre cozinhasse para alguma delas... então é, a Genário, eu devo minha casa a Genário, Marilene Genário. [...] Aí, eu fui fazer esse almoço pra Genário. Aí, no dia de acertar com ela, eu fui acertar lá na secretaria. E aí estou vendo aquele mundo de gente lá. Aí eu falei: Pra que esse mundo de gente Marilene? “Ah! Tão fazendo inscrição pra gente que saiu as casas”. Aí eu falei: “Ah, já vai soltar as casas, que pena!” Ela falou: “Você fez inscrição?” Eu falei: “Não fiz. Eu não consegui fazer.” Ela falou: “-Não, eu vou fazer pra você.” Aí eu fiz, ela fez inscrição, escreveu meu nome lá. [...] Um amigo meu que era do sindicato da rodoviária, ferroviária de Barreto, entregou uma lista com cinquenta nomes. Eu lembro que ele escreveu, pôs numeração, não é? Aí ele falou: “Você tem força dentro da prefeitura?” Eu já trabalhava com a Associação. “Você tem força lá dentro?” [...] Falei: Vamos ver se nós tem força! Aí nós, tem! Fizemos cinquenta nomes. Eu e essa amiga minha. Aí saiu todos os cinquenta nomes. E o meu saiu num aqui, oh! Eu falei: Uai, por que o meu saiu? O da minha irmã não tinha saído. Aí, eu falei pra Marilene: O único que eu queria que saísse era o da minha irmã, porque ela não tinha casa. Ela falou: “Não, olha direito porque as vezes tá errado a numeração”. Nós olhamos saiu, os cinquenta nomes que eu pedi. É, daí depois eu fiquei com dó, toda pessoa que eu encontrava na rua falava: “Ah, eu fiz inscrição, não saiu meu nome”. Aí, eu falava: Ah, eu vou ver o que posso fazer. Por isso a gente conseguiu ajudar muita gente (Márcia).

Ao contar sobre o processo de definição dos nomes que teriam direito a moradia no conjunto habitacional, Márcia fala das estratégias utilizadas e da forma como se relaciona com o poder. Mesmo sendo uma relação de desigualdade, pois sua proximidade advém do

fato de cozinhar nas casas dessas pessoas. Mas a sua fonte de poder não é também só a relação pessoal. Márcia localiza outro elemento: “eu já trabalhava com a Associação”. Esse trabalhar com a Associação, do ponto de vista das relações de poder na cidade, e a forma como historicamente são constituídas essas relações devem ter sido elemento importante na cota de poder de Márcia.

Márcia não demonstrou constrangimento por influenciar na decisão de quem teria ou não teria casa. Ao contrário, em sua narração sobre o episódio, demonstrava sentir-se confortável com a situação, com a possibilidade do exercício do poder, que lhe dá condições de ajudar os conhecidos. Ao narrar esse episódio, Márcia fala de aspectos do vivido, mas também do desejado. O que queremos dizer é que, se por um lado, Márcia possa ter tido influência em alguns nomes que conseguiram a casa, parece improvável que a situação tenha ocorrido dessa maneira. Talvez seja expressão do desejo. Por outro lado, sabemos que a forma pessoal de fazer política, pensada como um favor pessoal, privilégio, troca, persiste no Brasil, embora ganhe terreno mais recentemente a cultura da defesa dos direitos e a exigência da sociedade de critérios mais claros e transparência. No contexto vivido por Márcia há mais de 20 anos, é razoável pensar que o poder público, por meio das relações pessoais que Márcia mantinha, pudesse ter ouvido algumas de suas indicações, embora talvez tenha sido em número significativamente menor do que o aqui narrado.

O envolvimento com a política local, é perceptível também com a eleição do prefeito Zaire Rezende, que é lembrado por Márcia como um prefeito que queria construir creches. Em seu governo, Zaire adotou nova política em relação a essas entidades que desenvolviam algum trabalho social, e passou a transferir recursos públicos para manter esses trabalhos.⁸⁵ É nesse contexto, que a Creche Tia Gabriela e o Centro de Formação, que tinham sido iniciados sem recursos públicos, ganham apoio institucional e passam a ser mantidos com subvenção da prefeitura.

Mas há dificuldades, que Márcia vivenciou de forma traumática:

E, era difícil, viu? Administrar essas duas casas era bem difícil. Daí a prefeitura começou a entrar com a subvenção e entrou acho que dois anos, dois meses, quatro meses eu fiquei perdida. Aí faltou alguma prestação de conta. Brigamos demais porque eles falaram que eu

⁸⁵ O apoio às entidades teve conseqüências ambíguas. Para Deise, que organizou uma creche no Bairro Roosevelt, os recursos financeiros do governo Zaire, aliado à presença dos técnicos da prefeitura, no trabalho que era desenvolvido autonomamente, foram vividos como um elemento de desagregação do trabalho que vinham desenvolvendo e perda de autonomia e organização das mulheres do Bairro. Acerca da discussão da relação do poder público com os movimentos sociais ver: FERREIRA, Wilma Ferreira. Poder Público e Movimentos Sociais: aproximações e distanciamentos. Uberlândia – 1982-2000. Instituto de História da UFU: Uberlândia, 2002.

tinha roubado, sabe? (riso). Aí o pessoal da rua queria ir lá, pra falar pra mim. Aí eu falei: Ah, não precisa não, não roubei, então estou com a consciência tranqüila. Enquanto estava no chão, estava tudo certo, hora que passou bonitinho. Aí todo mundo queria tomar conta, porque estava fácil, não é? E, eu tinha Inês, era contadora junto comigo. Eu pedi pra ela me ajudar. Invés de ela me ajudar ela enrolou a vida toda também. Invés de mostrar pra mim o que era pra ser feito, não é? Mas valeu, porque a gente aprendeu muito. Ajudou muito as companheiras, ajudou muito as crianças (Márcia).

Ao receber os recursos públicos, há um procedimento em relação aos gastos e a prestação de contas. Márcia diz ter tido dificuldades em atender às exigências da prefeitura e da própria legislação. Assim, é acusada por “eles” (que talvez sejam os da prefeitura), de roubo e é afastada da presidência da associação, sob a ameaça de fechamento da creche e do centro de formação. Diante da pressão da prefeitura, Márcia sai da presidência da Associação, com a sensação de ter sido injustiçada. Para ela, enquanto o trabalho estava sendo construído, “estava no chão, estava tudo certo, hora que passou bonitinho. Aí todo mundo queria tomar conta, porque estava fácil”.

Ainda assim, ela afirmou que o trabalho valeu a pena:

Hoje as crianças, encontro na rua hoje elas falam: “Tia Márcia, olha meu nenê”. Quando casa um, eles manda convite, faz questão que a gente vá. Então, a gente, acho que a gente aprendeu. E depois de tudo isso eu aprendi, fiquei mais madura também, não é? Aprendi a, me interessei por curso de, curso de administração. Fiz dois cursos, um da universidade aquele, Empresário a Longa Distância. Fiz um: Aprender, Saber a Empreender, com o Sebrae, não é? E fiz o outro no Senai, aí que eu aprendi como é que era administrar alguma coisa é, é aí que eu vi onde é que eu tinha errado. E eu falei: “ah,...agora a gente já sabe administrar (Márcia).

Márcia fala sobre o passado, do processo vivido, mas também anuncia as expectativas quanto ao futuro. Se no passado teve dificuldades de administrar a creche, procura justificar na falta de informações e experiência. Procura mostrar que no presente, a partir dos cursos realizados, poderia ter êxito na condução de algum projeto.

Foi no calor dessa discussão sobre problemas na administração financeira da Creche Tia Gabriela que Maria José assumiu a presidência da associação. Na época, ela era mãe de uma criança da creche e não queria que a mesma fechasse. Indicada por colegas e assustada com a situação, Maria José diz que assumiu essa responsabilidade por absoluta falta de opção, e assim se manteve na presidência durante dez anos, até a prefeitura construir creche municipal no Bairro e incorporar o trabalho que era desenvolvido pelas entidades.

Maria José não tinha idéia das exigências que esse cargo lhe traria, pois sendo formalmente entidade de defesa das empregadas domésticas, Maria José era chamada para ajudar resolver impasses trabalhistas, dar entrevistas, enfim, representar a categoria:

Eu carreguei isso muito irregular, sabe? Eu me sentia até mal de, como diz o outro, defender uma coisa tão mal arrumada como era aquela [...] E assim se tinha um acerto duma pessoa no Ministério do Trabalho eu tinha que acompanhar, ir, fiz isso muito (Maria José).

Ao lidar diretamente com os problemas das trabalhadoras domésticas, Maria José sentiu necessidade de fazer a Associação de Empregadas Domésticas cumprir seus objetivos anunciados no Estatuto: a defesa dos interesses da categoria. Um dos caminhos imaginados por ela foi as reuniões para tratar de assuntos da categoria. Mas para realizá-las Maria José encontrava muitas dificuldades:

E, então, foi ficando assim muito a desejar. Num é que a gente num tentou não, eu lembro quantas vezes a gente tentava. [...] A gente distribuía os aviso, tal dia nós temo reunião da Associação. Num ia ninguém. Nunca funcionava. Nunca funcionou [...] Só ... se falasse que ia fechar duma hora pra outra ia todo mundo. Porque o brasileiro infelizmente só age sobre pressão. Se a gente convocasse uma reunião: vamos discutir os problemas etc. e tal. Ah! Não, eu tenho que fazer janta, num sei o quê que tem, meu marido vai chegar do serviço, num sei o quê. Se se fazia uma reunião de pais que era obrigatória, quem num fosse ganhava suspensão por três dias, aí ia (Maria José).

Há na categoria, de acordo com Maria José, uma dificuldade de organização para enfrentar os problemas do trabalho, ocorrendo a unificação apenas em torno da creche. Maria José se esforçou para que a Associação de Empregadas Domésticas se tornasse mais representativa da categoria, mas não tinha muito apoio das trabalhadoras. Notamos na história da própria Associação que não havia as bases de uma organização de trabalhadoras, e sim do atendimento da demanda de creche.

É interessante ressaltar a visão que Maria José tem das trabalhadoras domésticas. Diferente de outros discursos que as apresentam como vítimas, em função de suas condições de vida, trabalho, casamento etc., Maria José fala que as trabalhadoras participam do que consideram importante, o que lhes parece ter relação direta com suas vidas, como o caso das reuniões para tratar da situação da creche onde seus filhos ficam. Assim, se era para tratar de assuntos ligados a Associação à presença era muito menor. Maria José fala que as trabalhadoras domésticas apresentavam desculpas para não participarem, como fazer janta e marido, mas naquilo que consideravam importante participavam sem problema. Assim, Maria

José nos ajuda a refletir acerca das escolhas possíveis dos sujeitos, do modo como a vontade e o desejo contam como elementos de mobilização e participação.

A história da Associação se mistura muito com a história de Márcia e da creche. Depois que a prefeitura municipalizou a creche, Maria José saiu do comando da associação que retornou para Márcia, informalmente, pois a parte burocrática estava desatualizada. Márcia, na ocasião da entrevista, disse que continuava sonhando com a organização das trabalhadoras, com cursos para a categoria e a valorização das trabalhadoras domésticas. Mas não dispunha dos meios, nem recursos humanos e materiais, nem muita experiência organizativa. A entrevista foi uma das formas de apresentar suas questões, seus sonhos e tentar conseguir com a entrevistadora uma aliada para suas causas.

Uma outra organização profissional localizada em Uberlândia foi a Associação de Diaristas. Essa associação foi fundada em 21 de junho de 1998 por diaristas cadastradas na Central de Prestação de Serviços do Sine/Uberlândia, e tinha como objetivos:

Art. 2º - Promoção Humana, social e profissional das Associadas.

Art. 3º - União e Formação da consciência de classe.

Art. 4º - A prestação de serviços, ser órgão representativo das diaristas, na expressão de suas necessidades e aspirações, na defesa de seus direitos e reivindicações.

Art. 5º - Representar se necessário, perante as autoridades administrativas e judiciárias os interesses coletivos e individuais de suas associadas.

Art. 6º - Integrar suas Associadas no mercado de trabalho.

Art. 7º - Manter serviços de Assistência Médica, dentária e jurídica para as suas associadas.

Art. 8º - Fundar e manter escolas para as associadas e filhos menores de 18 anos e creches para as crianças.

Art. 9º - Promover campanhas com a finalidade de combater a pobreza, através de distribuição de cestas básicas, cobertores, cadeiras de rodas e tudo aquilo que se fizer necessário para atender esta finalidade.

Art. 10º - Divulgação da cultura e do esporte.

a) Promover cursos profissionalizantes (Estatuto da Associação de Diaristas de Uberlândia, p.1, 1998).

A Associação de Diaristas de Uberlândia foi criada a partir da organização de mulheres trabalhadoras ligadas à Central de Diaristas do Sine de Uberlândia e funcionou em suas dependências no momento da Fundação. Com a transferência para outros locais, que visavam à construção de um trabalho mais independente do Sine, que estava organizado nos padrões do serviço público e com as hierarquias e regras já estabelecidas. A Associação passou por muitas dificuldades para se firmar e acabou sendo transferida para a residência de membros da diretoria, passando a ficar sob a responsabilidade de Dona Conceição e de Marlene, que também foi presidente da Associação.

Observa-se que nos objetivos da entidade a preocupação com a formação para o trabalho, com a manutenção de escolas e creches para os filhos e com a intermediação de mão-de-obra, sendo sua principal atividade, na prática. As associadas, a princípio, dirigiam-se a sede da instituição para tentar fazer uma diária, ou seja, conseguir um trabalho naquele dia, como faxina, lavagem ou passagem de roupas. Campanhas de divulgação foram realizadas para que a população pudesse conhecer esse serviço e pudesse recorrer à Associação quando precisassem dos serviços de diaristas.

Nesse sentido, foram publicados panfletos, concedidas entrevistas em rádios e TV. Entretanto, à medida que a oferta de trabalho diminuiu, os serviços de diaristas diminuíram na associação, foi se tornando inviável para as diaristas deslocarem-se para a sede para conseguir trabalho, tendo em vista o alto custo do deslocamento. Não era possível que a Associação entrasse em contato com as diaristas, caso houvesse vaga, por não dispor de recursos para pagar a conta telefônica, e a maior parte das diaristas não dispõem de telefone. Assim, a intermediação de mão-de-obra oficialmente se desativou, embora os membros da diretoria continuem sendo procurados informalmente e indicam diaristas de seu conhecimento.

No que se refere à formação para o trabalho, a associação procurou manter cursos de formação para suas associadas durante vários anos e com certa regularidade. Partia do pressuposto, da existência de maneiras adequadas de realizar o trabalho doméstico e da necessária formação para esse trabalho. Nesse sentido foram realizados vários “treinamentos”. Outro elemento a ser destacado é o fato de a Associação ter procurado manter assembleias mensais e prestação de contas do trabalho e dos recursos. Esses últimos eram parcos, e obtidos de pequenas contribuições individuais e de promoções como feijoada, galinhada, rifas e bingos.

Dona Conceição, é uma das referências da Associação de Diaristas até hoje, embora não tenha sido presidente da mesma:

Aí mexê com a Associação, aí saímos do Sine, fundamos a associação das diaristas. Eu fui uma das fundadoras, né? Eu era a tesoureira, depois a presidente abandonou o cargo, eu fiquei tomando conta da Associação durante quatro anos. Agora eu sou vice-presidente da Associação não quis a presidência porque se não eu tinha ficado quatro anos tomano conta, né? Eu tô aí batalhando ainda, não gosto de ficar parada. Gosto de atividade, de mexê com o social, eu era pra ser uma de vocês, né? Estudo, isto é você faz a parte social, né? [...] Pois é, eu era pra te sido isso, porque eu gosto muito de mexe com gente (riso). E nas comunidade eu mexo com pessoas carentes do bairro, né? Famílias carentes a gente faz pesquisa com eles, mexo com os vicentinos, faço cesta básica, faço distribuição todo mês, faz visita. Então a gente ta sempre buscano, né? Servir o próximo (riso) de alguma maneira (Dona Conceição).

Dona Conceição ressalta o fato de ter sido fundadora, tesoureira e, informalmente, tomado conta da Associação quando a presidente, Lucita, abandonou o cargo. Um elemento que observamos ao longo dos anos, foi a dificuldade de desenvolver um trabalho mais coletivo tanto na associação de domésticas como de diaristas, muito dependente de iniciativas e lideranças individuais. As dificuldades para se organizarem são várias. Entre elas, destaco as distâncias, porque cada diarista mora em um bairro. A associação se organizou como sendo da cidade e não tinha uma organização por proximidade. Em função do dia-a-dia do trabalho de mulheres pobres, como mães, esposas, filhas, trabalhadoras, têm dificuldades para se encontrarem. Soma-se a isso os custos de deslocamento na cidade, sendo o preço do transporte público em Uberlândia, um dos mais caros do país. Outro fator que parece dificultar a organização dessas mulheres é o fato dos trabalhos serem locais e não contarem com lideranças nacionais, regionais, pessoas que apóiem e motivem o trabalho. Dessa maneira, muito do que foi desejado pelas fundadoras da Associação de Diarista, não pode se efetivar.

Na fala de Dona Conceição, observamos que a participação em atividades coletivas é primeiramente motivada pelo desejo de ajudar o outro, de ajudar pessoas carentes. Embora consciente de sua situação econômica, de não ser “rica nem média”, como ela nos falou, Dona Conceição se julga em situação melhor do que as companheiras de profissão, sendo a vontade de ajudar, em muitos casos, o ponto de partida. Talvez resida na raiz religiosa de algumas dessas mulheres, a idéia da ajuda humanitária aos mais pobres, aos doentes, às pessoas que vivenciam alguma dificuldade. No caso de Dona Conceição, que é da Sociedade São Vicente de Paulo, é nítida essa influência em sua trajetória, pela tradição dessa organização de desenvolver um trabalho assistencial à população pobre. Não aparece, nas falas das entrevistadas, os próprios interesses, como se fosse ilegítimo lutar por interesses próprios. A vaidade, querer ser liderança, não aparece de forma explícita, mas certamente conta como elemento que motiva a participação.

Apesar das dificuldades enfrentadas na vida cotidiana e para se organizarem, algumas trabalhadoras vão tentando romper essas dificuldades e utilizam, inclusive, características do trabalho como elemento que potencializa a organização. É assim, que Maria José, durante quase dez anos, saía em horário de trabalho da casa da patroa para acompanhar certos trabalhistas de trabalhadoras domésticas e voltava para terminar o trabalho. Da mesma maneira, algumas trabalhadoras buscavam em algumas patroas fontes de informação sobre direitos. Além disso, a possibilidade de maior negociação quanto ao horário de trabalho e o próprio uso do telefone da patroa configuram, em alguns casos, como elemento que

favoreceram, a organização, como nos relatou Oneida, no processo de organização das trabalhadoras domésticas de Monte Carmelo, que trataremos a seguir.

A Associação das Colaboradoras Familiares – Coalfa de Monte Carmelo

A Associação de Colaboradoras Familiares – Coalfa – foi fundada em 20 de abril de 1980 e, desde então, a entidade mantém-se em funcionamento. Em função de manter registro de suas atividades, de forma regular, foi possível o acesso às atas das reuniões durante um período de 24 anos de funcionamento (analisamos as atas até 2004), embora tenha conhecimento da continuidade do trabalho até o momento atual. Ressaltamos o registro que os membros da Coalfa fizeram nesse tempo, contrastando com a experiência de outras organizações analisadas.

São os objetivos expressos no Estatuto:

A “Associação de Colaboradores Familiares” COALFA de Monte Carmelo, é uma sociedade profissional, sem fins lucrativos, com sede e foro em Monte Carmelo, MG, e que se propõe educar, defender e valorizar a mulher trabalhadora (lavadeira, passadeira, doméstica, pagem (sic) cozinheira, costureira, etc...) que retira do seu trabalho o sustento de sua vida (Estatutos da Coalfa, art. 1º).

Observamos que a Coalfa nasce da idéia de defender a mulher trabalhadora, valorizando seu trabalho, e faz referência aos principais trabalhos desenvolvidos pelas mulheres pobres da cidade de Monte Carmelo: lavadeiras, passadeiras, domésticas, pajens, cozinheira e costureira. Ao separar as diferentes funções, dá indícios de uma organização do trabalho doméstico, ainda especializada, em que várias mulheres podem prestar serviços em uma mesma casa, com funções diferenciadas, e que, com o tempo, os eletrodomésticos e a maior efetivação da legislação para o trabalho doméstico vão alterar essa situação. Ao mesmo tempo em que indica especialização no trabalho doméstico, mostra também uma indiferenciação entre alguns trabalhos, sendo parte do saber da mulher cuidar da casa, de crianças, lavar, passar, cozinhar e inclusive costurar. A costura, como um conhecimento mais difundido e generalizado, feito em casa, também é um dos elementos de mudança social que observamos nessas últimas décadas, uma vez que a indústria de confecções cresceu e grande parte das roupas são compradas prontas, não sendo mais, em geral, feitas em casa.⁸⁶

⁸⁶ Várias trabalhadoras entrevistadas fizeram referência à prática de costurar, como uma de suas funções no trabalho doméstico.

Ao analisar as experiências da Associação de Colaboradoras do Lar, compreendemos a importância do trabalho desenvolvido pela missionária leiga italiana Amália Pasin, bem como de sua conterrânea e companheira de missão Francesca, a Franca. O trabalho de ambas teve uma repercussão grande na organização de mulheres, trabalhadores rurais e sem terra da região, e, em especial, na organização de creches comunitárias que construíram e mantiveram durante mais de 30 anos em Goiás, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Em Monte Carmelo, foi por iniciativa delas e da organização das mulheres trabalhadoras, que foram as primeiras creches da cidade, sendo até o momento atual, as creches comunitárias, tão importantes em termos da quantidade de atendimentos quanto as governamentais.

O historiador Antônio de Pádua Bosi se deteve em analisar as experiências de movimentos populares de Monte Carmelo, na dissertação de mestrado intitulada: Os “sem gabarito”: experiência de luta e de organização popular de trabalhadores de Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980. Por meio de cuidadoso estudo, o autor mostra a organização dos(as) trabalhadores(as) em Monte Carmelo, a importância da presença das missionárias Amália e Franca, bem como de Padre Marcelo, todos de origem italiana. A matriz teórica que impulsionou essa organização foi a idéia de uma Igreja que caminha com o povo pobre e ajuda em sua organização, buscando no evangelho a força para a luta.⁸⁷

Três de nossas entrevistadas participaram desse processo: a missionária Amália Pasin, Terezinha e Oneida. Esta última é irmã de Lia, que foi entrevistada por BOSI. Por meio de seus depoimentos, leitura das atas e visitas, procuramos compreender como esse trabalho se desenvolveu, as dificuldades e conquistas dessa organização, que foi assim analisado por Oneida:

E quando começou o trabalho de base, 1976, quando a gente começou a ter acesso à Bíblia, com a chegada dela (referindo-se à Amália), padre Marcelo já estava e a gente começou, e aí foi despertando, que a gente tinha assim até, a gente tinha aquela conformidade com a vida pobre, agora mesmo a gente estava até comentando, achava que a pobreza era mais do que normal, natural porque Deus queria, depois que a gente foi começando a entender o evangelho e foi despertando que Deus não queria aquilo, porque uns sofrendo tanto, sem valor. Então foi aonde nesses estudos bíblicos na época né, Amália? Vinha aquele Airton tinha os encontros bíblicos. A Amália e tinha as escola bíblica toda segunda-feira e sempre assim. Meditava o evangelho, isso depois que a gente começou a entender, logo pra ver como que a palavra de Deus entra, e discutia que tinha uma explicação a gente já estava encontrando sentido na vida e foi aí que foi feita a ligação – a vida e a bíblia. E aí participamos de vários cursos, bíblia. Eu não esqueço de um curso que participamos em Goiânia. Frei Carlos Mesters foi assim fazendo a ligação, a bíblia, vida, ele ficou encantado nesse curso que eu fui, fui eu, D. Modesta (Oneida).

⁸⁷ De acordo com Amália, os textos da Teologia da Libertação foram lidos quando ela ainda estava na Itália.

Oneida recorda o processo de organização no município, tendo como referência primeira o trabalho de matiz religioso e o estudo bíblico. A partir de uma nova leitura do evangelho, que levava a discutir as condições de vida e colocar para a comunidade a necessidade de mudança nessa situação, é que foram construindo o trabalho de organização das mulheres pobres da cidade. É interessante notar como Oneida recorda sua compreensão anterior das desigualdades sociais, a princípio pensadas como próprias da existência humana e vontade de Deus. À medida que vão se organizando, estudando e refletindo, novas perspectivas de interpretação são colocadas e direitos são reivindicados. Nota-se também como a bíblia pode ser usada para conformar as relações sociais e como força para a mudança. Uma característica das organizações populares de Monte Carmelo é essa referência a uma nova leitura do evangelho, à defesa dos pobres e à necessidade de pensar maneiras concretas de mudar a sociedade.

O trabalho de organização popular, iniciado pelas missionárias Amália, Franca e padre Marcelo, foi bastante profícuo. A partir da organização popular, foram construídas creches comunitárias, Carmocebs – Núcleo da Comunidade Eclesial de Base do Bairro Nossa Senhora do Carmo, o STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o Partido dos Trabalhadores e a Coalfa – Associação das Colaboradoras Familiares de Monte Carmelo, entidade responsável pela lavanderia comunitária criada no início da década de 1980.

Para BOSI a Igreja exerceu um papel ambíguo na organização desses trabalhadores, uma vez que, se por um lado, foram sentimentos religiosos que motivaram as missionárias e o padre a desenvolverem trabalho organizativo junto à população pobre, por outro, esse trabalho encontrou muita oposição na própria Igreja. Bosi procura mostrar ainda que, se a influência das missionárias e do padre foi essencial para o início da organização, a sua saída (quando expulsos pela própria hierarquia da Igreja), não teve tanto impacto, uma vez que os trabalhadores já haviam desenvolvido uma consciência de classe. Concordo com o autor que os participantes desses movimentos foram desenvolvendo uma consciência de sua situação enquanto “pobres”. Entretanto, o trabalho que se segue, após a saída das missionárias e do padre, continua vinculado à mesma perspectiva anterior, tendo a leitura do evangelho, os encontros bíblicos, grande importância. Da mesma maneira, o fato de Amália e Franca não estarem mais na cidade não significou perda de vínculo, uma vez que a presença delas permaneceu, orientando o trabalho a distância, sendo referência moral. Até o momento atual, a presença de Amália é solicitada em momentos especiais e definitivos dessas instituições.

A presença das missionárias trouxe um novo momento na atuação da Igreja Católica na cidade, pois o trabalho antes desenvolvido baseava-se na caridade de mulheres da elite para com as famílias pobres, de conformação com a realidade social e de não incentivo ao questionamento e à participação. Nesse sentido, o incentivo à participação das mulheres pobres para se organizarem foi sentido pelas participantes como um grande diferencial do trabalho iniciado em 1976.

Sendo assim, parece plausível pensar que o que garantiu a continuidade do trabalho foram o investimento na capacidade de pensar de cada participante e a responsabilidade dividida das mulheres pobres por terem sido preparadas para assumir as responsabilidades frente a Coalfa. De terem sido empurradas para frente, como contou Odete:

E desde a primeira reunião quando elas dava oportunidade das pessoas falar já foi a coisa diferente porque antes num tinha isso. Que quem falava era só as Senhora que ia lá. Porque nós é tudo gente simples, né? (Odete apud BOSI: 75).

Nos relatos das entrevistadas e no trabalho de Bosi, constatamos que uma das principais lideranças populares do município e da região foi Dona Odete. Infelizmente, não pude entrevistá-la, mas soube, de muitas maneiras e por várias pessoas, da sua importância para o êxito das lutas em Monte Carmelo e região.⁸⁸

Recordando como se deu o processo de definição dos trabalhos, Oneida conta:

aí a gente nesses estudos já sabia as exigências do evangelho. A gente já tinha passado por aquele processo ver, julgar e agir. Já estava precisando partir pra ação. Embora estávamos já com os projetos, idéia de construir as creches, mas a gente pensava, foi o que eu falei uma noite, que uma necessidade grande é que uma classe que estava precisando de quem olhasse por elas, era as lavadeiras. Eu trabalhava na casa de patroa e as lavadeiras não tinha ninguém por elas. E eu sabia, então parece que a idéia agradou e foi aonde começou a fazer o convite, começou a organizar, a mobilizar o pessoal nessa área. [...] E foi que começamos a organizar as reuniões, sempre era aos domingos à tarde. O padre Marcelo também participava e apoiava muito e foi feito as tabelas. Esteve muito animado o grupo, às vezes a gente lembra com saudade, que naquela época o pessoal respondeu com muito entusiasmo, muita vontade mesmo de vencer. A gente contava 60, 70 lavadeiras nas reunião aos domingos. Que a gente sempre estava mudando de lugar, desmancharam a cruzadinha (Casa da Paróquia) onde a gente era acostumado a reunir, a gente passou a reunir no porão da Igreja (Oneida).

Oneida recorda como sendo uma idéia que ela teve de fazer algo para essas trabalhadoras. Visto no presente, e no relato de Oneida, parece um caminho linear a forma

⁸⁸ Só para ter uma idéia de sua importância, das 12 entrevistas realizadas por Bosi, 5 são com dona Odete. Na impossibilidade de conversar com ela, buscamos no estudo do referido autor, a força de sua fala e de seu engajamento na luta pela construção de um mundo melhor para todos.

como foram se organizando e decidindo. Mas certamente, o caminho para a organização foi se constituindo no fazer-se desses sujeitos, nos erros e acertos, e nas experiências que foram tendo. Assim, observamos nas atas, por exemplo, referências ao fato de as assembléias mensais não davam certo em dia de Nossa Senhora do Rosário. Nesse sentido, o tempo de organização dessas mulheres é um elemento que contribui na avaliação do que funciona ou não, em sua organização na cidade. Oneida recorda ainda a adesão das mulheres lavadeiras à proposta organizativa e à oposição que enfrentaram, sendo, inclusive, destruída a Cruzadinha, que era um espaço da Igreja onde se realizavam as reuniões.

O ponto de partida para a construção da Associação de Colaboradoras do Lar foi a idéia de que esse era um trabalho importante e não reconhecido, e das difíceis condições de vida das lavadeiras. Foi uma tentativa de regular algo pouco regulado, de estabelecer regras mais favoráveis às trabalhadoras, que fossem justas:

Foi que foi crescendo aquela vontade de aprofundar, foi feitas as tabelas mas só que na época, algumas tiveram coragem de mostrar, era a classe mais explorada na época. Eu sentia assim, nem eu como empregada doméstica era tão explorada quanto as lavadeiras. Então foi assim, e eu acho que foi feito de uma maneira tal que nessa associação englobou tudo porque era associação não só de lavadeira, mas doméstica. Então, todas as pessoas que faz o serviço doméstico. Então, englobou lavadeira, no estatuto reza, lavadeira, cozinheira, costureira, pajem. Então como diz o outro, uniu-se o útil ao agradável. E daí para cá era agora o processo de como se registrou tudo, essa eu não acompanhei, acompanhei assim, a gente ganhou logo o terreno, ganhamos o terreno pra construir a sede. Aquela que participou, lá era brejo, era pura água, aquele barro, a gente trabalhou muito fazendo dreno, né, Amália? Drenando aquilo lá e ganhamos, na época o moço da cerâmica, que tem ao lado, trocou o madeiramento, nós ficamos o sábado inteirinho carregando as que ele doou pra gente. E foi feito aquele pra cá onde está os tanques, foi feito bem depois (mais tarde). Então o barracãozinho lá no fundo, lá funcionava só mesmo pras reunião, a gente participava da reunião lá, ainda não tinha nada assim organizado. Ia lavar roupa lá ainda não tinha nada, pra cá ainda não estava pronto não. Lá reunia e as mulher e passava a arriação das patroas (riso), as que tiveram coragem de mostrar as **tabelas**, umas foi aceita, algumas acolheu, reconheceu, outras virou contra (Oneida).

Por meio dos depoimentos, especialmente de Oneida, e pelas atas das reuniões da Coalfa, podemos ter uma idéia de como foi se dando o processo de organização da entidade, a construção da sede e em seguida da lavanderia. Um elemento que observamos como significativo é o fato dessa ser uma organização feminina. Presidida por mulheres, com a presença, em geral, apenas de mulheres nas reuniões, sendo exceção a presença do padre e de outros convidados homens. Nas atas das reuniões observamos ainda como a entidade foi construída, também, pelo trabalho das mulheres, drenando o terreno, carregando as doações de materiais de construção de casas demolidas na cidade, para economizar com os serviços de pedreiro. Outro elemento que cabe destacar é a metodologia de trabalho da Coalfa, que tem no

trabalho pesado de todas as integrantes a base, a cobrança por parte de seus membros para que o trabalho melhorasse a cada momento, que fosse cada vez mais participativo, que houvesse a presença de mais trabalhadoras, com a exigência de reuniões nos bairros para convidar e motivar as trabalhadoras para participarem e defenderem seus direitos.

A comemoração, em sentido amplo, tem grande importância na metodologia de trabalho desenvolvida pela Coalfa. Nas reuniões, em vários momentos, há a referência à história da entidade, do processo de construção da sede, da lavanderia, das creches, como um elemento de agregação do grupo, e também para marcar os objetivos da entidade, mostrar que havia um rumo, legitimado por uma história. O lanche comunitário e as orações compunham a metodologia de trabalho. Além do lanche, dos cantos, especialmente das lavadeiras, em ocasiões especiais havia outras festividades como chá dançante, forró, desfile no aniversário da cidade etc. As festas eram um modo de atrair mais trabalhadoras para a luta e, também, era uma estratégia de arrecadar fundos para os trabalhos. Nesse sentido, as atas fazem constantes referências às Promoções, com vistas a arrecadação de recursos para a Coalfa.

Elas lavavam nas casas e aí a idéia de fazer a lavanderia com aqueles dez tanques que você viu lá foi pra isso. Para aqueles que tivesse que lavava as roupas das patroas na casa delas, na época tinha uma dificuldade de água e agora as patroas ainda leva a roupa na casa da lavadeira, antigamente não levava não, a lavadeira tinha que ir lá na casa da patroa e atravessar a cidade com mala de roupa na cabeça. A patroa nem sequer levava a roupa em casa, hoje já acontece isso, elas já leva e já busca. Então era aquela dificuldade, aí foi feito assim, o objetivo era este, que elas levassem a roupa lá, a patroa levasse a roupa lá, porque era mais fácil porque lá tinha água com fatura, varal que chega, tanque que chega e no fim cada uma, o que melhorasse pra elas, já ia melhorar dela não ter tanta dificuldade na casa dela, lá era bem mais fácil. E no fim ela deixasse uma taxazinha na lavanderia, era isso. A idéia era essa. E lá ter um escritório e que lá fosse um **ponto de contato**. A intenção foi muito boa, sabe? Só que não funcionou. Pra que lá fosse um ponto de referência, além das lavadeiras, das mulher estarem lá lavando as roupas mas ter alguém lá disponível assim pra **conscientizar** as moças que trabalha de doméstica pra que lá fosse um ponto pras patroas procurar as meninas, que a gente pudesse indicar, indicar uma coisa bem formada. Educar elas, ensinar trabalhar como fala, lavadeira de forno e fogão. Lavadeira não, cozinheira de forno e fogão. Elas ter mais valor e foi com essa intenção que foi feito aquilo ali, ter uma pessoa direto lá pra receber essas meninas. E lá elas trabalhar, preparar elas lá. Foi feito logo, logo a gente colocou um fogão com forno pra ensinar elas, instruir pra elas aprender como fazer um bolo, trabalhar de doméstica. Não funcionou não (Oneida).

Oneida refere-se às condições de trabalho das lavadeiras que tinham que carregar as trouxas de roupas pela cidade, pois segundo ela, diferente de “hoje”, as patroas não carregavam as roupas que iam ser lavadas. Além disso, muitas lavadeiras não tinham água

abundante e encanada, nem bons varais e tanques necessários ao desenvolvimento de seu trabalho.

Além desse caráter prático, visando a melhoria das condições de vida e trabalho das lavadeiras, a construção da sede da Coalfa e da lavanderia compunha uma estratégia do movimento, no sentido de propiciar um ponto de apoio e contato, de fortalecimento da luta, de ter um lugar e pessoas de referência para fortalecer o movimento.

As fundadoras da Coalfa desejavam constituir um espaço de luta e formação das mulheres pobres, em especial, das trabalhadoras domésticas de Monte Carmelo. Oneida avalia que teve sucesso em alguns desses objetivos, com maior participação das associadas nos anos 1980. Entretanto, outros objetivos como transformar a sede em *ponto de encontro* das trabalhadoras domésticas não se efetivou:

Foi só a lavanderia. Não funcionou, o resto não funcionou não, mas a lavanderia foi reconhecida porque teve participação no Congresso, várias participaram. No comecinho lá da fundação, quando houve aquele congresso, não sei se foi no Rio Grande do Sul, que a gente fez promoção, fizemos galinhada pra mandar duas pra participar do congresso. Depois disso a minha irmã e a Odete participaram no Recife de um congresso de empregada doméstica e aí a lavanderia tornou-se conhecida. Então, quando a gente recebe visita igual a Noeli que participa do Sindicato de Empregada Doméstica no Rio de Janeiro, então assim, a esperança que a gente tem é assim, não falta quem não incentiva, pra gente fortalecer essa associação, porque lá funciona como Associação, mas pra ela poder se tornar um sindicato. A dificuldade está aí porque não está sendo fácil, porque a gente com as lavadeiras foi mais fácil adquirir, elas ter aceitação, elas participar. Uma participou com muito entusiasmo, as empregadas não. Infelizmente na época, continua ainda, não sei, a maioria das empregadas tem vergonha de ser empregada doméstica. A maioria delas, eu já tive a oportunidade de ouvir, que não aceita deixar sujar a carteira delas como empregada doméstica. Ignorância não é? Por mais que a gente tenta conscientizar essas pessoas, diz que não aceita sujar a carteira assim, assinar carteira como empregada doméstica. Parece que é mesmo a falta de mentalidade. Ao passo que a Lia, minha irmã, não. Assim que ela foi participar, que ela trabalhava sem carteira, mas quando ela foi participar de um congresso, que elas já participaram de vários, eu não me lembro qual, a patroa dela mais do que depressa foi, assinou a carteira porque ela preocupou. Ela pensou assim: ela chega lá falando na casa de quem que ela trabalhava. E aí desse ano, dessa época pra cá ela saiu do emprego, mas ela continuou pagando autônomo, empregou de novo o patrão continuou pagando. Ela saiu, continuou pagando até aposentar. Então, a gente vê a importância que tem o INSS autônomo. O que eu falei até agora tem sentido? (Oneida).

Apesar de considerar que alguns objetivos não se efetivaram, observamos que a organização dessas mulheres contribuiu para alterar as relações de trabalho na cidade. A própria questão apontada por Oneida da lavadeira ter que levar e buscar as roupas nas casas das patroas, a falta de água e condições de trabalho foram se modificando. Da mesma maneira, a discussão sobre o trabalho dessas mulheres pobres tornou visível aspectos do trabalho antes pouco vistos, contribuindo para afirmação de identidades dessas mulheres

como trabalhadoras que com seu trabalho contribuem para a sociedade. Dessa maneira compreendemos que de muitas maneiras a organização de lavadeiras contribuiu para a mudança social em Monte Carmelo e região.

Como era de se esperar, a iniciativa de organização das lavadeiras, não passou despercebida e encontrou resistências na cidade. Patroas, classes dominantes e até família dos participantes se posicionaram contra a iniciativa, dividindo a opinião das pessoas sobre a validade desse trabalho. Oneida fala inclusive de greve das patroas, que não queriam pagar o preço estabelecido nas tabelas. Notamos que por um lado, temos nos depoimentos de trabalhadoras domésticas, em outros momentos desse estudo, a referência às patroas como pessoas amigas, “quase da família”. Por outro, observamos que no momento de organização das mulheres trabalhadoras, como lavadeiras de roupas, quando buscavam estabelecer um preço que consideravam justo para seu trabalho, com jornada de trabalho definida, ocorre uma separação dessas mulheres entre patroas e trabalhadoras. Nesse sentido, pensamos que nesse momento a questão da classe social se colocou como uma questão fundamental nas experiências das entrevistadas, conforme nos inspira Eduard Palmer Thompson. Para Thompson a classe como é um fenômeno histórico, que ocorre efetivamente nas relações humanas, e acontece “quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus” (THOMPSON, 1997: 9-10).

Nesse sentido, podemos pensar que em um momento dessa luta, as mulheres pobres que se organizaram em torno da questão dos preços de seu trabalho, buscando melhores condições de vida, puderam se sentir parte de uma classe, e em oposição à outra, a das patroas que *aconteceu* nesse processo.

Então, ele deu muita assim, inclusive, eu não estou contando direito não, os tanques lá prontos, as lavadeiras recuaram, ninguém quis assumir, pegar as roupas das patroas e lavar, a maioria das patroas virou aquela greve, não concordaram. Não concordavam. Na época tinha as tabelas pra ter uma reivindicação, pra **elas** ser justa, pagar direito, aí virou uma greve. Mas pintaram, muitas falou palavrão, falou, coitado do padre sofreu, porque diz que ele estava apoiando demais. Muitas preferiu comprar máquina pra lavar a roupa e dispensou as lavadeiras, ou então pois tudo nas costas da doméstica. Que as domésticas não quiseram participar lá, inconsciente, porque não houve meio da gente levar, tanto ficou inconsciente, que aceitava tudo, sabe? A patroa aumentava mais cinco reais para elas fazerem o serviço todinho elas achavam bão. E foi onde foi só dificultando a situação. Muitas patroas comprou máquina, dispensou as lavadeiras e o que aconteceu? A maioria, essas que foram dispensadas foi contra, veio contra as pessoas que estavam tentando ajudar, não só entrou na luta como perdeu o emprego por ignorância delas. Porque era só elas terem assumido junto, que as patroas comprou máquina, virou tudo contra, [...] era culpada e aí elas recuaram, só

que nessa época, nós que já estava funcionando as creches e fazendo reunião lá normal, todas as creches, sempre tinha um de cada creche, a diretoria a gente sempre estava fazendo parte e como as lavadeiras entregou, deixou, se venceu pelo medo e lá ficou. A gente ia lá, reunia mas não tinha roupa. Não começou, não estreou o tanque. Como que foi estreado os tanques lá? Através do dr. Angiomar que ele mandou as roupas dos postos da prefeitura. Então lá inaugurou com as roupas das policlínica, do posto de saúde. As donas, as patroas não admitiu mesmo que as roupas delas fossem lavadas lá, na época (Oneida).

Os eletrodomésticos terão forte impacto no trabalho doméstico, especialmente no trabalho das lavadeiras, uma vez que a máquina de lavar apresenta uma grande facilitação do trabalho de lavar roupas, interferindo na profissão da lavadeira que, em geral, como trabalho especializado, foi substituída pela máquina e pela doméstica polivalente, que faz todo o trabalho da casa. Em trabalho anterior, apresentei o ponto de vista de Dona Fia, lavadeira de muitos anos, que avaliava que a máquina contribuía para o seu desemprego, uma vez que ela tinha sido, principalmente, lavadeira, ao longo de sua vida.

mas eu acho que é assim, falta de divulgação, quando a gente falava assim: “gente, a gente não pode continuar nessa diretoria porque a gente não sabe se participa da...” Embora que a gente sempre participou desse movimento, porque a gente é dos movimentos popular, pra nós tudo era igual. A luta nossa dentro da creche, a que lavanderia, a coisa que a gente fala que é fruto da creche, nasceu também da creche. Então pra nós não tem diferença. O sentido é o mesmo só que, até questão de trabalhar com a responsabilidade, ter amor e doação. Até nesse ponto aí a gente sempre assim, o que a gente passou pro pessoal que foi falar que eu nunca trabalhei lá, a não ser participar do Conselho e tudo, que a minha função, a que a gente passava era isso. E tinha que fazer com responsabilidade, com dedicação e com amor. Mas nem toda pessoa corresponde (Oneida).

Olhando para os primeiros momentos da Associação e da Lavanderia, Oneida avalia que esses foram tempos melhores, uma vez que havia mais comprometimento e participação, especialmente das lavadeiras. Como interpretar essa maior participação? Um primeiro elemento a considerar é que nesse momento a Teologia da Libertação estava fortalecida nacionalmente e o movimento de Monte Carmelo ocorria articulado aos movimentos que se organizavam em todo país. É preciso levar em conta, também, que esses movimentos sociais, se propunham a busca de conquistas imediatas, articuladas com transformações mais gerais da sociedade. Se tínhamos, nos anos 1970/1980, essa efervescência dos movimentos sociais, a afirmação da possibilidade de construção de um mundo melhor para todos e todas, os anos de 1990 e 2000 são de repensar esses caminhos e há uma prevalência de valores que enfatizam o individualismo e o fechamento em torno de problemas pessoais. Nesse sentido, podemos pensar o refluxo do movimento em um contexto em que as bandeiras da mudança, do trabalho coletivo, perdem força e firmam-se os valores do capital. Nesse contexto, tem sido mais difícil

afirmar a possibilidade de construção de um mundo menos desigual e menos injusto, perdendo terreno os movimentos sociais que se articulam em torno da discussão da organização enquanto trabalhadores(as), e outras identidades são afirmadas, como gêneros, raças/etnias, gerações, opções sexuais etc.

É interessante observar que mesmo assim, no caso de donas de casa e trabalhadoras domésticas, que não tiveram suas demandas tão visíveis nacionalmente nas décadas anteriores, conseguem no novo milênio colocar em discussão seus problemas e anseios. Assim, acompanhar o movimento da história nos permite compreender as alternativas que os sujeitos sociais vão construindo a partir de suas experiências, de seus valores, de seus problemas, que expressam muitas vezes alternativas aos padrões dominantes, demandando dos profissionais da história um olhar atento e crítico para tentar captar os sentidos da mudança, projeto com o qual sonhamos.

A arte é a forma como um povo sonha e é preciso sonhar para que a realidade mude.

Afonso Romanno de Sant'anna

Considerações finais

Tentei recuperar as experiências das mulheres pobres, trabalhadoras em domicílio, “dos imensos ares de condescendência da posteridade” (Thompson). Busquei compreender

como essas mulheres construíram suas trajetórias, suas relações familiares, de trabalho, sua participação em movimentos sociais.

A discussão sobre o trabalho em domicílio, teve como objetivo tornar visíveis na historiografia e na sociedade, as experiências das mulheres entrevistadas, contextuais e específicas, mas enraizadas socialmente, apresentando dimensões importantes, das experiências da maioria das mulheres do Brasil. O estudo buscou, no campo da História Social, contribuir para a construção de uma perspectiva do conhecimento histórico, na qual todas as pessoas e grupos sociais se reconheçam, afirmando a vitalidade do conhecimento histórico e a importância da compreensão dos modos de vida dos trabalhadores e das trabalhadoras, como elemento fundamental para a construção das mudanças sociais que almejamos.

Em um contexto de precarização das relações de trabalho, de ênfase na flexibilidade contratos de trabalho, desemprego e desigualdade social, as entrevistadas se movimentam e chamam a atenção para suas condições de vida, demandando reconhecimento social pelo que realizam e a ampliação de direitos.

Ao recuperar as falas de mulheres, rurais, urbanas, migrantes e não-migrantes, casadas, solteiras, em geral, mulheres pobres, de tradição oral e baixa escolaridade, interessou-nos, sobretudo, compreender como essas mulheres experimentaram as mudanças e as imbricações em termos de valores, identidades, costumes. Observamos que, face à globalização e as novas tecnologias, os meios de comunicação de massa, as entrevistadas não se adaptaram a todas as novidades, mas acomodaram e resistiram. Por um lado, notamos que o individualismo não foi a tônica de suas narrativas. Recordam experiências vividas, festas comunitárias. Apoiadas nessas experiências reafirmam costumes, valores como a solidariedade e justiça social. Participam de projetos de ajuda humanitária nas Igrejas, construção de creches comunitárias, associações profissionais e outros movimentos e buscam afirmar seus direitos. Por outro lado, essas mudanças sociais têm influência na vida doméstica e observamos também uma perda de independência do domicílio em relação ao mercado, ocorrida com a urbanização. Dessa maneira, as donas-de-casa e trabalhadoras domésticas se tornaram mais dependentes do dinheiro para abastecer suas casas.

Pensamos a globalização não tem o poder de destruir os costumes locais, mas faz circular informações e influenciar pessoas. Mas em momentos de transformação social, o apego às práticas costumeiras pode significar resistência, como defendeu Thompson. É nesse sentido que compreendemos a resistência de Dona Fia ao uso do óleo de soja na cozinha,

mantendo o costume de usar banha de porco, como elemento de resistência a padrões externos, a partir de argumentos de cientificidade, que interessam aos grupos dominantes.

A pesquisa questiona o fato do trabalho doméstico não ser considerado trabalho e a imbricação entre trabalho e afeto, que, muitas vezes, contribui para maior exploração das mulheres, especialmente as mais velhas, mães, avós, tias, sejam elas trabalhadoras domésticas ou donas-de-casa. Constatamos que as mulheres, especialmente de baixa renda e escolarização, continuam responsáveis pelo trabalho doméstico, e uma tendência de concentração desse trabalho, pela crescente desvalorização social do mesmo. Apesar das mudanças no trabalho doméstico, vimos que o mesmo não foi substituído nem por eletrodomésticos, nem equipamentos sociais ou privados, demandando grande carga de trabalho de mulheres, donas-de-casa e trabalhadoras domésticas. Assim, observamos que o cuidado com a casa, crianças, lavagem e passagem de roupas, preparo das refeições sofreu grandes alterações no período estudado, tornou mais fácil algumas tarefas, algumas foram eliminadas e outras foram criadas. As mudanças ocorreram inclusive nos utensílios e equipamentos utilizados, e especialmente nos ritmos e tempos do trabalho. De modo geral, o trabalho doméstico, continuou exigindo grande esforço das mulheres que o realizam, inclusive gerando problemas de saúde específicos, seja pelo peso do trabalho, seja pelas condições, como a temperatura do ferro e da cozinha.

É notória a sobrecarga das mulheres no trabalho doméstico, e as entrevistadas nos falaram sobre como vivenciam essa situação. Assim, do ponto de vista da justiça e equidade entre gêneros e gerações, torna-se importante a maior distribuição do trabalho doméstico, situação que em geral não ocorre nem entre as elites nem entre as classes populares, sobrevivendo a primeira do trabalho das últimas e essa do salário recebido - uma vez que o salário da trabalhadora doméstica, garante a sobrevivência de milhões de brasileiros(as).

O emprego doméstico tem persistido como a principal ocupação de mulheres no Brasil, empregando quase 6 milhões de trabalhadoras. Ao refletir sobre as condições de trabalho dessas mulheres, percebemos alterações na natureza do trabalho nas décadas em estudo.

Por um lado, observamos uma tendência de construção de uma relação mais profissional, fundamentada na legislação que passa a vigorar a partir dos anos 70. Entretanto essa mudança é lenta e há resistências a ela. Horário para trabalhadoras domésticas estudarem, casa própria para doméstica, repouso semanal remunerado, não condizem com a tradição das elites de serem servidas em tempo integral. Mas esse movimento é perceptível nas últimas décadas. Mesmo com a afirmação dos direitos sociais, que tem na Constituição de 1988 seu

grande momento, as trabalhadoras domésticas ainda não conseguiram inscrever, no ordenamento jurídico, o direito a uma jornada de trabalho fixada em lei. Continuam sem amparo legal para fixar o horário de trabalho. Contra essa lacuna, inventam elas mesmas alternativas, negociações, táticas e estratégias variadas para, na prática, garantir seus interesses. Nesse sentido, são importantes as negociações que fazem, para garantir uma jornada de trabalho adequada às suas necessidades, e a luta que empreendem as trabalhadoras domésticas para controlar tempos e ritmos de trabalho. Por sua vez, as patroas, também inventam suas estratégias de maior controle do trabalho e do ritmo da trabalhadora doméstica, algumas bem planejadas, como Valéria nos contou.

Por outro lado, há um apelo na sociedade, nos depoimentos para a importância da boa relação entre trabalhadoras e empregadoras. Tentativas variadas de camuflar o caráter de emprego doméstico, como podemos notar na ideia da trabalhadora como pessoa da família, “secretária do lar”, “ajudante”, entre tantas outras nomenclaturas utilizadas para negar a relação de emprego. A importância de ser bem tratada, presente, especialmente nos depoimentos de trabalhadoras domésticas, pode ser compreendida como negação de práticas existentes de maus tratos, humilhações, agressões, prática não condenada no passado e que começa a sofrer alterações.

O estudo nos permitiu compreender a magnitude das mudanças ocorridas no período. Dentre elas, profundas alterações nos valores em relação à vida doméstica. O domicílio deixa de ser o destino natural das mulheres, para disputá-las com o mercado de trabalho, a escola e outros espaços e valores da vida moderna. As mulheres mais velhas vêm essas mudanças com ceticismo. Algumas, como Márcia, aponta as dificuldades de se adequarem ao novo momento. Seus conhecimentos, seu repertório, parecem ser insuficientes para dar respostas às exigências desse novo tempo. A “boa doméstica” e a “boa patroa” são históricas e contextuais. O momento atual é de invenção dessas mulheres.

As depoentes procuram se organizar nesse novo momento, aproveitando as possibilidades abertas às mulheres no contexto atual, como estudar, conforme nos contou nossa entrevistada Ordália. Em contextos de rápidas mudanças, pensamos ser importante a reflexão sobre a questão das identidades. Se os valores sociais se referenciam na fluidez, no efêmero, algumas entrevistadas se reportaram às suas experiências passadas, para continuarem defendendo sólidos valores em relação aos filhos, à moral, ao casamento etc. Mas não estão imunes as interferências do momento e do meio, demandando esforço para compreensão e enfrentamento dos desafios atuais. Nesse sentido, parece ser mais difícil no momento afirmar a identidade de dona-de-casa em tempo integral do que de trabalhadora

doméstica remunerada. Enquanto que as primeiras são instadas a darem grandes explicações sobre suas escolhas, as últimas têm encontrado maior aceitação de seu trabalho e, arriscaria, diminuição do preconceito em relação à sua profissão. É interessante observar, entretanto, que neste contexto de dificuldade em relação a ser dona-de-casa, as mulheres pobres do Brasil, têm tecido sua identidade como donas-de-casa e marchado na busca de direitos e reconhecimento social. A luta dessas mulheres demonstra para nós a imprevisibilidade da ação humana e sua capacidade de construção de novas formas de organização da sociedade, como dizia Paulo Freire “o futuro não nos faz. Nós é que nos fazemos na luta por fazê-lo” (FREIRE, 2000).

Nesse mesmo sentido quero ressaltar a experiência de um grupo de mulheres pobres em Monte Carmelo. Essa foi sem dúvida uma das mais significativas experiências de organização das mulheres deste país, pela capacidade demonstrada de planejar, de resistir às pressões para se adequarem. Com a experiência das creches, das comunidades eclesiais, do Sindicato de Trabalhadores Rurais, a Associação de Colaboradoras do Lar e a Lavanderia Comunitária, mostraram a viabilidade da luta, daqueles que desejam construir um futuro melhor para todos e todas, no qual a justiça, a igualdade, o respeito ao direito de todos e todas sejam os principais valores. Dessa maneira, a experiência de Monte Carmelo traz para a História a reafirmação na possibilidade da mudança, a partir da invenção de novos caminhos.

Tentei recuperar as experiências das mulheres pobres, trabalhadoras em domicílio, “dos imensos ares de condescendência da posteridade” (Thompson). Busquei compreender

como essas mulheres construíram suas trajetórias, suas relações familiares, de trabalho, sua participação em movimentos sociais.

A discussão sobre o trabalho em domicílio, teve como objetivo tornar visíveis na historiografia e na sociedade, as experiências das mulheres entrevistadas, contextuais e específicas, mas enraizadas socialmente, apresentando dimensões importantes, das experiências da maioria das mulheres do Brasil. O estudo buscou, no campo da História Social, contribuir para a construção de uma perspectiva do conhecimento histórico, na qual todas as pessoas e grupos sociais se reconheçam, afirmando a vitalidade do conhecimento histórico e a importância da compreensão dos modos de vida dos trabalhadores e das trabalhadoras, como elemento fundamental para a construção das mudanças sociais que almejamos.

Em um contexto de precarização das relações de trabalho, de ênfase na flexibilidade contratos de trabalho, desemprego e desigualdade social, as entrevistadas se movimentam e chamam a atenção para suas condições de vida, demandando reconhecimento social pelo que realizam e a ampliação de direitos.

Ao recuperar as falas de mulheres, rurais, urbanas, migrantes e não-migrantes, casadas, solteiras, em geral, mulheres pobres, de tradição oral e baixa escolaridade, interessou-nos, sobretudo, compreender como essas mulheres experimentaram as mudanças e as imbricações em termos de valores, identidades, costumes. Observamos que, face à globalização e as novas tecnologias, os meios de comunicação de massa, as entrevistadas não se adaptaram a todas as novidades, mas acomodaram e resistiram. Por um lado, notamos que o individualismo não foi a tônica de suas narrativas. Recordam experiências vividas, festas comunitárias. Apoiadas nessas experiências reafirmam costumes, valores como a solidariedade e justiça social. Participam de projetos de ajuda humanitária nas Igrejas, construção de creches comunitárias, associações profissionais e outros movimentos e buscam afirmar seus direitos. Por outro lado, essas mudanças sociais têm influência na vida doméstica e observamos também uma perda de independência do domicílio em relação ao mercado, ocorrida com a urbanização. Dessa maneira, as donas-de-casa e trabalhadoras domésticas se tornaram mais dependentes do dinheiro para abastecer suas casas.

Pensamos a globalização não tem o poder de destruir os costumes locais, mas faz circular informações e influenciar pessoas. Mas em momentos de transformação social, o apego às práticas costumeiras pode significar resistência, como defendeu Thompson. É nesse sentido que compreendemos a resistência de Dona Fia ao uso do óleo de soja na cozinha,

mantendo o costume de usar banha de porco, como elemento de resistência a padrões externos, a partir de argumentos de cientificidade, que interessam aos grupos dominantes.

A pesquisa questiona o fato do trabalho doméstico não ser considerado trabalho e a imbricação entre trabalho e afeto, que, muitas vezes, contribui para maior exploração das mulheres, especialmente as mais velhas, mães, avós, tias, sejam elas trabalhadoras domésticas ou donas-de-casa. Constatamos que as mulheres, especialmente de baixa renda e escolarização, continuam responsáveis pelo trabalho doméstico, e uma tendência de concentração desse trabalho, pela crescente desvalorização social do mesmo. Apesar das mudanças no trabalho doméstico, vimos que o mesmo não foi substituído nem por eletrodomésticos, nem equipamentos sociais ou privados, demandando grande carga de trabalho de mulheres, donas-de-casa e trabalhadoras domésticas. Assim, observamos que o cuidado com a casa, crianças, lavação e passagem de roupas, preparo das refeições sofreu grandes alterações no período estudado, tornou mais fácil algumas tarefas, algumas foram eliminadas e outras foram criadas. As mudanças ocorreram inclusive nos utensílios e equipamentos utilizados, e especialmente nos ritmos e tempos do trabalho. De modo geral, o trabalho doméstico, continuou exigindo grande esforço das mulheres que o realizam, inclusive gerando problemas de saúde específicos, seja pelo peso do trabalho, seja pelas condições, como a temperatura do ferro e da cozinha.

É notória a sobrecarga das mulheres no trabalho doméstico, e as entrevistadas nos falaram sobre como vivenciam essa situação. Assim, do ponto de vista da justiça e equidade entre gêneros e gerações, torna-se importante a maior distribuição do trabalho doméstico, situação que em geral não ocorre nem entre as elites nem entre as classes populares, sobrevivendo a primeira do trabalho das últimas e essa do salário recebido - uma vez que o salário da trabalhadora doméstica, garante a sobrevivência de milhões de brasileiros(as).

O emprego doméstico tem persistido como a principal ocupação de mulheres no Brasil, empregando quase 6 milhões de trabalhadoras. Ao refletir sobre as condições de trabalho dessas mulheres, percebemos alterações na natureza do trabalho nas décadas em estudo.

Por um lado, observamos uma tendência de construção de uma relação mais profissional, fundamentada na legislação que passa a vigorar a partir dos anos 70. Entretanto essa mudança é lenta e há resistências a ela. Horário para trabalhadoras domésticas estudarem, casa própria para doméstica, repouso semanal remunerado, não condizem com a tradição das elites de serem servidas em tempo integral. Mas esse movimento é perceptível nas últimas décadas. Mesmo com a afirmação dos direitos sociais, que tem na Constituição de 1988 seu

grande momento, as trabalhadoras domésticas ainda não conseguiram inscrever, no ordenamento jurídico, o direito a uma jornada de trabalho fixada em lei. Continuam sem amparo legal para fixar o horário de trabalho. Contra essa lacuna, inventam elas mesmas alternativas, negociações, táticas e estratégias variadas para, na prática, garantir seus interesses. Nesse sentido, são importantes as negociações que fazem, para garantir uma jornada de trabalho adequada às suas necessidades, e a luta que empreendem as trabalhadoras domésticas para controlar tempos e ritmos de trabalho. Por sua vez, as patroas, também inventam suas estratégias de maior controle do trabalho e do ritmo da trabalhadora doméstica, algumas bem planejadas, como Valéria nos contou.

Por outro lado, há um apelo na sociedade, nos depoimentos para a importância da boa relação entre trabalhadoras e empregadoras. Tentativas variadas de camuflar o caráter de emprego doméstico, como podemos notar na ideia da trabalhadora como pessoa da família, “secretária do lar”, “ajudante”, entre tantas outras nomenclaturas utilizadas para negar a relação de emprego. A importância de ser bem tratada, presente, especialmente nos depoimentos de trabalhadoras domésticas, pode ser compreendida como negação de práticas existentes de maus tratos, humilhações, agressões, prática não condenada no passado e que começa a sofrer alterações.

O estudo nos permitiu compreender a magnitude das mudanças ocorridas no período. Dentre elas, profundas alterações nos valores em relação à vida doméstica. O domicílio deixa de ser o destino natural das mulheres, para disputá-las com o mercado de trabalho, a escola e outros espaços e valores da vida moderna. As mulheres mais velhas vêm essas mudanças com ceticismo. Algumas, como Márcia, aponta as dificuldades de se adequarem ao novo momento. Seus conhecimentos, seu repertório, parecem ser insuficientes para dar respostas às exigências desse novo tempo. A “boa doméstica” e a “boa patroa” são históricas e contextuais. O momento atual é de invenção dessas mulheres.

As depoentes procuram se organizar nesse novo momento, aproveitando as possibilidades abertas às mulheres no contexto atual, como estudar, conforme nos contou nossa entrevistada Ordália. Em contextos de rápidas mudanças, pensamos ser importante a reflexão sobre a questão das identidades. Se os valores sociais se referenciam na fluidez, no efêmero, algumas entrevistadas se reportaram às suas experiências passadas, para continuarem defendendo sólidos valores em relação aos filhos, à moral, ao casamento etc. Mas não estão imunes as interferências do momento e do meio, demandando esforço para compreensão e enfrentamento dos desafios atuais. Nesse sentido, parece ser mais difícil no momento afirmar a identidade de dona-de-casa em tempo integral do que de trabalhadora

doméstica remunerada. Enquanto que as primeiras são instadas a darem grandes explicações sobre suas escolhas, as últimas têm encontrado maior aceitação de seu trabalho e, arriscaria, diminuição do preconceito em relação à sua profissão. É interessante observar, entretanto, que neste contexto de dificuldade em relação a ser dona-de-casa, as mulheres pobres do Brasil, têm tecido sua identidade como donas-de-casa e marchado na busca de direitos e reconhecimento social. A luta dessas mulheres demonstra para nós a imprevisibilidade da ação humana e sua capacidade de construção de novas formas de organização da sociedade, como dizia Paulo Freire “o futuro não nos faz. Nós é que nos fazemos na luta por fazê-lo” (FREIRE, 2000).

Nesse mesmo sentido quero ressaltar a experiência de um grupo de mulheres pobres em Monte Carmelo. Essa foi sem dúvida uma das mais significativas experiências de organização das mulheres deste país, pela capacidade demonstrada de planejar, de resistir às pressões para se adequarem. Com a experiência das creches, das comunidades eclesiais, do Sindicato de Trabalhadores Rurais, a Associação de Colaboradoras do Lar e a Lavanderia Comunitária, mostraram a viabilidade da luta, daqueles que desejam construir um futuro melhor para todos e todas, no qual a justiça, a igualdade, o respeito ao direito de todos e todas sejam os principais valores. Dessa maneira, a experiência de Monte Carmelo traz para a História a reafirmação na possibilidade da mudança, a partir da invenção de novos caminhos.

FONTES

1) PERFIL DAS ENTREVISTADAS

1.1. ENTREVISTAS REALIZADAS NO DOUTORADO

Amália Pasin é missionária, branca, solteira. Nasceu na Itália e veio para o Brasil há mais de trinta anos, tendo se naturalizado brasileira. É pioneira na organização de trabalhadores rurais e mulheres na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, com destaque para o município de Monte Carmelo, onde iniciou nos anos 70 trabalho de base, com inspiração na Teologia da Libertação. Em seu trabalho missionário destaca-se também a defesa dos direitos das crianças, tendo fundado diversas creches, em Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul, segundo ela, quando ainda não estava na pauta brasileira a defesa dos direitos das crianças. Participou de congressos nacionais de trabalhadoras domésticas, Associação de

Colaboradoras do Lar (Coalfa) de Monte Carmelo, uma das mais antigas organizações de mulheres pobres com continuidade na região. Amália foi entrevistada em função dessa experiência de organização comunitária de mulheres.

Carmem é dona de casa, branca, casada, mãe de Lucas (13 anos) e Fernanda (17 anos). Nasceu em Araguari em **18 de dezembro de 1960** e mudou-se para Uberlândia há quase 20 anos. Mora em um apartamento no centro de Uberlândia. Antes do casamento era bancária, e parou de trabalhar fora de casa quando se casou. Mesmo tendo empregadas domésticas Carmem quis cuidar pessoalmente dos filhos. Considera que o fato de ter parado de trabalhar fora de casa possibilitou uma boa educação para os filhos e está satisfeita com o resultado. Disse ainda que pode curtir-los e acompanhar de perto seu desenvolvimento, o que talvez não conseguisse se trabalhasse fora. No momento da entrevista disse sentir vontade de voltar para o mercado de trabalho, mas não vê muitas possibilidades. Carmem não vê dificuldade em ser dona-de-casa. Sobre as compras manifestou preocupação com a qualidade dos alimentos que traz para casa, preferindo comprar verduras e frutas na feira perto de sua casa. Carmem acompanha a cozinheira todos os dias na definição do cardápio e atenta-se para as preferências do marido e dos filhos e busca ainda contribuir para que a família consuma alimentos saudáveis como verduras e frutas. Carmem sabe realizar o trabalho doméstico e nas ausências das empregadas (ela tem duas) assume esse trabalho pessoalmente. Segundo ela, as trabalhadoras já sabem como gosta do trabalho e se diz uma patroa exigente, sem ser mal educada, como algumas pessoas que conhece são com as empregadas. Para Carmem o trabalho doméstico continua sendo feminino, na sua experiência está sob a sua coordenação, mas acredita que isso está mudando, principalmente quando o homem está desempregado e a mulher trabalhando.

Claudiana é dona de casa, solteira, branca, patroa, tendo sido também trabalhadora doméstica. Nasceu zona rural do município de Monte Alegre de Minas (60 Km de Uberlândia). Membro de uma família de quatorze irmãos, após o falecimento da mãe, Claudiana foi se tornando responsável pelos trabalhos domésticos em sua família. Nesse tempo, Claudiana fala dos desafios de cozinhar para os peões, a dificuldade de não saber cozinhar e não ter com quem aprender e de como era a organização da vida doméstica (mais 20 anos atrás na zona rural no Triângulo Mineiro e Goiás). Tendo migrado da zona rural para urbana, Claudiana saiu do âmbito da família e começou a trabalhar como doméstica aos dezesseis anos em Cachoeira Alta. Aos dezenove anos mudou-se para Uberlândia, encontrando dificuldades de lidar com essa nova realidade. Claudiana falou das aprendizagens pelas quais passou na nova cidade. Sobre o primeiro trabalho em Uberlândia ela lembra que era pesado, jornada de trabalho extensa e sem direitos trabalhistas como férias, folga semanal e salário mínimo. Ainda quando trabalhava como doméstica começou a participar de uma experiência de organização de creche, com o apoio de um padre franciscano. Tornou-se voluntária dessa creche, depois funcionária e atualmente é administradora desse trabalho, constituído de uma rede de quatro creches em Uberlândia. Atualmente trabalha intensamente na coordenação das Creches Comunitárias Associadas de Uberlândia. Ocupa-se ainda com sua vida doméstica, administrando sua casa e cuidando do filho Alan, estudante, adolescente.

Dona Conceição é dona de casa, diarista, casada, mãe de três filhos homens, branca. Mora em Uberlândia. Nasceu em **11/08/44**, no Crato região do Cariri, Ceará. Para estudar foi criada com o avô e as tias. A mãe teve quatorze filhos. Aos vinte e um anos foi para São Paulo onde morou vinte e dois anos. Em São Paulo procurou encaminhar os irmãos, que foram migrando depois dela reunindo a família em São Paulo e encaminhando os irmãos na vida profissional. Dona Conceição se sente honrada de ter podido ajudar os irmãos a crescerem

profissionalmente. Em São Paulo, encontrou oportunidades de trabalho como secretária o que também é motivo de orgulho para Dona Conceição. Nesse ponto ela pensa que o tempo presente é mais difícil pois mesmo com menos escolaridade há mais de trinta anos foi possível arrumar trabalhos bons em São Paulo, ter boa renda. Após o casamento, Dona Conceição parou de trabalhar fora, tendo feito artesanato, crochê e outros trabalhos em casa. Voltou a trabalhar fora de casa em Uberlândia, quando não mais encontrou empregos em escritórios que era sua experiência, passando a trabalhar como diarista. Dona Conceição ressaltou na entrevista que é uma pessoa alegre e que preenche a vida ao máximo. Faz ginástica, caminhada, participa das atividades na Igreja Católica, dirige um grupo do Vicentinos no Bairro, se diz atuante. Sobre o trabalho em casa, Dona Conceição se orgulha de realizá-lo sozinha, embora se sinta cansada e espera o casamento dos filhos para diminuir o seu trabalho doméstico. Para dar conta de todas as atividades, Dona Conceição fala da importância do planejamento, da organização do seu trabalho dentro e fora de casa. Dona Conceição liderou a Associação de Diaristas de Uberlândia.

Dona Francisca é dona de casa, branca, tem **69 anos**, mãe de quatro filhos, casada. No momento da entrevista estudava no Programa Brasil Alfabetizado. Nasceu em Sacramento, onde viveu até 1957 quando se mudou para outros municípios do Triângulo Mineiro (Monte Alegre e Tupaciguara) até fixar em Uberlândia onde vive desde 1965. Moradora do Bairro Osvaldo. É casada com o senhor José, mãe de seis filhos (cinco vivos) e oito netos. Da infância se lembra do trabalho: com sete anos já fazia “toda a obrigação de uma casa”. Da vida na roça, lembra o trabalho pesado, que impunha longas jornadas, seja na roça, com o pai e depois com o marido. Dona Francisca se considera uma vencedora. Da batalha que empreendeu junto com o marido, morando nas fazendas dos outros, sem casa própria, conseguiram educar os filhos, “manter a família dominada”, compraram uma fazendinha em Tupaciguara em 1966 que mantém até hoje e o apartamento onde mora em Uberlândia.. No momento da entrevista Dona Francisca mora com o marido e um filho que é separado. Em casa faz todo o trabalho doméstico. Gosta de cozinhar “uma carninha bem temperadinha”, saladas, se diz curiosa e aprende logo novos pratos. Dona Francisca acredita que atualmente as pessoas têm mais oportunidades, a vida é mais fácil e as novas gerações não dão valor, são fracos para o trabalho.

Dona Nice é dona de casa e cuidadora de crianças em casa, casada, mãe de três filhos, tem dois netos, branca. Nasceu em Salinas – MG. Com oito anos mudou com sua família para o norte de Minas, onde “a gente se criou” e viveu até o casamento. Dona Nice lembra desse tempo como de dificuldades. A vida era dura: todo sustento tirado do trabalho na roça, para ela, os nove irmãos, o pai e a mãe. Mas recorda também que era um tempo de fartura, onde pouca coisa era comprada. Após o casamento Dona Nice se mudou com o marido para uma cidade próxima a fazenda na qual morava e montaram um pequeno comércio que não prosperou. Em 1979 mudou para Brasília e depois de 2 anos mudou para Belo Horizonte e depois retornaram para o norte de Minas. Nesse tempo Dona Nice só faz referência ao trabalho do marido. Ela é dona de casa, que se ocupava e se ocupa com a organização do domicílio, educação dos filhos. Em Uberlândia Dona Nice começou a cuidar de crianças dos outros em sua própria casa, segundo ela para não ficar tão sozinha, uma vez que os filhos (já adultos) tinham ficado no Norte de Minas. Ela não faz referências aos ganhos econômicos que essa atividade lhe traz mas o aspecto do convívio, para não ficar sozinha. Outro aspecto importante no depoimento de Dona Nice refere-se ao relato de sua vida quando criança, a forma como educou os filhos e como os netos estão sendo educados. Dona Nice acredita que hoje é muito difícil criar filhos, porque os pais não têm a mesma autoridade e rigor do passado. Preocupa-se com os netos, receando que os mesmos não se encaminhem bem na vida, e não “cair na rua”. Atualmente Dona Nice passa a maior parte do tempo no trabalho em casa, conjugado com o cuidado com uma criança da vizinha. Orgulha-se de dar conta de todo o trabalho da casa, apesar dos problemas de saúde: coluna, reumatismo, colesterol alto. Ela diz não gostar muito de sair de casa. A principal atividade fora de casa é a participação na Igreja Católica do Bairro, na qual é freqüente. Além das missas Dona Nice é membro do grupo dos Vicentinos do Bairro e da Legião de Maria, fazendo um trabalho comunitário de ajuda às famílias necessitadas, ajudando a organizar cestas básicas, comprar remédios, fazer visitas à doentes.

Joyce é professora aposentada, negra. Tem **65 anos** e mora em Uberlândia no Bairro Cidade Jardim. Ao narrar sua trajetória de vida Joyce destacou o trabalho na infância como empregada doméstica, (começou a trabalhar com nove anos). Refere-se a pessoas importantes na cidade com quem conviveu em função do trabalho e do estudo. Ressalta a consideração que os patrões tinham com sua família. Em sua memória ficou marcada a fala de uma patroa, que disse que ela não precisava fazer o exame de admissão porque ela ia ser mesmo doméstica. Essa fala foi importante referência em sua vida, pois a motivou a estudar e fugir do que estava “estabelecido”: mulher pobre e negra. Trabalhando como doméstica, estudou, fez magistério e depois pedagogia. Estudou no colégio Brasil Central, colégio particular – o estadual não aceitava pessoas negras. No período que estudou nesse colégio trabalhou e morou com a proprietária da escola, que era conhecida por ajudar pessoas negras a estudarem. Joyce conta sua história de maneira descontraída, sem aparentar sofrimento pelas dificuldades da vida. Contou que era criança custosa e deu muito trabalho para as patroas. Na juventude trabalhou e estudou, sempre morando na casa dos outros. Assim que começou o curso de magistério tornou-se professora, segundo ela leiga, da E. E, Alda Mota Batista. Mesmo nesse período continuou passando roupa porque professor trabalhava o ano inteiro e só recebia uma vez por ano. Como professora atuou no estado do Rio de Janeiro por um curto período e a maior parte do tempo no Distrito Federal. Morou na Austrália quase dois anos, em função de um romance com um diplomata que é pai de seu filho que reside lá.

Leísa é dona de casa, paulista de Pedregulho, casada, mãe de Leidiany(18 anos) e Lucas 11 anos), parda. O pai trabalhava na construção de hidrelétricas e da infância ela recorda a vida

em várias cidades, das brincadeiras e brigas que vivenciou. Quando criança ela disse lembrar da preferência pelas brincadeiras “de homem”, sendo que a família a deixava livre para brincar. Sobre trabalho, Leísa disse nunca se fixar em nada, porque não precisava antes de casar, e o trabalho que desenvolveu por mais tempo foi em salão de beleza, bem próximo de sua casa em Uberlândia, após o casamento. Na entrevista, Leísa disse se considerar boa mãe, boa esposa e boa dona de casa, residindo nesse fator, sua satisfação pessoal. Procurou passar a idéia de uma família harmoniosa e feliz. Leísa é evangélica da Igreja Assembléia de Deus e em seu depoimento falou do trabalho que desenvolve na igreja, todas as noites, participando dos cultos, cuidando das crianças na igreja, realizando eventos e assistência aos necessitados, participando do grupo de senhoras e adolescentes.

Márcia nasceu em Uberlândia. É trabalhadora doméstica, dona de casa, mãe de três filhos, negra. Desde o início dos anos 70 é referência da Associação de Empregadas Domésticas de Uberlândia e por isso foi procurada para a entrevista. Márcia disse que tomou gosto pela profissão com mulheres de sua família, especialmente uma tia cozinheira e foi aperfeiçoando nas casas que trabalhou, nos cursos de culinária que frequentou e na convivência com outras domésticas. Seu depoimento é marcado pelas citações de nomes de famílias importantes para a política uberlandense para quem trabalhou, inclusive tendo se beneficiado do conhecimento com essas pessoas, para conseguir a casa em que mora no conjunto habitacional Luizote de Freitas. Márcia estudou até a quarta série. Ela disse que na época se tivesse feito exame de admissão teria se formado, mas disse que não quis continuar por preguiça, a tia com quem morava incentivava e alguns patrões também, mas ela não queria ser professora, que era a única profissão que vislumbrava. Márcia não se casou e disse que não o fez por opção. Considera que foi uma mulher moderna para sua época, tendo, por exemplo, sido uma das primeiras mulheres de sua convivência a usar calça “esporte”. Márcia falou da relação de amizade com as patroas, do que aprendeu com as mesmas que procurou viver em sua própria casa. Márcia (res)sente as mudanças nas relações entre patroas e trabalhadoras domésticas, aparentando sentir falta de relações de amizade e proteção nas relações com os patrões na atualidade. Márcia participou de encontros nacionais de trabalhadoras domésticas, e em Uberlândia, a Associação de Domésticas está sob a sua responsabilidade. No momento da entrevista Márcia disse ter como sonho, receber um salário por mês e ter um lugar para ensinar às domésticas o que aprendeu nos anos de profissão.

Oneida é aposentada, negra, voluntária das creches comunitárias de Monte Carmelo e da Coalfa (Associação das Colaboradoras do Lar). Nasceu em Pains, Sul de Minas. Ainda criança mudou para São Félix, distrito de Monte Carmelo na época. Na entrevista falou de suas experiências como criança, morando e trabalhando na roça, *ajudando o pai na roça e a mãe a criar os filhos menores*. Ainda na adolescência começou a trabalhar como doméstica na casa dos outros, morando com a família para qual trabalhava enquanto seus familiares permaneciam morando na zona rural. Sobre o trabalho doméstico, Oneida relatou as boas relações que teve com suas patroas, da relação de confiança, amizade e compadrio ali desenvolvidos, permanecendo várias décadas na mesma casa. Oneida se orgulha de ter ajudado a criar os filhos das famílias para quem trabalhou, e tem como importante o reconhecimento dessas famílias ao seu trabalho. Outro aspecto importante da experiência de Oneida é a sua participação continuada nos movimentos em Monte Carmelo, sendo líder importante da Associação de Colaboradoras do Lar (Coalfa) e das creches comunitárias ali criadas há quase três décadas, razão pela qual parou de trabalhar como doméstica nos últimos vinte anos e indo trabalhar nas creches, mas sem abandonar a Coalfa.

Ordália nasceu em Canápolis, é dona de casa e diarista, casada, dois filhos adultos e solteiros. Da infância falou sobre o trabalho na roça, da casa em que morava, da educação rigorosa que recebeu da mãe, que ocupa lugar importante em seu relato, lembrada como mulher forte, determinada, três casamentos, porque enviuvou. Um dos aspectos que destaco no depoimento de Ordália é a luta que empreendeu pela sua própria autonomia em relação ao marido, conquistada por meio do trabalho como diarista. Por meio desse trabalho, pesado e melhor remunerado que a mensalista, Ordália conseguiu sua casa própria e se orgulha de ter dado conta de tal feito. Não tendo tido condições de estudar na infância na roça, e na adolescência tendo “priorizado” o trabalho como doméstica na cidade de Uberlândia, Ordália retomou os estudos há alguns anos e cursava o ensino médio no momento da entrevista. Seu depoimento traz ainda uma tensão vivenciada em seu casamento e um questionamento sobre o papel da mulher para as pessoas de sua geração e condição social, apontando elementos de mudança nas relações entre homens e mulheres para os quais trabalham.

Renata é a entrevistada mais jovem. Trabalhadora doméstica, mãe de 3 filhos, branca, casada, moradora do bairro Shopping Park em Uberlândia. Na entrevista falou da infância, das andanças com a mãe, da luta pela sobrevivência em várias cidades da região, tendo trabalhado desde a infância como doméstica, mas também em granjas, comércio. Em seu depoimento tem destaque a participação na luta dos sem teto em Uberlândia, a decisão de participar da luta, a construção do barraco, e, em especial, o despejo e a construção de novo barraco em terreno cedido pela Igreja Católica. Dessa participação Renata conseguiu uma casa no bairro Shopping Park, onde mora. Perpassa a experiência de Renata essa dimensão de luta para sobreviver, para alimentar, para cuidar dos três filhos, a princípio sem a presença de um companheiro, e no momento com o pai do filho mais novo. Falou das dificuldades de conciliar o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos. Sobre o trabalho doméstico atual, diz ser necessário que a trabalhadora doméstica seja caprichosa e tenha uma relação de confiança e amizade com os patrões.

Terezinha vive em Monte Carmelo. Nascida em Estrela do Sul, foi para Monte Carmelo aos 19 anos. Tem 66 anos, branca, trabalha como serviços gerais para a prefeitura de Monte Carmelo. Foi doméstica por mais de 30 anos e acompanhante de uma senhora durante 20 anos, com que morou até a mesma falecer. Perguntada sobre a infância Terezinha disse que não teve: era só trabalho, cuidando dos irmãos, da casa e trabalhando na lavoura com os pais. Depois aos 9, 10 anos já foi morar em casa de outras famílias para trabalhar e a família foi mudando de fazendas e ela foi se separando/distanciando de sua família. Em seu depoimento ressalta a boa relação desenvolvida com as patroas, os presentes que recebia. Sua vida foi organizada em torno do trabalho e das relações de amizade no âmbito do trabalho, com pouca relação com a sua própria família. Dona Terezinha diz que é muito organizada e que sempre deu conta de todo serviço nas casas em que trabalhou. Vê que hoje as empregadas domésticas têm mais “mordomias” e reclamam mais do trabalho. No momento da entrevista fazia menos de 1 ano que Terezinha tinha voltado a morar com sua família. Processo difícil mesmo ela dizendo que faz tudo para dar certo, porque como ela diz “são outros tipos de vida”. Terezinha se acostumou com padrões de vida das famílias com quem viveu/trabalhou e encontra dificuldades na reconstrução de sua vida junto à sua família. “porque eu vivi a vida inteira quase até, com pessoas rica, né. Falei: ‘gente, a minha família é outro modo de vida, que eles tem, cada um tem um modo de vida diferente de viver’, né.” Além do padrão econômico, Terezinha destaca a questão da educação das famílias que viveu, o comportamento, o respeito ao que é do outro. Terezinha não se casou e diz que namorou pouco. Acredita que não é vantagem para as mulheres terem um companheiro porque os

homens de hoje são muito folgados. Gosta de viagens, de dançar, de comida caseira e de vender Avon.

Valéria é secretária, casada, duas filhas adolescentes, **38 anos**, branca. Sua entrevista retrata diferentes momentos de sua vida, ressaltando a aprendizagem do trabalho doméstico na infância com a avó. Chama a atenção no depoimento de Valéria o modo como organiza o trabalho doméstico articulado com o trabalho fora de casa, sendo significativo em sua fala um saber-fazer como dona de casa e patroa, sua liderança na família, capacidade de planejamento e administração o que parece tornar a realização das tarefas domésticas menos difíceis. Valéria fala da exploração vivenciada pela mulher, a sobrecarga no trabalho fora e dentro de casa e na sua experiência procura dividir esse trabalho com o marido e as filhas, não deixando também que o trabalho sobrecarregue a trabalhadora doméstica. Por outro lado, mesmo questionando essa sobrecarga de trabalho da mulher, Valéria reconhece que atribui à mulher principalmente a responsabilidade pela casa, “reparando” as mulheres que não conseguem manter sua casa organizada. Valéria gosta de ver filmes em casa, viajar e ler. Participa das atividades da comunidade católica de seu bairro.

1. 2 Entrevistas Realizadas no Mestrado (informações da época da entrevista)

Maria Augusta Silva, moradora do Bairro Planalto. Natural de Canápolis-MG. Parou de estudar na sétima série porque ficou grávida. Começou a trabalhar nas casas de outras famílias bem cedo, cuidando de outras crianças. Na infância além de babá trabalhava nas lavouras durante as férias. Trabalhou em uma creche por mais de três anos. Gostaria de trabalhar em outra coisa que não de doméstica, mas não consegue encontrar, falta segundo ela “mais estudo e aparência”. Acha que a doméstica é muito humilhada e não tem perspectiva de melhora, o trabalho é sempre o mesmo, tem hora de começar no trabalho mas não tem hora de parar.. Nunca quis assinar carteira como doméstica pois, ela pensa que não aumenta os direitos da doméstica. Estava desempregada. Sonha conseguir um emprego melhor. Participou de movimento negro (Grupo de União e Consciência Negra) e de movimentos de jovens (Juventude Operária Católica).

Cleide Teodoro Vieira, 18 anos, natural de Uberlândia, separada. Tem dois filhos e mora com eles em um cômodo no fundo da casa de sua mãe. Morou em Goiânia e Brasília e voltou para Uberlândia. Começou a trabalhar com nove anos. Ela insistiu com a mãe para trabalhar, com o objetivo de comprar coisas que a mãe não podia comprar, queria também ajudar a mãe. Acha que o trabalho atrapalhou os estudos. Parou de ir à escola porque ficou grávida e tinha vergonha da barriga. Queria Ter estudado e ser cientista. Sonha poder construir uma casa para si e seus filhos e uma casa para mãe.

Jacira Raimunda de Oliveira, 30 anos, casada, dois filhos, nasceu no município de Monte Alegre de Minas – MG. Mudou para Uberlândia na infância com a família que buscava melhores condições de emprego. Começou a trabalhar para comprar coisas que os pais não podiam dar. Da infância lembra-se do trabalho pesado nas casas que trabalhava. Já teve várias experiências de trabalho como doméstica. Hoje trabalha como diarista nas casas de uma mesma família. Mora em uma casa alugada com dois filhos e o marido que é pedreiro.. Sonha ter uma casa sua e maior que a casa que mora. Gostaria também de voltar a estudar porque acredita ser muito capaz. Quer dar aos filhos uma vida melhor do que a teve.

Marinalva Aparecida Silva, 24 anos, solteira, grávida, natural de Antolândia-MG. Sua vida é marcada pelas mudanças. O pai sempre ficava desempregado e procurava outra cidade para morar. Está morando em Uberlândia há dez anos e a permanência de sua família se relaciona com o fato de ela e suas irmãs terem apreendido a trabalhar como domésticas. E assumido a direção da casa. Começou a trabalhar com doze anos mais ou menos. E já teve vários trabalhos.. Participa da Igreja católica tendo sido catequista. Estudou até a sétima série e quer voltar a estudar.

Aparecida Silva, 26 anos, natural de Patos de Minas. Órfã de mãe e sem conhecer o pai, Aparecida foi criada em um orfanato até os 9 anos. A partir de então foi morar nas casas de família em troca casa e comida. Morou em várias cidades nas casas dos patrões. Só foi morar em casa separada depois do nascimento do segundo filho, em Uberlândia. Mora no bairro Santa Mônica II, em uma casa cedida pelo irmão. Em sua memória as marcas da luta solitária pela sobrevivência. Sonha poder melhorar de vida e educar bem os filhos.

Gilvânia Vieira Machado, 42 anos, natural de Abadia dos Dourados. Casou-se com quinze anos e teve dois filhos. O marido era alcoólatra e ela decidiu separar e mudar de cidade. Mudou-se para Uberlândia e veio morar no emprego. Os filhos ficaram com parentes. Mora com uma afilhada numa casa cedida. Nesses quase 20 anos em Uberlândia já trabalhou em várias casas durante muitos anos. Orgulha-se de ser uma boa profissional. No momento da entrevista estava trabalhando com registro.

Maria José Ribeiro, 45 anos, casada, tem dois filhos. Mora no Conjunto Habitacional Luizote de Freitas. Trabalha há dez anos na mesma casa. Foi presidente da Associação de Empregadas Domésticas de 1987 à 1995. Tentou fazer com que a entidade se tornasse representativa da categoria. Seu depoimento nos fala de sua trajetória, de como concilia o trabalho fora e em sua casa, suas lutas para tornar a relação mais próxima do que almeja.

2) DOCUMENTOS ESCRITOS

CÂMARA DOS DEPUTADOS; COMISSÃO EXTERNA DA FEMINIZAÇÃO DA POBREZA NO BRASIL. **Por um Brasil sem desigualdades** – relatório final do seminário internacional. Brasília: CODEP, 2004.

CENTRO DE ESTUDOS, PROJETOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DO INSTITUTO DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. **Mapa social de Uberlândia**. Uberlândia: UFU, mimeo, 2001.

CFEMEA. **Plataforma política feminista**. São Paulo Athalaia, 2002.

CHOINAICKI, Luci. **Projeto de emenda constitucional que institui aposentadoria para donas-de-casa**. Brasília. Mimeo, 2005.

COALFA. **Ata**. Monte Carmelo. Mimeo, 1980.

____. **Estatuto da Associação de Colaboradoras do Lar – COALFA**. Monte Carmelo. Mimeo, 1980.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Décadas de 1950-1960; 1970-1980 (todos os números).

FENATRAD. **Boletim informativo da Federação dos Trabalhadores Domésticos**. nº 3, mar., Campinas, 2000.

____. **Relatório do 2º Congresso Nacional dos Trabalhadores Domésticos e 8º Congresso Nacional do Conselho Nacional dos Trabalhadores Domésticos**. Campinas: FENATRAD, 2001.

FOLHA DE SÃO PAULO. 2001-2004 (todos os números).

GROSSI, Esther Pillar. Mesa sutra. Porto Alegre: 1998.

HAMOY, Ana Celina Bentes et al. (coord.). **Mosaico de estrelas** – histórias de meninas trabalhadoras infantis domésticas. Belém: Cedeca Emaús, 2002.

MELO, Hildete Pereira de. **O serviço doméstico remunerado no Brasil: de criadas a trabalhadoras**. Rio de Janeiro: IPEA, 1998.

____; SOARES, Laura Tavares; SAORES, Cristiane. Nota técnica: aposentadoria da dona de casa. Brasília: Câmara dos Deputados, mimeo, 2005.

MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA. **Anais do I semiário brasileiro** – Crianças e adolescentes trabalhadores. Brasília: CECIP, 2003.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de & BARSTED, Leila Linhares. **A empregada doméstica**. São Paulo: IDAC, 1986.

PROPEG. **Lugar de homem é na cozinha**. São Paulo: PROPEG, [s/d].

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**.

____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 25 ed. atual. Brasília: SEEP, 2005.

____. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: CODEP, 2004.

____. **Estatuto do idoso**. Brasília: SEEP, 2003.

____. **Lei 5.859/72**. Brasília: Imprensa Oficial, 1972.

SINDOMÉSTICO. **Não explore adolescentes trabalhadoras domésticas**. Salvador: [s/n], [s/d].

TEIXEIRA, Maria Eneide. **Circo de todo mundo** – uma história de magia e cidadania. Belo Horizonte: [s/n], 2000.

UNIFEM. **MariaMaria**. Ano 4, nº 47. Brasília Unifem, 2002.

VIVARTA, Veet (coord.). **Crianças invisíveis**: o enfoque da imprensa sobre o Trabalho Infantil Doméstico e outras formas de exploração. São Paulo: Cortez, 2003.

ABDALA, Mônica Chaves. **Receita de mineiridade: a cozinha e a construção do Mineiro.** Uberlândia: Edufu: 1997.

____. **Mesas de Minas: as famílias vão ao self-service.** São Paulo: Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, 2002 (Tese de Doutorado).

AGUIAR Neuma. **Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas.** Petrópolis: Vozes, 1984.

ALBERTI, Verena. **História Oral. A experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Heloísa de. **Melodrama comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela. Cadernos Pagu,** Campinas, n° 19, 2002: pp. 171-194

AUN, Marta Pinheiro. **No lar sem coroa: o tempo invadido, a informação rarefeita (estudo da relação das empregadas domésticas com a informação e a leitura).** Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 1993. (dissertação de mestrado)

AZEREDO, Sandra Maria da Mata. “Relações entre Empregadas e Patroas: reflexões sobre o feminismo em países multirraciais.” in: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. **Rebeldia e Submissão.** Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes/Vórtice, 1984.

BARROS, Mari Nilza Ferrari de. **Análise psicossocial das representações de empregadas domésticas** (estudo exploratório). (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985.

BERGANTINI, Isabel Cristina. **Balanco Crítico da Literatura Brasileira sobre Trabalho Doméstico.** São Paulo: Psicologia Social, PUC-SP, 1987. (dissertação de mestrado)

BOSI, Antônio de Pádua. **Os “Sem Gabarito”** experiências de luta e de organização popular de trabalhadores em Monte Carmelo/MG nas décadas de 1970/1980. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP, 1997

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** 4. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante.** São Paulo: Brasiliense, 1999,

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho das Mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período 1985-1995.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas: 1998.

CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade:** experiências e lembranças de viveres uranos – Uberlândia 1938/1990. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2001. (Tese de Doutorado).

CAMARGO, Aspásia Alcântara de. História Oral: técnica e fonte história. In: **Programa de História Oral** - Catálogo de Depoimentos. Rio de Janeiro, FGV/INDIPO/CPDOC, 1981

CAMARGO, Heidi Maria. **Empregada é a Mãe** das dinâmicas da maternagem para uma maternagem dinâmica. São Paulo, Psicologia Social, PUC-SP, 1985 (dissertação de mestrado)

CARBINATO, Margareth Galvão. **Paz para empregadores e empregados domésticos.** 4ª ed. Sindicato dos Empregadores Domésticos do estado de São Paulo, São Paulo, 1998,

CARMO, Luís Carlos. **Função de preto.** São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2000. (Dissertação de Mestrado)

CARMO, Maria Andréia Angelotti. **Trabalhadores bóias-frias:** experiências rurais e urbanas em Araguraim/MG. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2001. (Dissertação de Mestrado)

CARRION, Valentin. **Comentários à Consolidação das Leis do Trabalho.** São Paulo: Saraiva, 1995, 20ª edição.

CARVALHO, Lenira. **A luta que me fez crescer.** Recife: DED/Bagaço, 2000.

CASTRO, Claudine de. **Recebendo em casa.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CASTRO, Mary Garcia. **Trabalhadoras Domésticas: A Busca de Uma Identidade de Classe.** **Cadernos Cedex,** Salvador: UFBA, 1989.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 1996.

CHALHOUB, Sidney. “Classes Perigosas” **Revista Trabalhadores.** Campinas: UNICAMP/IFCH, 1990.

CHINALI, Israild Giacometti. **Empregada Doméstica:** mulher e trabalhadora uma proposta de intervenção do serviço social. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP, 1992. (dissertação de mestrado)

CHRISTO, Maria Stella L de. **Fogão de lenha:** 300 anos de cozinha mineira. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. **Rebeldia e Submissão**. Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes/Vórtice, 1984.

COUTO, Ana Magna Silva. **Trabalho, cotidiano e sobrevivência**: catadores de papel e seus modos de vida na cidade. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2000. (Dissertação de Mestrado)

CRIANÇAS invisíveis: o trabalho da imprensa sobre o trabalho infantil doméstico e outras formas de exploração. Coord. Veet Vivarta. São Paulo: Cortez, 2003. (Série mídia e mobilização, v.6)

CRUZ, Heloísa de Faria. “Cultura, Trabalhadores e Viver Urbano”. **Projeto História**, n.º 18, Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, mai-1999

CRUZ, Heloísa de Faria. **Trabalhadores em serviço**: dominação e resistência (São Paulo 1900/1920). São Paulo: Marco Zero, 1991.

_____. **Na cidade, sobre a cidade**: cultura letrada, periodismo e vida urbana. São Paulo 1890/1915. Tese de doutorado, USP, Departamento de História, 1994.

_____. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana. – 1890-1915. São Paulo: EDUC, FAPESP, Imprensa Oficial, Arquivo do Estado, 2000.

DAVIS, Nathalie Zemon. *Culturas do Povo, Sociedade e Cultura no Início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DE LUCA, Carlos Moreira. **Relação de Emprego Doméstico**: o contrato de emprego doméstico no direito brasileiro do trabalho. São Paulo: USP, 1980. (Dissertação Mestrado em Direito).

DEMETERCO, Solange Menezes da Silva. **Sabor e saber**: livros de cozinha, arte culinária e hábitos alimentares. Curitiba 1902-1950. Programa de Pós Graduação em História (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná, 2003, 241 p.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea*. **Revista Projeto História**, n. 17, São Paulo: EDUC, nov. 1998.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2. ed. rev. São Paulo, Brasiliense: 1995.

DIDONET, Vital. Não há educação sem cuidado. **Pátio Educação Infantil**. Ano 1, nº 1, abr./jul 2003. Porto Alegre: Artmed Editora S/A.

FENELON, Déa Ribeiro *et al.* (org.) **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. “Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa”. **Projeto História**, nº 10, São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História e Departamento de História da PUC/SP, dez. 1993, p. 73-90.

FERNADO, Ana e GOMES, Marco Aurélio de Figueredo. (Org.). **Cidade e História: Modernização das Cidades Brasileiras no Século XIX E XX**. Salvador: Fac. De Arquitetura da Universidade Federal da Bahia/ Mestrado em arquitetura e Urbanismo, 1992.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva. **Trabalhadoras Domésticas: Múltiplas Faces do Cotidiano - Uberlândia 1970/1997**. Uberlândia: Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, 1997. (Monografia de Conclusão de Curso)

_____. Do silêncio ao preconceito: a (des)caracterização do emprego doméstico no pensamento acadêmico. **História & Perspectivas**. Uberlândia, Edufu, n. 23, jul-dez, 2000.

_____. **Memória, História e Trabalho: as experiências das trabalhadoras domésticas na cidade de Uberlândia/MG 1970/1999**. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2000. (Dissertação de Mestrado)

FERREIRA, Marieta de Moraes. **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: EFGV, 1994.

FERREIRA, Wilma Ferreira. Poder Público e Movimentos Sociais: aproximações e distanciamentos. Uberlândia – 1982-2000. Instituto de História da UFU: Uberlândia, 2002. (Mestrado em História Social).

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.

FRANÇOIS, Etienne. “A fecundidade da História Oral.”, in: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Roberto. **Quarto de Empregada**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1973.

GARCIA, Mary. “Trabalhadoras Domésticas: A Busca de Uma Identidade de Classe”. **Cadernos Cedex**, Salvador: UFBA, 1989. p. 49-58.

GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher escrava**: uma introdução ao estudo da mulher negra no Brasil. Petrópolis/RJ: Vozes, 1988.

GIARD, Luce. “Cozinhar “. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 3ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996. vol. 2. p. 211-372

GRAHAM, Sandra Lauderdale. **Proteção e obediência**: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910. São Paulo: Cia das Letras, 1992. (Tradução de. Viviana Bosi).

GUILHERME, Edimilson Lino. **Uberlândia, as mãos que te constroem**: trabalhadores da construção civil – Uberlândia 1970/2000. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HILL, Bridget. “‘O trabalho doméstico é trabalho de mulher’: tecnologia e mudança no papel da dona de casa.” **Revista Varia História**, nº 14, Belo Horizonte: Ed. da UFMG, set.1995. p. 67-78

_____. “Algumas considerações sobre as empregadas domésticas na Inglaterra do século XVIII e no terceiro mundo hoje.”_Revista Varia História, nº 14, Belo Horizonte: Ed. da UFMG, set.1995. p. 22-33.

_____. “Para onde vai a história da mulher?” **Revista Varia História**, nº 14, Belo Horizonte: Ed. da UFMG, set.1995. 9-21.

HIRATA, Helena. Por quem os sinos dobram? Globalização e divisão sexual do trabalho. In: Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org.) Miriam Nobre (org.), Tatau Godinho (org.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres**: desafios para as Políticas Públicas São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

Hogart, Richard. **As utilizações da cultura**: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et. all. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas orais na investigação da história social. **Revista Projeto História**, n. 22, São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, 2001.

KOFES, Suely. Entre nós mulheres: elas as patroas e elas as empregadas domésticas. In: ARANTES, Antônio Augusto. **Colcha de retalhos** – estudos sobre a família no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. **Mulher, mulheres**: diferença e identidade nas armadilhas da igualdade e desigualdade – interação e relação entre patroas e empregadas. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.

LIMA, Maria Dutra Lima. Entrevista com Laudelina Campos Mello. **Revista Trabalhadores**. n° 6, Classes Perigosas, Campinas: Associação Cultural do Arquivo Edgar Lenrodh, 1990.p. 27-35.

LOPES, José Sérgio Leite (org). **Mudança social no Nordeste**: a reprodução da subordinação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAGALHÃES, Acelí de Assis. **Representações sociais do trabalho doméstico**: trazendo à luz a dona-de-casa. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1999. (Tese de Doutorado)

_____. **História de Mulheres**: considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres. São Paulo: Altana, 2001.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MATOS, Maria Izilda Santos de & SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

MELO, Hildete Pereira de & CONSIDERA, Cláudio M. ,& SABBATO, Alberto Di, “**Os afazeres domésticos contam**”, Faculdade de Economia, Universidade Federal Fluminense, TD 177, setembro de 2005.

MELO, Hildete Pereira de & SOARES, Laura Tavares & SOARES, Cristiane. **Nota técnica aposentadoria da dona-de-casa**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2005.

MELO, Hildete Pereira. **O serviço doméstico remunerado no Brasil**: de Criadas a Trabalhadoras. Rio de Janeiro: IPEA, 1998. pgs. 1-29. Texto de discussão, n° 565.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo, Contexto, 1994.

MORAES, Cátia. **Dona de casa – a profissão invisível**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia. 1970-2000**. Uberlândia: Instituto de História da UFU, 2002.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de, BARSTED, Leila Linhares. “A empregada doméstica”. **Cartilha do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher**. Brasília: Idac, 1986, n° 2, p.16-17 (Coleção: Os Direitos da Mulher)

OLIVEIRA, Selmane Felipe. **Crescimento Urbano e Ideologia Burguesa**. Niterói, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 1992. (dissertação de mestrado).

PERROT, Michele. **História da vida privada da Revolução Francesa à primeira guerra**. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESSOA, Vera Lúcia Salazar. **Características da Modernização da Agricultura e do Desenvolvimento Rural em Uberlândia**. Rio Claro-SP, UNESP, Pós-Graduação em Geografia, 1982. (dissertação de mestrado).

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. Trad. Maria Terezinha. **Revista Projeto História**, n. 10, São Paulo: EDUC, 1993.

_____. "Forma e Significado na História Oral. A pesquisa como experimento de igualdade". **Revista Projeto História**, n. 14, São Paulo: EDUC, fev.1997.

_____. "O Que Faz a História Oral Diferente" **Revista Projeto História** n.º 14, São Paulo: EDUC, fev.1997.

_____. “Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral.” **Revista Projeto História**, n° 15. São Paulo: EDUC, 1998;

_____. Dividindo o mundo: o som e o espaço na transição cultural. **Revista Projeto História**, n° 26. São Paulo: EDUC, 2003.

PROST, Antoine e GÉRARD, Vicent. (Org.) **História da vida privada – da Primeira Guerra aos nossos dias**. 8. reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras: 2003. (Coleção dirigida por Philippe Áries e Georges Duby)

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Imagem e Retórica: um olhar jornalístico sobre a mulher. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, v.4, n. 4/5, jan./dez. 1997

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A necessária associação entre educar e cuidar. **Pátio Educação Infantil**. Ano 1, nº 1, abr./jul 2003. Porto Alegre: Artmed Editora S/A.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes: 1978.

SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. de. **Gênero em debate**: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea. São Paulo: Educ, 1997.

SAMPAIO, Roberto Cury. **Migrações internas no Triângulo Mineiro**: análise demográfica e econômica, 1960-1970. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, 1985.

SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. **Emprego doméstico**: práticas e relações de trabalho envolvendo empregadas domésticas e patroas. Programa de Pós-Graduação em História, Salvador, 1997. (Especialização em Teoria e Metodologia da História).

SANTOS, Paulo Roberto de Oliveira. **Para além da lei**: ocupações de um território legal. (Iturama e Campo Florido/MG – 1989 a 1993). Dissertação de Mestrado em História, (PUC/SP), 1997. São Paulo: EDUC, nov.1997.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SAYÃO, Deborah Thomé. O cuidado na educação infantil: uma análise de gênero. **Pátio Educação Infantil**. Ano 1, nº 1, abr./jul 2003. Porto Alegre: Artmed Editora S/A.

SCHWARCZ, Lília Moritz. (Org. do volume). **História da Vida Privada no Brasil** – contrastes da intimidade contemporânea. 3. reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 2004. (Coordenador-geral da Coleção Fernando Novais). V.4.

SEGNINI, Liliana R. P. Mulheres, mães, desempregadas: contradições de uma condição social. In: Marli Emílio (org.), Marilane Teixeira (org.) Miriam Nobre (org.), Tatghau Godinho (org.). **Trabalho e cidadania ativa para as mulheres**: desafios para as Políticas Públicas São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter** – conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 7 ed. São Paulo: Record, 2003.

SERIACOPI, Gislane C. Azevedo. “De Sebastians e Geovanis”: O universo do menor nos processos dos juizes de órfãos da cidade de São Paulo(1895-1910). Boletim de Pesquisa, Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, n. 5, São Paulo, 1995.

SILVA, Benedita. “Trabalho doméstico: direitos e deveres de empregados e empregadores”. **Cartilha do Trabalho Doméstico**. Brasília: Senado Federal, 1996.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória, lembrança e esquecimento**: trabalhadores nordestinos do pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1960/1970. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 1997. (Dissertação de Mestrado)

____. **A arte de viver**: riqueza e pobreza no Médio Jequitinhonha-MG – décadas de 1970-1990. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2002. (Tese de Doutorado)

SILVA, Eduardo. **As queixas do povo**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Elisabeth Bortolaia. Fazendo gênero na cozinha: tecnologias e práticas. **Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho**, São Paulo, n.º 7, p.29-53, 1998 a.

____. Tecnologia e vida doméstica nos lares. **Cadernos Pagu**, n. 10, 1998.

SILVA, Luzia Márcia de Resende. **Os trabalhadores em luta pela terra no Triângulo Mineiro**:1989/1996. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 1996. (Dissertação de Mestrado)

____. **Carregadores de mercadorias**: memórias e lutas Uberlândia-MG, 1970-2000. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 2003. (Tese de Doutorado).

SIMÕES, Zélia Maria Guerra. **Coisas da casa**. Belo Horizonte: Karmim Promoções, 1990.

SIMONINI, Giselda Costa e Silva. **Telefonia**: relação empresa e cidade – 1954-1980. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em História, 1994. (Dissertação de Mestrado)

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Mestrado em Geografia, 1988.

SOARES, Laura Tavares, **A PEC paralela da previdência e as mulheres**. Nota técnica. Outro Brasil/Laboratório de Políticas Públicas, UERJ, Rio de Janeiro, julho de 2005.

SOUSA, João Carlos. **Na luta por Habitação** – a construção de novos valores. São Paulo: EDUC, 1995.

TEIXEIRA, Maria Eneide. **Circo de todo mundo**: uma história de magia e cidadania. Belo Horizonte: [s.n], 2000.

TENFELDE, Klaus. “A História das Empregadas Domésticas: Alguns Aspectos Estruturais nos séculos XIX e XX”. **Revista História Questões e Debates**, Departamento de História, Curitiba, Ed. UFPR, jun. 1986. p.3-40.

THOMPSON, Eduard Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S/A, 1981.

_____. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. 3 vol. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Eduard Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMSON, Alistair, FRISCH, Michael & HAMILTON, Paula. “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais” in: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. **Usos e abusos da História Oral**. Editora da Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1996.

VIDAL, Diana & Del VECCHIO, Joya de Campos. “O que convida ao encantamento: palavras, imagens, sensações. **Revista Brasileira de História**, nº 13, SP, setembro/86 a abril/1987.

VIEIRA, Maria do Pilar Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha & KHOURY, Yara Maria H. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1985.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)